

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**

**INSTITUTO DE LETRAS E LINGÜÍSTICA**

**GISELE ALVES**

**PARA UM GLOSSÁRIO NEOLÓGICO DA OBRA “O GUESA”, DE SOUSÂNDRADE:**

**uma proposta**

**UBERLÂNDIA – MG**

**2006**

GISELE ALVES

**PARA UM GLOSSÁRIO NEOLÓGICO DA OBRA “O GUESA”, DE SOUSÂNDRADE:  
UMA PROPOSTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação / Curso de Mestrado em Lingüística, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Orientador: Prof. Dr. Evandro Silva Martins.

UBERLÂNDIA – MG

2006

## FICHA CATALOGRÁFICA

Elaborada pelo Sistema de Bibliotecas da UFU / Setor de Catalogação e Classificação

A474p    Alves, Gisele, 1981-  
      Para um glossário neológico da obra “O Guesa”, de Sousândrade :  
      Uma proposta / Gisele Alves. - Uberlândia, 2006.  
      182f. : il.  
      Orientador: Evandro Silva Martins.  
      Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pro-  
      grama de Pós-Graduação em Lingüística.  
      Inclui bibliografia.  
      1. Lingüística aplicada - Teses. 2. Sousandrade, 1833-1902 - Teses.  
      3. Poesia brasileira - Teses. I. Martins, Evandro Silva. II. Universidade  
      Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. III.  
      Título.

CDU: 801

GISELE ALVES

**PARA UM GLOSSÁRIO NEOLÓGICO DA OBRA “O GUESA”, DE SOUSÂNDRADE:  
UMA PROPOSTA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação / Curso de Mestrado em Lingüística, da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de mestre em Lingüística.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada.

Banca Examinadora:

Uberlândia, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2006.

---

Prof. Dr. Evandro Silva Martins – Orientador - UFU

---

Prof. Dr. Braz José Coelho - UFG

---

Prof. Dr. Waldenor Barros Moraes Filho - UFU

À minha mãe Cida,  
exemplo de mãe, esposa e profissional.  
Enfim, um exemplo de vida.

## **AGRADECIMENTOS**

Primeiramente, a Deus, pela presença constante em minha vida;

Ao professor e orientador Dr. Evandro Silva Martins, pela orientação tão séria, sábia e amiga;

Aos meus pais, fonte inesgotável de amor e apoio moral;

À minha irmãzinha Milena, companheira e amiga de todas as horas;

A todos os meus familiares: vovô Ozeas, tios e primos pelo amor e carinho com que sempre me acolheram;

Em especial, aos amigos Lidiane e Cleibinho que, dia após dia, dão demonstrações de uma amizade verdadeira e incondicional;

À amiga Wanély, garota irreverente e sábia, que muito nos tem ensinado sobre a vida;

Aos amigos Carlos e Keilah, pela força com que sempre me incentivaram a seguir em frente;

À amiga Nilza, pela amizade construída durante o mestrado e pela troca de idéias acerca de nossas pesquisas;

À colega de trabalho e amiga Cida Porfírio, pessoa de humildade e bondade exemplar, que muito nos tem ensinado acerca do encantado mundo infantil;

Aos professores e amigos Sirlene e Braz, pelo apoio, confiança e respeito ao meu trabalho, bem como, pelo empréstimo de livros;

À professora Maria Helena, pelo incentivo e pela concessão de importantes obras para a realização deste trabalho;

Aos professores Dr. Cleudemar Alves Fernandes e Dr. Waldenor Barros Moraes Filho, pela leitura atenta deste trabalho e pelas valiosas contribuições e dicas para o aprimoramento do mesmo, no momento da qualificação;

À Solene e Eneida, pela prestatividade e competência com que sempre nos atenderam na Secretaria do Mestrado.

## RESUMO

A mudança constitui uma das características universais da linguagem humana. O léxico configura-se como o nível lingüístico em que esta mudança encontra ampla repercussão, pois concebido como um sistema aberto de caráter dinâmico, o universo lexical de uma língua está em constante evolução, sofrendo as adaptações que se fizerem necessárias à veiculação de novos valores e significações criadas numa comunidade lingüística. Depreende-se que língua e cultura configuram-se como duas entidades intimamente relacionadas, sendo a expansão lexical motivada pela criação do vocabulário de uma língua em decorrência das transformações sociais e culturais instauradas em toda e qualquer comunidade. Nesse sentido, a forma pela qual o sistema lingüístico se ajusta às transformações sociais ilustra-se através do aparecimento de neologismos, que consistem na criação de novas palavras e novos sentidos incorporados ao sistema lexical de uma língua. Situado na perspectiva que a criação neológica responde às necessidades criativas e comunicativas do falante e / ou escritor, este trabalho propõe-se a coletar e analisar os possíveis neologismos criados por Joaquim de Sousa Andrade, Sousândrade, em sua obra “O Guesa”. Posteriormente, a presente pesquisa partirá para a proposta de elaboração de um glossário a partir dos neologismos coletados e analisados. Analisando estes neologismos, a hipótese em que esta pesquisa se pauta é a de que a maioria das criações neológicas em “O Guesa” decorre do processo de formação de palavras denominado composição. O registro da forma vocabular no dicionário constitui o critério sob o qual a palavra será considerada ou não como neologismo. Os dicionários que servirão de textos de exclusão serão Moraes (1813), Aulete (1881) e Figueiredo (1925).

**Palavras-chave:** Neologismo; neologismo por composição; glossário; O Guesa; Sousândrade.



## ABSTRACT

Change constitutes one of the universal characteristics of human language. Lexicon represents itself as the linguistic level where this change finds a broad repercussion, once being conceived as an open system of dynamic character, the lexical universe of a language is in constant evolution, suffering adaptations that were necessary to spread new values and meanings created in a linguistic community. We comprehend language and culture represent two entities inwardly related, being the lexical expansion motivated by the creation of the vocabulary from a language due to the social and cultural transformations that are installed in every and any community. In that sense, the way which the linguistic systems adjusts to the social transformations shows oneself through the emergence of neologisms which correspond with the creation of new words and meanings incorporated to the lexical system of a language. Being situated in the perspective of that new creation (neologism) meets creative and communicative necessities of the speaking and or writer, this paper aims at collecting and analyzing the possible neologisms created by Joaquim de Sousa Andrade, Sousândrade, in his work “O Guesa”. Afterwards, the present research sets out to the proposal of building a glossary in the light of neologisms collected and analysed. Analyzing these neologisms, the hypothesis which this research goes on is one that considers the majority of the (neologism) new creations in “O Guesa” coming from the process of formation of words called composition. The register of the vocabulary form in the dictionary represents the criterion under what the word will be or won't be considered as a neologism. The dictionaries that will serve as texts of exclusion will be: Moraes (1813), Aulete (1881) e Figueiredo (1925).

**Key-words:** Neologism; neologism by composition; glossary; O Guesa; Sousândrade.

## SUMÁRIO

<b>CAPÍTULO I</b> .....	11
1 – INTRODUÇÃO.....	11
2 – OBJETIVOS.....	13
2.1 – Objetivos Gerais.....	13
2.2 – Objetivos Específicos.....	13
3 – JUSTIFICATIVA.....	14
4 – HIPÓTESE.....	16
5 – METODOLOGIA.....	17
6 – ORGANIZAÇÃO DO <i>CORPUS</i> .....	20
7 – TEMA.....	21
8 – ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO.....	22
<b>CAPÍTULO II</b> .....	24
1 – UM POUCO DA VIDA DE SOUSÂNDRADE.....	24
2 – A OBRA DE SOUSÂNDRADE.....	25
3 – O ESTILO SOUSANDRADINO.....	27
4 – “O GUESA”: UM BREVE ESBOÇO.....	29
<b>CAPÍTULO III</b> .....	32
<b>FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	32
1 - INTRODUÇÃO.....	32
1.1 – Neologismo e Léxico.....	32
1.2 – O estudo da neologia lexical.....	34
1.3 – Condições de aceitabilidade do neologismo.....	37

1.4 – Alguns tipos de neologia.....	38
1.5 – Fases da criação lexical.....	40
1.6 – Critérios classificatórios das formas neológicas.....	41
1.7 – Neologia e neologismo.....	43
1.8 – O neologismo e as funções da linguagem.....	43
1.9 – A gênese do neologismo.....	46
2 – Alguns processos de formação de palavras.....	51
3 – O neologismo na composição.....	61
3.1 – As considerações de Said Ali.....	62
3.2 – As considerações de Bloomfield.....	63
3.3 – As considerações de Lees.....	64
3.4 – As considerações de Benveniste.....	65
<b>CAPÍTULO IV</b> .....	<b>67</b>
<b>O DICIONÁRIO: ASPECTOS LEXICOGRÁFICOS</b> .....	<b>67</b>
1 - INTRODUÇÃO.....	67
1.1 – O dicionário e suas finalidades.....	67
1.2 – O dicionário e a Lexicografia.....	69
1.3 – O dicionário e o léxico.....	70
1.4 – A definição no dicionário.....	72
1.5 – O vocabulário a ser descrito.....	73
1.6 – A Lexicografia e outras atividades humanas.....	73
1.7 – A elaboração do dicionário.....	74
1.8 – Fases de elaboração do dicionário.....	77
1.9 – O dicionário e sua estrutura.....	79

2 – O glossário.....	85
<b>CAPÍTULO V.....</b>	<b>88</b>
<b>O glossário: uma proposta.....</b>	<b>88</b>
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>176</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>179</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>181</b>

## CAPÍTULO I

### 1 – INTRODUÇÃO

De início, no ingresso ao Programa de Pós-graduação em Lingüística, Curso de Mestrado em Lingüística, meu interesse de pesquisa consistia em um estudo relacionado à questão dos Empréstimos Lingüísticos. Quando matriculada nas disciplinas “Neologia Literária” e “Morfologia Derivacional”, ambas ministradas pelo Professor Dr. Evandro Silva Martins, estabeleci contatos com diversas pesquisas, realizadas por outros alunos do Programa, envolvendo o estudo do neologismo literário e recebi a proposta de realizar um estudo dessa mesma natureza.

Por meio de leituras e discussões acerca do neologismo literário e do conhecimento da contribuição advinda destas pesquisas para a elaboração do “Observatório dos Neologismos Literários do Português do Brasil”, amplo projeto de pesquisa, coordenado pelo Professor Dr. Evandro Silva Martins, meu interesse pelo estudo proposto tornou-se mais aguçado. Logo, mudei o foco de meu projeto para uma pesquisa em torno dos neologismos literários presentes na obra “O Guesa”, de Joaquim de Sousa Andrade, comumente conhecido por Sousândrade.

Neste trabalho, denominado “Para um glossário neológico da obra ‘O Guesa’, de Sousândrade: uma proposta”, busca-se desenvolver considerações a respeito das criações neológicas empregadas pelo poeta nesta composição poética. Além disso, este estudo se vincula ao projeto acima mencionado.

Trata-se de uma pesquisa de natureza lexicológica e lexicográfica. O surgimento de neologismos busca responder ao ajuste do sistema lingüístico às transformações socioculturais que se instauram no interior de uma dada comunidade, por meio da criação de novas palavras e novos sentidos incorporados ao sistema lexical de uma língua.

Constituindo uma das características universais da linguagem humana, a mudança é amplamente repercutida no nível lexical de uma língua, pois devido ao seu caráter dinâmico, o léxico é alvo de constantes transformações, sofrendo com isso, os ajustes necessários à representação de novos valores e sentidos criados por uma comunidade lingüística.

Por meio de sua constituição por entidades vocabulares, o léxico visa à representação sociocultural de um povo, configurando-se dessa forma, como o nível lingüístico representativo da realidade exterior e guardião das experiências, cultura e conhecimento lingüístico de uma dada sociedade. Tendo em vista o caráter representativo do sistema lexical, língua e cultura constituem duas entidades indissociáveis, sendo a expansão lexical promovida pelo desenvolvimento e criação vocabular. Importa observar que o fato lingüístico abordado neste projeto prende-se, conforme foi dito anteriormente, ao projeto de meu orientador “Observatório dos Neologismos Literários do Português do Brasil”, que consiste em extrair dos textos da Literatura Brasileira os neologismos e, posteriormente, enfeixá-los no dicionário, visando a perenização dos mesmos.

## **2 – OBJETIVOS**

### **- 2.1 - Gerais**

- Avaliar se os neologismos empregados por Sousândrade, na obra “O Guesa”, são criados, em maior predominância, por meio do processo de composição.

### **- 2.2 - Específicos:**

- a) Coletar os substantivos e adjetivos neológicos empregados na obra “O Guesa”, de Sousândrade.
- b) Analisar e descrever os neologismos coletados.
- c) Elaborar um glossário parcelar a partir dos neologismos coletados.

### 3 – JUSTIFICATIVA

Como o propósito deste trabalho consiste em coletar, descrever e analisar os neologismos empregados na obra “O Guesa”, de Sousândrade, buscando avaliar se a criação destes neologismos ocorre, em maior predominância, por meio da composição, tem-se que este fenômeno lingüístico é resultante das constantes mudanças que caracterizam todo e qualquer sistema lingüístico.

Releva observar que a neologia não constitui um fato lingüístico novo no estágio atual da língua portuguesa, em sua variante brasileira, pois, desde os tempos mais remotos, este idioma, como tantos outros, vem sendo alvo de mudanças e transformações. A obra a ser analisada ilustra supostamente esta questão, pois, escrita em 1858, apresenta ao leitor um número significativo de vocábulos neológicos cuja criação recorre, predominantemente, através do processo de formação de palavras denominado composição. Parafraçando Barbosa (1981), pode-se afirmar que o léxico reflete o universo das coisas, as modalidades do pensamento, do movimento do mundo e da sociedade. Logo, o estudo da neologia lexical consiste em reunir os neologismos surgidos em um certo período da vida de uma comunidade lingüística.

Nestes últimos tempos, a língua portuguesa no Brasil vem registrando, principalmente em sua modalidade escrita, um alto índice de vocábulos neológicos nos campos referentes à economia, política, turismo, informática, ciência, tecnologia e, sobretudo, na literatura. Destarte, a importância acadêmica de nossa pesquisa reside na proposta de uma reflexão acerca de um fato lingüístico bastante atual, vivo e caracterizador de nosso idioma.

A neologia lexical no interior de uma comunidade lingüística reflete as inovações, as mutações, recorrentes em qualquer língua, que contribuem para a ampliação e renovação de seu léxico. Portanto, outro fato que reforça a relevância acadêmica de nossa pesquisa consiste em



mostrar a outros pesquisadores, inclusive a professores de Língua Portuguesa, a dinamicidade do sistema lingüístico, visto que diante das constantes transformações socioculturais, é inviável barrar a criação e incorporação de novas palavras na língua.

Outro fato relevante desse trabalho deriva de sua contribuição para a elaboração do “Observatório dos Neologismos Literários do Português do Brasil”, pois, ao final de nosso estudo, elaboraremos um glossário em que será arrolada e analisada a maioria dos neologismos empregados por Sousândrade na obra “O Guesa”. Este glossário destinar-se-á a todos aqueles consulentos interessados em melhor compreender a obra literária em questão. A opção pela obra do autor supracitado justifica-se por sua ampla sensibilidade e criatividade no processo de criação de novas palavras. Ao apreciarmos sua composição poética, surpreendemo-nos pela capacidade do poeta em inventar palavras até então desconhecidas, bem como pela grande recorrência destes vocábulos no decorrer da leitura de “O Guesa”. Outro fator que impulsiona a escolha deste autor reside na escassez de trabalhos que contemplam sua obra, com especial enfoque para o fenômeno neológico.

Por fim, na oportunidade de desenvolvermos uma dissertação em nível de mestrado, pensamos a ampla produtividade de uma pesquisa cujo propósito seja discutir a questão dos neologismos presentes na composição literária de um autor que, apesar de pouco estudado, destaca-se na criação vocabular no campo literário.

#### **4 – HIPÓTESE**

A obra “O Guesa”, de Sousândrade, reflete o caráter dinâmico do léxico, dada a significativa recorrência de neologismos. A nossa principal hipótese é investigar se o autor busca criar novos substantivos e novos adjetivos, usando, na maioria de suas criações, o recurso da composição.

## 5 – METODOLOGIA

Tendo em vista as exigências da produção de uma pesquisa científica, convém ao pesquisador estabelecer métodos de pesquisa previamente traçados, suscetíveis de alterações ao longo do processo, quando as idéias apresentadas inicialmente amadurecerem por meio de novas leituras e discussões.

O trabalho proposto se desenvolverá conforme as seguintes etapas:

- Levantamento dos substantivos e adjetivos neológicos empregados na obra analisada, utilizando um programa que serve para levantar vocábulos em textos denominado *Folio Views*;
- Consulta aos produtos lexicográficos de exclusão “Diccionario da Lingua Portugueza” de Antonio de Moraes Silva, 2ª edição fac-símile, de 1813, “Diccionario Contemporaneo da Lingua Portugueza” de Caldas Aulete, 2ª edição, de 1881 e “Novo Diccionário da Língua Portuguesa” de Cândido Figueiredo, 4ª edição, de 1925;
- Os vocábulos serão apresentados em ordem alfabética, com letras maiúsculas, respeitando a ortografia registrada na obra consultada;

No caso de duas ou mais variantes, optaremos pela transcrição das múltiplas entradas dos casos encontrados, ou seja, serão registradas as variantes dos vocábulos elencados.

Quanto à análise dos neologismos, procederemos da seguinte forma:

- Os vocábulos serão registrados em sua forma singular e masculina;
- Constará para cada vocábulo sua categorização gramatical;
- Classificado gramaticalmente, partiremos para a definição do neologismo;
- Concluída sua definição, demonstraremos a ocorrência do neologismo na obra analisada mediante a apresentação da abonação;

- O critério a ser usado para que uma palavra seja considerada neologismo consiste em investigar se ela encontra-se atestada ou não nos dicionários analisados;
- No caso das palavras compostas, apresentaremos uma nota em que constará o significado de cada vocábulo presente na composição, conforme o sentido registrado no “Diccionario da Lingua Portuguesa”, de Antonio de Moraes Silva, editado em 1813. A escolha por esta obra lexicográfica deve-se ao fato de ser, possivelmente, entre os três dicionários supracitados, o único que antecedeu a composição da obra “O Guesa”. No caso de inexistência do verbete neste dicionário, uma das duas outras obras lexicográficas supracitadas será consultada.
- Os significados constados na nota serão acompanhados do nome, em forma de abreviaturas, dos respectivos dicionários de onde foram transcritos e do ano em que a obra foi editada. Serão adotadas as seguintes abreviaturas:
  - a) C. F. (1925) para o “Novo Dicionário da Língua Portuguesa”, de Cândido Figueiredo;
  - b) A. M. S. (1813) para o “Diccionario da Lingua Portuguesa”, de Antonio de Moraes Silva.
  - c) C. A. (1881) para o “Diccionario Contemporaneo da Lingua Portuguesa”, de Caldas Aulete.
- Procederemos, finalmente, à análise lingüística dos neologismos encontrados, visando a uma melhor compreensão de sua definição.

Quanto às abonações, serão adotados os seguintes critérios:

- Será apresentada apenas uma abonação, mesmo se houver mais de uma incidência da palavra na obra. Porém, se os semas diferirem, serão apresentados todos os casos distintos;
- Os substantivos e adjetivos serão destacados nas abonações por meio do uso dos símbolos < no início e > no final da palavra;

- Após a passagem da abonação, citaremos o número da página de onde a palavra foi coletada.
- Ao longo do capítulo III, as traduções das citações de autores, cujas obras (em versão original), encontram-se em língua estrangeira, são de minha inteira responsabilidade.

Partindo do pressuposto de que inexistem critérios científicos rígidos e esquemas que fixem a extensão de uma abonação, transcreveremos o período completo. Caso haja necessidade de interromper o período em função de sua inutilidade para a análise aqui proposta, adotaremos o critério de indicar a supressão com reticências.

## **6 – ORGANIZAÇÃO DO *CORPUS***

O *corpus* a ser analisado no presente trabalho será coletado da obra “O Guesa”, de Sousândrade, por meio do extrator de vocábulos de textos conhecido como *Folio Views*. Após a coleta da maioria dos substantivos e adjetivos, será realizada uma consulta aos três dicionários citados a fim de selecionarmos as formas neológicas que, posteriormente, serão submetidas à análise.

Concluídos o levantamento e a seleção, organizaremos nosso *corpus* em forma de um glossário em que serão arrolados todos os substantivos e adjetivos neológicos levantados. No interior do glossário, cada neologismo será inserido em ordem alfabética e será encabeçado na forma de um verbete em que constará sua classificação gramatical, sua definição, a abonação para que o leitor contextualize o vocábulo no interior da obra consultada e, em seguida, uma observação lingüística que possa esclarecer o sentido da palavra mediante a definição e a abonação.

**7 - TEMA: “PARA UM GLOSSÁRIO NEOLÓGICO DA OBRA ‘O GUESA’, DE SOUSÂNDRADE: UMA PROPOSTA”.**

## 8 – ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO

Este trabalho será dividido em cinco capítulos. O primeiro capítulo constituir-se-á de uma introdução do trabalho que apresentará o motivo pelo qual ocorreu a escolha do tema, os objetivos sustentadores da pesquisa, a hipótese em que o mesmo se pauta, a questão metodológica, a justificativa, a sua organização e o levantamento do *corpus*.

O segundo capítulo constará de uma leitura acerca da biografia de Joaquim de Sousa Andrade ou Sousândrade. Visando melhor contextualizar a trajetória e a produção literária do citado poeta, este capítulo tecerá sucintas considerações sobre a vida de Sousândrade, sua obra, seu estilo e um breve esboço de sua obra de maior representatividade – “O Guesa”.

No terceiro capítulo, serão abordados os fundamentos teóricos a respeito do neologismo. Para tanto, nos reportaremos às discussões teóricas empreendidas por Guilbert (1975), Boulanger (1979), Barbosa (1981) e Martins (1995). Neste capítulo, serão tratados os seguintes tópicos: a relação estabelecida entre neologismo e léxico (item 1.1), o estudo da neologia lexical (item 1.2), as condições de aceitabilidade do neologismo (item 1.3), alguns tipos de neologia (item 1.4), as fases da criação lexical (item 1.5), os critérios classificatórios das formas neológicas (item 1.6), a relação entre neologia e neologismo (item 1.7), a relação instaurada entre o neologismo e as funções da linguagem (item 1.8), a gênese do neologismo (item 1.9), alguns processos de formação de palavras (item 2) e o neologismo na composição (item 3), enfatizando as considerações de Said (*apud* Martins, op. cit.), Ali, (*apud* Martins, op. cit.), Benveniste, (*apud* Martins, op. cit.), Lees (*apud* Martins, op. cit.) e Bloomfield (*apud* Martins, op. cit.).



O quarto capítulo será dividido em duas partes. A primeira destina-se à discussão em torno dos aspectos lexicográficos do dicionário e a segunda em torno da organização do glossário. Os pressupostos teóricos que nortearão a discussão sobre a macroestrutura do dicionário se pautarão nas pesquisas de Dubois (1971), Haensch (1982), Biderman (2001) e Borba (2003). Na primeira parte, será abordada a questão do dicionário e suas finalidades (item 1.1), a relação do dicionário com a Lexicografia (item 1.2), a relação do dicionário com o léxico (item 1.3), a forma de elaboração da definição no dicionário (item 1.4), a escolha do vocabulário a ser descrito no dicionário (item 1.5), a relação da Lexicografia com outras atividades humanas (item 1.6), a elaboração do dicionário (item 1.7), as fases de elaboração do dicionário (item 1.8), o dicionário e sua estrutura (item 1.9).

No que se refere à segunda parte, serão feitas considerações a respeito da organização do glossário. Nesse sentido, basear-nos-emos nos trabalhos lexicográficos de Moraes (1813), Aulete (1881), Figueiredo (1925), bem como em Barbosa (1995).

Sendo o resultado final desta pesquisa a elaboração de um glossário a partir dos neologismos coletados da obra “O Guesa”, de Sousândrade, esta parte será contemplada no quinto capítulo, que será organizado conforme o discutido na “Organização do *corpus*”.

Por fim, nas considerações finais, demonstraremos se nossa hipótese construída na fase embrionária de nosso projeto de pesquisa foi realmente comprovada na análise do *corpus* de nossa pesquisa.

## CAPÍTULO II

### 1 – UM POUCO DA VIDA DE SOUSÂNDRADE

Durante a 2ª fase romântica, no Brasil, Joaquim de Sousa Andrade ou Sousândrade, como preferia que fosse chamado, despontou-se como um poeta pouco conhecido entre seus contemporâneos. Segundo Campos (2002), dotado de um estilo irreverente e ousado, o citado autor acentua tal característica por meio, dentre outras coisas, da bizarria de seu próprio nome, que consiste na aglutinação de seu nome de família.

Estudos sobre sua biografia retratam que Sousândrade nasceu na fazenda Nossa Senhora da Vitória, próxima ao rio Pericumã, município de Guimarães, no estado do Maranhão, a nove de julho de 1832, vindo a falecer em São Luiz, a 21 de abril de 1902, levando consigo uma vida repleta de aventuras e de diversas peregrinações por todo o mundo.

Filho de José Joaquim de Sousa Andrade e de Maria Bárbara Cardoso, importantes fazendeiros pertencentes à elite nobre de Alcântara, muito precocemente, o poeta e sua irmã Ana ficaram órfãos de pai e mãe, desencadeando a desestrutura familiar e a ruína da fortuna herdada. Nas palavras de Campos (op. cit.), tais acontecimentos foram explorados anos depois pelo poeta, na obra “O Guesa”, em que é evocada sua infância feliz e exposto todo seu inconformismo provocado pela falência da fazenda Vitória.

A estes dados a respeito de sua vida familiar, tais estudos biográficos revelam a fase errante que marcou a vida de Sousândrade. Campos (op. cit.) cita viagens deste poeta pela Europa, Amazonas, Estados Unidos e por vários países da América Latina, destacando que, durante sua permanência no país norte-americano, o poeta maranhense trabalhou

incansavelmente partes do longo poema “O Guesa”, cujas primeiras datações remontam o ano de 1858.

Dado seu contato com as mais diversificadas culturas, povos e realidades sociais, Sousândrade vivenciou de forma muito próxima as mazelas humanas e sociais. Campos (op. cit.) revela que a experiência deste autor com os diversos estilos de vida, característicos de diferentes povos, contribuiu para acender seu fervoroso espírito abolicionista e republicano, o que é comprovado pela sua atuação como um desprendido cidadão e patriota de seu tempo. Lutou com muita veemência pela abolição da escravatura, pela proclamação da República, pela reforma de desenvolvimento da educação, bem como pela moralização dos costumes.

## **2 - A OBRA DE SOUSÂNDRADE**

Seu primeiro livro, “Harpas Selvagens”, de 1857, foi publicado dois anos antes da publicação de “Primaveras”, de Casimiro de Abreu. Conforme atesta Campos (op. cit.), a obra sousandradina não teve nem poderia ter o público leitor que merecia, relegada, portanto, à deriva e à margem da crítica literária e da apreciação por parte de um grupo mais amplo de leitores por um longo tempo.

No tocante à divulgação da obra sousandradina, “se se tem falado algo dela nestes últimos tempos, não se cogitou sequer reeditar qualquer dessas raridades bibliográficas, de remotíssimo acesso, em que se converteram seus livros”. (CAMPOS, op. cit., p. 24). Logo, evidencia a marginalidade com que a obra de Sousândrade foi relegada diante de seus contemporâneos.

Apesar do silêncio que ronda toda a produção literária de Sousândrade, alguns estudos empreendidos por um pequeno grupo de críticos literários que se esforçaram em conhecer o poeta contribuíram com pistas e indícios para que sua obra não fosse fadada à obliteração total.

Conforme observa Campos (op. cit.), se, no passado, José Veríssimo repudiou completamente a obra de Sousândrade, a postura de Sílvio Romero revela total simpatia para com o autor. Para este último, o autor de “O Guesa” é um tanto quanto irregular e capaz de audácias que o projetam fora da tradição comum da época em que se despontou no mundo literário. Outro admirador do poeta maranhense é Camilo Castelo Branco que, em sua obra polêmica, “Cancioneiro Alegre”, considerou-o como o escritor mais extremado, mais repleto de fantasias e de maior erudição entre todos os poetas brasileiros da atualidade.

Preocupados em conservar a memória de Joaquim de Sousa Andrade, Campos (op. cit.) menciona o esforço dos literatos maranhenses Clarindo Santiago, Astolfo Serra, Raimundo Lopes e Fausto Cunha de nos revelar ricos dados de sua biografia e importantes aspectos de sua obra. Clarindo Santiago merece maior destaque devido ao fato de sua obra apresentar uma maior receptividade para com o mundo sousandradino, recusando qualquer idéia que sugira algum grau de inteligibilidade mencionado contra o poeta. Apresentando pesquisas mais recentes, a obra de Fausto Cunha desponta-se como um breve estudo sobre o poeta maranhense, visando uma tentativa de uma primeira avaliação em nível de uma crítica moderna da obra de Sousândrade. A este trabalho, soma-se a contribuição especial do crítico em questão que “chamara a atenção para a ‘tremenda importância histórica’ de Sousândrade, assinalando uma de suas precursoras insurreições gramaticais no emprego da próclise do pronome átono”.(CAMPOS, op. cit., p. 27).

Edgard Cavalheiro e Antônio Cândido também são mencionados por Campos (op. cit.) como críticos que se sentiram atraídos pela biografia e pelo mundo do literato maranhense. O primeiro reconheceu a importância de suas inovações e comparou o autor de “Harpas Selvagens” a Oswald de Andrade. O crítico Antônio Cândido mostrou-se avesso ao poeta, a ponto de tratá-lo como um poeta romântico de nível menor. Conforme Campos (op. cit.), esta avaliação emitida por Cândido deve-se ao seu conhecimento incompleto da obra de Sousândrade, uma vez que sua

leitura se limitou apenas ao primeiro livro do poeta, “Harpas Selvagens”, não tendo contato, portanto, com a evolução subsequente das outras obras, principalmente “O Guesa”, produção de maior representatividade do maranhense, à qual foram dedicados cerca de trinta anos de trabalho.

Citando Campos (op. cit., p. 28), “pode-se dizer que uma das características do movimento de renovação literária que se consolidou neste século é a de ser ele acompanhado pelo redescobrimto de poetas e fases literárias boicotados e obscurecidos pela rotina de uma tradição petrificante.” Portanto, por meio deste movimento de renovação literária instaurado no Brasil, advém o surgimento de poetas e fases literárias que lançam o Romantismo além de seus próprios limites, prenunciando as primeiras tendências precursoras do movimento simbolista.

### **3 - O ESTILO SOUSANDRADINO**

A análise estilística vê na obra de Sousândrade um panorama extremamente rico. Segundo Campos (op. cit.), constata-se uma acentuada radicalização e renovação dos processos estilísticos, sendo alguns esboçados em “Harpas Selvagens” e outros atingindo o apogeu em “O Guesa”.

Quanto à estrutura textual, as produções do poeta maranhense são consideradas como signos estéticos, ultrapassando os limites dos domínios do Romantismo e se apresentando muito além do fazer poético comum de seu meio. Sobre isso, Campos (op. cit.) reforça que:

O poeta sai quase inteiramente fora da toada comum da poetização do seu meio; suas idéias e linguagem têm outra estrutura. Trata-se, realmente, de uma linguagem que apresenta níveis estilísticos vários, uma linguagem sincrética por excelência, abrindo-se num verdadeiro feixe de dicções, que tanto vai se alimentar nos clássicos da língua, quanto se projeta em invenções premonitórias do futuro da poesia. (ROMERO *apud* CAMPOS, op. cit., p. 32).

Uma das maiores tendências caracterizadoras dessa linguagem é o barroquismo. Não se trata do movimento literário vigente entre os fins do século XVII e o início do século XVIII, no Brasil. “Empregar-se-á aqui um conceito de Barroco, ou melhor, de *barroquismo*, como ‘estilo abstrato’, por meio do qual se podem distinguir elementos tipológicos dessa natureza em obras de períodos que lhe são posteriores, inclusive modernas (...)”. (CAMPOS, op. cit., p. 32, grifo do autor). Dessa forma, em Sousândrade, o barroquismo é revelado no uso de cultismos léxicos e sintáticos, tais como as palavras arcaicas, os neologismos, os hibridismos, os hipérbatos, as elipses, no acentuado uso de metáforas, no excesso de figuras de estilo, nos jogos sonoros, na recorrência a recursos sintáticos e morfológicos provenientes de bases greco-latinas, francesas e anglo-germânicas.

Em relação aos traços barrocos presentes na produção literária de Sousândrade, depreende-se o jogo antitético, conflitante e pluralista próprios do Barroco. “No poeta maranhense, seus arrojados formais tinham um lastro emocional em sua vida acidentada e peregrinante, e um lastro intelectual na sua experiência de civilizações variadas e na sua vasta e multilíngüe área de leitura”.(CAMPOS, op. cit., p. 33).

Junto ao barroquismo, é digno considerar na produção poética de Sousândrade seu estilo metafísico-existencial caracterizado pelo conturbado complexo de sentimentos que assolava o homem dos séculos XVIII e XIX. Joaquim de Sousa Andrade destaca esta inquietação metafísica e existencial em sua obra por meio de apologias a divindades e a crueldades da natureza, operando com relances de êxtase místico e visionário. Conforme Campos (op. cit.), as vivências, introspecções e meditações do poeta, seu estado de inconformismo e desajuste encontram solução na linguagem, conferindo para isso, uma dignidade e uma contenção incomuns às palavras.

Duas outras questões merecem respaldo quanto ao estilo de Sousândrade. Primeiramente, este autor busca uma antecipação do traço “coloquial-irônico”, importante aspecto do

Simbolismo. Trata-se de estruturas formais eivadas de inflexões e de jogos vocabulares, de delicadas justaposições de tomadas conversacionais, de interpolações de termos franceses, de jogos em nível da frase que opõe o sentimentalismo tradicional à irreverência, criticando, desse modo, o moralismo e o pieguismo. Destaca-se, também, o estilo sintético-ideogrâmico, que consiste no recurso a epigramas crítico-políticos, crítico-históricos, crítico-biográficos muito recorrentes em “O Guesa”.

#### **4 - “O GUESA”: UM BREVE ESBOÇO**

No que concerne à sua obra de maior representatividade, é relevante esboçar um breve arcabouço de “O Guesa”. Trata-se de um poema longo constituído de 13 cantos, dos quais os de números VI, VII, XII e XIII não foram concluídos. Seus primeiros cantos datam de 1858.

Na visão de Campos (op. cit.), em consonância com a moderna concepção de poema longo, esta obra encerra em si um entrecruzamento das linhas dramática, lírica, épica e narrativa. Depreende-se daí rebeldia do poema em questão por não obedecer a uma classificação ortodoxa quanto aos gêneros de composição. Para fins didáticos, “O Guesa” é considerado como uma composição narrativa que não segue um desenvolvimento lógico-linear, mas que evolui, predominantemente, no plano da memória, tendo como pano de fundo a lenda indígena do Guesa Errante.

Para escrever o longo poema de 13 cantos, o poeta se reveste do Guesa, um personagem lendário conhecido por meio do culto solar dos indígenas da Colômbia. O Guesa, cujo nome significa errante, sem lar, era uma criança roubada dos pais e destinada a cumprir o destino mítico de Bochicha, Deus do Sol. Seria educado no templo da divindade até os 10 anos de idade, quando deveria partir para as peregrinações de deus, chegando ao final do sacrifício ritual aos 15

anos. Este ritual seria realizado numa praça de forma circular, onde o adolescente era preso a uma coluna e cercado por sacerdotes, chamados de “cheques”, e morto a golpes de flechas. Depois de morto, seu coração seria arrancado e oferecido ao sol, enquanto seu sangue seria recolhido em vasos sagrados. Terminado o ritual, iniciava-se o novo ciclo astrológico de quinze anos em que uma outra criança seria raptada (o novo guesa), dando início a uma nova cerimônia.

Em virtude da indiferença de seus contemporâneos e de sua própria família, razões pelas quais apreciava viver andando como um verdadeiro peregrino pelo mundo, o autor de “Harpas Selvagens” identifica o seu destino e sua biografia ao destino do guesa. “No plano histórico e social, assimila a esse destino o do selvagem americano, o ameríndio, sacrificado pelo conquistador branco”. (CAMPOS, op. cit., p. 48).

Em sua obra central, apesar de Sousândrade denunciar o sacrifício a que são vítimas os povos indígenas, ele estabelece uma visão reformadora desse estado de coisas, propondo uma nova ordem de valores, como a sugestão de criação de uma nova civilização americana. A este respeito, Campos (op.cit.) declara que:

de um lado, condenava as formas de opressão e de corrupção, profligando o colonialismo e satirizando as classes dominantes (a nobreza e o clero); de outro, preconizava o modelo republicano, greco-incaico, colhido na República social utópica de Platão e no sistema comunitário dos Incas, ou ainda numa livre interpretação das raízes do cristianismo. (CAMPOS, op. cit. p. 48).

Ao longo da trama de “O Guesa”, depreende-se a alternância de trechos que evocam o paraíso e outros que vislumbram o inferno; há a glorificação a heróis e a anti-heróis; consta a celebração dos fundadores do Império Inca e dos pais da República Norte-Americana; exalta os Libertadores das Américas procedendo da mesma forma com os conquistadores, monarcas e



déspotas. Pode-se concluir que o poeta maranhense busca vislumbrar o movimento dialético da nossa história.

Por fim, cabe abordar com especial destaque um outro aspecto formal presente em toda a obra do poeta maranhense. Trata-se de um aspecto pertinente ao léxico que reside nas invenções vocabulares, principalmente a criação de palavras compostas. No léxico de Sousândrade, um caso que merece especial atenção por parte do pesquisador, tanto pelo alto grau de incidência quanto pelos expressivos efeitos obtidos, é a criação de palavras compostas.

Para Campos (op. cit.), em “Harpas Selvagens”, a frequência de palavras criadas pela composição é baixa. Porém, na obra “Novo Éden”, verifica-se a presença de criações compostas em quase todas as páginas do livro. A maioria desses compostos são construções lexicalizadas ou semilexicalizadas (verdenegro, verdemar, verdevivas e outras) nas quais a inversão já se configura como fator de perturbação da normalidade lingüística. Acrescenta-se a essas construções, composições mais livres e mais arrojadas constituídas, em alguns casos, de duas ou três palavras (bruno-lúcidas, negro-nítido, negro-azul-áurea etc.).

Para Campos (op. cit.), muitas invenções são concebidas como *palavras-montagem* que funcionam como verdadeiras metáforas, processando condensações sintáticas que resumem um longo e complexo trecho discursivo, tendo seu conteúdo semântico preservado. Seriam os casos de liberdade-libertinagem, firmamento-adeus, torre-hinos, bananeira-ciencia e outros.

Além dos substantivos e adjetivos compostos, constata-se o trabalho da composição com verbos: florchameja, floresencham, terra-inundam, vago-etoa, grande-abriam etc. Há de considerar, também, os compostos híbridos (Freeloves-Califórnia), ou somente de palavras estrangeiras (Hudson-manbusiness) ou só de palavras estrangeiras (Yunka-Yankee).

Nota-se, portanto, que a grande riqueza do léxico sousandradino reside, conforme se verá, na criação de palavras por meio do processo da composição.

## **CAPÍTULO III**

### **FUNDAMENTOS TEÓRICOS**

#### **1 – INTRODUÇÃO**

Neste capítulo, teceremos algumas considerações teóricas acerca do neologismo. Para tanto, nosso embasamento teórico acerca deste assunto partirá dos estudos realizados pelos pesquisadores Louis Guilbert (1975), Jean-Claude Boulanger (1979), Maria Aparecida Barbosa (1981), dentre outros, por despontarem, no âmbito das pesquisas lexicológicas, voltadas para o neologismo.

#### **1.1 – NEOLOGISMO E LÉXICO**

Conceitua-se neologismo, parafraseando Boulanger (op. cit), como uma palavra de criação recente, de caráter inédito e novo que ainda não se encontra dicionarizada, ou seja, não estando lexicalizada, a nova forma lexical não está incorporada ao léxico geral da língua para uso comum dos falantes em suas múltiplas manifestações lingüísticas.

Guilbert (op. cit., p. 31) assinala que “a neologia lexical se define pelas possibilidades de criação de novas unidades lexicais em virtude das regras de enunciação inclusas no sistema lexical.” O citado autor sustenta que o sistema lingüístico funciona como um mecanismo organizado de regras de produção de palavras que rege o processo de criação vocabular sem que

isto desencadeie incomunicabilidade e má interpretação das mensagens veiculadas entre os falantes.

Concebido como o aspecto social da língua, o léxico caracteriza-se pelo fenômeno da evolução e da continuidade. Sendo transmitido de geração a geração, constata-se que há uma parte do léxico que garante a eficácia da comunicação entre os mais diversificados falantes nos mais diferenciados contextos. Logo, entende-se que existe uma parcela permanente do léxico de uma língua resistente à renovação e qualquer sinal de mudança. Por outro lado, o léxico é alvo de constantes processos de renovação, dado o seu caráter representativo do universo da significação, do mundo dos homens que se caracterizam também por um constante dinamismo. Estas duas forças atuantes no léxico, a conservação e a inovação, permitem que Guilbert (op. cit.) considere a composição do léxico, em um dado momento, como determinada pela ação contraditória de forças de conservação e de forças de inovação, sendo este equilíbrio entendido como garantia de uma renovação parcial e contínua do acervo lexical graças ao aparecimento de novas palavras e de novos sentidos, ao passo que outras palavras e velhos sentidos caem no desaparecimento.

Quanto à conservação lingüística, instaura-se a idéia de ignorar todo processo evolutivo que possa desencadear mudanças lingüísticas. Desse modo, toda neologia é considerada ofensiva à ordem lexical estabelecida. Qualquer tentativa de instauração de um novo sentido no emprego de uma palavra é considerada um desvio em relação ao sentido convencional desta palavra. Como defensor radical da conservação lingüística, Guilbert (op. cit.) cita o exemplo da sociedade monárquica de Vaugelas, onde a norma lexical era definida por palavras em uso atual, sendo o poder de criar novas palavras reservado somente ao monarca e aos escrivães de renome. O modelo social e lingüístico era representado pela elite social dominante detentora dos meios de cultura e o padrão lingüístico era a língua escrita, uma vez que as produções escritas buscavam respeitar a norma gramatical e lexical.

Seguindo a atitude da sociedade monárquica em nome da defesa do purismo lingüístico, Guilbert (op. cit.) cita a postura da Academia Francesa de propagar o léxico das obras de seus membros constituintes como o modelo de bom uso, uma vez que esta instituição visa representar a manutenção da tradição. Logo, trata-se de uma instituição resistente a todas as inovações lexicais advindas das crônicas jornalísticas de grande circulação, despontando-se mediante tal atitude normativa, como um aparelho normativo que investe na manutenção do léxico da língua nos limites de uma rígida tradição na tentativa de salvaguardar a língua nacional em sua pureza absoluta.

Refletindo sobre esta postura normativa imposta pelos franceses, torna-se inviável barrar qualquer tentativa de renovação lexical na perspectiva da conservação lingüística, pois o léxico define-se como uma estrutura portadora de uma certa mobilidade que lhe confere uma abertura cada vez maior a todas as transformações processadas no âmbito político, social e econômico no seio de uma comunidade qualquer. Apesar de muitas criações lingüísticas não serem incorporadas ao léxico de uma língua, uma forte pressão de renovação é exercida sobre o sistema lexical de modo a colocar em indagação qualquer hipótese que tente manter viva a questão do purismo lingüístico.

## **1.2 - O ESTUDO DA NEOLOGIA LEXICAL**

Considerando a abrangência do estudo da neologia lexical, pode-se supor que este estudo se restrinja especificamente à investigação do processo de criação lexical. Porém, as pesquisas no campo neológico assumem uma maior amplitude à medida que se desdobram na investigação da natureza de todas as outras unidades vocabulares que referenciam o universo das coisas, os tipos de pensamento, a todas as particularidades do mundo e das sociedades em geral. Ampliando os

domínios do estudo em questão, Guilbert (op. cit., p. 31) adverte que “o estudo da neologia lexical consiste também em reunir um conjunto de neologismos surgido num período preciso da vida da comunidade lingüística”.

Visando estudar as criações vocabulares em suas múltiplas facetas, a neologia compreende, concomitantemente, um caráter coletivo e individual. Primeiramente, não se deve ignorar que as novas criações lexicais são entidades pertencentes à história de um léxico que, por sua vez, mantém uma relação com a história da sociedade específica em que este sistema lexical serve de meio de comunicação e expressão para os usuários de certa comunidade de falantes. Por outro lado, considera-se o caráter individual desses elementos porque são criações advindas de indivíduos particulares identificados e pertencentes a um grupo lingüístico específico.

Com o intuito de garantir uma maior precisão aos estudos da neologia lexical, são estabelecidos determinados procedimentos quanto ao levantamento e reconhecimento das criações neológicas. Primeiramente, propõe-se uma delimitação do período em que surgiu a nova forma lexical, operando dessa forma, um recorte de um estágio da língua em que se situa a nova palavra. Posteriormente, torna-se necessário estabelecer critérios de identificação e reconhecimento da forma neológica, uma vez que nem sempre o pesquisador terá condições de determinar com muito rigor o usuário que a criou. Tendo em vista a necessidade de operar com delimitação temporal e estabelecimento de critérios plausíveis para a identificação de neologismos, depreende-se que “o estudo da neologia lexical pressupõe, ao mesmo tempo, uma definição da reação entre sincronia e diacronia” (...) (GUILBERT, op. cit., p. 32).

É considerável que toda mudança lingüística, cujo processamento se dá conforme a passagem do tempo, ocorra numa perspectiva diacrônica. Em relação às mudanças que se manifestam no nível lexical, a diacronia assume uma importância fundamental no estudo desse processo, pois dado o caráter aberto do léxico, este se configura como um sistema flexível apto a

se desdobrar sobre todos os referentes novos surgidos em virtude das transformações políticas, sociais e culturais próprias do mundo extralingüístico.

Conforme o aparecimento de novos elementos no decorrer histórico de um sistema lingüístico, a nova forma lexical não se revela, necessariamente, como substitutiva de uma forma antiga. É possível que, numa mesma geração de falantes, a nova palavra coexista com palavras usadas precedentemente para designar o mesmo referente. A noção de palavra antiga é considerada problemática, pois ao passo que deixa de ser efetivada por certos usuários num determinado tempo, ela pode ressurgir no uso de certos indivíduos ou em algum vocabulário específico. Em alguns casos, a recorrência a palavras antigas visa enriquecer e renovar algum acervo vocabular.

Atualmente, parece cômodo levantar e identificar neologismos sob a ótica de que sua descrição limita-se à definição de palavras novas em relação ao léxico geral, como se fosse suficiente estabelecer a oposição entre formas correntes, usuais, vocabulário antigo e formas novas e vocabulário usual. Porém, o levantamento e identificação de neologismos implicam uma tarefa mais árdua do que parece à primeira vista. A rapidez com que surgem neologismos, principalmente devido ao dinamismo da publicidade e do comércio, acarreta dificuldades a este tipo de trabalho graças à abundância de novas palavras disponibilizadas cotidianamente aos falantes.

Diante disso, conforme Guilbert (op. cit., p. 37), “existem vários domínios da neologia que precisam todos ser retidos ou entre todos, somente aqueles convenientes de escolher. Isto nos remete ao problema da definição do léxico da língua no período em que vivemos”. Desse modo, reforça-se a necessidade de estabelecer critérios rígidos quanto à identificação do que vem a ser uma forma neológica, sendo preciso estipular que comunidade lingüística será estudada, além de

determinar quais usuários pertencentes a esta comunidade servirão de referências para o estudo em questão.

Por parte do investigador, julgar uma forma como nova implica fixar, de forma convencional, que *corpus* de texto funcionará como base de dados para seu estudo, quais procedimentos de observação serão adotados, além da necessidade da composição de uma equipe de pesquisadores a fim de evitar a submissão deste tipo de estudo aos cuidados de um único pesquisador. Esta observação decorre do fato de trabalhos realizados em equipe mostrarem que um mesmo texto, sendo investigado por diferentes pesquisadores, apresentou uma considerável quantidade diversificada de palavras qualificadas como neológicas.

### **1.3 - CONDIÇÕES DE ACEITABILIDADE DO NEOLOGISMO**

Para que uma palavra seja qualificada como neologismo, é necessário definir certas condições de aceitabilidade. O fato de a palavra ser portadora de um caráter novo não é suficiente para ser designada como tal. Ao ser criada, é preciso que ela ultrapasse a relação única entre o locutor que a criou e aqueles que entrarão em contato com ela, passando dessa relação para um grupo de usuários maior. Sobre as condições de aceitabilidade do neologismo, Guilbert (op. cit., p. 44) adverte que “na criação do neologismo, existem dois momentos de fundamental importância: o da produção e recepção pelos destinatários e o da entrada em um léxico qualquer.”

É no interior de uma comunidade lingüística que se julgam as condições de aceitabilidade de um neologismo. Entender esse processo de decisão determina compreender que, além deste julgamento lingüístico emitido pelos falantes, é necessário entender que esta comunidade lingüística é parte de um aparelho cultural e ideológico, manifestando, desse modo, a ideologia da comunidade lingüística neste julgamento.

Verificada uma constante freqüência em relação ao uso de uma nova palavra num certo contexto de enunciação e que este uso porta traços de gramaticalidade, reconhece-se que seu uso já se tornou generalizado e consagrado junto ao conjunto de usuários falantes. O aval final quanto à aceitação da nova forma neológica fica sob responsabilidade do dicionário, ou seja, inserida no dicionário, a nova palavra perde seus traços neológicos e passa a funcionar como um elemento lexicalizado e efetivamente incorporado ao sistema lexical de uma dada língua. Para estar dicionarizada, é sinal de que esta palavra teve seu uso disseminado entre os mais diversificados tipos de falantes e efetivado em contextos de enunciação dos diferentes gêneros. Sobre esta assertiva, Guilbert consubstancia que “todo registro de um termo do léxico em um dicionário qualquer consagra sua existência enquanto elemento lexical da língua”. (GUILBERT, op. cit., p. 53).

#### **1.4 - ALGUNS TIPOS DE NEOLOGIA**

Nos quadros dos estudos lexicais, diferenciam-se dois tipos de criatividade lexical: a *neologia denominativa* e a *neologia estilística*. No primeiro caso, a criatividade responde à necessidade de conferir um novo nome, um novo conceito a um objeto, atendendo, dessa forma, à necessidade de veicular uma nova experiência, tendo em vista a eficácia e efetividade da compreensão da mensagem veiculada. Na concepção de Guilbert (op. cit., p. 40), “em seu princípio, a neologia da denominação visa uma exata adequação do nome com o objeto, ou o conceito, a fim de evitar ambigüidades na designação”. Nos domínios das nomenclaturas científicas, a criação neológica denominativa encontra ampla repercussão, principalmente por meio de formas de denominação instauradas pela composição, visando à exata descrição da coisa que se procura designar.



Quanto à criação neológica estilística, a criatividade lexical se pauta na expressividade da palavra buscando exprimir idéias ou alguma visão de mundo de forma original, inusitada, inédita. Este tipo de criação encontra-se vinculada à originalidade e criatividade do indivíduo falante que, em virtude de sua liberdade de expressão, apropria-se dos mecanismos de criação disponibilizados pelo sistema lingüístico para dar vazão ao seu processo de criação. O escritor desponta-se como o melhor exemplo que possa ilustrar esse tipo de criação lexical, uma vez que sua preocupação central consiste em atrair a atenção do leitor, provocar um efeito inesperado no momento da leitura de sua obra, tendo que, para isso, explorar todas as estruturas de produção existentes no sistema. Quanto às criações no campo da literatura, na maioria das vezes, trata-se de criações efêmeras que demonstram as diversas possibilidades da criatividade lexical.

Apesar de o escritor ter sido apresentado como exemplo para ilustrar a criação estilística, vale ressaltar que este tipo de criação não é único e exclusivo do artista literário. Partindo do pressuposto de que o código lingüístico pertence a todos os membros de uma comunidade, a capacidade de usar e inventar novas palavras é aberta a todos estes indivíduos, como o cientista, o técnico, inclusive aqueles pertencentes às camadas populares. O domínio literário configura-se apenas como um dos níveis particulares da língua.

Na concepção de Guilbert (op. cit. p. 43), “toda palavra nova criada por um locutor qualquer, desde sua criação, guarda uma possibilidade de extensão na comunidade, em seu conjunto, ou em certas zonas da comunidade.” Portanto, criada a nova palavra por um falante qualquer, esta nova forma pode se estender ao uso geral, restringir-se a uma zona específica da comunidade lingüística ou ser atualizada no discurso do locutor que a criou e, após isso, ficar à deriva do esquecimento.

Ao contrário dos neologismos de denominação, distinguem-se os chamados neologismos de língua, que funcionam como elementos pré-existentes no sistema lingüístico e constituintes de

uma nova palavra. Como mero exemplo ilustrativo, observando a palavra *indecóvel* (Guilbert, op. cit.), observa-se a conformidade desta criação com o sistema lexical. Atendo-se à ordem de seus elementos constituintes, tem-se o prefixo negativo seguido da base que, por sua vez, é antecedida do elemento sufixal. Neste caso, o neologismo é definido e criado mediante as regras morfossintáticas que processam a combinação dos morfemas lexicais.

Os tipos de neologismos comentados acima têm sua realização efetivada no nível da fala, configurando, posteriormente, no nível da língua, para a partir de então, generalizar enquanto usos mais amplos da comunidade lingüística. Em contrapartida, é possível mencionar neologismos que, primeiramente, configuram-se no nível da língua para, depois, incorporarem no nível da fala. É o caso específico dos elementos formadores de palavras.

## **1.5 - FASES DA CRIAÇÃO LEXICAL**

Duas fases são distinguidas na criação lexical: uma referente à produção neológica no mesmo instante de enunciação do locutor e outra referente ao registro da nova forma pelos locutores da comunidade lingüística.

Quando realizado o enunciado, a palavra criada começa a nutrir seu aspecto social sob forma de neologismo de língua, sendo sua instalação no léxico dependente de diversas circunstâncias. Dado o seu momento de criação, à medida que a nova forma tem seu emprego diversas vezes repetido na enunciação, desencadeiam-se múltiplas possibilidades de os interlocutores retomarem a nova forma vocabular em outros contextos enunciativos, aumentando, assim, as possibilidades da nova palavra ser amplamente difundida. Nas palavras de Guilbert (op. cit., p. 50), “a repetição do ato de criação instala o neologismo individual na sociedade do léxico.

A criação é abandonada por um certo uso. O termo criado é então lexicalizado e perde sua qualidade de neologismo para tornar uma palavra socialmente construída”.

Na perspectiva em que nosso trabalho se situa, consideraremos neologismo aquela palavra cujo registro não se encontre dicionarizado ou aquela forma lexical que, atualizada na obra analisada neste trabalho, tem seu sentido diferenciado daqueles registrados nos dicionários selecionados para consulta. Pensamos que o caráter neológico de uma forma lexical é atenuado quando seu registro consta no dicionário. Mencionando Guilbert (op. cit., p. 54), “o neologismo é considerado como admitido no léxico da língua a partir do momento em que um dicionário qualquer o ter registrado”.

No instante de integração do neologismo ao dicionário, cabe ao lexicógrafo observar se a nova palavra, além de conter traços de gramaticalidade, contém traços de universalidade, ou seja, uma vez criado e empregado pelo autor-locutor, o lexicógrafo deve observar se a forma empregada em algum tipo de discurso é aceita e compreendida de forma universal, pois, só assim o lexicógrafo terá a certeza de que esta palavra é pertencente ao acervo lexical de uma comunidade lingüística.

## **1.6 – CRITÉRIOS CLASSIFICATÓRIOS DAS FORMAS NEOLÓGICAS**

No que concerne aos tipos de neologismos, convém estabelecer critérios que regem a classificação das formas neológicas. Uma primeira providência para definir uma tipologia de neologismos seria considerar o momento no qual uma palavra entra em processo de relação com outras palavras ao longo do enunciado. Mediante esta operação, torna-se possível depreender e situar o aparecimento de um novo sentido. Logo, “uma tipologia de neologismos não poderá

então excluir nem o ambiente sintático do sintagma ou da frase nem a significação do signo conforme o locutor e a situação de locução”. (GUILBERT, op. cit., p. 56).

Uma nova forma vocabular que seja resultante da instauração de um novo sentido atribuído a um significante já existente constitui mais um recurso de renovação lexical promovida pelo processo neológico. A atribuição de novos conteúdos semânticos a formas lexicais cujo uso já é consagrado junto aos falantes de uma comunidade lingüística perpetua a constante renovação do léxico.

Estipulado o critério de classificação de neologismos mediante suas relações sintagmáticas estabelecidas com outras palavras ao longo do enunciado, outro critério que se instaura é recorrer à história do léxico. Conforme este critério que evidencia o aspecto histórico do léxico, a tipologia se fundamenta numa apurada descrição do contexto histórico que se configura como pano de fundo para a formação de novas palavras. Neste caso, tem-se uma tipologia com características lingüísticas e sócio-históricas.

Este critério de bases lingüísticas e sócio-históricas concederia especial atenção à etimologia dos neologismos, pois, surgidos em uma determinada época, suas classificações ocorreriam conforme dados cronológicos referentes ao nascimento de cada neologismo. É conforme tal critério que temos casos de palavras condenadas ao esquecimento durante muito tempo, mas que, inesperadamente, ressurgem como formas neológicas a traduzir novos referentes.

Apropriando do princípio classificatório estabelecido por P. Guiraud, Guilbert (op. cit.) apresenta quatro princípios de classificação das neologias lexicais. O primeiro princípio, a onomatopéia, é explicitado pelo nome onomatopéico; o segundo, de caráter morfológico, reúne todas as produções resultantes da derivação e da composição; o terceiro princípio, o chamado semântico, designa as mutações no nível semântico e o quarto princípio, de caráter alogenético,

engloba as formas provenientes de línguas estrangeiras, de outros dialetos e socioletos de diferentes categorias sociais.

### **1.7 – NEOLOGIA E NEOLOGISMO**

Importa esclarecer que os termos neologia e neologismo não são empregados para designar o mesmo conceito, ou seja, cada um remete a significações específicas no campo dos estudos neológicos. Sobre esta questão, convém considerar a distinção estabelecida por Barbosa (op. cit.) entre neologia e neologismo. A primeira corresponde ao processo no qual o surgimento de novas formas de significante e significado é permitido pela mudança lingüística. A segunda é entendida como a conseqüência, o produto resultante do processo neológico.

Na visão desta autora, “a neologia postula um sistema, um conjunto de regras que exercem uma coerção sobre a criação, a sinalização, a determinação e o emprego dessas novas unidades”. (BARBOSA, op. cit., p. 78). Diante de tal argumentação, depreende-se que a dinâmica de renovação e enriquecimento do léxico segue um certo equilíbrio e controle graças à ação coercitiva exercida por mecanismos intrínsecos ao sistema neológico, evitando assim, a má compreensão das mensagens veiculadas que empregam formas neológicas.

### **1.8 – O NEOLOGISMO E AS FUNÇÕES DA LINGUAGEM**

Perante o sistema postulado pelo processo neológico, concebe-se um conjunto de mecanismos intrínsecos a este processo. Primeiramente, o sistema lingüístico disponibiliza aos seus usuários unidades lexicais efetivas que funcionam como modelos que permitem ao usuário criar novas palavras. Entre o neologismo e as funções da linguagem, são estabelecidas certas

relações de forma que o neologismo, além de ser considerado no nível do sistema, deve ser pensado no nível do enunciado. E, concebido como um processo extremamente dinâmico, o neologismo deve ser estudado desde o momento de sua criação até o instante de sua desneologicidade, instante a partir do qual parte para uma nova condição neológica.

Constatada a suposição de relações entre o neologismo e as funções da linguagem, o primeiro configura-se como um eficiente mecanismo de transmissão de informações, de conhecimentos. Logo, é pertinente considerar o tipo de discurso, o contexto lingüístico e a situação de produção no momento da criação e do uso do neologismo. Barbosa (op. cit.) reforça que:

A caracterização formal (estrutura) e funcional (função lingüística e ideológica) do neologismo não pode ser feita, se não se conhece o tipo de discurso, a situação de produção, o contexto lingüístico; só pode fazer-se, no curso do processo discursivo, no circuito de uma comunicação que faz surgir simultaneamente a presença de dois interlocutores e o papel ideológico da linguagem. (BARBOSA, op. cit. p. 81).

Em outras palavras, o falante passa a ter melhores condições de entender o neologismo quando examinado em uma situação de produção concreta, sendo assim possível verificar o contexto intra e extralingüístico.

No caso do neologismo ligado à função referencial, nova palavra portadora de um conhecimento acerca de um referente, ocorre um efeito de mudança ideológica, da visão de mundo dos interlocutores envolvidos no processo comunicativo. O seu uso apresenta um caráter puramente informativo, ou seja, a intenção do emissor consiste simplesmente em transmitir uma nova informação, um novo conceito ou uma nova designação.

Entendido que, por meio da criação neológica em função referencial, tanto o emissor quanto o receptor passam a compartilhar um novo conhecimento, ocorre a instauração de uma

relação intersubjetiva, pois perante o mecanismo de transmissão e recepção de conhecimentos, ocorrem reformulações no universo lingüístico e cultural dos sujeitos presentes no ato da comunicação, uma vez que, funcionando como veículo transmissor de uma nova informação, o neologismo em função referencial provoca uma mudança na visão de mundo do receptor.

Sabendo que o objetivo principal do emprego de uma palavra em função referencial consiste puramente em transmitir um novo conteúdo, o neologismo em função conativa implica uma busca de coerção por parte do emissor sobre o receptor. Logo, portando tais características, a nova forma neológica busca um efeito, uma ação exercida sobre o destinatário. Empregado segundo a função conativa, concebe-se uma intenção de coerção do emissor sobre o receptor, de modo a atingi-lo e provocar sua reação. Nesse tipo de criação neológica, existe uma dupla informação, pois concomitantemente, há a informação de uma nova designação e uma informação crítica, ideológica de forma que esta última prevalece sobre a primeira.

Cientes de que só é possível entender e compreender o neologismo em situações em que fiquem definidos os contextos intra e extralingüísticos, qualquer unidade lexical passa a ter valor de comunicação quando presente em enunciados em que conjuga-se uma estrutura que define o valor e o significado de cada lexia empregada. Somente conhecendo os contextos intra e extralingüístico, os usuários envolvidos no processo de comunicação encontram-se em condições de conhecer o sentido das palavras empregadas. Então, nota-se a extrema necessidade de constante recorrência aos contextos para melhor compreender o sentido e o emprego de qualquer neologismo. A este respeito, Barbosa (op. cit.) salienta que:

Não se pode, na realidade, chegar a compreender uma lexia isoladamente, sem que pertença a um enunciado, nem chegar a aprender toda a significação de um discurso, sem levar em consideração as circunstâncias de comunicação, uma vez que nem sempre o contexto intra-lingüístico é explícito em si mesmo. Para que possamos depreender o seu verdadeiro sentido, isto é, seu valor de comunicação

específico, toda a informação que o Emissor do texto quis transmitir, é necessário que recorramos ao contexto extra-linguístico. (BARBOSA, op. cit., p. 105).

## 1.9 – A GÊNESE DO NEOLOGISMO

Postula-se entender a neologia enquanto um processo dinâmico, examinando desde o momento da criação até o momento de desneologicidade, para a partir de então, avaliar uma nova situação neológica. Este processo é denominado por Barbosa (op. cit.) de *flutuação de consciência neológica*. A citada autora salienta que:

três aspectos podem ser salientados no que diz respeito ao estudo da gênese do signo: o primeiro, que focaliza o signo como o determinante e, ao mesmo tempo, o reflexo da organização social. O segundo que enfatiza o momento de sua criação, o lugar concreto em que se dá, a seleção que se faz, para se escolher o novo signo, bem como a sua aceitabilidade. E o terceiro, que mostra o processo de sua desneologização. (BARBOSA, op. cit. p. 117).

Na perspectiva da sociolinguística, a origem do signo se situa em função das necessidades de um grupo social, ressaltando, dessa forma, o seu caráter social da nova palavra. Conforme esta postura, a criação de uma nova palavra visa a responder às necessidades sociais promovidas pela instauração de uma nova ordem social. Ressaltando Barbosa (op. cit.),

do ponto de vista sociológico, assim como do da semiótica, cada nova proposição do signo merece atenção especial, pois não implica apenas a composição de percepção de um novo fato antro-po-cultural e de uma nova unidade linguística. É o reflexo de toda uma conjuntura mais complexa e que merece análise mais minuciosa. (BARBOSA, op. cit. p. 118).

O estudo de um signo implica pesquisar, conjuntamente, os traços caracterizadores dos grupos sociais, revelando seus valores, métodos, dados históricos e culturais. Ao estudar a origem



do neologismo, pressupõe-se concebê-lo como suporte da ideologia de uma determinada época, do pensamento de um grupo social, configurando, desse modo, como representativo de um certo aspecto cultural desse grupo. Logo, entende-se que as funções assumidas pelo neologismo não se restringem a apenas veicular um novo conceito de um novo dado sócio-cultural. A função do neologismo se desdobra a representar simbolicamente um novo fato cultural, estético, ideológico ou uma filosofia dominante. Retomando Barbosa (op. cit.),

Como o inventário gramatical é limitado e fechado, é sobretudo no inventário lexical que se manifesta lingüisticamente a constante mudança de visão de mundo, através de reformulações das estruturas lexicais. *Os códigos, principalmente o lingüístico, constituem um permanente nascer de signos.* Esse contínuo enriquecimento é uma exigência do próprio meio social que está em constante evolução. Como ambos caminham lado a lado, há uma homologia entre estrutura da linguagem e estrutura da ação: desenvolvimento do sistema semiótico lingüístico e desenvolvimento sócio-cultural e técnico-científico ocorrem paralelamente – há uma interdependência dos dois processos. (BARBOSA, op. cit., p. 130, grifo da autora).

É por meio do universo lexical de uma língua que a realidade social é identificada e interpretada, pois este é o nível que melhor representa, lingüisticamente, o universo social de uma dada comunidade lingüística. Encarado como um sistema aberto e flexível às mudanças, o nível lexical submete-se à lei do desenvolvimento e da conservação que, conjuntamente, garantem o eficaz funcionamento do sistema lingüístico.

À medida que o princípio do desenvolvimento responde às exigências de renovação e enriquecimento lexical, a conservação garante a continuidade da língua. Entretanto, constata-se a existência de uma parcela do vocabulário inflexível a qualquer tipo de mudança que, transmitida de uma geração a outra, no decorrer de diferentes épocas, assegura a possibilidade de comunicação, ocasionando a impressão de que a língua continua a mesma sem nenhuma alteração. Porém, esse sentimento de purismo lingüístico constitui apenas impressionismo, pois

as mudanças ocorrem a todo o momento sem que os falantes tenham consciência do que está se processando enquanto a falam.

Barbosa (op. cit., p. 132) relata a necessidade de “definir a norma do universo léxico como a média que se estabelece entre a ação contrária das forças de conservação e renovação. Disso resulta um equilíbrio estável, que é perceptível triplamente: na conservação de certa parte do léxico, no aparecimento de novas unidades léxicas e no desaparecimento de outras”.

Abordada a questão da gênese do neologismo sob a perspectiva sociolingüística, convém expor esta questão sob o ponto de vista temporal e espacial de sua criação. É necessário entender que o fato de uma palavra apresentar um aspecto inédito é insuficiente para lhe conferir o status de neologismo, pois se torna mais criterioso refletir sobre os vários momentos fundamentais na criação do neologismo.

No que concerne ao instante da criação do neologismo, destaca-se o momento e o lugar da gênese neológica devido à estreita ligação da nova forma lexical com o processo da enunciação, pois, diante de uma nova realidade sociocultural, o indivíduo falante sente a necessidade de criar um novo signo lingüístico que seja suficientemente capaz de exprimir e representar o novo fato. O autor do neologismo recorre a vários recursos lingüísticos formais na tentativa de chamar a atenção de seu interlocutor para a presença do neologismo na mensagem, bem como assegurar a compreensão do novo conceito, do novo referente. Para cada tipo de discurso em que se situa o falante, existe um recurso específico. No discurso oral, o locutor pode usar desde a elaboração de comentários até uma entonação diferente na pronúncia do neologismo. Na escrita, a recorrência a diversos artifícios gráficos auxilia o locutor a chamar a atenção de seu destinatário sobre a presença do novo termo.

Independentemente do nível sociocultural, qualquer falante lingüisticamente competente porta condições de criar neologismos, os quais surgem em função de diferentes objetivos e de

diferenciadas necessidades sociais. Esta capacidade criadora deve-se ao fato de todo falante ter à sua disposição mecanismos essenciais para a neologia, que funcionam como modelos disponíveis que permitem a criação de novos vocábulos e novos empregos. Nas palavras de Barbosa (op. cit.),

qualquer falante numa língua pode ser autor de um neologismo. Isso é comprovado não só pelo contínuo enriquecimento do vocabulário da norma culta ou das normas profissionais, como também das normas de discurso banal, como o demonstra a produção da língua popular e da gíria. (BARBOSA, op. cit., p. 136).

Sendo duas fases diferenciadas no processo de criação lexical, no momento em que o neologismo é criado, sua produção concretiza-se num ato de enunciação na modalidade oral ou escrita, e este é o estágio em que se examina se a neologia de fala passa a ter estatuto de neologia de língua, pois, na possibilidade da nova forma lexical se restringir somente ao ato de enunciação que permeou sua criação, o novo vocábulo estará à deriva do esquecimento. Por outro lado, o neologismo passará a ser identificado como elemento de língua quando, após sua produção, for aceito e empregado repetidas vezes em outros vários atos comunicativos e por locutores diversos. A segunda fase corresponderia ao estágio em que a nova forma lexical é apreendida e registrada pelos usuários de um grupo.

Depreende-se que uma série de circunstâncias está implicada no processo que leva um neologismo a se tornar elemento de língua. Em primeiro lugar, o próprio indivíduo que o criou pode empregá-lo em outros discursos. Os receptores podem começar a empregá-lo em outros contextos diferentes daquele que condicionou sua criação ou apropriar dos elementos morfológicos constituintes do novo termo para criar outro neologismo, de forma que estes elementos mórficos funcionem como bases para a criação de outras palavras.

O processo neológico tem seu início estabelecido no momento de criação da nova forma lexical, ao passo que o momento posterior é referente à recepção ou à aceitabilidade do neologismo por parte dos outros falantes. Por fim, se o emprego do neologismo se generalizar de forma que fique disponível a um grupo maior de falantes, ele passa a ser elemento pertencente ao acervo vocabular de uma comunidade lingüística, ao acervo das unidades léxicas memorizadas.

Esse processo dinâmico característico da neologia nos leva a constatar que o meio social desempenha uma importância fundamental no julgamento da aceitabilidade da forma neológica, pois, para isso, não basta a opinião ou a vontade de um único falante, mas de um acordo social e cultural. Logo, uma das premissas para a aceitação de um novo termo é o seu emprego por vários locutores e a repetição de seu emprego. À vista disto, Barbosa (op. cit.) assevera que “se a palavra neológica passa a ser de alta frequência e de distribuição regular entre os falantes, deixa de ser neologismo, perde esse carácter, e passa a pertencer ao subconjunto vocabulário dos elementos de alta frequência, que constituem a norma”. (BARBOSA, op. cit., p. 145).

O sentimento de neologicidade de um vocábulo depende da frequência com que é empregado. Dado o seu momento de criação, este sentimento diminui conforme seu emprego vá aumentando. À medida que os novos vocábulos experimentam uma acentuada frequência em relação ao seu uso e estabelecem um maior contato com os falantes, eles se tornam cada vez mais conhecidos e tão comuns que passam a integrar o inventário das palavras memorizadas de alta frequência e de distribuição regular entre os indivíduos falantes.

Em contrapartida, uma palavra que tenha sofrido o processo de desneologização pode assumir o *status* de neologismo se atualizada em outro contexto discursivo, ou seja, quando atualizada em contextos que propiciem combinações inesperadas, sua carga semântica sofre uma ampliação de forma que se torne um vocábulo polissêmico, portador de novos conteúdos.

## 2 – ALGUNS PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS

A criação neológica e, conseqüentemente, o enriquecimento e renovação do sistema lexical de nossa língua são possibilitados por processos sistematizados aos quais os falantes, de forma consciente ou inconsciente, recorrem no momento de criação. Antes de procedermos às considerações acerca desses processos, tomemos três aspectos essenciais na criação do neologismo. Recorrendo a Barbosa (op. cit.), cada língua funciona segundo o seu próprio código em virtude do qual são produzidos os enunciados de discurso e as formações lexicais. Sendo o neologismo um signo lingüístico que comporta um significante e um significado, estes dois componentes são alterados no momento da criação neológica; a criação resulta da combinatória de elementos mais simples existentes na língua, de modo que a criação consiste essencialmente na relação entre esses elementos.

Algumas observações quanto aos processos de formação de palavras são suscitadas após a abordagem dos aspectos considerados acima. Um neologismo pode resultar da criação de um novo signo, sendo assim, uma criação ex-nihilo entendida como criação que não recorre a nenhuma base ou morfemas preexistentes. O neologismo pode decorrer da alteração do significante, acarretando uma mudança no significado. Conservado o mesmo significante, o neologismo pode decorrer de uma mudança no significado, gerando a polissemia e a homonímia. O neologismo pode configurar-se como resultado de uma transformação sintagmática, caso em que não ocorrem mudanças, mas combinações novas de morfemas ao nível do significante, ocasionando, assim, alterações no seu significado. Nesse caso, destacam-se os processos de derivação e de composição. O neologismo também pode resultar da importação de uma palavra pertencente a outro sistema lingüístico.

Expostas estas considerações que permeiam o processo de criação de neologismos, Barbosa (op. cit.) aponta quatro formas básicas de formação neológica: o processo de formação de neologismo fonológico, o processo de formação de neologismo semântico, o processo de formação de neologismo sintagmático e o processo de formação de neologismo por empréstimo.

Quanto ao processo de formação de neologismo fonológico, são depreendidas duas formas básicas: a criação fonológica propriamente dita ou específica e a criação fonológica como processo complementar. A primeira forma configura-se como uma seqüência de fonemas inédita, em que o significante mantém uma relação arbitrária com o significado. Nesse caso, tem-se uma criação ex-nihilo cuja constituição não deriva de signos mínimos que pertencem a um certo sistema lingüístico. A criação de tipo ex-nihilo, dentre os vários tipos de processos neológicos, na visão de Barbosa (op. cit.), é o de menor freqüência, pois é muito incomum criar um signo lingüístico que não se apóie em um outro elemento já existente na língua. Raramente, sua ocorrência se dá no discurso coloquial, no religioso e no jurídico, tendo um emprego mais freqüente no discurso publicitário.

Outro tipo de criação fonológica específica é a produção de onomatopéias, em que há uma seqüência inédita de fonemas, mas não tão arbitrária como a anterior devido à tentativa de reproduzir ou interpretar lingüisticamente o som emitido pelo referente; é a chamada onomatopéia denotativa que busca uma descrição mais aproximada possível daquele som, pois “a onomatopéia, como se compreende, nunca é a reprodução exata, fiel, do ruído considerado, mas uma interpretação lingüística, limitada aos recursos do sistema fonético-fonológico e sujeita, via de regra, às suas leis combinatórias”. (BARBOSA, op.cit., p. 180).

Enquanto neologismo, a onomatopéia, além de buscar representar lingüisticamente um som inédito, é passível de sofrer alterações ou adaptações fonéticas que exteriorizam a interpretação pessoal de um som, tratando-se nesse caso, de onomatopéia conotativa.

A diferença que se instaura entre a criação neológica ex-nihilo e a produção de onomatopéias recai na relação arbitrária entre o significante e o significado no tocante ao primeiro caso, e na motivação inerente entre o significante e o significado no que se refere ao segundo caso.

No que concerne à criação fonológica como processo complementar, trata-se de uma criação fonológica resultante de outro neologismo. O neologismo fonológico pode ser desencadeado pela junção de vários elementos que se condensam numa seqüência lexical. É comum ocorrer a supressão, o acréscimo ou transformação de alguns elementos fonológicos no processo de composição e derivação, pois, inicialmente, dá-se a derivação de uma nova palavra para, posteriormente, operar-se a mudança fonológica que consiste na modificação de um significante.

No que se refere ao processo de formação do neologismo semântico, o caráter particular deste tipo de neologia reside na conservação de uma forma significante preexistente no léxico que passa a ser utilizada como base disponível para novos empregos e, conseqüentemente, surgimento de um sentido novo para um mesmo segmento fonológico. Para Barbosa (op. cit., p. 203), “as neologias semânticas aparecem, quando se empregam signos já existentes no código, em combinatórias inesperadas ou inéditas com outros signos do enunciado. O neologismo surge, então, como resultado de uma combinação sêmica”.

Cada vocábulo comporta um conjunto de traços sêmicos que o distingue de outros vocábulos que lhe estejam em relação paradigmática. Portanto, ao passo que toda unidade lexical porta um conjunto constante de semas, paralelamente, há um conjunto de semas associativos que tem seus valores revelados quando a unidade lexical estabelece relações com outras presentes no contexto. É o conjunto desses semas associativos que permite as mais variadas combinatórias do elemento lexical no interior de um contexto enunciativo. Barbosa (op. cit) sustenta que:

O processo de enriquecimento de semas continuará à medida que a lexia for sendo atualizada em outros contextos. Verifica-se que uma mesma lexia que tinha um significado, atualizado em diferentes contextos, adquire paulatinamente novos traços. Chega-se, assim, de maneira quase imperceptível a um neologismo semântico”; (...) (BARBOSA, op. cit., p. 207).

No campo da neologia semântica, os neologismos semânticos resultantes da conversão categorial se despontam como um caso particular. Decorrem da mudança da categoria gramatical de uma palavra, operação esta que ocasiona o surgimento de uma polissemia que conduz a diferentes classes sintáticas de palavras, ao passo que suas formas significante e significado permanecem inalteradas.

Junto ao estudo empreendido por Barbosa (op. cit.) acerca dos tipos de neologismos, destaca-se, também, a contribuição de Leonel (1997) ao exame dos neologismos semânticos. Concebe-se que a neologia semântica deriva do emprego de uma forma significante preexistente numa língua, mas portadora de um conceito inédito, cuja decodificação é possibilitada pela relação desta forma com outras presentes na frase. Postula-se que, nesse caso particular, o significante funciona como uma base que pré-existe como morfema lexical com sua estrutura morfo-fonológica inviolável, constituindo por fim, uma nova unidade significativa. Logo, a neologia semântica encontra-se diretamente relacionada com a organização sintática da frase.

A estrutura da frase despontam-se como relevante no estudo deste caso à medida que o conteúdo significativo das palavras, freqüentemente, é decodificado pelo leitor mediante a relação de seus semas com os traços sêmicos de outras palavras presentes no enunciado. Um caso particular da neologia semântica é aquele decorrente da conversão de regras que acarreta a mudança da classe gramatical de uma palavra.

Considerada como unidade significativa, a análise da nova forma lexical residirá no exame de sua complexa rede de feixes significativos. A neologia semântica passa, então, a ser



definida em função da mobilidade de arranjos combinatórios dos semas constituintes da palavra em análise. Em virtude da constituição de uma palavra por um conjunto de feixes significativos, estabelecem-se os conceitos de monossêmia e polissemia, justificando o primeiro pela estabilidade dos semas e o segundo pela variação.

É praticamente inconcebível classificar uma palavra como monossêmica, visto que todo signo lingüístico se reveste de múltiplos significados para fazer frente às mais diversificadas realidades extralingüísticas. Doravante, a polissemia intrínseca ao signo lingüístico assume fundamental importância nos estudos neológicos.

Ao tipo de formação de palavras por neologismo semântico, acresce-se o processo sintagmático formativo de novas formas lexicais. Trata-se de um princípio que consiste na combinação de palavras distintas e autônomas bem como da junção de elementos mórficos já existentes na língua cuja decorrência é o aparecimento de uma nova palavra. Enquanto o neologismo fonológico ex-nihilo realiza uma junção inédita de fonemas, o neologismo sintagmático é fruto da combinação inédita de vocábulos regida segundo os modelos de estrutura vocabular de uma língua. Parafraseando Guilbert, Barbosa (op. cit.) observa que:

O procedimento de descrição desse tipo de neologismo pode variar, em função da *perspectiva teórica adotada a respeito da unidade lexical*. Se se considera como única unidade operatória o nível elementar do signo mínimo, dever-se-á levar em conta a formação, a começar desses elementos, de combinações lexicais estáveis e autônomas, em virtude de uma combinação lexical específica, oposta à combinação de unidades autônomas na frase. (...). A combinação de signos mínimos, de signos mínimos e vocábulos, ou mesmo de vocábulos, gera uma palavra nova: casuísmo / economês / amizade colorida. (GUILBERT *apud* BARBOSA, op. cit., p. 264, grifo da autora).

Caso a frase seja tomada como ponto de partida para o processo de formação do neologismo sintagmático, este será resultante da redução de um segmento frasal ao estado de

palavra. A neologia sintagmática também se apresenta bastante produtiva por meio da derivação, a qual estabelece um elemento lexical enquanto base, morfema ou palavra e uma combinação de elementos ou pressupõe uma frase enquanto base, a partir da qual é possível derivar uma nova frase ou uma nova palavra.

Outro processo de renovação e enriquecimento lexical advém da criação do neologismo alogenético, que consiste não na criação de um novo signo, mas sim na importação de uma palavra pertencente a outro sistema lingüístico ou a outros vocabulários regionais, profissionais, específicos ou gerais. Nesse caso, torna-se necessário advertir que o empréstimo de palavras se distingue em interno e externo. Entende-se o primeiro como a transição entre vocabulários regionais, entre vocabulários profissionais e outros, enquanto o segundo é concebido como o empréstimo que um sistema lingüístico faz de outro sistema. No que diz respeito ao neologismo alogenético, Barbosa (op. cit.) adverte que:

ao adotar um novo termo, uma região, uma classe social, um grupo profissional, uma comunidade nacional estão adotando, ao mesmo tempo, um novo recorte e o seu correspondente lingüístico. Tem-se, pois, em suma, uma palavra nova na língua, embora não se trate da criação de um signo e sim da *adoção* de uma palavra. (BARBOSA, op. cit. p. 291, grifo da autora).

Após o estágio de adoção da nova forma lexical, esta assume diferentes etapas que lhe conferem certas características conforme sua aceitabilidade, sua assimilação pelo grupo, sua instalação às estruturas da língua que a adotou. Quando da introdução de um recorte cultural e do correspondente lingüístico de um sistema em outro, tem-se o caso de empréstimo. Se este empréstimo não sofrer alterações ao longo de sua inserção e integração ao novo sistema lingüístico, mesmo sendo atualizado com alta freqüência, tem-se um caso de xenismo. A incorporação da palavra estrangeira ao novo sistema lingüístico em sua fase inicial confere-lhe a

denominação de peregrinismo. Finalmente, o termo será digno de definir-se enquanto um verdadeiro empréstimo quando, adotado e integrado a outro sistema, ser disseminado com alta frequência e de forma regular entre os falantes.

Outro teórico que se destaca nas pesquisas relacionadas ao estudo da neologia é o canadense Jean-Claude Boulanger (1990). Segundo esse autor, nos domínios lingüísticos, o fenômeno neológico é concebido como o processo que visa à produção de elementos novos e inéditos no acervo vocabular de uma língua. Se, por um lado, a neologia é encarada enquanto um processo, por outro lado, o resultado final de tal operação é chamado de neologismo, compreendido como unidade lexical de criação recente, como uma nova acepção de uma palavra cuja existência já é atestada num sistema lingüístico ou como uma forma vocabular importada de outro sistema lingüístico.

Na tentativa de estipular uma tipologia geral, Boulanger (1979) estabelece três modelos classificatórios para as formas neológicas. O primeiro modelo corresponderia à *neologia de forma* ou *neologia morfológica*, que consiste na produção de novas unidades lexicais a partir de elementos pertencentes ao sistema morfológico da língua ou ao sistema estrangeiro grego-latino (elementos latino e gregos) e ao atual (inglês, alemão e outros).

Quanto ao de tipo formal ou morfológico, certas categorias merecem algumas ressalvas. No interior desta tipologia, têm-se os termos criados por afixação, decorrentes da junção de um prefixo ou de um sufixo a uma base ou radical. Em contrapartida, o chamado neologismo parassintético resulta da adição simultânea de um prefixo e de um sufixo a uma base. Nas criações vocabulares em que se opera a junção de afixos a bases que preexistem na língua, tem-se o caso de derivação.

Os termos decorrentes da composição derivam da junção de vocábulos individuais preexistentes ou mesmo de criações recentes da língua. Na visão de Boulanger (op. cit.),

a união destes termos constitui uma nova seqüência lexical em que o referente é único. É funcionalmente como uma unidade simples, que exprime uma única realidade, recente ou não, (...). Estes neologismos se apresentam sob a forma de palavras compostas (ex. *convoyeur-espaceur*) ou sob a forma de sintagmas (ex. *détecteur de givre*). O neologismo de composição é monoreferencial. (BOULANGER, op. cit., p. 68).

A recorrência a siglas constitui um tipo de neologia morfológica. A sigla consiste na produção de um novo termo por meio da justaposição das letras iniciais de uma denominação com função descritiva (ex. *habitation à loyer modere – HLM*) ou por meio da contração de um nome extenso (ex. *lysergamide – LSD*). Boulanger (op. cit.) comenta que as siglas são amplamente utilizadas nas línguas de especialidade que encontram, neste recurso, uma maior praticidade devido à concisão de longos sintagmas descritivos nesse processo. Esclarece também que as significações expressas pelas siglas são muito obscuras a ponto de impossibilitar, em alguns casos, sua compreensão.

No âmbito do neologismo formal, ressaltam-se os termos provenientes de modificações ortográficas aplicadas a sintagmas compostos que, após as modificações impostas, continuam funcionando como elementos compostos (exemplo: *électro-nucléaire – életronucléaire*). Constatam-se também as criações ex-nihilo, novas combinações cuja composição não revela nenhuma recorrência a sons e letras já existentes.

Outro caso apontado por Boulanger (op. cit.) refere-se ao enriquecimento de uma língua em virtude do decalque lexical, ou melhor dizendo, da tradução literal, da redução a um só termo designativo de uma denominação sintagmática do gênero ( ex.: *voiture automobile – automobile*), pela truncação (ex.: *rétrosectif – rétro*) ou pela lexicalização de nomes próprios. É importante esclarecer que a truncação é um recurso a favor da economia lingüística.

O segundo tipo de criação lexical é a neologia semântica, também denominada de neologismo de sentido para Boulanger (op. cit.). Esta criação se fundamenta em utilizar uma forma significante já existente no sistema lingüístico conferindo-lhe um significado novo. Conforme este teórico, a aquisição de novos sentidos pode ser operada de diversas formas. Uma possibilidade é a transferência de uma forma lexical da língua geral para uma língua de especialidade, originando os neologismos científicos e/ou técnicos, bem como uma transferência inversa. É também possível a passagem de um termo pertencente a uma língua de especialidade para outra língua de especialidade. Nesse caso particular de criação de palavras, as novas formas lexicais se caracterizam pelo seu caráter polissêmico, causando, na maioria das vezes, problemas na interpretação semântica dos contextos.

Uma segunda possibilidade refere-se à passagem do termo de uma categoria gramatical a outra, destacando o processo neológico decorrente da conversão e da derivação imprópria, em que a substância morfológica não sofre alterações. A transformação gramatical pode resultar da substantivação de um adjetivo, da adjetivação de um substantivo, da substantivação de um verbo ou da adverbialização de um adjetivo.

Uma terceira possibilidade de criação lexical reside na neologia por empréstimo, a qual consiste na transferência de uma forma pertencente a uma língua estrangeira para outra língua. Boulanger (op. cit., p. 95) conclui que “a neologia por empréstimo consiste não na criação de um signo, mas sim, numa adoção”.

O empréstimo implica uma adoção de uma forma significante completa ou de um elemento afixal, dentre os quais, os elementos de origem grega e latina. No caso do empréstimo de formas afixais, este é entendido geralmente como empréstimo de caráter interno.

Quanto ao processo de integração dos empréstimos à língua importadora, há de se considerar alguns critérios. Primeiramente, o empréstimo pode conservar sua forma de origem e,

paulatinamente, sofrer alterações em sua forma gráfica, em sua pronúncia devido à assimilação de traços gráficos, fonéticos e morfológicos da língua importadora. A integração total é estabelecida quando estes traços são totalmente substituídos por outros próprios da nova língua.

Boulangier (op. cit.) estabelece a seguinte distinção para os empréstimos: *empréstimos externos e empréstimos internos*. Os primeiros correspondem à necessidade de introduzir em uma língua uma palavra pertencente a outro sistema lingüístico e, conseqüentemente, a importação da terminologia e da referência designada pela nova palavra. Trata-se de preencher uma lacuna do léxico da língua importadora que, diante de uma nova realidade, não encontra em seu acervo vocabular uma forma que responda lexicalmente à essa nova necessidade de comunicação e expressão.

Em relação aos empréstimos internos, destacam-se aqueles provenientes de variantes regionais ou dialetais características de uma língua e aqueles elementos lexicais transferidos de um vocabulário profissional a outro ou da língua geral a um vocabulário específico.

Em virtude do processo neológico, é possível acrescentar palavras novas ao conjunto de palavras já memorizadas e disponibilizadas aos falantes de um grupo lingüístico qualquer, tendo em vista que tais inovações buscam tentar responder satisfatoriamente às necessidades de caráter extralingüísticas advindas da manifestação de novas realidades sócio-culturais que, até então, despontam no interior de uma comunidade falante sem designação e conceituação lingüística.

Devido aos avanços tecnológicos e científicos que marcam a era contemporânea, o acervo lexical de uma língua precisa estar em constante renovação e evolução para dar conta da demanda de novos referentes que aparecem cotidianamente na vida dos indivíduos. Por isso, Boulangier (1990) sustenta que o léxico de uma língua não é jamais fechado e fixo, comportando em si mesmo, o princípio da evolução. Nesse sentido, a neologia constitui um riquíssimo mecanismo intrínseco à língua, visando preencher certas lacunas lexicais, operando, dessa forma, a mudança

lingüística numa sociedade. Esta constatação confirma o fato de que toda língua é suscetível de mudanças, a ponto de adquirir novos elementos lexicais e, paralelamente, perder elementos já existentes que não condizem mais com a realidade extralingüística.

Entendido que o fenômeno neológico sempre caracterizou a dinâmica da língua, nota-se que, a partir da Revolução Industrial ocorrida no século XVIII, eclodiu-se em nível mundial, uma nova ordem política, econômica, cultural e ideológica. A esta nova realidade, a língua configurou-se deficitária quanto à disposição de elementos lexicais que respondessem a este novo cenário internacional. Logo, este acontecimento histórico, como tantos outros, colocou em evidência que toda mudança social exige uma recíproca mudança lingüística, despontando a neologia como o principal fenômeno desencadeador de tal mudança.

Conforme Boulanger (1990), a aceitação do princípio evolutivo inerente a qualquer língua não é ponto pacífico entre todos, uma vez que existem grupos de resistência que lutam na manutenção e preservação da tradição lexical avessa a qualquer manifestação de alguma novidade que possa afetar a ordem lexical estabelecida. Manter tal tradição constitui um problema, pois sem a criação neológica, é impossível divulgar novos conhecimentos e experiências advindas dos domínios científicos, técnicos e artísticos.

### **3 – O NEOLOGISMO NA COMPOSIÇÃO**

Verificada a ocorrência de neologismos por composição na obra “O Guesa” de Sousândrade, pensamos na pertinência de desenvolver breves considerações teóricas a respeito da composição. Em função disso, recorreremos à tese de doutoramento “O processo de pluralização do composto nominal hifenizado” desenvolvida por Martins (1995). A recorrência a este trabalho se deve ao seu embasamento teórico calcado nos principais estudiosos que trataram do assunto

em questão. Seriam eles: o filólogo Said Ali (op. cit.), e os lingüistas Bloomfield (op. cit.), Lees (op. cit.) e Benveniste (op. cit.).

### 3.1 – As considerações de Said Ali

Sobre a composição, este autor trata, a priori, do conceito de composto nominal, estabelecendo uma distinção entre compostos de sentido literal e compostos metafóricos. A propósito de exemplificação, a palavra *pica-pau* (ave que trabalha com o bico nos troncos das árvores) ilustra o tipo de composição de sentido literal e a forma vocabular *linda-flor* (nome vulgar conferido às plantas do gênero **Coreopsis**) refere-se às formas metafóricas.

Tendo em vista o trabalho com o conceito de composto nominal, Said Ali (op. cit.) diferenciou a palavra composta, particularizada pela unicidade semântica, ao grupo sintático, em que o significado total resulta dos sentidos das formas constituintes das formas vocabulares compostas. A respeito da formação de palavras compostas, o citado filólogo revela a ocorrência de combinações que se encontram num estágio de transição, em vias de se tornarem palavras compostas, uma vez que, o usuário não tendo a sua disposição nomes específicos para designar alguma coisa, ele recorre ao uso da composição.

A forma *saca-rolhas* ilustra bem esta questão. Diante da necessidade de falar sobre um objeto cuja função seja sacar as rolhas de uma garrafa, o falante, primeiramente, cria uma frase para descrever o objeto (objeto que saca rolhas). Logo, por meio de algumas elipses, esta frase é transformada em um composto: **saca-rolhas**. Este procedimento, observado por Said Ali (op. cit.), o leva a tecer algumas considerações sobre os princípios postulados pela Gramática Gerativa Transformacional que viria apresentá-los alguns anos depois. Alguns exemplos visam esclarecer



estes princípios: a) objeto que saca rolhas – *saca-rolhas*; b) instrumento que quebra nozes – *quebra-nozes*; c) ave que beija flor – *beija-flor*.

Observando os exemplos acima, percebe-se que os compostos são derivados dos enunciados, de forma que da construção sintática se origina a unidade composta.

### **3.2 – As considerações de Bloomfield**

Abordando a questão da composição numa perspectiva estruturalista, Bloomfield (op. cit.) chama a atenção para o “*princípio dos constituintes imediatos*”, o que vem possibilitar a distinção de determinadas classes de palavras. Segundo este princípio, as palavras podem ser classificadas em *secundárias* e *primárias*. As primeiras correspondem àquelas que contêm formas independentes (obra-prima, matéria-prima, surdo-mudo), ao passo que as segundas constituem-se de formas presas (de-ter, re-ceber).

Como Said Ali (op. cit.), o lingüista norte-americano também afirma que o processo de formação de palavras compostas se aproxima das construções da sintaxe, concepção esta que antecipa a teoria gerativo-transformacional no que se refere ao composto.

Entendendo que, na maioria das línguas, existe uma certa semelhança entre os principais tipos de palavras compostas, salva alguma variação ou restrição, Bloomfield (op. cit.) estabelece duas linhas de classificação para o composto. A primeira está vinculada à relação entre os componentes e a segunda está centrada na relação entre o composto em sua totalidade com seus componentes. Desse modo, tem-se a classificação dos compostos em: *sintáticos*, *semi-sintáticos* e *assintáticos*.

Os compostos sintáticos são aqueles cujos membros constituintes comungam a mesma relação gramatical das palavras do enunciado sintático (ex.: dedo-duro / dedo duro, copo-de-leite/ copo de leite).

Num estágio intermediário entre os sintáticos e os assintáticos, se situam os compostos semi-sintáticos. Neste caso, existe uma relação paralela à construção sintática correlacionada, porém com a presença de um traço distintivo entre ambos. No tocante a este traço, a identidade e a diferenciação entre o composto e o grupo sintático não são muito seguras. O exemplo a seguir mostra que a diferença se centra somente na posição dos constituintes (ex.: puro-sangue / sangue puro).

Os chamados compostos assintáticos designam aquelas formas em que seus componentes não se combinam em construções sintáticas, sendo encontrados então, somente no interior das combinações em que funcionam como constituintes. O exemplo *pintassilgo* demonstra que o membro *silgo* é um componente único, não encontrado em nenhum outro vocábulo.

A segunda linha de classificação estabelecida por Bloomfield (op. cit.) comporta as construções endocêntricas e as construções exocêntricas. O composto denominado endocêntrico diz respeito à construção que apresenta a mesma classe morfológica do membro constituinte nuclear ou a mesma classe dos dois constituintes. No exemplo *salário-família*, os dois constituintes bem como todo o composto pertencem à classe gramatical dos substantivos. Por outro lado, se a classe gramatical do vocábulo composto não coincidir com a dos componentes, teremos um composto exocêntrico. Em *bem-fazer*, a forma composta é um substantivo, ao passo que “bem” é classificado como um advérbio e “fazer” como um verbo.

### **3.3 – As considerações de Lees**

Nos domínios da Gramática Gerativo-Transformacional, constata-se o pioneirismo empreendido por Robert B. Lees (op. cit) quanto à descrição dos compostos resultantes de enunciados lingüísticos. Dentro desta perspectiva, Lees (op. cit.) busca descrever os compostos analisando as relações sintáticas inerentes às estruturas subjacentes.

No caso do composto *drawbridge*, o estudioso acima mencionado atesta que esta forma é resultado da transformação do enunciado “bridge for someone to draw”. Conforme este postulado, depreende-se uma relação sintática que se instaura entre os componentes *draws* e *bridge*, de forma que, na estrutura subjacente, o primeiro funciona como verbo e o segundo como objeto direto. Dessa forma, visando realizar um estudo descritivo dos compostos com base na sintaxe, Lees se atém por completo às questões sintáticas subjacentes às estruturas compostas.

### **3.4 – As considerações de Benveniste**

Benveniste enfoca a integração do processo composicional na prática descritiva e na classe de palavras, destacando a necessidade de situar a composição nominal no campo da morfologia. Logo, o exame dos componentes da forma composta, sua flexão e tipologia devem ser enquadrados nos domínios morfológicos.

Porém, há casos em que a morfologia não se mostra totalmente suficiente para esclarecer certas questões sobre função, necessidade e fonte dos compostos, pois tal exame não se limita ao estudo das formas vocabulares. Benveniste (op. cit.) concebe os compostos como organizações sintáticas, o que deixa transparecer o postulado de que o estudo da composição sustentado pelas premissas da morfologia não pode ser dissociado das premissas da sintaxe.

Constata-se uma certa carência do processo de formação de palavras por composição na România. Em contrapartida, em outras línguas derivadas do latim, as chamadas línguas neolatinas, este processo se apresenta bastante produtivo. A indagação a ser feita reside no fato de que, ao passo que as línguas românicas, também oriundas do latim, apresentam um processo composicional improdutivo, as línguas neolatinas desvendam uma realidade oposta. Este fato seria de difícil explicação se sua análise se restringisse somente à morfologia. Por outro lado, havendo consenso de que a composição é fruto de construções sintáticas, esta análise não seria tão incoerente.

Quando a oração é transformada em composto, a predicação é suspensa e o novo enunciado passa a ser cristalizado de forma virtual. Uma vez virtualizado, o composto deixa implícito traços sintáticos e semânticos, que contribuirão para a recuperação da oração hipotética. Destarte, evidencia-se que a fonte dos compostos é de natureza sintático-semântica, sua análise cabe à morfossintaxe e à semântica.

Na tentativa de melhor compreender a organização da macroestrutura do dicionário e do glossário, serão abordadas, no capítulo seguinte, algumas considerações teóricas a este respeito.

## **CAPÍTULO IV**

### **O DICIONÁRIO: ASPECTOS LEXICOGRÁFICOS**

#### **1 – INTRODUÇÃO**

Este capítulo destinar-se-á a expor algumas considerações teóricas a respeito dos aspectos lexicográficos próprios do dicionário, bem como da organização do glossário. Os pressupostos teóricos que nortearão tais considerações residem nas pesquisas empreendidas por Dubois (1971), Haensch (1982), Biderman (2001), Borba (2003), Moraes (1813), Aulete (1881) e Barbosa (1995).

#### **1.1 - O DICIONÁRIO E SUAS FINALIDADES**

Entende-se o dicionário como o registro e descrição sistemática do acervo lexical de dada comunidade lingüística. Por meio deste registro e descrição, ele assume a importante função de testemunhar os usos lingüísticos característicos de um grupo de usuários.

Baseando-nos estudos lexicográficos empreendidos por Dubois (op. cit.), os dicionários são concebidos pelo autor em questão como “objetos manufaturados na produção importante nas sociedades desenvolvidas de acordo com as exigências de informações e de comunicação”.

Conclui-se da afirmação acima, que os dicionários assumem a postura de objetos de caráter pedagógico, uma vez que buscam, além de facilitar a comunicação entre os falantes de uma língua, veicular aos seus consulentes um apurado conhecimento e descrição sistematizada acerca de um sistema lingüístico, no que concerne ao seu nível lexical.

Entendido como objeto pedagógico que visa facilitar a comunicação lingüística entre os indivíduos, o dicionário se dirige a diversos fins, como traduzir as mensagens veiculadas em língua estrangeira, caso muito recorrente nos últimos anos devido aos intensos contatos culturais e comerciais entre os povos. Este é o caso específico dos dicionários bilíngües ou polilíngües. O dicionário também pode se configurar como material que auxilie no entendimento do léxico de domínios técnicos ou de diferentes culturas e grupos sociais. Sua terceira finalidade também consiste em uma tentativa de normalização dos meios de expressão nos níveis semânticos, sintáticos, morfológicos ou fonéticos de um sistema lingüístico.

A importância social assumida pelos dicionários é atestada quando aceita a idéia de que qualquer obra lexicográfica confirma a existência de uma língua nacional usada por uma sociedade, uma vez que o registro lexical processado pela obra lexicográfica confirma a representação de uma classe social e culturalmente privilegiada. “Os dicionários, sinais de uma cultura avançada, são os objetos culturalmente integrados: eles completam uma civilização”. (DUBOIS, op. cit.).

O valor conferido aos dicionários unilíngües o eleva a um livro de excelência que passa a ser entendido como depositário da língua comum que funciona como ponto de referência do conhecimento e do saber lingüístico compartilhados por uma mesma comunidade lingüística. Passa a ser encarada como uma obra pela qual os membros integrantes de uma comunidade se entendem e se encontram lingüisticamente.

Na concepção de Dubois (op. cit.), possuir um dicionário significa usufruir de um elevado nível sócio-cultural, uma vez constatado o alto nível de aprendizagem que se possa obter do manuseio deste tipo de obra.

Verificado o caráter pedagógico inerente ao dicionário, é digno de considerar também sua natureza literária em virtude do registro das estruturas lingüísticas dominantes tidas como ideais

numa certa época e, ao mesmo tempo, da propagação e manutenção da tradição lexicográfica e ideológica predominante num dado momento histórico. Dessa forma, constatado o papel dos dicionários como precursores da cultura e da tradição lingüística de um povo, convém pensá-los como uma obra veiculadora de um discurso ideológico.

## **1.2 - O DICIONÁRIO E A LEXICOGRAFIA**

Funcionando como amostras da análise de uma língua e, conseqüentemente, de uma cultura, os dicionários, além da recorrência as mais diversas fontes, se baseiam em textos científicos.

Todo dicionário é concebido como um produto resultante da *práxis* lexicográfica e lexicológica. Para Dubois (op. cit.), a Lexicografia, que consiste na confecção de dicionários, configura-se como uma atividade ligada à produção de objetos manufaturados definidos segundo o fim, ao uso a que se destinam, conforme as regras que regem sua produção, pelas condições comerciais etc. Por fim, a Lexicografia se conceitua como um processo que engendra a produção de dicionários.

A redação de um dicionário implica seguir um programa que se define como um projeto de instruções apresentado aos redatores empenhados na fabricação da obra lexicográfica. A primeira etapa corresponde à determinação do nível sócio-cultural da comunidade lingüística a que a obra será destinada, para posteriormente, com base nesse dado, estabelecer o vocabulário a ser descrito. Uma série de outras questões deve constituir preocupação constante da equipe responsável pela confecção do dicionário. É preciso colocar em pauta que informações serão disponibilizadas aos usuários, como serão os modelos dos verbetes, no caso de ilustrações, como organizá-las, revisão das datas e da duração da publicação. Para Borba (2003), a elaboração de

um dicionário requer um trabalho científico realizado com muita precisão, tendo que respeitar os mínimos detalhes do projeto da obra e do que foi estabelecido.

A produção da obra lexicográfica desenvolve-se mediante um rigoroso plano que consiste, primeiramente, na redação dos textos por especialistas embasados nas teorias lingüísticas e lexicográficas; revisão da redação por diferentes especialistas pertencentes a diversas disciplinas do conhecimento humano; verificação dos dados ortográficos e das transcrições; estabelecimento da tipografia; esboço da paginação e outras várias questões técnicas.

No caso referente àquelas que possuem ilustração, trata-se de um aspecto integrante da obra que não funciona como simples detalhe estético. A recorrência a ilustrações cumpre as funções de preencher, de forma mais completa, alguma lacuna da definição apresentada no texto, de complementar o texto definitório por meio do aspecto visual ou reagrupar os elementos dispersos na obra.

### **1.3 - O DICIONÁRIO E O LÉXICO**

Quanto ao léxico a ser descrito, Dubois (op. cit.) afirma que o léxico é o nível lingüístico que compreende a totalidade de palavras encontradas na imprensa contemporânea, nas obras de escritores contemporâneos, nas obras poéticas mais recentes, nos vocabulários técnicos originados das línguas de especialidade. A análise do léxico de uma dada comunidade lingüística revela uma gama extensa de termos técnicos e científicos, levando-nos a concluir que este dado lingüístico indica a caracterização de nossa sociedade pelo acelerado avanço das ciências na atualidade. Além de termos técnicos e científicos, o estudo lexical acusa também a



adoção de termos advindos das línguas estrangeiras por meio das relações internacionais assumidas pelos países de todo o mundo.

A disposição das entradas ao longo do corpo do dicionário constitui um problema técnico constatado ao longo da prática lexicográfica. À luz dos trabalhos empreendidos pela Lingüística, o léxico pode compreender um número muito grande de unidades unidas por um traço ou vários traços semânticos. O consenso estabelece que esses traços intermediários sejam todos integrados à entrada do termo.

A diferença entre os chamados homônimos absolutos se dá pelo conteúdo semântico, evidenciando assim, sua etimologia. Dessa forma, a diferença dos homônimos baseada na oposição semântica tem como suporte uma etimologia diferente.

Cada entrada do dicionário deve compreender a significação da pronúncia da palavra, elaborada conforme a natureza do alfabeto fonético, seguida da informação da categoria léxica gramatical que, por si só, é suficiente para a diferenciação léxica. Informada a categoria gramatical da palavra, o terceiro passo consiste na apresentação de dados históricos que evidenciam a etimologia do vocábulo, visando uma investigação de sua primeira aparição.

Em relação ao registro do uso da palavra elencada na macroestrutura do dicionário, o mais aconselhável é que a palavra seja apresentada contextualizada numa frase, pois assim, sua definição é estabelecida mediante uma seqüência sintática e conforme a distribuição da palavra na frase. Para Dubois (op. cit.), a análise distribucional não é instaurada somente através de exemplos que possam aparecer na definição, com o objetivo de explicar o emprego das palavras. É necessário um esforço no sentido de elaborar uma definição clara, precisa, sucinta e completa de forma a oferecer aos usuários as particularidades dominantes próprias da significação de uma forma lexical.

Outro aspecto integrante do verbete a ser contemplado é a indicação das relações léxicas da palavra, enfatizando, a partir desse processo, os sinônimos e os correspondentes semânticos de uma palavra e os antônimos. O resultado é uma lista muito extensa em que consta a análise descritiva das associações semânticas.

#### **1.4 - A DEFINIÇÃO NO DICIONÁRIO**

No que se refere à definição, esta se constitui de uma seqüência de paráfrases sinonímicas da palavra - entrada passando a ter um sentido ou, conforme a terminologia lexicográfica, uma acepção. Estas paráfrases semânticas podem ser complementadas também com termos sinônimos de uma palavra ou com termos cuja significação revele traços semânticos opostos (antônimos), isto é, sinônimos negativos. Os vários sentidos se sucedem de acordo com a relação estabelecida, seja lógica, frequencial ou histórica, como também podem ser dispostos entre as paráfrases sinonímicas de forma que os sentidos se sucedem um após outro, não descartando, também, a possibilidade de os sentidos serem derivados de outros, seja por extensão, restrição, analogia.

A definição de uma palavra deve levar em conta as necessidades práticas do consulente, visando facilitar-lhe a consulta ao repertório léxico constante em um dicionário. Para tanto, a organização dos sentidos deve ser operada conforme dois aspectos metodológicos. De um lado, deve-se constar a concepção descritiva, evidenciando a descrição do uso das significações, sua freqüência e extensão de seu emprego. Por outro lado, ocorre a explicação propriamente dita do vocábulo que se apóia nas linhas de derivação lógica instaurada entre as diversas acepções e que são inseparáveis do desenvolvimento histórico do vocabulário.

A elaboração das diversas acepções arroladas para uma palavra responde ao estabelecimento de certos critérios. As definições técnicas classificam-se pela ordem alfabética dos termos, apresentando, além do sentido técnico, o sentido da língua comum.

## **1.5 - O VOCABULÁRIO A SER DESCRITO**

Diante da necessidade de definir que vocabulário será descrito, o lexicógrafo constata a dificuldade de definir a quantidade de palavras a ser registrada e que extensão do léxico sofrerá o recorte para a descrição na obra lexicográfica.

Todo dicionário é utilizado para os mais diversos fins, dentre os quais, ressaltam aqueles que consistem na apresentação da grafia correta das palavras, do significado, dos possíveis usos de uma palavra ou de uma locução, como é o caso dos dicionários monolíngues, e aqueles destinados a conhecer os equivalentes semânticos de uma língua estrangeira, como é o caso dos dicionários bilíngües. Muitas vezes, durante o manuseio de um dicionário, os usuários não se dão conta do tamanho esforço e trabalho empenhado pelos lexicógrafos no processo de produção de um dicionário.

## **1.6 - A LEXICOGRAFIA E OUTRAS ATIVIDADES HUMANAS**

Mencionando as dificuldades que subjazem o trabalho lexicográfico, Haensch (op. cit.) sustenta que este tipo de trabalho limita-se não só a registrar palavras e seus respectivos significados, mas sim, tomar conhecimento do sistema político, econômico e sócio-cultural que se configura como contexto da comunidade lingüística a que é servido o produto lexicográfico. Isto significa que, além de seu engajamento com questões lingüísticas, o lexicógrafo deve se

envolver com uma série de particularidades extralingüísticas, exigindo dele pesquisas relacionadas às mais diversificadas áreas do conhecimento humano, o que lhe confere a característica de um autodidata.

Apesar de a Lexicografia apresentar algumas limitações em certos aspectos, ela se desponta como uma atividade lingüística de grande utilidade para a coletividade humana e de extrema consonância com a vida do homem nas suas mais diversificadas manifestações.

Na concepção de Haensch e Wolf (op. cit.), a Lexicografia, atividade lingüística destinada à produção de dicionários, deve manter com a Lingüística um estreito contato. Se, por um lado, a Lexicografia deve estar atualizada com os resultados da ciência lingüística, por outro lado, a ciência da linguagem e, principalmente, a Lexicologia devem dedicar-se mais aos trabalhos lexicográficos, tanto na área monolíngue quanto na plurilíngüe.

A necessidade desta estreita ligação entre a atividade lexicográfica e a ciência lingüística se justifica pelo simples fato da necessidade de oferecer ao usuário uma definição e explicação adequada de um significado, uma análise dos traços formais de uma unidade léxica, bem como seu conteúdo e seu uso, ou seja, oferecer aos consulentes uma análise e descrição do léxico de uma língua com maior rigor científico possível, evitando certas incoerências e lacunas teóricas em torno da descrição lexical disponível a uma comunidade lingüística.

## **1.7 – A ELABORAÇÃO DO DICIONÁRIO**

A elaboração de dicionários implica uma série de problemas técnicos que exigem do pesquisador o maior rigor científico possível para disponibilizar a uma comunidade de falantes uma obra que melhor descreva e expresse o acervo lingüístico desta comunidade.

Considerando a questão da macroestrutura do dicionário, Haensch (op. cit.) salienta que a primeira providência do lexicógrafo consiste em refletir como se estabelecerá a seleção das entradas, a que finalidades e a que grupos de usuários sua obra se destinará, além de pensar a extensão dos dicionários.

Nesse sentido, quatro critérios regem a seleção das entradas de um dicionário, sendo considerados aqueles de ordem externa – sua finalidade, o grupo de usuários e sua extensão - e aquele de ordem interna, correspondente ao procedimento de seleção das formas lexicais conforme princípios lingüísticos. Segundo Haensch (op. cit., p. 396), “para que os dicionários possam verdadeiramente cumprir sua missão, terá que ter em conta estes critérios com o maior rigor possível”.

No ensejo de confeccionar um dicionário, é preciso ter sua finalidade solidamente definida para que o registro e descrição das unidades léxicas estejam compatíveis com o fim proposto, evitando assim, a incorporação e descrição de unidades que nenhuma utilidade terá para o consulente.

Quanto ao grupo de usuários, trata-se de um critério que precisa estar previamente bem fundamentado a fim de ter bem clara a distinção do dicionário quanto ao seu aspecto lingüístico e enciclopédico. Em nível de exemplificação, para um glossário multilíngue destinado ao uso de especialistas, não parece muito coerente oferecer definições sobre as palavras. Em contrapartida, no dicionário geral monolíngue, o usuário busca uma descrição mais minuciosa da unidade léxica, visando conhecer sua definição e seus mais variados e possíveis usos. Ampliando a exemplificação, a fim de mostrar o quanto a preocupação do pesquisador com o grupo de usuários determina a natureza de seu produto final, em um dicionário escolar, é preciso conferir relevância às necessidades específicas dos alunos. Neste caso, as definições devem ser mais claras, deve constar um vocabulário básico de forma a evitar excesso de termos técnico-

científicos, palavras vulgares, ao passo que as definições devem oferecer o máximo de indicações gramaticais.

Concebendo Haensch (op. cit., p. 397), “a obrigação de ter em conta as necessidades específicas de um determinado grupo de usuários tem atraído como consequência uma maior especialização dos dicionários monolíngues nos últimos anos (...)”.

A seleção de entradas é, também, acentuadamente determinada pela extensão dos dicionários, aspecto este determinado pela função da obra lexicográfica e pelo público a que é destinado. As entradas selecionadas devem constituir um conjunto harmonioso e equilibrado em si mesmo, tendo em vista o espaço disponível.

Expostos acima os três critérios de caráter externo, Haensch (op. cit.) atenta-se a alguns princípios lingüísticos que regem a seleção das unidades léxicas. Um destes princípios refere-se à frequência de uso que pode ser verificada mediante a análise estatística de uma base textual que indicará que palavras são usadas com uma frequência suficiente que permite incluí-la na macroestrutura de um dicionário. No caso de vocábulos com baixo índice de frequência constatado na base de textos, o lexicógrafo fica em dúvida quanto à sua incorporação ou não no dicionário, levando os autores a dispor de outros critérios para tal inclusão. Na concepção de Haensch (op. cit., p. 402), “muitos autores que se tem ocupado do problema da frequência reconhecem que a frequência estabelecida de acordo com um *corpus* tem seus pontos fracos, já que está determinada pela temática do corpus utilizado”.

Verificada a fragilidade deste critério, o método de repartição das unidades léxicas nos diferentes textos analisados e o critério da disponibilidade constituem outros recursos disponíveis para que o estudioso possa embasar seu trabalho em sólidos critérios científicos. O método da disponibilidade implica recorrer à seleção convencional de um determinado montante de palavras

representativas do discurso de um grupo de falantes, possibilitando desse modo, verificar quais unidades léxicas se encontram disponíveis aos integrantes de uma comunidade lingüística.

Em consonância com Haensch (op. cit.), estudos já realizados comprovam que, em muitos casos, o vocabulário à disposição dos falantes nem sempre coincide com o vocabulário de maior freqüência, quando baseado num *corpus*, e vocábulos usados diariamente dificilmente constam em vocabulários básicos já publicados. Logo, depreende-se que o critério baseado na freqüência de uso estabelecida mediante a análise de um corpus necessita de um olhar mais crítico por parte do pesquisador.

## **1.8 - FASES DE ELABORAÇÃO DO DICIONÁRIO**

A elaboração de um dicionário ou glossário obedece a cinco fases, segundo Haensch (op. cit.): coleta de materiais advindos das mais diversas fontes, geralmente em forma de fichas e, na atualidade, por meio da ajuda do computador; revisão dos materiais coletados; seleção definitiva das entradas; redação do texto do dicionário e impressão ou reprodução por meio de outras medidas técnicas.

O mais adequado é que o trabalho lexicográfico seja construído por uma ampla equipe de lexicógrafos. No caso de o dicionário ficar sob a responsabilidade de um único autor, este deve solicitar, junto a outros pesquisadores, constantes consultas a fim de reunir o maior número de informações possível para melhor desenvolver seu trabalho. Vale lembrar que, além do comprometimento do lexicógrafo com as premissas lingüísticas, ele deve embasar seus estudos nas mais diferenciadas ciências devido à íntima relação da ciência lexicográfica com os outros domínios científicos.

Na visão de Haensch (op. cit.), as fontes escritas mediante as quais a equipe de lexicógrafos fundamentará seu trabalho podem ser de caráter secundário com descrições metalingüísticas, como o caso das definições ou podem ser em forma de textos originais. Quanto às fontes orais, têm-se variados recursos, como gravações, produções radiofônicas, televisivas, etc. As fontes escritas secundárias correspondem aos dicionários monolíngues e bilíngües, vocabulários sistemáticos, atlas lingüísticos, monografias sobre dialetos, socioletos, glossários, dentre outros. No conjunto destas fontes secundárias, os vocabulários básicos assumem importância particular, uma vez que representam o vocabulário fundamental de uma língua.

Na coleta de materiais procedentes de fontes secundárias, convém registrar a fonte da qual a forma lexical foi extraída, utilizando listas de abreviaturas para aquelas obras cuja citação é freqüente. As descrições metalingüísticas características das fontes secundárias são representadas por notas ao final da página ou explicações ao longo do texto.

Ao passo que as fontes secundárias constituem um recurso de coleta de material lingüístico para a elaboração de dicionários, Haensch (op. cit., p. 437) “afirma que os verdadeiros progressos da Lexicografia se devem ao aproveitamento de fontes primárias, ou seja, de textos em sentido mais amplo, onde a unidade léxica aparece, geralmente, em um contexto”. Portanto, um trabalho dessa índole exige do lexicógrafo não somente apurados conhecimentos advindos da Lingüística Moderna e da Lexicografia, como também um bom domínio da língua estudada e de várias outras línguas.

Conforme Haensch (op. cit.), as fontes do lexicógrafo visam não se restringir somente a obras literárias, incluindo assim, todo e qualquer tipo de texto que registre a língua em uso, compreendendo desde catálogos telefônicos até obras clássicas da literatura. Isto quer dizer que, buscando elaborar uma obra lexicográfica que tente abarcar o maior acervo lexical possível de



uma língua, o lexicógrafo necessita de materiais que descrevam o léxico nas suas mais diversificadas manifestações lingüísticas.

O trabalho com fontes escritas predominou durante muito tempo na prática lexicográfica, de modo que, por meio desta tradição, foi verificado que unidades léxicas com elevado índice de frequência registradas em muitos dicionários gerais aparecem de forma muito desigual em textos escritos, desencadeando uma série de questionamentos em torno de sua incorporação ao dicionário. Diante deste problema, Haensch (op. cit.) aponta o recurso ao reconhecimento e coleta de formas vocabulares da língua falada como uma segunda possibilidade de fonte para o trabalho lexicográfico.

## **1.9 – O DICIONÁRIO E SUA ESTRUTURA**

No que se refere à estruturação dos dicionários, a equipe de lexicógrafos deve conceder especial atenção à organização da macroestrutura de sua obra. Para Haensch (op. cit.), o elemento de maior importância da macroestrutura de um dicionário é a ordem das formas lexicais que podem ser elencadas por ordem alfabética, por ordem alfabética inversa, por famílias de palavras ou conforme um sistema conceptual.

A ordem alfabética se configura nos dicionários gerais como o modo predominante de ordenação, sendo este princípio, na maioria das vezes, combinado com outros modos de agrupamento das palavras, como é o caso das famílias de palavras dispostas em ordem alfabética de modo que a disposição das palavras-chave obedece a uma sistematização alfabética. Esta forma de agrupamento é bastante útil e amplamente recomendada aos dicionários etimológicos, uma vez que aparecem em um só verbete todas as formas vocabulares que estejam relacionadas

com o mesmo étimo. Quanto aos demais tipos de dicionários, a preferência reside na ordem alfabética de palavras devido à necessidade diária de localizar uma palavra com maior rapidez.

Os dicionários organizados conforme a ordem alfabética inversa destinam-se aos estudos filológicos e lingüísticos, não sendo, portanto, obras para consultas práticas. Como sua elaboração requer trabalho mecânico, a maioria deles requer a intervenção do computador.

O dicionário se compõe de uma introdução que compreende uma nota introdutória em que sejam expostas as finalidades do dicionário, o grupo a que é destinado, as fontes utilizadas, etc. Segundo Haensch (op. cit.), a introdução tem que ser muito completa e clara para dar o máximo de informações, obrigando o consulente a ler atentamente a parte introdutória para obter o maior proveito durante sua consulta. As explicações e instruções sobre o uso da obra dicionarística são apresentadas na introdução propriamente dita que expõe a estrutura das entradas e todos os símbolos e abreviaturas utilizadas para a explicação e caracterização dos vocábulos registrados.

Outra parte constituinte é o corpo do dicionário em que constam as unidades léxicas registradas, sendo esta também chamada de inventário ou repertório. A esta parte, é possível acrescentar um ou vários anexos, principalmente nos glossários bilíngües de nomes geográficos e em glossários de abreviaturas.

Cientes da necessidade da consonância da prática lexicográfica com os estudos lingüísticos, a primeira precisa estar constantemente se atualizando teoricamente com os resultados advindos das investigações da ciência lingüística. Sobre este estreito relacionamento, Biderman (2004, p. 185) argumenta que “um dicionário precisa ser fundamentado em uma *teoria lexical* levando em consideração as premissas básicas da Lexicologia”.

Esta colocação resulta da problemática quanto à definição do conceito de unidade léxica, uma vez que não constitui tarefa fácil estabelecer fronteiras nítidas entre estas unidades lexicais

no interior de um contexto discursivo. A esta questão, acrescenta-se a problemática de escolha da palavra que possa encabeçar a entrada do verbete. A importância concedida à conceituação do que vem a ser uma unidade léxica sugere, portanto, que a organização da macroestrutura do dicionário e o estabelecimento de critérios para a seleção das entradas estão totalmente vinculadas a este conceito.

A necessidade de uma boa formação teórica em Lingüística, por parte do lexicógrafo, é confirmada quando verificada que, nos contextos discursivos, as fronteiras entre uma unidade lexical complexa e um sintagma discursivo livre não são muito claras e que o conceito de unidade lexical pressupõe algumas lacunas teóricas que podem desencadear problemas de aplicação prática quanto ao seu reconhecimento e tratamento ortográfico e lexicográfico.

Embora a conceituação de uma forma lexical deva estar exigindo do pesquisador atenção e preocupação constantes, outro aspecto também merece ser destacado. Trata-se da nomenclatura do dicionário, pois, *a priori*, sua elaboração implica uma reflexão a respeito da extensão de sua nomenclatura e/ou macroestrutura, que é definida mediante o conhecimento do público a que o dicionário se destina. Retomando Biderman (op. cit.),

os lexicólogos e lexicógrafos sabem que uma macroestrutura de 50.000 verbetes é mais do que suficiente para o grande público, já que ela contém um número de palavras enormemente superior às reais necessidades vocabulares do homem médio, mesmo o culto. (BIDERMAN, op. cit., p. 134).

Estabelecido que o conhecimento do público a que é destinado o dicionário constitui uma das primeiras premissas para estabelecer a macroestrutura de um dicionário, a seleção das palavras pertencentes ao acervo lexical de uma língua requer uma seleção criteriosa e científica. A alternativa mais razoável para a seleção de palavras seria a recorrência a uma grande base

textual, um amplo *corpus* de dados lingüísticos coletados em discursos realizados tanto em sua modalidade escrita quanto oral. “Esse *corpus* deve conter, no mínimo, 10 milhões de ocorrências de todas as modalidades de discurso e/ou texto para garantir a representatividade do acervo lexical da língua, bem como de seu uso”. (BIDERMAN, op. cit., p. 135).

Convém selecionar somente as unidades lexicais consagradas como uso comum e vulgar na língua, unidades amplamente divulgadas pelos meios de comunicação mais populares. Essa ressalva deve-se ao montante de termos técnicos e científicos advindos dos domínios científicos e tecnológicos que, selecionados para serem incorporados à macroestrutura do dicionário, acarretam um excesso de carga de vocábulos de escasso uso na língua geral.

Outro problema colocado por Biderman (op. cit.) refere-se à questão dos regionalismos, uma vez constatado que os dicionários não sustentam uma conceituação precisa e coerente sobre tais termos. Para tal conceituação, necessário se faz considerar que ponto de referência é tomado para definir algum termo como regional e se o vocábulo é de caráter regional em relação a um dialeto padrão, é preciso estabelecer que dialeto é este.

Além dos termos regionais, a questão dos arcaísmos constitui outra problemática quanto à sua definição. Apesar de considerados como termos em desuso ou em estado obsoleto, é possível que os arcaísmos possam ser retomados, principalmente, em duas situações específicas, como em textos históricos ou em produções literárias quando retomados para fins estilísticos. Acerca da recuperação de termos a deriva do desuso e da obsolência, Biderman (op. cit., p. 137) sustenta que “todas essas palavras testemunham realidades do passado, embora eventualmente algumas dentre elas possam continuar a ser usadas hoje, porém, com valor semântico diferente”.

Considerando a integração de um arcaísmo ao léxico de uma língua, a autora supracitada declara que:

esse tipo de vestígio verbal arcaico indica claramente como o léxico constitui o repositório dos conhecimentos humanos através das idades. E testemunha também como o acervo lexical de uma língua de civilização com antiga tradição escrita pode ser identificado como um tesouro abstrato e imaterial, lugar da memória das culturas humanas. (BIDERMAN, op. cit., p. 137).

Outra questão a ser verificada pelos lexicógrafos com muito rigor é a documentação dos significados e usos lingüísticos. O registro e descrição das entradas dos dicionários devem prezar as abonações coletadas em fontes lingüísticas cuja autenticidade confirme que a palavra-entrada foi produzida em discursos realmente produzidos.

Empenhado em compreender melhor a organização de um dicionário de língua, Borba (op. cit.) é outro autor em que nos basearemos para aprofundarmos nossas discussões acerca da organização da macroestrutura dicionarística.

Organizar um dicionário exige, em primeiro lugar, mostrar o funcionamento efetivo dos diversos níveis da língua delimitada num certo estágio histórico. A esta etapa, segue-se o selecionamento e a organização dos elementos que vão integrar seu verbete. Vale lembrar que esta seleção subordina-se aos fins específicos da obra lexicográfica. Um dicionário cuja tentativa seja registrar o uso de uma língua em sua totalidade, seria necessário fornecer informações sobre todos os setores da estrutura lingüística. No campo referente à fonética, seriam imprescindíveis as transcrições, informações minuciosas sobre prosódia e a ortografia. Nos domínios morfológicos, destacar-se-iam o sistema flexional com informações plurais e femininos irregulares, conjugação de verbos irregulares e defectivos etc. As informações sintáticas, semânticas e pragmáticas também ocupariam lugar de destaque na descrição a ser feita.

Uma vez definidos os níveis de informação a serem contemplados no dicionário, o próximo passo consiste em refletir a hierarquia desses níveis. A prática vigente é partir,

primeiramente, para uma definição taxionômica, que consiste em registrar a classe a que pertence a palavra-entrada, para posteriormente, verificar a informação sintática, a semântica e a pragmática. Quanto à informação semântica, esta se concentra na definição elaborada sob a forma de conceituação, explicação ou descrição, talvez seguida de equivalentes léxicos. Na definição, conceituação ou explicação, são usados termos que visam conservar os traços básicos da coisa a ser descrita.

No que concerne às definições, Borba (op. cit., p. 313) mostra que “as definições num dicionário de língua parecem mais enxutas porque ele se preocupa mais com a identificação das palavras, de sua significação, de seus traços semânticos constitutivos, e não das coisas que elas representam. Por isso, descartam-se as definições enciclopédicas, a menos que sejam necessárias para se apreender a significação”.

A estruturação de todos os verbetes é guiada por algumas particularidades, de tal forma que seu grau de complexidade depende de sua combinatória contextual. Borba (op. cit.) cita que o mais simples tipo de verbete consiste em três níveis de informação que postulam a classe a que a palavra pertence, a definição ou equivalência sinonímica e a abonação. Em nível de exemplificação, o autor cita a locução *ama-de-leite*: *Nf* mulher que amamenta criança alheia; *babá*: Caetana foi minha ama-de-leite (VES).

Considerando a proposta deste trabalho de dissertação, que visa um estudo descritivo dos neologismos empregados na poesia de Sousândrade em forma de um glossário, o tipo de estruturação do verbete acima exemplificado parece-nos o mais apropriado conforme o objetivo de nossa pesquisa.

A este tipo de estruturação, soma-se a possibilidade de mais dois níveis. Trata-se da adjunção de expressões ou frases feitas e observações sobre usos especiais. A variedade e complexidade dos verbetes vão se tornando cada vez mais ampla conforme a ampliação de cada

um desses níveis. Isto quer dizer que uma palavra pode ser usada em mais de uma classe, mais de uma subclasse ou mais de um registro.

Nesse caso, por mais que a estrutura do verbete caracteriza-se por um certo grau de complexidade, sua organização segue uma sistematização uniforme devido ao fato de sua descrição estar sempre embasada numa teoria gramatical. Expostas tais considerações em torno da organização macroestrutural do dicionário, esboçaremos adiante breves explicações do que vem a ser um glossário.

## **2 - O GLOSSÁRIO**

Buscando fontes bibliográficas especializadas no assunto “glossário”, nota-se uma acentuada escassez de obras dedicadas exclusivamente a este assunto, uma vez que a maioria das obras consultadas destina-se a uma discussão bastante generalizada acerca do tópico dicionário.

Em virtude dessa escassez de material bibliográfico, retomaremos estudos empreendidos por Barbosa (1995) e algumas definições lexicográficas propostas por Moraes (1813), Aulete (1881) e Figueiredo (1925). Embasados teoricamente nas contribuições de tais estudiosos, tentaremos, posteriormente, esboçarmos uma breve conceituação do que vem a ser um glossário.

Apropriando-nos da definição lexicográfica elaborada por Moraes (op. cit., p. 89), glossário é encarado como “s.m. Vocabulario, Diccionario.” Na concepção de Figueiredo (op. cit., p. 963), trata-se de “m. Livro *ou* vocabulário, em que se explicam palavras obscuras. Diccionario tecnico. (Lat. *glossarium*).”

Num trabalho que examina questões relacionadas à caracterização da tipologia de dicionários e às relações estabelecidas entre os diversos tipos de obras lexicográficas, Barbosa (op. cit.) atenta-se a esclarecer as oposições entre dicionário, vocabulário e glossário. Para tanto,

a citada autora apela para a necessidade de considerar o nível lingüístico do *corpus* analisado para o estudo da diferenciação entre dicionário, vocabulário e glossário.

Se se baseia na língua, teremos dicionários e léxicos, mas se o *corpus* delimita-se à fala, resultarão vocabulários e glossários (...) Léxico e dicionário por um lado, e vocabulário e glossário por outro, podem definir-se também se considerada a delimitação do *corpus* definido para a análise. O vocabulário e o glossário estão limitados pelas peculiaridades da fala. Finalmente, podemos diferenciar o termos atendendo se a análise do *corpus* tem sido exaustivo ou não, e se tem selecionado as ocorrências atendendo a algum critério específico. Por outro lado, léxicos e dicionários são obras de codificação e vocabulários e glossários de decodificação.(DOMINGUES *apud* BARBOSA, op. cit., p. 19).

Entendendo que tanto o glossário quanto o vocabulário limitam-se às particularidades da fala, depreende-se que ambos visam analisar um *corpus* delimitado em um ato de fala concretizado num dado tempo e lugar, ou seja, tais obras lexicográficas buscam funcionar como descrição de um discurso individual. Assim, ao passo que o dicionário reveste-se da função de descrever a língua em suas diversas manifestações, o glossário assume um papel mais restrito, que reside na descrição de um discurso particular.

Apesar de o glossário e o vocabulário apresentarem funções tão próximas, necessário se faz estabelecer algumas diferenciações. Para Barbosa (op. cit.), o vocabulário representa um universo de discurso que abrange vários discursos manifestados. O glossário, por sua vez, busca representar a situação lexical de um único texto numa dada situação de enunciação e de enunciado, numa situação discursiva bem determinada. Nesse sentido, a função do glossário consiste na coleta e descrição de palavras empregadas por um locutor específico numa situação discursiva concretamente realizada, consiste na compilação de vocábulos empregados num texto específico cuja produção se situa num tempo e lugar devidamente definidos.

A proposta da dissertação em questão “Para um glossário neológico da obra ‘O Guesa’, de Sousândrade: uma proposta” consiste na elaboração de um glossário no qual constem todos os



neologismos empregados por Joaquim de Sousa Andrade ao longo de sua obra central, “O Guesa”. Para a elaboração deste trabalho, operaremos com a idéia de que glossário é entendido como uma obra, portadora de traços lexicográficos, cuja função reside na compilação e descrição de palavras empregadas num texto específico por um indivíduo falante situado tanto espacial quanto temporalmente. Destacando que o glossário porta características mais particularizantes em relação às outras obras de índole lexicográfica, nota-se que a compilação e a descrição desencadeadas por tal obra são contornadas de um caráter mais restrito dado o seu comprometimento com a investigação de uma única manifestação textual produzida por um único locutor.

No capítulo seguinte, partiremos para a proposta de elaboração de um glossário a partir dos neologismos extraídos de “O Guesa”.

## CAPÍTULO V

### O GLOSSÁRIO: UMA PROPOSTA

1) **ABAUNILHADO:** Adjetivo. Qualidade daquilo que exala aroma ou apresenta gosto semelhantes ao da baunilha.

Abonação: “*O tronco secular já não me estende / A sombra docemente <abaunilhada> / Nas calmas do verão; / A mim nos campos meus não se desprende / Mais o róseo sorrir da madrugada; / Eu olho ao céu \_\_ o céu é solidão.*” (...) (p. 132).

<b>BAUNILHA</b>
-----------------

A. M. S. (1813): f. Planta trepadeira, ornamental e vulgar. Orchídea sarmentosa, originária da América. Fruto dessa orchídea. Licor, feito da essência desse fruto. (Do cast. vainilla).
--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neologismo formado por derivação a partir do verbo no infinitivo “abaunilhar” e do sufixo –ado. No contexto acima, entende-se que esta nova palavra busca caracterizar, supostamente num tom poético, o aroma doce e suave desprendido pela sombra durante o verão, aproximando-se do cheiro adocicado da baunilha.

2) **ACADEMIA:** Substantivo. Construção de uma grandiosa empreitada, obra, trabalho ou projeto idealizado por alguém.

Abonação: “*D’indústria humana, nos viria agora / Ás brumas semelhante, mentirosa / Na bella Patria retardar a aurora?/ Eia, pois! á revolução da escrava! Á communhão de angelica harmonia! / Não é o homem que á mulher deprava: / Oh! levante-se a bella <academia>! / Contrário adejam lucidos dilúculos / No vácuo mysterioso que os separa,/ Azas da corrupção, / \_\_ A dois crepúsculos Porque noite e não dia interceptara ?” (...) (p. 197).*

<b>ACADEMIA</b>
-----------------

A. M. S. (1813): s. f. Lugar em Athenas onde Platão, e outros Filósofos davão as suas lições. \* A Seita dos Filósofos Acadêmicos. \* Corporação de Sábios para se communicarem as suas luzes mutuamente, e promoverem as artes, e Sciencias, comunicando-as, e patenteando-as ao público. \* Junta, ou assembléa de pessoas, onde se recitarão versos, discursos, &c. \* Universidade. \* Escola. Academia pronuncia-se variamente; academia, ou academia.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Observando o sentido de “academia” instaurado na abonação e seus sentidos nos dicionários, notam-se diferenças quanto às suas significações. Por isso, tem-se um caso de neologismo semântico que, no contexto em questão, produz traços semânticos divergentes daqueles constatados nas obras lexicográficas.

3) **AERIAL:** Adjetivo. Qualidade intrínseca àquilo que é próprio do ar, que é pertencente ao ar.

Abonação: “\_\_ *Mariposa <aereal>, leva-me aos portos! ‘Eia, insensato!’ A’voz do seu destino / Viu ao collo da terra viridante / A bella herdade, dos avós o ninho, / Da sociedade a gloria\_\_quão distante! / A formosa visão d’além de um mundo / De várias luctas co’as miragens loucas, / Que affronta o moço orgulho e bello e rudo,” (...) (p. 145).*

#### **AEREO**

A. M. S. (1813): adj. Pertencente ao ar. \* Da sua natureza. \* Feita na atmosfera, ou região do ar, que anda no ar. v. g. *Demônios \_\_ : As rapinas aereas das aves de caçar. Camões. \* f. Coisa aerea: vã, sem fundamento, fútil: v. g. discursos, opiniões, empresas, pensamentos \_\_ . Vieira. \* Alto, que se eleva, e anda no ar: v. g. aereos estandartes, aereo monte.*

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neologismo formado por derivação a partir da base “aéreo” e do sufixo –al, cuja referência remete-se à mariposa que vive no ar.

4) **AEREO-ROMANTICO**: Adjetivo. Qualidade referente àquilo que vive no ar, o qual por transmitir um certo ar de calma, leveza, transparência ou silêncio, sugere uma certa dose de romantismo.

Abonação: “*As nuvens alvas Perdem as leves fôrmas transparentes, / Tendo as do arboreo gêlo das escalvas, / Na patagonea costa e estão pendentas / Sobre as vagas que elevam-se do Atlantico. / — Porém, as aves que seguindo vieram, / N’esse acompanhamento <aereo-romantico> / Do esteiro undoso, desapareceram. / Assim desaparecem da existencia / Os sonhos, que conduzem ao futuro: / Desperta-se; e ante esta arida apparencia*” (...) (p. 331).

<b>AEREO</b>	<b>ROMÂNTICO</b>
<p>A. M. S. (1813): adj. Pertencente ao ar. * Da sua natureza. * Feita na atmosfera, ou região do ar, que anda no ar. v. g. <i>Demônios</i> __ : <i>As rapinas aereas das aves de caçar. Camões.</i> * f. <i>Coisa aerea</i>: vã, sem fundamento, fútil: v. g. <i>discursos, opiniões, empresas, pensamentos</i> __. <i>Vieira.</i> * Alto, que se eleva, e anda no ar: v. g. <i>aereos estandartes, aereo monte.</i></p>	<p>A. M. S. (1813): Verbetes inexistentes.  C. F. (1925): adj. Relativo a romance ou próprio d’elle. Fantasioso. Poético. Devaneador: meninas românticas. M. Sectário do romantismo. Escriitor, que se desvia das regras clássicas. Aquelle ou aquillo que tem carácter romanesco. (Do fr. romantique).</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA**: O neologismo em questão, constituído pela justaposição dos adjetivos “aéreo” e “romântico”, refere-se a algo relativo ao ar e que traz em sua essência algo romântico. Pelo contexto acima, supõe-se que o vôo das aves, por caracterizar-se como calmo e leve, caracteriza-se também como um fenómeno romântico.

5) **AGRO-TRAVO**: Adjetivo. Característica daquilo que apresenta, simultaneamente, gosto amargo, azedo e de aspecto desagradável. Em sentido figurado, refere-se às dificuldades, obstáculos e percalços que o ser humano encontra em sua vida.

Abonação: “*A taes horas as mães não consentiam / Na fonte os filhos \_\_ n’esses pensamentos / Da bella môça dos incantamentos / E os <agro-travos> fructos que comiam / “Nos dolosos palacios os meninos / Que ella levava, e que acham-se nos rios*” (...) (p. 116).

<b>AGRO</b>	<b>TRAVO</b>
A. M. S. (1813): Adj. Azedo, acerbo. f. Desabrido, desagradavel: v. g. “agro, e <i>duro de soffrer.</i> ” * <i>Montes, caminhos agros;</i> cheios de agrura, fragosos, difficeis de subir. “os Mouros tinham por impossível tomar cousa <i>tão agra.</i> ” (era uma fortaleza sobre uma rocha talhada &c.) <i>Sousa. Chron.</i> Af. 5. sitio agro, e <i>inaccessível.</i> * <i>Agrodoce.</i> V. <i>agrido.</i> * subst. <i>Agros da vida, da natureza.</i>	A. M. S. (1813): s.m. Contraction dos membros, que tolhe o uso delles, e os faz entezar. * A qualidade do fruto que trava na boca. <i>Alarte, f. 136. o engaco põe travo nos vinhos.</i>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neologismo formado pela composição do adjetivo “agro” e do substantivo “travo”, cujo significado, no interior do contexto, remete-se à qualidade dos frutos apreciados pelos meninos. Numa análise mais apurada, pode-se entender “agro-travos” também como os obstáculos ou as dificuldades da vida enfrentados pelo ser humano.

6) **ALBO-CANDIDISSIMO:** Adjetivo. Idéia superlativa referente à brancura, à limpidez, à pureza ou à transparência de alguma coisa.

Abonação: “*Ao coração raízes e tão bellas / Que o negrume á paixão de amor fazia; / Era a divina limpidez escura / Da sombra ao sol candente nos desertos, / Era <alba-candidissima> e na alvura / D’este silencio os deuses seus despertos.*” (...) (p. 156).

<b>ALBO</b>	<b>CANDIDISSIMO</b>
A. M. S. (1813): V. alvor. ALVOR: s.m. A alva do dia.	A. M. S. (1813): Superlativo de candido. CANDIDO: Adjetivo. Alvo, mui branco. Fig. Puro de costumes. Singelo, simples, ingenuo, innocente.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neologismo formado por composição, em que se justapõem o substantivo “albo” e o adjetivo “cândido” no grau superlativo. Esta nova palavra busca referir-se à pureza, à transparência e à claridade sugeridas pela sombra que se irradia do sol.

7) **ALÉM-MUNDO:** Substantivo. Idealização de um novo tempo, de uma nova era e de uma nova civilização situada num tempo subjetivo e além dos limites da própria imaginação.

Abonação: “*O mystico velamen, que não arde, Doce qual as soidões do sentimento Ouvindo voz celeste que nos brade— O' Lamartine! os candidos paizes Vejo, os longes <além-mundos> sonhados, Onde os fortes revivem, que felizes São da tribu e dos seus sempre lembrados. As regiões formosas, onde as almas Habitam, dos guerreiros, que luctaram*” (...) (p. 279).

<b>ALÉM</b>	<b>MUNDO</b>
<p>A. M. S. (1813): adv. (de <i>a</i> prep. e <i>a</i> artigo, e de <i>lem do loin</i>, Francez. Os antigos escrevião: <i>além</i>.) Ao longe, ou para lá de algum sitio: v. g. além de <i>Évora</i>. * Mais acima: v. g. além <i>do cume do monte</i>. * Demais: v. g. <i>além disso</i>. * Para lá, ou depois de certa época, ou termo (V. <i>A quem</i>) v. g. além <i>da sua idade, posses, forças</i>.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. O Universo criado. * Este globo terráqueo habitado dos homens. * fig. Os homens: v. g. todo mundo te aborrece. * Os Seculares, com distincção dos Religiosos, e da gente dedicada a Deus. * O mundo que corre: i. é. Estilos, costumes, vícios dos mundanos, o que vemos acontecer, e praticar no mundo. Paiva, serm. 1. f. 77. Cuidando na terra, e no mundo, que corre, conheço o erro delle pelas virtudes que approva, e pelos vícios que ama, queria saber de vós, que tempos correrão, e que mundo se seguiu? i. é. , acontecimentos, ou serie delles. Arraes, 4. 19. * Os homens mundanos. * O outro mundo; i. é., a vida futura. * Mundo novo: a América. * O mundo, na Pintura, e Escultura, se representa por uma bola, ou globo. * Mundo pequeno. V. Microcosmo. * Mundo: os infinitos trajos, e enfeites das mulheres. Vieira, renunciando ambos os mundos, se vestiu de hum habito grosseiro. * “mulheres, ou mancebas do mundo:” meretrizes. Ord. Af. 1. pág. 98.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em questão, o neologismo formado pela justaposição da preposição “além” e do substantivo “mundo” sugere a idéia de uma idealização, sonho e desejo de um novo mundo, situado num tempo futuro, em que todos possam usufruir uma vida repleta de felicidade e tranqüilidade.

8) **ALIANÇAL:** Substantivo. Relativo à aliança, união, conjunto ou companheirismo.

Abonação: “*E a tríplice aliança resistindo / A invasão barb'ra ao brasileiro sólio: / A justiça dirteis inquirindo... / A escrava esfinge? ou o livre capitólio? / Sublime <aliançal> Osório,*

*Flores, Mitre, / Que altos fora do alcance das loucuras, / Trovejasse Humaitá tenebro alvitre, / Defendiam Américas futuras./ 9 Sem vinganças dos seus morrer primeiro — / E só quando saíam do entrevero / Choravam pelos mortos, os soldados / Sempre do coração acompanhados.” (...)*  
(p. 354).

<b>ALLIANÇA, ou ALIANÇA</b>
-----------------------------

A. M. S. (1813): Verbete inexistente.
---------------------------------------

C. F. (1925): f. Acto ou efeito de alliar. Anel de casamento.
---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O novo vocábulo “aliançal” constitui um neologismo formado pelo processo da derivação em que se aglutinam o substantivo “aliança” e o sufixo – al. De acordo com o contexto, depreende-se que a recorrência a este vocábulo destina-se a referenciar ao laço estabelecido pelos personagens “Osório”, “Flores” e “Mitre”.

9) **ALMA-DIVINDADE:** Substantivo. Elevação suprema de uma alma digna de desfrutar da superioridade de uma divindade.

Abonação: “*A eterna patria que nos guarda ao seio\_\_ Paulo! Paulo! o mysterio se descerra, Que em seculos de horror pesar-nos veiu ! E qual os fabulosos deuses írritos Deram logar a Deus, que è Unidade, Tal as almas de luz, pantins-espíritos, Darão logar a essa <Alma-Divindade> Do Unitario Jesus. E responsavel Ser do genero humano . . . aterra o homem, O educado sensual, louco e vendavel, A quem os cèus, que a vida dão, consomem !*” (...) (p. 305).

<b>ALMA</b>
-------------

A. M. S. (1813): s. f. A substancia espirital, que anda annexa, durante a vida, aos corpos dos animaes, e é a que pensa mais, ou menos perfeitamente, e a que se delibera; a dos homens distingue-se da dos brutos, em ser capaz de aperfeiçoar muito mais as suas faculdades, e na imortalidade, de que nos consta pela revelação sem duvida alguma.* Almas do outro mundo: o espírito dos finados. * Descobrir a sua alma a alguém; abrir-se com elle. * O principio
--

43. * Alma da a visa; o mote, ou letra della. * Officiaes d’alma: os Sacerdotes a quem toca a doutrina, e cura das almas. Ined. 1. 409. “e como officiaes d’alma lhe requerião da parte de Deus aquellas cousas.
---

de qualquer vida. \* A alma da pintura; a idea, o desenho della. \* Dar alma ás estatuas; perfeição com que igualão a dos corpos vivos, quanto é possível. \* Boa alma: homem bom, manso. \* Ser alma de alguém; i. é., muito intimo com elle. Ulis. 123. \* f. Tudo o que dá a força, e é o principal a respeito de outras coisas, a que anda annexo: v. g. a dicção é a alma do discurso: a alma da conjuração; o chefe, cabeça: a verdade é alma da historia; o segredo alma do governo; as boas obras são alma da Fé. \* Energia: v.g. dar alma ás palavras. \* Almas; por pessoas: v. g. “he freguesia de 200 almas.” Barros, 1. 3. 1. \* Almas da Carta: a chancellia. \* Alma de cantar: o tolo, estúpido. \* Alma do pé; o cavado da planta. \* \_\_\_ da padeira: o vão, oco do pão. \* Alma do botão; a marca que se cobre. \* Páosinho direito, que se põe por baixo do cavallete da rebeca, e outros instrumentos, para soster o tampo de cima. \* Consciência: v. g. “vai sobre vossa alma;” probidade: v. g. “homem sem alma”; desanimado. \* Alma do canhão; o vão desde a culatra te a boca. \* Minha alma: expressão carinhosa. \* Ter amor a alma, metter alguém na alma; no coração, mui arreigado: “ó filho gerado na alma de minha alma.” Clarim. 1. c. 10. \* Fallar da alma; com toda a sinceridade. \* Fallar d’alma: i. é., com todo o serio, com o coração nos beiços. Eufr. 1. 1. \* Fazer inclinação com a alma, se diz dos que amão aquillo, que mostrão reprovam nas palavras. Eufr. 1. 4. f.

#### **DIVINDADE**

A. M. S. (1813): s. f. A qualidade de ser divino: v. g. deste modo se demonstra, e prova a Divindade de Jesus Christo, partes, attributos sobrehumanos. Se o coração humano temalguma divindade influída da tua. B. clar. 3. c. 16. \* e he tanta divindade (attribuições divinas), que o estado Real quis em toda parte do mundo attribuir a si



mesmo, que té nestas Ilhas Maluco entre gente bestial buscou fabulas de sua genitura.  
B. 3. 5. 5.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** “Alma-divindade” é constituído pela junção dos substantivos “alma” e “divindade”. No referido contexto, acredita-se que este neologismo por composição visa caracterizar Jesus, o qual não é considerado como uma simples alma, mas sim, glorificado como um ser superior e divino. Por isso, a criação desta nova palavra para lhe atribuir tais características.

10) **ALTIVO-EMPINADO:** Adjetivo. Característica suprema daquilo dotado de superioridade, de orgulho, de exaltação, de virtude.

Abonação: “*Nunca o vi tão risonho qual a esta hora, / Branco, <altivo-empinado>, se mirando / Na vaga anil e nuvens*” (...) (p.163).

<b>ALTIVO</b>	<b>EMPINADO</b>
A. M. S. (1813): Adj. Fig. Suberbo, brioso, orgulhoso. Elevado, magestoso, precioso. Sublime.	A. M. S. (1813): p. pass. de Empinar. Levantado. Soberbo, altivo, elevado. Exaltado em virtude.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme se depreende da abonação, o neologismo em questão caracteriza um ser que se destaca por sua capacidade de se elevar como um ser superior em relação aos outros.

11) **ALVO-SILENTE:** Adjetivo. Característica referente à intensidade daquilo que é excessivamente silencioso e misterioso.

Abonação: “*Cae a neve; pendei, grinalda pura / Da terra infante, brancas açucenas / Sonhos dos ares, das regiões serenas / Imagens voai, cobrí a sepultura! / E os plainos e a collina e o valle e a serra / Co’o mesmo manto vestem-se, e nitente / Matinal, alva-umbrosa, < alva-silente>, / Tranquilla ondula-se a extensão da terra. / Silencio mago e candido das neves! / Solidões*

*brancas dos sagrados seios! / Oh minha mãe! Quão breves são, quão breves / Estes céus puros, de outros céus alheios!”* (..) (p. 267).

<b>ALVO</b>	<b>SILENTE</b>
A. M. S. (1813): Adj. Muito branco.	A. M. S. (1813): Verbetes inexistentes. C. F. (1925): adj. Poét. O mesmo que silencioso. (Lat. silens).

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Por meio da mencionada abonação, o neologismo por composição “alvo-silente” visa denotar algo silencioso carregado com um certo mistério. Supõe-se que o adjetivo “alvo” funcione no sentido de destacar a idéia de intensidade, visando reforçar os sentidos de silêncio e mistério.

12) **ALVO-UMBROSO:** Adjetivo. Atribuição ao que é excessivamente mesclado de claro e escuro.

Abonação: “*Cae a neve; pendei, grinalda pura / Da terra infante, brancas açucenas / Sonhos dos ares, das regiões serenas / Imagens voai, cobrí a sepultura! / E os plainos e a collina e o valle e a serra / Co’o mesmo manto vestem-se, e nitente / Matinal, <alva-umbrosa>, alva-silente, / Tranquilla ondula-se a extensão da terra. / Silencio mago e candido das neves! / Solidões brancas dos sagrados seios! / Oh minha mãe! Quão breves são, quão breves / Estes céus puros, de outros céus alheios!”* (...) (p. 267).

<b>ALVO</b>	<b>UMBROSO</b>
A. M. S. (1813): Adj. Muito branco.	A. M. S. (1813): adj. poet. Onde ha sombra, assombrado, que dá sombra; v. g. o rio umbroso, o valle umbroso. Cam. Eclg. 2. o bosque, o pavelhão, a selva umbrosa. Eneida, IX. 22. alfaya umbrosa. Maus. f. 10.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Este neologismo é formado pela justaposição dos adjetivos “alvo” e “umbroso”. Conforme a abonação, predomina-se a idéia de que todos os elementos da natureza (valle, collina, serras e terra) são protegidos por um manto que lhes traz uma agradável sombra.

Supõe-se que o adjetivo “alvo” funcione como um prefixo, buscando realçar a idéia de brancura, pureza e limpidez proporcionadas por esta sombra.

13) **ALVI-CANDENTE**: Adjetivo. Idéia de intensidade relativa àquilo que é branco incendiado.

Abonação: “*Aquela azas alembra <alvi-candentes>, / Luminosa a manhan, que sobre os mares / Á branca luz voando, a ver contentes*” (...). (p. 105).

<b>ALVI</b>	<b>CANDENTE</b>
A. M. S. (1813): var. de ALVO. Muito branco.	A. M. S. (1813): adj. Vermelho, ardendo em brasa.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA**: Vocábulo neológico formado pela justaposição da forma variante de alvo “alvi” e do adjetivo “candente”. Supõe-se que a variante “alvi” possa funcionar, neste contexto, como uma forma prefixal cujo emprego seja acentuar com maior expressividade a cor brilhante das asas.

14) **ALVO-ARGENTEO**: Adjetivo. Característica atribuída ao que apresenta intensa coloração prateada.

Abonação: “*Por mil collinazinhas cultivadas, / Serpenteiam-lhe em lânguidos enleios / As <alvo-argenteas> fitas das estradas.*” (...). (p.171).

<b>ALVO</b>	<b>ARGENTEO</b>
A. M. S. (1813): Adj. Muito branco.	A. M. S. (1813): Adj. poet. De prata.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA**: “Alvo-argenteas” constitui um adjetivo neológico composto pelos adjetivos “alvo” e “argenteo”. Acredita-se que o primeiro adjetivo sugira a idéia de reforçar a intensidade da coloração e do brilho prateado das fitas das estradas.

15) **ALVORECENTE**: Adjetivo. Qualidade referente ao amanhecer, ao nascer do dia, à aurora matinal.

Abonação: “— *Sou tambem ao momento d'harmonia / Que volta, à natureza, dadas horas! / Magnetica frescura <alvorecente>, / Luz dos cèus de açafirão d'homereo incanto, / Bella antenoite austral — tão docemente / Ser com tanta tristeza, causa espanto!*” (...) (p. 303).

<b>ALVORECER</b>
------------------

A. M. S. (1813): v. n. Aparecer a aurora, ir abrindo o dia de manhã. Chron. do Condest. cap. 50.
--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** A partir do verbo “alvorecer” e do sufixo –ente, por processo de derivação, é constituído o neologismo “alvorecente”. No contexto referido, esta nova palavra diz respeito à frescura própria do nascer do dia.

16) **ALVOR-MYSTERIO:** Substantivo. Luz do nascer da manhã que confere algo próximo a um certo mistério, magia ou ocultamento.

Abonação: “*E ficaram olhando. Ao oriente / Qual lagoa seraphica, luzia / A estrella d'alva, a mais resplandecente / Filha dos céus, que tem da noite e o dia. / “O luar matutino, o <alvor-mysterio> / Da antemanhan, transcoa-se em nossa alma*” (...) (p. 85).

<b>ALVOR</b>	<b>MYSTERIO</b>
A. M. S. (1913): s. m. A alva da manhã. <i>Nobiliário</i> .	A. M. S. (1813): V. <i>Mistério</i> . MISTERIO: s. m. Dogma, ponto de crença, que aos olhos da nossa limitada razão parece incompatível, impossível. Mas devemos crer, sendo revelado por Deos: estes pontos a principio se contavão em segredo aos iniciados nas Religiões, em que os há. * fig. Segredo: v. g. <i>fazer mistério de alguma coisa; descobrir o misterio della</i> . * No <i>Rosario</i> , o <i>Misterio</i> são dez; Ave Marias, e um Padre Nosso.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O neologismo por composição constituído pelos substantivos “alvor” e “mysterio”, no interior da abonação acima, indica uma manhã bastante iluminada pela lua, cuja luz emitida traz em si um certo ar de misticismo no dia que está começando.

17) **AMOR-DEMENCIA**: Substantivo. Típico sentimento amoroso acompanhado de atitudes desprovidas de racionalidade nas pessoas. É o típico amor com caráter de loucura. Popularmente, é conhecido como amor tresloucado.

Abonação: “*Qual passada illusão, ou a consciência / Humana que murmura, quando, quando / Sem a bençam dos cèus <amor-demencia,> / Riso de desespêro e não d'esp'rança,/ esp'rança, que abre à flor da mocidade, / Que leva aos climas perennal bonança / E recolhe-se ao lar, onde è saudade / Deus! os tempos formosos da Victoria!*” (...) (p. 346).

<b>AMOR</b>	<b>DEMENCIA</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. Sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amavel, fazendo disso o objecto de suas affeições, e desejos. * <i>Amor próprio</i>: a affeição, e bemquerença de nós mesmos, e de nossas coisas. * <i>Por amor</i>: por causa, respeito, em razão: v. g. por amor <i>de suas perfeições</i>. <i>Albuq.</i> 4.3. *Divindade fabulosa, ou paixão do <i>amor</i> divinizada. * fig. O amante, <i>o seu perdido</i> amor. <i>Bernardes, Écloga</i> 10. * <i>Meus amores</i>: expressão carinhosa, e namorada: diz-se a quem amamos. * <i>Amores, amores</i>: dizião, para se excitar nos combates os Cavalleiros, lembrando-se das Damas, a quem servião. <i>Cast.</i> 6. c. 131. “<i>amores, amores</i>, bradava Belchior de Brito.” Outros dizião: <i>amores de minha mulher</i>. * <i>Amor d'hortolão</i>: planta de folhas espinhosas, que se pegão aos vestidos de quem lhe chega. * <i>Amor . perfeito</i>: flor de cinco lobos, ou pencas roixas e amarellas. * fig. Benevolência, affabilidade, brandura, e outras mestras de amor. * <i>Amor Platônico</i>; sem mistura de interesse, ou sensualidade, qual dizem que fora o de Platão ao seu Alcibíades. * <i>A pessoa amada</i>. <i>Ulis.</i> 69. * <i>Amor para o povo</i>. <i>Palm.</i> P. 3. c. I. * <i>Sob pena do nosso amor</i>: i. é., de perder a nossa amizade, ou incorrer no desagrado. <i>Ord. Afons.</i> L. 5. * <i>Dizer amores a alguém</i>; expressões de amante. <i>Ined.</i> I. 409. “que dizia <i>amores á</i></p>	<p>A. M. S. (1813): s. f. Loucura, falta de juizo. * Acção de louco. <i>M. Lus. Tom. 1.</i> 197. de amor. <i>Cron. Cat.</i> 6. c. 21.</p>

<p>Rainha.” * Fazer amor de alguma coisa; serviço, ou dom, presente. <i>Ord. Af. 5. 31. 10. “fazer amor do seu pão, vinho, e das suas carnes.” V. Elucid. Art. Amor.</i></p>	
--	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Depreende-se da abonação que o neologismo “amor-demencia” contrai os traços significativos das bases “amor” e “demência” de forma que, no trecho acima, o novo vocábulo passa a significar um tipo de amor não muito comum, pois ao contrário de trazer boas atitudes e sentimentos para o ser humano, provoca nestas atitudes impensadas com traços de loucura.

18) **AMPLO-CERULEO:** Adjetivo. Atribuição ao que é amplamente azulado.

Abonação: “*Habita ella nas nuvens, no silêncio / Da <amplu-cerulea> ethereal cidade,*” (...). (p. 144).

<b>AMPLO</b>	<b>CERÚLEO</b>
A. M. S. (1813): adj. Largo, dilatado.	A. M. S. (1813): adj. poet. Azul.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Forma neológica constituída pela junção dos adjetivos “amplo” e “ceruleo”. Neste tipo de composição, concebe-se o emprego de “amplo” com valor prefixal, no sentido de acentuar o sentido do adjetivo “ceruleo”.

19) **ANNEL:** Substantivo. Bens materiais, jóias, riquezas.

Abonação: “*Leonisava nos saraus o Guesa. / Em doce combustão desperto estava / O amor velando e agora, á formosura / Dos salões elegantes: desdenhava-a / Elle e a ella o curvou rindo natura. / O esculptor da nudez e o puro mento, / Que a <annéis> mil preferia um solitario, / Ora o intenso viver do pensamento / Via ao esplendor da fórmula e do vestuario.*” (...) (p. 213).

<b>ANNEL</b>
A. M. S. (1813): s. m. Circulo de metal, com pedras, ou sem ellas, o qual por adorno se enfia nos dedos. * Volta circular, que se dá aos cabellos. * Annel da chave; o aro opposto ao palhetão. * Bispo de annel: i. é.,

coadjutor. V. * Mãos de aneis; i. é., de dama delicada. frase fam. * Annel de cadeya; fusil: das tesouras, circulo onde entrão os dedos. * O annel d’agua. * Titulo de annel; honorifico, sem exercicio.
--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Os sentidos de “annel”, no dicionário consultado, diferem dos sentidos contraídos pelo substantivo em questão no interior do contexto analisado. Dessa forma, tem-se um caso de neologismo semântico.

20) **ASTRO-ALEGRIA:** Substantivo. Denominação conferida àquilo que tem a propriedade de irradiar luz, tranqüilidade, júbilo, prazer, felicidade.

Abonação: “*O Inca o podia ler no vivo abysmo / Da humanidade, que é qual noite escura / Cheia de sonhos, ou melhor egoísmo / Em que outro amor o coração procura / E respirar carece, <astro-alegria>, / Terreno somno-luz: d’além sibila / O demônio!*” (...) (p. 143).

<b>ASTRO</b>	<b>ALEGRIA</b>
A. M. S. (1813): s.m. Todo o corpo celeste, planetas, estrellas, cometas. <i>O astro do dia</i> , é o Sol; o da noite, é a Lua. <i>Astro</i> , fig. O conhecimento astrológico de futuros.	A. M. S. (1813): s.f. Jubilo, prazer, gosto, comoção da alma com prazer. Coisa, pessoa que a causa. Funcção, que inspira alegria.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** “Astro-alegria” constitui um neologismo formado pela composição dos substantivos “astro” e “alegria”. Nota-se que o emprego do novo vocábulo visa a denominar o Inca, considerado como um ser singular que irradia luz e boas energias ao seu redor.

21) **BANANEIRA-SCIENCIA:** Substantivo. Idealização metafórica de plantação de bananas portadoras de sabedoria científica.

Abonação: “*Raia o sol qual commenda, / Resplenda Sobr’o imperio da ran! \_\_Musa paradisiaca Já no Eden floriu, <Bananeira-sciencia>, / Sapiência Que o Senhor prohibiu.*” (...) (p. 39).

<b>BANANEIRA</b>	<b>SCIENCIA</b>
A. M. S. (1813): s. f. Planta, a qual é um	A. M. S. (1813): s. m. Conhecimento,

tronco, que consta de varias sobrecapas, e folhas que o coroaõ grandes, e largas; produz o seu fruto em cachos, que constão de varias pencas; é o mesmo a que na Ásia chamão figo.	noticia. * Conhecimento certo, e evidente das coisas por suas causas; v. g. a Geometria he huma sciencia. * Sciencia infusa, revelada. * O conhecimento daquillo em que somos instruidos.
--	---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Idealizando um ambiente paradisíaco, onde tudo parece estar em completa harmonia, o eu-lírico faz uma referência a um possível vegetal (bananeira) que possa ser dotado de características humanas. Para tanto, recorre à composição das bases “bananeira” e “sciencia” para formar o neologismo analisado.

22) **BIBLICO:** Adjetivo. Qualidade intrínseca ao que é humilde, benevolente e devoto a práticas caridosas.

Abonação: *“E era doido de amores por sua mãe, / Sempre, sempre, a beijar-lhe a sepultura:/ Talvez tímido velho, que destruísse / Do herdeiro seu, thesoiro acumulado / Por mãe <bíblica> e boa; e então se visse / Queixoso o sem ter lar sempre ahi voltado: / E desfolhando flores sobre a pedra,”* (...) (p. 70).

<b>BIBLICO</b>
C. F. (1925): adj. Pertencente, relativo, à Bíblia: tradições bíblicas.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme se depreende do trecho acima, a discussão gera em torno de uma boa mãe, caracterizada como bíblica. Observa-se que o sentido do adjetivo em questão, no interior da abonação, difere dos apresentados nos enunciados lexicográficos, resultando, dessa forma, em um caso de neologismo semântico.

23) **BOM-APOSTOLO:** Substantivo. Homens isentos de qualquer pecado, portadores de coração puro, benevolente e incapazes de praticar qualquer mal contra alguém.



Abonação: “(*Maus-peccadores <bons-apostolos>, iluminados as crenças de remissão e ressurreição dos mortos, vendo / Jerry McCaulay e revendo / Frothingham no ‘Christ would not suit our times’:*)” (...) (p. 246)

<b>BOM</b>	<b>APÓSTOLO</b>
<p>A. M. S. (1813): adj. O que é útil par a conservação física, ou restituição de alguma coisa a seu estado natural: v. g. “este alimento, este remédio é bom.” * Que tem utilidade, e prestimo: v. g. madeira boa para construcção. * Que é conforme á Lei moral: v. g. “acção boa.” * Favorável, prospero: v. g. bom vento. * Sereno: v. g. dia bom, tempo, noite. * Hábil. * Grande: v. g. uma boa hora, légua. * Bom: muito: v. g. há bons dias. Cast. I. 185. dahi a bons dias; e L. 2. p. 105. * A bom tempo; i. é. , opportunamente. * Os homens bons de alugma terra: os homens de probidade, boa reputação, e abonados. No Nobiliar. pag. 68. se faz menção de um homem bom, irmão Del-Rei d’Inglaterra, donde homem bom equivalia a Fidalgo, nobre. * V. o art. Cidadão. (Bão escrevião os antigos). * Bom: fácil, suave: v. g. bom de comer, de beber. Caminho bom de andar. Que he bom de contentar, menos tem que chorar. Eufr. 5. 3.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. Homem mandado por J. Christo anunciar o Evangelho pelo mundo. * fig. Qualquer enviado para pregar doutrina em matérias de Religião. * Apóstolos, t. jurid. Letras patentes, expedidas ao appellantes pelos Juizes Apostólicos, de quem se appellava; tinham no sello as imagens de S. Pedro, e S. Paulo, e dahi lhes veyo o nome. * Pedir os Apóstolos: i. é. , testemunho da appellação, cartas testemunháveis. M. L. Tom. 5. f. 152; v. 2. Ord. Af. I. f. 278. “Apóstolos refutatorios, ou Reverenciaes”. * Demissorias, que o Bispo dava, para o subdito se ordenar com outro Bispo.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** A constituição de “bons-apóstolos”, neologismo por composição em que se justapõem as bases “bom” e “apóstolo”, recorre em função da designação de seres livres de práticas pecadoras.

24) **BRANCO-AZUL:** Adjetivo. Qualidade daquilo que demonstra um carácter pálido acompanhado de embaraço e confusão.

Abonação: “*Oh, a violencia d’indivisivel mágoa / Com que deixas a terra que mais amas! / Ha noite n’alma e aos cumes do Aconcagua / S’emplumam <branco-azues> do gelo as chammas! / “Dos serros sigo a linha do horizonte; / Aos exercitos meus passo a revista \_\_\_/ Eterno adeus! e a coroa d’esta fronte / Deponho ás plantas suas, porque exista!”* (...) (p. 325)”.

<b>BRANCO</b>	<b>AZUL</b>
<p>A. M. S. (1813): adj. De cor semelhante á do papel ordinário limpo, como a cal limpa, a neve, &amp;c. * Que tem cans. me fizerão branco ante tempo. Ferr. Bristo, 5. I. * Assinado em branco: papel firmado em branco para se encher de alguma escritura. * Asinar-se em branco; fig. aprovar sem exame. * O branco do olho; a alva. * O branco da arvore. V. Alvura, que é o mesmo que alburno, ou samugo. * Branco da pontaria. V. Alvo. Lobo, Deseng. P. I. Disc. 7. Pinheiro, I. 162. que fosse como branco, e premio de poucos; i. é. , alvo do desejo. * Armado de ponto em branco, ou antes de ponta em branco; i. é. , de todas as peças da armadura, de sorte que a ponta da lança, ou espada do contrario não ache passada, mas tope sempre em alguma das peças das armas brancas, que cobrem o corpo. * Daqui ficar em branco; i. é. , baldado, desapontado no que se esperava. Ulis. 85. * Real branco. V. Real. * Deixar alguém em branco; enganá-lo, frustrar as esperanças, baldar a obrigação em que nos tinha. Cam. Canç. 16. “a lebre deixa em branco a quem a segue.” * Sair alguma coisa em branco a alguém; baldar-se, inutilizar-se, v. g. a diligencia. Cast. L. 5. c. 38. p. 133. * Por os olhos em branco; voltados de sorte que só se vê o branco delles, como talvez succede a quem tem algum accidente.</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. Cor da massa extrahida do anil; a cor, que tem o Ceo limpo, é azul celeste; alias pombinho, fino: o claro é mais aberto que o celeste. Azul ferrete; apertado, fechado, turqui é o escuro. * Servidores de azul, da Misericórdia, trazem sotaina azul.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Pela abonação, entende-se que o neologismo por composição “branco-azues” sugere a idéia de palidez, fraqueza e brancura denotada pelo adjetivo branco. O sentido de indecisão, incerteza e embaraço passa a ser instaurado pelo sentido figurativo de azul.

25) **BRANCO-FOSCO:** Substantivo. Cor branca desprovida de qualquer brilho ou de qualquer outra tonalidade de cor, resultando numa cor pura.

Abonação: “*Crystallino, a que ao Sol ideal o dia / Ortivo incasio abriu, doce e formoso! / Velemos, pois Do Rimac, o sussurro; / Na Cordilheira, os límpidos luares; / Do rosto da Limeña,*

*o croceo, puro, / Incantador brancor \_\_ amo-lhe os ares / Graciosos, o ameno <branco-fosco> /*

*De angélica doçura, qual se sente” (...)* (p. 282).

<b>BRANCO</b>	<b>FOSCO</b>
A. M. S. (1813): adj. De cor semelhante á do papel ordinário limpo, como a cal limpa, a neve, &c. * Que tem cans. me fizeram branco ante tempo. Ferr. Bristo, 5. I. * Assinado em branco: papel firmado em branco para se encher de alguma escritura. * Asinar-se em branco; fig. approvar sem exame. * O branco do olho; a alva. * O branco da arvore. V. Alvura, que é o mesmo que alburno, ou samugo. * Branco da pontaria. V. Alvo. Lobo, Deseng. P. I. Disc. 7. Pinheiro, I. 162. que fosse como branco, e premio de poucos; i. é. , alvo do desejo. * Armado de ponto em branco, ou antes de ponta em branco; i. é. , de todas as peças da armadura, de sorte que a ponta da lança, ou espada do contrario não ache passada, mas tope sempre em alguma das peças das armas brancas, que cobrem o corpo. * Daqui ficar em branco; i. é. , baldado, desapontado no que se esperava. Ulis. 85. * Real branco. V. Real. * Deixar alguém em branco; enganá-lo, frustrar as esperanças, baldar a obrigação em que nos tinha. Cam. Canç. 16. “a lebre deixa em branco a quem a segue.” * Sair alguma coisa em branco a alguém; baldar-se, inutilizar-se, v. g. a diligencia. Cast. L. 5. c. 38. p. 133. * Por os olhos em branco; voltados de sorte que só se vê o branco delles, como talvez succede a quem tem algum accidente.	A. M. S. (1813): Verbetes inexistente. C. F. (1925): adj. Embaciado, sem brilho; escuro; que não é translúcido: vidro fosco. (De lat. fuscus).

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Analisando o mencionado trecho, observa-se a referência aludida à pureza, à doçura e à delicadeza da Limeña. Na tentativa de reforçar tais idéias, é criado o neologismo por composição “branco-fosco”.

26) **BRONZEO-FORTE:** Adjetivo. Atribuição ao que é construído ou elaborado com a substância de bronze e cujo aspecto é de força, sustentação e resistência.

Abonação: “*Gentil potenciazita e tão sincera / De patriotismo e nacionalidade, / Amiga leal na paz, leal na guerra, / Na acção de morte e, mais, de humanidade, / “Quão bella sois! Aquelle aureo estandarte / Que <bronzeo-forte> braço desenrola, / Foi o da Independência: eram de Marte / Então os filhos; hoje o são da Eschola. / “Na imprensa as luctas do direito, as fronteiras / Excelsas de Lastarria e de Mackenna;” (...)* (p. 323).

<b>BRONZEO</b>	<b>FORTE</b>
<p>A. M. S. (1813): adj. Feito de bronze. Elegiada, f. 22. v. Canto II. cor bronzea; abronzado.</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. Robusto, rijo: v. g. pão forte, homem forte, cavallo, boi, muro, parede __: grosso, e sólido: navio forte de costado fornido, &amp;c. * Mui espirituoso: v. g. vinho forte, liquores fortes. * Água forte: combinação química do nitro, e vitriolo, que se extrahe por distillação a água forte, que dissolve a prata, e outros metaes, e é corrosiva. * Fortificado: v. g. praça forte. * Fazer-se forte em alguma parte: fortificar-se nella; e fig. o Demônio se fez forte na alma delle. Chagas. * Razão forte; que tem força para persuadir. Vieira. * De animo severo, ríspido. Eufr. 5. 5. tão forte he o pai, que temo que lhe de veneno. * Ser alguma coisa forte de fazer; i. é., áspera, dura, difícil, contraria á índole desse a quem a coisa se diz ser forte de fazer. Castan. L. 2. f. 149. * Gênio ou condição forte; rígida, áspera. Albuquerque, e Góes. * Peças, ou moeda forte; as que tem mais do pezo da Lei; opp. a Febre, adject.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neste caso, tem-se um composto constituído pelos adjetivos “bronzeo” e “forte”. A nova palavra “bronzeo-forte” denota a robustez, a força e a resistência próprias de uma construção fortificada.

27) **BRUNO-LUCIDO:** Adjetivo. Referência característica do que apresenta brilho escuro ou sombrio. Em sentido figurado, o que denota um certo ar de mistério e segredo.

Abonação: “\_\_ *Gritam das ruínas! As soidões gritaram! / E luzente na noite, para as chammas / Voa longo sibilo, serpentinos / No ar desatando laços repentinos, / Phosphor nas <bruno-*

*lucidas*> *escamas, / E á fogueira lançou-se, do ar alado, / Surucucú-de-fogo! \_\_ arido ouvidos / Eram crebros funestos estalidos / Dos seus ducteis annéis, o incêndio ateado! / Oh! quanto a chamma e a cobra, tormentosas,*” (...) (p. 121).

<b>BRUNO</b>	<b>LÚCIDO</b>
A. M. S. (1813): adj. Escuro: v. g. “a noite bruna.” e fig. a Bruna sorte; negra, infeliz. Naufr. De Sep. F. 271. ult. Ed. “Desestrada, infelice, cruel, e Bruna.” (Ital. brunire).	A. M. S. (1813): adj. Claro, luzente, resplandecente: v. g. as lúcidas estrellas. Arraes, I. 23. o __ planeta. Lus. II. I. o lúcido Oriente. Uliss. I. 2. * Transparente: v. g. o tanque lúcido, e sereno. Lus. IX. 60. * Lúcido intervallo: o tempo em que o doido, ou delirante torna a ter conhecimento, e uso de razão.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Pela análise do trecho mencionado, este neologismo, constituído a partir dos adjetivos “bruno” e “lúcido”, funciona como qualificador das escamas de um réptil que se encontra numa luta incessante contra o fogo e, por isso, suas escamas apresentam-se excessivamente brilhantes e escuras.

28) **CAMA-RATOEIRA:** Substantivo. Designação a armadilhas ou ciladas armadas contra alguém ou contra alguma coisa.

Abonação: “—*Desde Hayes, tudo prospera, / Menos viver de sensação:/Mãos á obra! . . . ' E não excellent / O préssident / 'Pois é um kranky, um papão ! (KATIES fazendo <camas-ratoeiras>; sister Newcoat-Shaffey:)/ —' Masher H'rald some stain in 't wants : ' N'alta cerviz . . . vampiro! ao meio . . . / O! O! O! cocktail! / =Paga bail, Ou . . . não ha diabo mais feio!” (...) (p. 249).*

<b>CAMA</b>	<b>RATOEIRA</b>
A. M. S. (1813): s. f. Leito de dormir, com o aparelho pertencente para isso. * fig. O covil, ou jazido do porco, veado, e outras veações. * O assento que nos meloães se faz para os melões, é um pedaço de terra mais levantado, e bem revolvida. * Cama de bretão: mantas, ou balças de sargaço, ou trombas. * Fruta da primeira cama, a que amadurece primeiro. * Vinhos de cama,	A. M. S. (1813): s. f. Engenho de tomar ratos, de que há varias sortes.

<p>aquelles a que se não dá curtimento. Alarte, f. 148. * Estar de cama, não se erguer della por doença. * Fazer a cama a alguém, fig. dar má informação, acusá-lo. * Cama de cal; a que se applica rebocando a parede. * Cama de sal; a porção com que se cobre a coisa, que se salga. Vieira.</p>	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Para compor o neologismo por composição “camas-ratoeiras”, o autor usou da justaposição dos substantivos “camas”, um objeto de uso comum e “ratoeiras”, empregado com o sentido de cilada e armadilha. Entende-se que o novo vocábulo confere o sentido de uma armadilha muito bem preparada e disfarçada por meio de um móvel comum.

29) **CAMA-FOGO:** Substantivo. Idéia de combates, ataques, guerras, vinganças contra alguém ou alguma coisa.

Abonação: “(*Hospitalidade venenosa; eccho dos prelos do Libano ;*) / — ‘*Merry Wives*’ !!

*Katies! ás armas! . . / <Camas-fogo>, . . . fogo no réu ! / = Respondam aos frades As madres. . .*

*/ ‘Terremoto’ á noite no céu! . .”* (...) (p. 249).

<b>CAMA</b>	<b>FOGO</b>
<p>A. M. S. (1813): s. f. Leito de dormir, com o aparelho pertencente para isso. * fig. O covil, ou jazido do porco, veado, e outras veações. * O assento que nos meloães se faz para os melões, é um pedaço de terra mais levantado, e bem revolvida. * Cama de bretão: mantas, ou balças de sargaço, ou trombas. * Fruta da primeira cama, a que amadurece primeiro. * Vinhos de cama, aquelles a que se não dá curtimento. Alarte, f. 148. * Estar de cama, não se erguer della por doença. * Fazer a cama a alguém, fig. dar má informação, acusá-lo. * Cama de cal; a que se applica rebocando a parede. * Cama de sal; a porção com que se cobre a coisa, que se salga. Vieira.</p> <p>outros por festa. * A fogo lento; queimando pouco e pouco. * Estar a fogo e a sangue com alguém, ou contra alguém: mui irado e</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. Um dos quatro elementos, quente e seco: o mesmo elemento desenvolvido na madeira, e tudo o que é combustível. * Fogo vivo, é o que nas queimas dos matos se ateya nos troncos; morto, o que pega nas ramas. * Direito de fogo morto, é o que tem o arroteador de alguma terra, para não ser expulso della pelo proprietário. * Arrendar alguma fabrica; v. g. um engenho com um, ou dois annos de fogo morto; de comum se faz, quanto está a fabrica, e officina incapaz de laborar, e por isso não se paga a renda no anno ou annos de fogo morto. V. Morto. * Fogos artificiaes; na Guerra, são bombas, granadas, &amp;c. item, os foguetes do ar, e</p>

<p>desejoso de vingança. * Fogo actual, t. cirurg. o cauterio do ferro em braza: potencial; o cáustico. * Fogos artificiaes, os que se fazem com polvora, por brinco, e festa. * Fogo; muitos tiros d'armas: v. g. fazer fogo contra o inimigo: dar fogo; pó-lo, v. g. á fogueira, ao arcabuz, ao canhão, para disparar. * Casa, ou familia: v. g. lugar de vinte fogos. * Ardor, vehemencia: v. g. o fogo da mocidade; e f. das paixões: o fogo da herezia. V. do Arceb. L. 6. c. 25. * Fogos: chamas amorosas. Ferreira, Écloga II. t. I. f. 200. e f. 227. t. I. se me calo os meus fogos são mais fortes; e Hist. de Isea, f. 70. meus ardentes fogos não tem podido mudar teu cruel animo. * Tomar fogo: conceber paixão. * Atiçar o fogo; fig. a sanha, discórdia, paixão. Couto, 4. 4. 2. * O fogo dos olhos, de quem tem muita viveza, ou paixão. * Povoar uma terra de fogo morto; i. é. , de todo, não havendo antes num uma só casa, ou fogo nessa terra. Leão, Cron. * Arma de fogo, a que se atira, e emprega por meyo da pólvora quem em si contém; v. g. pistolas, arcabuses, bacamartes, &amp;c. e assim bocas de fogo. * Fogo, ou fogos: foro de 48 réis, que se paga em Chaves, e suas visinhanças ao Rei pelo S. Martinho, aliás Martiniega. Elucidar. * Casal de fogo morto; deshabitado. Idem.</p>	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neste caso, trata-se de um neologismo por composição composto pela justaposição dos substantivos “cama” e “fogo”. Interpretando a abonação acima, observa-se que o substantivo “cama” referencia a idéia da arma usada no combate e o substantivo fogo indica a idéia de luta, traição ou guerra, covardemente, preparada contra alguém.

30) **CÉU-LUZ:** Substantivo. Denominação metafórica de amplitude, plenitude, paz e esperança.

Abonação: “*O viajor a que aos pès abre-se abysmo / E aos olhos ha cèu-luz todo amplo e terso : / Pavoroso ideal ! — deliro? scismo? / O resfol’gar profundo do rochedo;*” (...) (p. 315).

<b>CÉO</b>	<b>LUZ</b>
------------	------------

<p>A. M. S. (1813): s. m. A região etérea. * O lugar, onde está Deos, e os Bemaventurados. * fig. Região, clima. Por Ceos não naturais andaríamos. Cam. Lus. * Ceo da boca; a parte superior interna. Lobo, Corte.</p>	<p>A. M. S. (1813): A matéria, que emana do Sol, da chama, e faz com que vejamos os objectos. * fig. O corpo que dá luz: v. g. vela acesa, ou candeya. * Lume. * fig. A luz da razão. B. * Tirar, ou dar á luz, publicar obra. Lobo. Trazer á luz: o mesmo. V. do Arc. I. I. * Dar á luz um menino; partir. * Luz do painel; a parte em que se representa que lhe dá luz. * Grande a todas as luzes; i. é. , a todos os respeitos, por todos os lados. * “Luz de seus claros lumes;” i. é., dos seus claros olhos. Ferr. Son. 37. L. I.</p>
--	---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Supõe-se que o neologismo por composição “céu-luz” assume o sentido acima citado graças à justaposição dos substantivos “céu” e “luz”. De um lado, o primeiro contribui com o sentido de amplitude, infinidade e plenitude e, por outro lado, o segundo denota o sentido de luminosidade, esperança e paz.

31) **CÉU-PUREZA:** Substantivo. Sentimento interior de infinita pureza, limpidez, inocência, bondade e brandura.

Abonação: *“Precisa-se abençoar alguém no mundo, / O coração sem bençã não resiste\_\_ / Um ninho onde haja um cantico jocundo, / Um amigo, uma mãe. Mas, ai do triste / Que abençoar não poder! Não é bastante / E sciencia, e pão, e toda a natureza, / Nem do infinito este anhelar constante: / De terra-amor e internos <céus-pureza>, / O homem carece, ao crer, quando lhe estua / Fogo sagrado, que, se se acabaram / Mundos, em Deus s' eleva a fronte sua / E os elementos ahi não se arruinaram!”* (...) (p. 201).

<b>CÉU</b>	<b>PUREZA</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. A região etérea. * O lugar, onde está Deos, e os Bemaventurados. * fig. Região, clima. Por Ceos não naturais andaríamos. Cam. Lus. * Ceo da boca; a parte superior interna. Lobo, Corte.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. f. Limpeza moral, v. g. da pessoa casta, não polluída. * Inocência de costumes. * Do ar limpo, dos metaes, e da água sem mistura, e assim do vinho. * Da linguagem, exactidão na escolha das palavras, e frases próprias do bom falar.</p>



**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme a abonação, as bases “céus” e “pureza” são aglutinadas para compor o neologismo por composição “céus-pureza”. Em busca de uma forma vocabular que encerre a idéia de infinidade ou imensidão, a base “céu” é empregada para transmitir tal sentido. De outro lado, na tentativa de mencionar qualidades internas como brandura, pureza, bondade, a base “pureza” encerra em si tais significações.

32) **CAMPO:** Substantivo. Alusão à vivência, existência, trajetória de vida.

Abonação: *“O tronco secular já não me estende / A sombra docemente abaunilhada / Nas calmas do verão; A mim nos <campos> meus não se desprende / Mais o róseo sorrir da madrugada; / Eu olho ao céu \_\_ o céu é solidão.”* (...) (p. 132).

#### **CÁMPO**

A. M. S. (1813): s. m. Peçaço de terra baixa, e plana. \* Terra fóra da Cidadel \* O arraial militar. \* As Tropas, que o compõem. V. do Arc. I. I. M. Pinto. c. 182. com um campo de 400 homens. \* Lugar onde se dá batalha. \* Lugar onde se postão os sitiadores. Noticias do Campo de S. Roque em 1782. \* Campo volante, é porção de Exercto, capitaneado por um Major de Batalha, ou Mestre de Campo General, para resistir ás correrias do inimigo, atalhar os combois, e cobrir os lugares expostos aos insultos do inimigo. \* Fazer campo: justar. Palm. 3. f. 122. \* Trazer merecimentos a campo; alardea-los, assoalha-los. Palm. P. 2. c. 135. \* Ficar a campo por alguém; i. é. , a victoria: e no fig. sair com a sua, conseguir a sua pertensão. Eufr. 3. I. \* Lugar assinado para reto, justa, torneyo: daqui dar campo. B. Clar. L. I. c. 13. Ined. I. pag. 402. Chron. de J. I. c. 72. e de Af. V. c. 20. \* Ter, ou manter campo: assegurar o campo de desafio livre de violência, fraude, aos contendores. Ined. II. pag. 489. ElRei de Castella rogava por cartas ao Conde D. Pedro: que tevesse campo entre bum seu Cavalleiro . . . e outro Cavalleiro da casa delRei d’Aragão. Item: Dar lugar a se

fazerem armas de jogo, e de sanha entre os requestados, e ter campo entre elles. Ord. 2. 26. 2. quem tinha o campo entre os desafiados punha os Fieis, ou Juizes do campo. V. Clar. 2. c. 29. e 31. ult. Ed. “a vós Emperador cumpre segurardes o campo.” Idem. I. c. 12. “o lugar onde o Duque costumava dar campo.” \* Fazer o campo seguro; nos duellos, e pelejas de mar, e terra. B. 2. 3. 6. “Fazer o campo seguros aos seus, que estavam afferrrados, metendo-se entre os imigos, e a fustalha de Melique Az:” para não acudir de fora aos que pelejavão. \* Entrar em campo o campeão com o campeão do contrario: Hist. de Isea, f. 12. e fig. Luctar, contender. Pinheiro, 2. f. 105. se quizessemos entrar em campo com a necessidade de tempos passados. \* Competir. Bern Lima, f. 30. “pois cantar, e tanger, poucos em campo ousão intrar comigo.” \* Dar campo; i. é., lugar seguro para desafio. Leão, Chron. J. I. para prova de combate: e Cron. Af. V. para purgar sua innocencia. Flos Sanct. V. de S. Luis, pag. CVIII. V. dar campos aos requestados. \* Tirar do campo, mandava quem mantinha o campo aos desafiados, quando tinhão acabado o seu duello, ou repto. Ined. \* Pedir campo o requestado, ou reptado por outro; i. é., licença, e lugar seguro para o repto. Hist. de Isea, f. 86. v. \* Dar campo franco aos soldados; i. é., todo o despojo, que pilhassem, e saqueassem. F. M. c. 151. \* C ampo, no Brasão, o espaço do escudo, sobre que assentão as peças, armas. \* fig. Materia do discurso. \* Lugar onde se faz alguma acção. \* Occasião, oportunidade: v. g. agora se me offerecia campo de fazer. &c.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O significado de “campo”, no interior do mencionado contexto, é instaurado com um valor semântico diversificado dos significados depreendidos dos dicionários consultados, resultando assim, em um neologismo semântico.

33) **CASTELLO-TUMULO**: Substantivo. Imagem figurativa de um túmulo ou calvário assemelhando-se à imagem de um castelo.

Abonação: *“Corre \_\_ vai ver as ondas como saltam! / Como canções o marinheiro entoa! / Como as auroras todo o mar esmaltam! / \_\_ Bem alto o alevantei, <castello-tumulo> / Ao melhor dos meus dias, que alli jazem: / Dos esplendores levantei-o ao cúmulo, / Onde a beleza e os genios se comprazem. / Nunca o vi tão risonho qual a esta hora. / Branco, altivo-empinado, se mirando” (...)* (p. 163).

<b>CASTÉLLO</b>	<b>TÚMULO</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. Fortaleza á antiga, com muros, fossos, e torres; cidadella. * Castello de popa, nos navios; tudo o que se levanta dos masto grande a ré, sobre a coberta; e nos navios antigos era alto como espécie de castello, e o mesmo na proa. * Castéllos de vento: coisas aéreas, sem fundamento. Eufr. 2. 7. “e não enlevações e castellos de vento.” Fazer castellos de vento. Chagas. ( Castellos: uns pãos torneados, ornados de ramalhetes, que os mestéres levão nas Procissões da Cidade. * fig. Coisa que defende: v. g. a feialdade he castello da castidade. Arraes, 10. 30.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. Armação sobre que se põe o ataúde, ou tumba na Igreja.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA**: A formação do neologismo por composição “castello-tumulo” constitui-se a partir dos substantivos “castelo” e “túmulo”. Tem-se que o primeiro substantivo encerra a idéia de suntuosidade e grandiosidade, enquanto o segundo substantivo denota o sentido de um grandioso monumento semelhante a um castelo.

34) **CORRUPÇÃO-AMOR**: Substantivo. Idéia subestimada e negativa do sentimento amor, o qual é aludido no sentido de corromper, fazer algum mal a outras pessoas e outros sentimentos.

Abonação: *“Alvoroça \_\_ alegrias que são dores, / Entre o que se arreceia e se deseja \_\_ / Sorriso-dardos, <corrupção-amores>! E levada onda íntima a taes ventos, / Os joelhos se dobram silenciosos, / N’um extasis obscuro aos pensamentos” (...)* (p. 79).

<b>CORRUPÇÃO</b>	<b>AMOR</b>
A. M. S. (1813): s. f. O estado da coisa corrupta, ou corrompida: v. g. a corrupção da carne morta, das águas enxarcadas. * Alteração do que é recto, e bom, em máo, e depravado; v. g. a corrupção do gosto, dos costumes, do século. * Prevaricação, v. g. do juiz. * Corrupção das palavras; alteração. Cam. Lus. Com pouca corrupção tre que (a Língua Portuguesa) he latina.	A. M. S. (1813): s. m. Sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amavel, fazendo disso o objecto de suas affeições, e desejos. * <i>Amor próprio</i> : a affeição, e bemquerença de nós mesmos, e de nossas coisas. * <i>Por amor</i> : por causa, respeito, em razão: v. g. por amor <i>de suas perfeições</i> . <i>Albuq.</i> 4.3. * Divindade fabulosa, ou paixão do <i>amor</i> divinizada. * fig. O amante, <i>o seu perdido</i> amor. <i>Bernardes, Écloga</i> 10. * <i>Meus amores</i> : expressão carinhosa, e namorada: diz-se a quem amamos. * <i>Amores, amores</i> : dizião, para se excitar nos combates os Cavalleiros, lembrando-se das Damas, a quem servião. <i>Cast. 6. c. 131.</i> “ <i>amores, amores</i> , bradava Belchior de Brito.” Outros dizião: <i>amores de minha mulher</i> . * <i>Amor d’hortolão</i> : planta de folhas espinhosas, que se pegão aos vestidos de quem lhe chega. * <i>Amor</i> .

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Interpretando a abonação, nota-se que a composição de “amores-corrupção” sugere uma impregnação de valores corruptos ao sentimento amor.

35) **CACHIMBO-CONSELHO:** Substantivo. Referência ao objeto cachimbo que, ao ser utilizado por um líder ou outra personagem de valor histórico, transmite, simbolicamente, uma certa idéia de poder, ordem, domínio ou ensinamento.

Abonação: “(WAYANORICKENS, *fumando e assoprando nas caras*:) \_\_ No <*cachimbo-conselho*>, / *Qual um porco a roncar, Enroscava ôlho e rabo / O diabo Em cornudo sonhar. / (Sábios olhando do vértice do solar parallaxe pelo telescópio do equador*:) / \_\_ *Venus fica, passando Pelo disco do sol,*” (...) (p. 32).

<b>CACHIMBO</b>	<b>CONSÉLHO</b>
A. M. S. (1813): Vasosinho de barro conico, onde se põe o tabaco a arder; tem um cano onde se embebe a extremidade de um canudo, e a outra se mette na boca, do que cachimba, e por elle se sorve o fumo. * A	A. M. S. (1813): s. m. Parecer que se dá a alguém, ou se recebe: pedir, dar, tomar, ouvir os conselhos. * Parecer, intento. “mudarão o conselho;” a resolução, o presupposto. “tomou bom conselho.” *De

<p>femea do leme. * Cachimbos de folha de Flandres, onde se mettem veias, assentados n'um quadradinho da mesma lata, o qual se prega onde se hão-de pôr as velas. * Cachimbos: contas de coquilho.</p>	<p>meu conselho: por meu voto. Cast. 3. f. 254. B. Clar. c. 29. “de meu conselho ide-vos embora.” *Juncta de Conselheiros sobre administração pública: v. g. Conselho de Estado; que consta de conselheiros, personagens da primeira graduação: Conselho de Guerra: Conselho Ultramarino: ___ da Fazenda: que tem inspecção, e direcção da Guerra, Fazenda Real, negócios do Ultramar, &amp;c. ___ da Câmara, Vereação. V. Conselho. Ord. Af. 2. 59. * 9 * Houve o Conselho das Índias, creado em 25. de Julho de 1604. transformado depois no Conselho do Almirantado, para os negocios da Marinha, creado em 1796. * Perder o conselho: perder a cabeça, o juízo, o tino. Couto, 4. 8. 8. f. 158. * Não saber dar-se a conselho; i. é. , fizesse necessário mudar de conselho. B. 1. 10. 4. * Levantar o conselho: dar por acabada a consulta, junta para deliberar, e sessão della. Cast. 6. c. 130.</p>
--	---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Pelo que se interpreta do contexto e da constituição do neologismo por composição “cachimbo-conselho”, tem-se que não se trata de um cachimbo comum. Trata-se de um objeto dotado de uma série de valores, uma vez que, segundo a abonação, tem-se a figura do diabo fumando um cachimbo de forma que todos os seus subordinados demonstram uma atitude de respeito a ele.

36) **CORNUDO:** Adjetivo. Idéia metafórica do que transmite sensação diabólica, infernal, horrível ou satânica.

Abonação: “(WAYANORICKENS, fumando e assoprando nas caras:) \_\_\_ No <cachimbo-conselho>, / Qual um porco a roncar, Enroscava ôlho e rabo / O diabo Em cornudo sonhar. / (Sábios olhando do vértice do solar parallaxe pelo telescópio do equador:) / \_\_\_ Venus fica, passando Pelo disco do sol,” (...) (p. 32).

**CORNÚDO**

A. M. S. (1813): adj. Que tem cornos. Naufr. De Sep. Canto 9. A cornuda cabeça.  
 \* O homem cuja mulher não guarda a castidade conjugal. Nobiliar. Ferr. Cioso, 1. sc. 2.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Na abonação supracitada, o adjetivo “cornudo” é empregado com traços significativos diferenciados daqueles consultados nos dicionários citados. Logo, entende-se que o adjetivo em questão é tido como um neologismo semântico.

37) **DESEJO-COROA:** Substantivo. Idealização do desejo de desfrutar de soberania, poder, autonomia, status, superioridade e outras atribuições que conferem supremacia ao ser humano.

Abonação: *“Scintillação extranha se levanta, / Quando amor a vibrar na alma serena / Perturba-a, cega-a, e na cegueira a incanta: / E qual em céus levantes se anunciam / Os fulgores divinos da manhan, / <Desejos-coroas> lhe resplandeciam / Que de si verte a frontetalisman. / Via o Guesa á tez branca s'errichando,”* (...) (p. 82).

<b>DESEJO</b>	<b>COROA</b>
A. M. S. (1813): s. m. vontade de ter, possuir, ou conseguir alguma coisa. * Saudade. Sá Mir. Estrang. Acto 5. o desejo da filha me torna cá. Lobo, Egl. 9. bum doce amigo, cujo desejo lá custou mais caro.	A. M. S. (1813): s. f. Adorno, com que se cinge a cabeça, de hervas, flores, &c. * De metal, ou pedraria, como insígnia de Soberania: e daqui fig. Coroa se toma em sentido de Reino: v. g. “os vassalos desta Coroa.” * Com coroas se adorna a parte superior dos escudos. * A parte da cabeça rapada, distintivo de Sacerdócio. * Coroa de Rei; herva. (melilotos ou melilotum, i.) * Coroa: sete mistérios do Rosário. Área, meteoro, que cinge a Lua, ou o Sol, de varias cores. * Coroa: o alto da cabeça: “dava a água a huns pelas barbas, a outros pelas coroas.” H. Naut. 1. 101. * Coroa do monte; o mais alto delle. Luc. F. 212. * Coroa: a pessoa mais alta, e abalisada: v. g. ó coroa dos ilustríssimos Castros. Seg. Cerco de Diu, f. 325. * Roda de Coroa, ou de Mão; t. de Mecanic. é a que tem os dentes perpendiculares ao plano da roda, e parallelas ao veyo, ou eixo. * Coroa do

	casco das bestas; a parte superior. * Coroa de Venus: herua. (Veneris corona). *Moeda de ouro antiga, que valia dois mil, e desesseis reis. * Coroa (na Fortif.) as coroas constão de um baluarte no meyo, e dois meyos baluartes nos extremos em forma de uma coroa, donde tomarão o nome. Meth. Lusit. p. 86, * Coroa de areya no mar: medão, que sobreleva o nível do mar. Albuq. Comment. Barros. * Moeda. Ined. II. f. 476. “coroa velha do cunho de França, que corria com valor de 90. a 100. reaes brancos.”
--	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme é sugerido pela leitura da abonação mencionada, “desejos-coroas” constitui um neologismo por composição, cujo sentido remonta ao desejo do índio Guesa de usufruir certos poderes que lhe conferem um valor supremo entre os demais.

38) **DOCE-UMBROSO:** Adjetivo. Característica metafórica do que transmite, com um certo ar de mistério, leveza, serenidade, doçura e suavidade.

Abonação: *“Qual se, de dentro o pêso, as arrancasse, / De um coração de chumbo; mais vorace / O rubro labio, o olhar das chammas válidas / (Eram-lhe pardos olhos, oh! preclaros, / Bellos qual os de um deus! tão <doce-umbrosos> / Sobre a calma do olhar, tão silenciosos,” (...)* (p.113).

<b>DOCE</b>	<b>UMBROSO</b>
A. M. S. (1813): adj. Que causa no paladar sensação semelhante á que ahi causa o mel, assucar. * fig. Suave, agradável: v. g. doce voz, melodia: doce memória, ou lembrança; doce engano; doce morte. Camões. * Doce de fazer, i. é. , suave. M. Lus. * Ferro doce; o que não é pedrez, mas dobra, e corta-se sem quebrar, e faz correya. * Lançamento doce, se diz o da escada, que é o menos íngreme. * adverb. “doce tanges Pierio, doce cantas:” com ellipse de mente. Ferr. Egl. 2.	A. M. S. (1813): adj. poet. Onde há sombra, assombrado, que dá sombra; v. g. o rio umbroso, o valle umbroso. Cam. Eclg. 2. o bosque, o pavelhão, a selva umbrosa. Eneida, IX. 22. alfaya umbrosa. Maus. f. 10.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em conformidade com o contexto supracitado, o neologismo por composição “doce-umbrosos” é empregado como um adjetivo que, a partir do adjetivo “doce” expressa qualidades como leveza, serenidade e tranquilidade, ao passo que, a partir do vocábulo “umbroso”, são expressos os sentidos de mistério e obscuridade.

39) **DOR-HUMANIDADE:** Substantivo. Denotação antitética de uma sensação molesta caracterizada de sentimentos benignos, brandos e passivos.

Abonação: *“E na paixão de um anjo?—vens das dôres, / Ou és um sonho d'esta natureza? / ”— Da scentelha divina misteriosa / Do amor primeiro, que é na mocidade, / Gloria n'um, n'outro fôrça poderosa, / Quem és?—és tu a <dor-humanidade>?..” / Então, olhando o genio, e bom e brando, / E sem nenhum recato á formosura,”* (...) (p. 151).

<b>DOR</b>	<b>HUMANIDADE</b>
A. M. S. (1813): s. f. A sensação molesta causada por coisa, que offende o corpo; ou inquieta, e offende a alma. * As dores, se toma entre as mulheres, por as do parto. * Tomar as dores por alguém; sentir as suas desgraças, e trabalhos, acodir por seu remédio. * fig. Sentimento, pena, pezar : v. g. dor de o ter offendido.	A. M. S. (1813): A natureza do homem. V. do Arceb. 1. 3. * f. Benignidade compassiva; brandura de condição; lhaneza sem suberba. Lobo. Com piedosa humanidade dobrarão estas lagrimas. Barros, 1. 63. v. col. 1. * Humanidades: Lettras Humanas, boas artes, a Grammatica, Rhetorica, e Poesia, a Musica, a Filosofia, &c. Ler humanidades no Collegio. Agiol. Lusit.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme se interpreta o sentido de “dor-humanidade” na abonação acima, nota-se que, graças à presença do substantivo “dor”, instaura-se a idéia de moléstia, enquanto que o substantivo “humanidade” instaura a idéia de benignidade, brandura e bondade.

40) **DÔR-MÃE:** Substantivo. Alusão sensitiva das dores, preocupações, ânsias e inquietudes próprias de uma mãe muito dedicada ao bem-estar de seus filhos.

Abonação: *“Aos podêres e á fôrça: uns da descrença, / Outros de illusões falsas foram presa; / Outros, emfim, d'este fatal orgulho / De uma pobreza nobre, ou da inconstância / Com que jacina á flor pede fragrancia, / Beijos a brisa ao mar vivo e marulho. / D'ahi as <dôres-mães>, que*



*aos céus encaram / Pelo incanto do azul e não por Deus, / Que perguntam se um crime perpetraram — / Mas, pezam-se do riso dos atheus. / "Passei a noite a vel-a! alma adorada / De minha mãe, ha tantos annos morta. . . / “ —Se não dormieis, juncto á vossa porta / Tereis ringir ouvindo á revoada Da inspiração” (...)* (p. 45).

<b>DOR</b>	<b>MÃE</b>
A. M. S. (1813): s. f. A sensação molesta causada por coisa, que offende o vorpo; ou inquieta, e offende a alma. * As dores, se toma entre as mulheres, por as do parto. * Tomar as dores por alguém; sentir as suas desgraças, e trabalhos, acodir por seu remédio. * fig. Sentimento, pena, pezar : v. g. dor de o ter offendido.	A. M. S. (1813): V. Mãi, e o que notei no Art. Páe. Ined. III. 570. “mães, e outros parentes.” <b>MÃI:</b> s. f. A mulher, ou femea do animal a respeito do filho filho que pario. * Arvore mãi; a que produzio outra, ou renovos. * Mãi d’agua; a fonte donde ella nasce. * Mãi do rio. V. Madre. “ficarão algumas náos tão baixas na mãi do rio.” B. Clar. 3. c. 2. * Ser uma mãi; i. é. , fraco, molle: v. g. “Fulano é uma mãi.”

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Por meio do emprego do neologismo por composição “dores-mães” e de acordo com a interpretação depreendida da abonação aqui analisada, pressupõe-se um filho lembrando de sua mãe falecida. De um lado, a palavra “dores” sugere os sentimentos, preocupações e inquietudes, ao passo que o vocábulo “mães” remete à idéia maternal.

41) **EDENAL:** Adjetivo. Característica inerente àquilo cuja perfeição sugere ser pertencente ao Éden, ao paraíso.

Abonação: *“Ou em certas dos corações profundas Membranas, d’onde as mágoas não são filhas. “Vejo não ser ficção que exista o Eden, Embora sempre além \_\_ d ‘aquelle ao meio... Um lirio de Jesus: branco, a que cedem As rosas, me afirmando, ver eu creio! ... “Só me lembra uma vez ter encontrado A edenal criação, o de pureza Lirio na aurea innocencia, unico amado E que immutavel é na natureza. (...)”* (p. 103).

<b>ÉDEN</b>
C. F. (1925): m. Paraíso edenal, de que fala a Bíblia. Ext. Lugar de delícias e de

felicidade tranqüila. (Hebr. eden, prazer).

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Supõe-se que, em consonância com a abonação acima, há uma idealização de um lírio, cuja perfeição permite considerá-lo como uma criação edênica. Para isso, é criado o neologismo “edenal”, a partir do substantivo “éden” e do sufixo –al.

42) **ENRUBECENTE:** Adjetivo. Atribuição ao que é vermelho, corado ou, num sentido figurado, o que demonstra energia, vivacidade ou ardência.

Abonação: *“Ama, accesa a planície, em lentejoilas Luzindo as florezinhas veticaes; Dorme á sombra de mysticas papoilas, Huivo o vento volvendo os florestaes. Escuta hymnos d’além; voa á corrente Dos pongos, que retumbam no deserto; Do calix pende ao rir d’enlêvo aberto Da flor, que se desata <enrubecente> \_\_\_/“Flor solar! Susurrantes ao meio dia As abelhas na selva, na espessura Reina o viver \_\_\_ Oh! Bella creatura! A luz dos olhos teus é tão sombria!” ... (...) (p. 05).*

**ENRUBECER**

A. M. S. (1813): v. n. Corar, faxer-se vermelho. Ord. Af. L. I. p. 41. O Enqueredor deve esguardar ... se as testemunhas enrubecem ou se torvão.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Através do verbo no infinitivo “enrubescer” e com o acréscimo do sufixo –ente, foi criado o neologismo “enrubescente” que, no contexto acima, qualifica um tipo de flor que, devido à sua energia e vivacidade, é denominada de flor solar, ou melhor dizendo, flor do sol.

43) **ERRAMUNDO:** Adjetivo. Qualidade daquilo que percorre a vida sem rumo, sem destino certo. O que demonstra perdição, desatino, desequilíbrio ou descontrole.

Abonação: *“E mortas da urna conjugal, dos ventos / Dos destinos a flor, viçam perdidas. Amando ao branco, ao maternal exemplo, Mais co'o nacar dos risos, erramundas Vão, dos amores desdenhando o templo Que é solidão de rôlas gemebundas.”* (...) (p. 96).

<b>ERRAR</b>	<b>MUNDO</b>
<p>A. M. S. (1813): v. n. Andar de uma parte para a outra, vagar, ou vagamundear. “mares, e terras quantas nunca Ulisses imaginou, que podia haver para se navegar, e errar.” H. Naut. 2. 317. aqui usa-se neutr. Apassivado com se. * activ. Errar os tempos ás coisas; i. é. , não usar do bom ensejo de as fazer a propósito. Ferr. Egl. 10. * fig. Dizemos a fama erra. * Desacertar: v. g. errar o alvo, o tiro, o caminho, a porta: errar o nome, o intento: errar uma palavra. * Errar o tiro, fig. não conseguir o que se desejava: perder: v. g. “nunca virtude perdeu, nem a maldade errou sua pena.” Ulis. 3.2. f. 182. * Errar a alguém; offender, faltar ao dever. P. Per. 2. 72. Errar á sua obrigação. Lus. II. 39. “sem que te errasse.” Eufr. 2. 3. “errar a meu amo.” * Errar alguém, o alvo, o intento; não acertar o tiro no alvo, o que se intentava. Ined. II. 358. “em o arremessando, errou-o:” i. é. , não lhe acertou com o arremesso. * Não quizesse Deus, que ella errasse aos ossos de sua mãe. Sagramor, i. c. 23. f. 91. * Desencontrar-se: v. g. manddrão-lhe dizer, que viesse para o marítimo, para não errar a armada, que havia de ir buscá-lo; i. é. , desencontrar-se della. Vron. J. III. P. I. c. 37. e P. 2. c. 53. errarão as náos. B. Clar. I. c. 2c. “cuidando que os errara (a quem buscava). * Errar-se: desencontrar-se. V. do Arc. L. 4. c. 27.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. O Universo criado. * Este globo terráqueo habitado dos homens. * fig. Os homens: v. g. todo mundo te aborrece. * Os Seculares, com distincção dos Religiosos, e da gente dedicada a Deus. * O mundo que corre: i. é. Estilos, costumes, vícios dos mundanos, o que vemos acontecer, e praticar no mundo. Paiva, serm. 1. f. 77. Cuidando na terra, e no mundo, que corre, conheço o erro d'elle pelas virtudes que approva, e pelos vícios que ama, queria saber de vós, que tempos correrão, e que mundo se seguiu? i. é. , acontecimentos, ou serie delles. Arraes, 4. 19. * Os homens mundanos. * O outro mundo; i. é., a vida futura. * Mundo novo: a América. * O mundo, na Pintura, e Escultura, se representa por uma bola, ou globo. * Mundo pequeno. V. Microcosmo. * Mundo: os infinitos trajos, e enfeites das mulheres. Vieira, renunciando ambos os mundos, se vestiu de hum habito grosseiro. * “mulheres, ou mancebas do mundo:” meretrizes. Ord. Af. 1. pág. 98.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** A abonação acima sugere perdição por parte de alguns seres da natureza. O neologismo por composição “erramundas”, constituído a partir do verbo no infinitivo “errar” e do substantivo “mundo”, corresponde a esta idéia de perdição, uma vez que qualifica aquilo que não é capaz de coordenar a vida de forma equilibrada, coerente e controlada.

44) **ESCURO-LIMPIDO**: Adjetivo. Idéia antitética característica do que pode parecer misterioso ou obscuro e o que sugere transparência ou limpidez.

Abonação: *“Nem pode se afirmar d’ onde tão pura Tanta sombra magnetica emanava, Do cilio velludoso que na alvura De uma face de luz a projectava, Ou das <escuro-limpidas> scentelhas / Nas orbitas cinereas; ou teria/Ao coração raizes e tão bellas Que o negrume á paixão de amor fazia;”* (...) (p. 156).

<b>ESCURO</b>	<b>LIMPIDO</b>
<p>A. M. S. (1813): adj. Sem luz. * Não claro: v. g. “azul escuro.” * Dia escuro; pouco descoberto, toldado, anuviado. * Pensamento __ ; que se não entende bem. * fig. Triste. Pensamentos escuros, carregados. Ferr. Castro, f. 154. difficil de entender: v. g. palavras escuras. It. Que se ouvem mal. Seg. Cerco de Diu, f. 425. * Não nobre: v. g. nascimento escuro. “fazer escura a gloria:” i. é. , deslustrar, abater. Lus. I. 13. * Voz escura; a que não se ouve bem. Corte Real, Naufr. * Escuro, na Pintura: a parte opposta a em que o Pintor representa dar, e ferir a luz; a mais assombrada: e nos cambiantes, a que se pinta com cor análoga aos altos, e mais tintas, porém mais escura, e assombrada.</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. poet. Puro, cristallino: v. g. fonte límpida. Lus. IX. 54. claras fontes, e límpidas manavão.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA**: Em conformidade com o sentido instaurado pelo neologismo por composição “escuro-límpidas” no contexto citado, o novo adjetivo busca caracterizar as luzes, emitidas pela órbita cinérea, cujos clarões oscilam entre luzes escuras e transparentes.

45) **ESPUMA-VIDA**: Substantivo. Denotação negativa um tanto quanto pessimista do sentido da vida, realçando sua efemeridade e fragilidade.

Abonação: *“Entre esta amante terra e os corações! / ” Bem diz-se ao mundo, com piedoso incanto / Conciliador d'esp'rança já perdida, / E a esta miserrima, a esta <espuma-vida>, / Em qual abraço que estreitou-se em pranto. / “Do Guesa o coração fôra humilhado / Ao cruel desincanto*

*de um delirio. . . / Dos ecchos vão, dos valles o martyrio, / Longas ondulações\_\_vaga o passado” (...)* (p. 132).

<b>ESPUMA</b>	<b>VIDA</b>
<p>A. M. S. (1813): Verbete inexistente.            C. F. (1925): f. O mesmo que escuma.            * Saliva escumosa, que fórma grandes bolhas entre os dentes ou entre os lábios, ou na garganta, durante certos incômmodos nervosos. (Lat. spuma).</p>	<p>A. M. S. (1813): s. f. Opposto a morte, o estado do animal em que faz as funções naturaes, e animaes; nas plantas em quanto durão vegetando, nutrindo-se, e conservando-se no estado de perfeição natural. * O tempo que dura a vida. * Em vida de Pedro; i. é. , quando elle vivia. * Por huma, duas, ou três vidas; i. é. , para o primeiro a quem se concede a graça, ou para seu herdeiro, e para o herdeiro do herdeiro. * Modo de vida, estado que dé com que se sustente a vida “ordenar vida aos filhos, porque não fiquem por portas.” B. 4. Dec. Apolog. * Ter vida; i. é. , ter modo de vida. * Fazer vida de soldado, ser soldado, viver como casado, satisfazer aos deveres conjugaes, &amp;c. * O procedimento moral religioso; v. g. homem de boa, ou má vida. * Vida do mez, tributo, ou serviço, que antigamente se fazia M. Lusit. Tom. 5. f. 319. it. o 6 artigo, era um dia de comida, ou a mantença em viveres guizados, e feitos como pão &amp;c, que se dava ao mordomo menor Del-Rei um dia, em cada mez: vida para quatro homens, uma comida abastante para quatro huma vez ao dia, ou o equivalente ao que se devia dar em viandas, pagado a dinheiro. Elucidar. * Vida de sempre, a vida eterna.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme se depreende da abonação, é lamentada a condição miserável, frágil e efêmera da vida humana. Logo, o neologismo por composição “espuma-vida” é composto buscando encerrar a idéia de fragilidade e de efemeridade, como bem sugere o substantivo “espuma”, atribuída à vida.

46) **FACE-AMENA:** Substantivo. Designação de semblante que reflete delicadeza, calma, serenidade e brandura.

Abonação: “*Eis do Guesa a afeição mais duradora, / O amor da bôa serva, a serva-amante;/ Práctica virgem, que só trae se adora: / É negra flor dos valles do Levante, / Crepuscular saudade; é o mysterio / De luctas contra o mundo; é luminosa / Vinda das trevas, d’ellas messageiro / Innócuo, infeliz, contra a ditosa / Luz de Abel — Deus eterno ! — é a vaidade,/ É d’extranhos punhal: <faces-amenas>, / Risos evanos meigos da saudade*” (...) (p. 148).

FACE	AMENO
<p>A. M. S. (1813): s. f. A parte do rosto dos olhos até a barba; o rosto todo. * Superfície, flor, tona: v. g. á face da água: Barros. 2. 8. I. * Apparencia: v. g. faces da Lua. V. Fazes, ou Phazes. * A face de hum dado, ou de huma pedra, huma de suas superfícies planas. Lucena; pela face debaixo da campá: escrever em papel; em folhas d’ola (ao uso Oriental) d’ ambas as faces. B. I. 9. 3. no papel é pagina. V. Fachada do edifício. * Na Fortif. A parte do baluarte mais avançada a campanha, comprehendida entre o angulo da espalda, e o baluarte. Fort. Mod. * A face do negocio; o lado, ou diverso respeito por que se póde considerar. Freire. * Andar á face; haver-se, fallar com singelliza, sem rebuço, nem dissimulação. Sá de Miranda: andava á face toda, ellas d’envés. * Ver a Deus em sua própria face, ou de face a face, he o modo em que o vem, e conhecem os Anjos, e Bemaventurados. Vieira. * Recebido em face de Igreja: i. é. , no templo pelo Ministro competente, perante testemunhas. * “Com face de fingida honra encobrissem o envés do verdadeiro abatimento.” Ined. I. f. 392.</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. Fresco, viçoso, gracioso, aprazível: v. g. “o tardim, verguei ameno”. * t. Sereno: v. g. o curso __ do rio. Eneida, VII. 8. * Homem ameno, brando, jovial; de boa convivência, tratavel, suave. * Estio ameno, que tem amenidade. * praya __ rio, fonte.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O neologismo por composição formado pelo substantivo “faces” e adjetivo “amenas” sugere a capacidade do semblante de uma pessoa expressar os seus sentimentos verdadeiros e bons.

47) **FACE-LEDICE:** Substantivo. Semblante satanicamente caracterizado por transmitir, ao invés de alegria e felicidade, o sentimento de loucura e desatino.

Abonação: “*Oh! quão funesta do infortunio bate / A hora, quando se alegra a mocidade! / E d'esmeralda luze velludosa / Do insondavel abysmo a superficie : / Prostituição do abysmo! Insidiosa / Luz! sepulchro infernal <face-ledice> ! / A serpe que o rompeu por estas fraguas / Lá s'estende em seu leito somnolento / O olhar evita-se ás d'Esquecimento / Fundas, resvaladias, verdes aguas !*” (...) (p. 269).

FACE	LEDICE
<p>A. M. S. (1813): s. f. A parte do rosto dos olhos até a barba; o rosto todo. * Superfície, flor, tona: v. g. á face da água: Barros. 2. 8. I. * Apparencia: v. g. faces da Lua. V. Fazes, ou Phazes. * A face de hum dado, ou de huma pedra, huma de suas superfícies planas. Lucena; pela face debaixo da campa: escrever em papel; em folhas d'ola (ao uso Oriental) d' ambas as faces. B. I. 9. 3. no papel é pagina. V. Fachada do edifício. * Na Fortif. A parte do baluarte mais avançada a campanha, comprehendida entre o angulo da espalda, e o baluarte. Fort. Mod. * A face do negocio; o lado, ou diverso respeito por que se póde considerar. Freire. * Andar á face; haver-se, fallar com singelliza, sem rebuço, nem dissimulação. Sá de Miranda: andava á face toda, ellas d'envés. * Ver a Deus em sua própria face, ou de face a face, he o modo em que o vem, e conhecem os Anjos, e Bemaventurados. Vieira. * Recebido em face de Igreja: i. é. , no templo pelo Ministro competente, perante testemunhas. * “Com face de fingida honra encobrissem o envés do verdadeiro abatimento.” Ined. I. f. 392.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. f. Alegria, prazer. Arraes, I. 5. antiq. Ferr. Sonetos. E el s'bia rindo de ledice entre ellas. antiq.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Pela abonação, observa-se que o sentido instaurado sugere impressões infernais e satânicas, como se pode concluir das palavras “sepulchro”, “abysmo” e “infernal”. Logo, entende-se que o neologismo por composição “face-ledice” visa corresponder a estes sentidos, uma vez que se refere a manifestações de loucura expressas no rosto de alguém.

48) **FACE-LUZ**: Substantivo. Impressão figurativa de semblantes que expressam esperança, calma, pureza, bondade, tranqüilidade ou brandura.

Abonação: *“Por isso, antes do meio da existencia / Sentiu-se o Orpheu da lyra envelhecido,/ O cabelo grisalho, que em demencia / Propulsa a dor de um cerebro perdido: / Qual <faces-luz> angelicas se tornam / Quando são pelos homens 'sbofeteadas / E as impressões das mágoas, que as adornam, / Brilham, dos dedos de que estão sulcadas, / As faces frescas, lhe seccaram pallidas / Qual se, de dentro o pêso, as arrancasse,/De um coração de chumbo; mais vorace” (...)*  
(p. 112).

<b>FACE</b>	<b>LUZ</b>
<p>A. M. S. (1813): s. f. A parte do rosto dos olhos até a barba; o rosto todo. * Superfície, flor, tona: v. g. á face da água: Barros. 2. 8. I. * Apparencia: v. g. faces da Lua. V. Fazes, ou Phazes. * A face de hum dado, ou de huma pedra, huma de suas superfícies planas. Lucena; pela face debaixo da campa: escrever em papel; em folhas d'ola (ao uso Oriental) d' ambas as faces. B. I. 9. 3. no papel é pagina. V. Fachada do edificio. * Na Fortif. A parte do baluarte mais avançada a campanha, comprehendida entre o angulo da espalda, e o baluarte. Fort. Mod. * A face do negocio; o lado, ou diverso respeito por que se pôde considerar. Freire. * Andar á face; haver-se, fallar com singelliza, sem rebuço, nem dissimulação. Sá de Miranda: andava á face toda, ellas d'envés. * Ver a Deus em sua própria face, ou de face a face, he o modo em que o vem, e conhecem os Anjos, e Bemaventurados. Vieira. * Recebido em face de Igreja: i. é. , no templo pelo Ministro competente, perante testemunhas. * “Com face de fingida honra encobrissem o envés do verdadeiro abatimento.” Ined. I. f. 392.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. f. A matéria, que emana do Sol, da chama, e faz com que vejamos os objectos. * fig. O corpo que dá luz: v. g. vela accesa, ou candeya. * Lume. * fig. A luz da razão. B. * Tirar, ou dar á luz; publicar obra. Lobo. Trazer á luz: o mesmo. V. do Arc. I. I. * Dar á luz um menino; parir. * Luz do painel; a parte em que se representa que lhe dá luz. * Grande a todas as luzes; i. é. , a todos os respeitos, por todos os lados. * “Luz de seus claros lumes;” i. é. , dos seus claros olhos. Ferr. Son. 37. L. I.</p>



**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neste caso, entende-se que a composição do neologismo “faces-luz” visa fazer referência às angélicas que, mesmo vítimas da ação agressiva e violenta dos homens, com toda a sua perfeição e pureza conseguem, ainda assim, emitir todo o seu brilho.

49) **FIRMAMENTO-ADEUS:** Substantivo. Referência poética ao horizonte que, quando apreciado, transmite-nos um sentimento de saudosismo e de partida.

Abonação: “*Foi a esta hora. O crepusculo doirava / De Kaxamarka as lucidas encostas; / Inti as flôres mais bellas esmaltava / <No firmamento-adeus>. — E hi vêm-se oppostas / Faces da humanidade: oh! não ao forte / Solar clarão e nem à noite escura; / Lede dos Incas nascimento e morte / N'esta hora vesperal saudosa e pura!*” (...) (p. 295).

<b>FIRMAMENTO</b>	<b>ADEUS ou ADEOS</b>
A. M. S. (1813): s. m. O Ceo que Ptolomeu dizia estar fixo, e parado. * O Ceo estrellado, ou onde estão as estrellas fixas. * A pessoa, ou coisa que assegura, e faz estável. A fé é o firmamento da Religião, e a boa razão, e a critica apurada o forão da fé, com ellas se distinguirão, &c.	A. M. S. (1813): A Deus: se te deixo. Sá Mir. Vinhalp.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Contemplando o findar de mais um dia, é ressaltada a beleza do crepúsculo dourando as encostas da região de Kaxamarka e a beleza das flores que adornam o horizonte. Supõe-se que o neologismo em questão foi criado no sentido de encerrar uma idéia de saudosismo e de lembranças quando apreciado.

50) **FLAVO-AZUL:** Adjetivo. Qualidade daquilo cuja pureza é tão intensa, a ponto de ser comparado à limpidez do ouro e do azul.

Abonação: “*Là, da Desolação a ilha, parece / Um arcabouço náufrago — espelhada / Em ondas <flavo-azul>, como perder-se?*” (...) (p. 328).

<b>FLAVO</b>	<b>AZUL</b>
A. M. S. (1813): adj. Loiro, cor de oiro esbranquiçado, como é a dos pães maduros;	A. M. S. (1813): adj. Cor da massa extrahida do anil; a cor, que tem o Ceo

de ordeinario se usa na pões. * Cor flava. Queiros, Vida de Basto. * Colera flava (t. Med.): da cor, e consistencia da gema de ovo crua. Madeira.	limpo, é azul celeste; alias pombinho, fino: o claro é mais aberto que o celeste. Azul ferrete; apertado, fechado, turqui é o escuro. * Servidores de azul, da Misericórdia, trazem sotaina azul.
---	---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O neologismo por composição “flavo-azul” é entendido como qualidade do que apresenta intensa pureza. De um lado, o adjetivo “flavo” sugere a idéia de algo que resplende como o ouro e, em contrapartida, o adjetivo “azul” sugere sentido de limpidez e pureza.

51) **FOGO-ARDIDO:** Substantivo. Referência bastante expressiva ao que por ser dotado de muito ardor, calor, vivacidade ou paixão ardente é comparado à ação do fogo queimando.

Abonação: “(*Sombra de rei THEODORO errando pelo tecto:*) / — *Vede, cinco de oitubro, / Negro mar em furor, Sobrenada, n' esta arca / Da Parca, Do Abyssinio o amor! / (Espirito de PATROCLO per BRISEIS sibilando por baixo da terra:)* / — *Dos amigos preserva Teus mimosos tajás ; / Ou o amor, <fogo-ardido>, Perdido Co'os amigos terás.*” (...) (p. 38).

<b>FOGO</b>	<b>ARDIDO</b>
A. M. S. (1813): s. m. Um dos quatro elementos, quente e seco: o mesmo elemento desenvolvido na madeira, e tudo o que é combustível. * Fogo vivo, é o que nas queimas dos matos se ateya nos troncos; morto, o que pega nas ramas. * Direito de fogo morto, é o que tem o arroteador de alguma terra, para não ser expulso della pelo proprietário. * Arrendar alguma fabrica; v. g. um engenho com um, ou dois annos de fogo morto; de comum se faz, quanto está a fabrica, e officina incapaz de laborar, e por isso não se paga a renda no anno ou annos de fogo morto. V. Morto. * Fogos artificiaes; na Guerra, são bombas, granadas, &c. item, os foguetes do ar, e outros por festa. * A fogo lento; queimando pouco e pouco. * Estar a fogo e a sangue com alguém, ou contra alguém: mui irado e	A. M. S. (1813): p. pass. de Arder. Queimado. Seg. Cerco de Dio, f. 432. * Ousado, atrevido, desenvolto em commetter. Palm. P. 2. c. 59. “ardido coração.” B. I. I. c. 6. e 3. 9. 8. * Fogoso, apaixonado: v. g. coração __. M. L. * Ardido: ferido do ardor sensual, venereo. Cardoso. “Mulher ardida.” * Ardido em pó: reduzido a pó pelo fogo. Resende, Chron. * Ardido: que adquire a qualidade empireumatica, dos oleosos: que adquire sabor acre, v. g. passas humidas, e guardadas, a farinha: certas madeiras empilhadas ardem, e algumas matérias inflammaveis, alcatroadas, &c.

<p>desejoso de vingança. * Fogo actual, t. cirurg. o cauterio do ferro em braza: potencial; o cáustico. * Fogos artificiaes, os que se fazem com pólvora, por brinco, e festa. * Fogo; muitos tiros d'armas: v. g. fazer fogo contra o inimigo: dar fogo; pó-lo, v. g. á fogueira, ao arcabuz, ao canhão, para disparar. * Casa, ou família: v. g. lugar de vinte fogos. * Ardor, vehemencia: v. g. o fogo da mocidade, e f. das paixões: o fogo da herezia. V. do Arceb. L. 6. c. 25. * Fógos: chamas amorosas. Ferreira, Ecloga II. t. I. f. 200. e f. 227. t. I. se me calo os meus fogos são mais fortes; e Hist. de Isea, f. 70. meus ardentes fogos não tem podido mudar teu cruel animo. * Tomar fogo: conceber paixão. * Atiçar o fogo; fig. a sanha, discórdia, paixão. Couto, 4. 4. 2. * O fogo dos olhos, de quem tem muita viveza, ou paixão. * Povoar uma terra de fogo morto; i. é. , de todo, não havendo antes num uma só casa, ou fogo nessa terra. Leão, Cron. * Arma de fogo, a que se atira, e emprega por meyo da pólvora quem em si contém; v. g. pistolas, arcabuses, bacamartes, &amp;c. e assim bocas de fogo. * Fogo, ou fogos: foro de 48 réis, que se paga em Chaves, e suas visinhanças ao Rei pelo S. Martinho, aliás Martiniega. Elucidar. * Casal de fogo morto; deshabitado. Idem.</p>	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme é mostrado na abonação acima, o sentimento amor é tido como tão avassalador e cheio de ardência, calor humano e paixão que passa a ser comparado à ação do fogo. Desse modo, “fogo-ardido” busca corresponder à idéia de algo que, por ser tão intenso, queima e arde como um fogo em atividade impetuosa.

52) **FÓRMA-SYMBOLO:** Substantivo. Referência àquilo que por demonstrar uma forma cada vez mais consistente, persistente e concreta passa a adquirir status de um símbolo.

Abonação: “*E o Deus que está na amante mocidade / Qual o ideal n'um bello firmamento, N'elles esteve e á plena liberdade / Do divino amoroso sentimento. / " Ha uma <fórma-symbolo>, que interna / Existe, sente-a eternizando a vida: / Segue-a o homem na esp 'rança que ha-de a eterna*” (...) (p. 152).

<b>FÓRMA</b>	<b>SYMBOLO</b>
<p>A. M. S. (1813): s. f. Filosof. A disposição da materia, que constitue uma espécie distincta da outra. * Figura: v. g. tomou a fórma de um tigre. * Modo: v. g. “desta forma.” * A fórma do governo, i. é. , a pessoa, ou pessoas, em quem residem os direitos Majestáticos, i. é. , o de legislar, impor tributos, fazer a paz, e a guerra. Vieira. * Fórma: o que é necessário para que alguma coisa tenha ser: v. g. “se o livro ideiado chegar a receer alguma fórma.” Vieira. * Idéia, imagem, molde, ou modello: v. g. para que fosse a todos fórma, e exemplo de santidade. Flos. Sanct. pag. LXXI. col. I. a fórma da temperança em el-Rei D. Manuel Varella. * Formas. V. Formalidades. * Sem fórma de processo: contra o modo observado no fazer justiça. Macedo. Vida do Princ. * Modo de obrar e viver. * Forma, entre os Lógicos, argumentar em forma; regularmente, segundo as regras, concludentemente. * Por forma: por formalidade. * Em fórma, adv. Perfeitamente, acabada, essencialmente. “sou parvo em fórma.” Ulis. 5. 6.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. Sinal de convenção, que faz reconhecerem-se mutuamente as pessoas que delle usão; v. g. o Credo, ou os dogmas professados nelle erão o symbolo, pelo qual os primeiros Christãos da mesma seita se davão a conhecer por irmãos em Jesus Christo, em qualquer parte da terra. Vieira. e se dice symbolo porque cada Apostolo conferiu, ou propoz o seu artigo de crença, com os outros. * Imagem, ou figura natural, que he appropriada, e allusiva a algum sentido espiritual, ou moral; v. g. a Cruz; symbolo do mesmo Christo. * O cão he symbolo da fidelidade, a pomba da simplicidade, o leão do valor; a palma, e loiro, da victoria.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neste caso, “fórma-symbolo” constitui um neologismo por composição com finalidade de corresponder ao sentimento amor que, no interior do homem, se concretiza numa forma bastante consistente de modo a simbolizar um sentimento eterno.

53) **FRESCO-TERSO:** Substantivo. Alusão a clima de frescura e aragem muito pura e límpida.

Abonação: “*Com que saudade Contemplo a do crepusculo em seu berço / D'estes Cèus a que os Incas s'elevaram! / Notai-lhe o divorciado <fresco-terso> / Dos aureos dias, que p'ra os cèus*

voaram ! / *Occasos de Junin, de Kaxamarka, / Luz a que abrem-se as páginas da história / E a de licção aos tempos, que demarca*” (...) (p. 306).

<b>FRESCO</b>	<b>TERSO</b>
A. M. S. (1813): adj. Não quente, nem frio: v. g. ar fresco, água fresca. * Posto de pouco: v. g. queijo fresco. * Vindo há pouco: cartas, novas frescas. * Peixe fresco, carne __ ; não salpresa, nem salgada. * Carão fresco; não crestado do Sol; não quebrado, ou rugoso com os annos. * Velho __ ; verde, rijo, robusto. * Gente fresca; que chega de novo, que não servio na guerra, ou batalha. * Água fresca; que vem do poço, ou fonte. * Tinta fresca; que ainda não está seca. * Sair fresco d’algum exercício; sem cansaço, nem afronta. * Vento fresco, favorave, e teso, ao contrario do escaço, que não enfuna as velas. Lobo. * Memória, narração fresca; viva, resente. V. do Arceb. I. I.	C. F. (1925): adj. Limpo, lustroso, polido; v. g. ferro terso. Eleg. f. 53. * fig. Estilo terso. Insul

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** “Fresco-terso” é entendido como um neologismo por composição, em que se justapõem os adjetivos “fresco” e “terso”. Este neologismo faz referência bastante expressiva em relação à fresquidão e aragem do clima.

54) **GELO-INFINITO:** Substantivo. Designação de grandes, vastas e elevadas extensões de terras cobertas de gelo.

Abonação: “*Subamos mais—mais alto, se alevanta / O espirito immortal aos horizontes / Quando o occidente as rosas abrilhanta / Dos vastos <gelos-infinitos> montes! / E a procellosa encosta se reveste / Dos saudosos rosaes que à tarde incendem : / Cèus! os Andes qual nossa alma celeste, / Mais cáia o sol, mais erguem -se e resplendem ! / Solitaria è a gloria em fronte adusta,*” (...) (p. 320).

<b>GELO</b>	<b>INFINITO</b>
A. M. S. (1813): s. f. A neve congelada, e vitrificada.	A. M. S. (1813): adj. Sem fim, nem termo, em qualquer grandeza; attributo, intensiva,

	ou extensivamente: v. g. Deus é infinito: a matéria não é infinita. * no f. Coisa mui grande, a que não sabemos termo; ou por exageração mui grande. Arraes, I. 20. fui infinito em vos consolar: i. é. Mui extenso. * Linha __; illimitada. * Infinito, adv. Infinitamente.
--	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Supõe-se por meio do sentido da abonação e do sentido do neologismo por composição “gelos-infinitos”, que este novo vocábulo foi criado para se referir à vastidão de montanhas cobertas com gelo, em que a grande extensão de gelo espalhado pelos montes sugere um certo limite infinito.

55) **GENIO-DEUS:** Substantivo. Designação própria de pessoas cuja genialidade, talento, inteligência e racionalidade permitem elevá-los à consideração de um Deus.

Abonação: “*A aura dos Andes, dos volcões à glória. / Dos Andes sobre o throno de oiro, calmas / Vejo as sombras dos Incas, êneo o aspecto: / Manko-Kapak o <genio-deus>, co’as palmas / Bemfeitoras do Sol, que são-lhe o sceptro. / Sinchi-Roka, depois, o que zeloso / Firma as leis e em provincias esquartela Tahuantinsúyu.*” (...) (p.303).

<b>GENIO</b>	<b>DEUS</b>
A. M. S. (1813): s. m. O talento, ou disposição, aptidão, propensão para alguma arte, &c. Vieira: o genio me guiou para este caminho. * A índole, o natural: v. g. tem bom, ou máo genio * Gênios entre os Gentios; espiritos, ou quase deidades, a quem elles attribuião a criação, ou influencia na criação das coisas, e suppunhão que a cada pessoa assistião dois, um que os inclinava ao mal, outro ao bem: a isto parece alludir Ferreira, Castro, f. 128. ou quando minha estrella, e cruel genio te poder arrancar desta alma minha.	A. M. S. (1813): V. Déos. DÉOS: s. m. O Ente Supremo, Infinito em todas as suas perfeições, Sempiterno, Criador do Universo. * Entre os Idolatras, Criaturas divinizadas, e endeosadas; taes são Vênus, Jove, Marte, e outros Deoses da Fabula. (Deus melhor ortografia, segundo o som, e a Etymologia). * Deus que bem; frase elliptica; i. é. , foi servido, que bem o fez, ou seja louvado, que bem o fez, ou quis Deus que bem o fizesse. Ainda se diz a frase por inteiro: Deus que fez bem. “se acertão (ouvi a vários). Deus que fez bem:” sem admirativa. * Que os Anjos da celeste companhia Deoses o sacro verso está chamando: Nem nega que esse nome prehemimente

	Também aos máos se dá, mas falsamente. Cam. Lus. * “Deus me he testemunha, e Por Deos (modos de jurar), são huma mesma cousa.” Cathec. Rom. 525.
--	---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** De acordo com o que se pode deduzir da abonação, “gênio-deus”, neologismo constituído pela composição dos substantivos “gênio” e “deus”, foi criado com finalidade a qualificar os atributos do índio Manko-Kapak, considerado pelo seu povo como um líder de elevada sabedoria e como um deus.

56) **GRANDE-ABERTO:** Adjetivo. Característica do que se apresenta, expressivamente, espantado, surpreso ou deslumbrado diante de alguém ou de alguma coisa.

Abonação: *“Amava a solidão, doce bonina / Que abre e às doiradas alvoradas reza. / Ora, no mar Pacífico renascem / Os sentimentos, qual depois de um sonho / Os olhos de um menino se comprazem / <Grande-abertos> aos céus de luz risonhos.”* (...) (p. 278).

<b>GRANDE</b>	<b>ABERTO</b>
A. M. S. (1813): adj. Opposto a pequeno, em quantidade, ou intensão, ou qualquer qualidade: v. g. grande chuva, calma, amor, voz, peso, vento, riqueza, despojo, paixão, &c. eminente, insigne, mui notável: v. g. grande homem, grande dia, &c. * Mares grandes; grossos. Barros.	A. M. S. (1813): s. m. O mesmo que aberta: p. us. ABERTA: s. f. Abertura feita para dar passo a alguma cousa; entrada, ou saída, buraco, fenda, fresta: Cast. 3. 7. 2. “por abertas, que saião ao caminho. * Lugar aberto, entre outros occupados com edificio: v. g. aberta entre a tranqueira, e as casas: aberta que faz alli a costa. * Sanja, que se faz á borda do rio, para se derivar, e levar água a algum lugar. Ord. Man. 1. 7. das vallas. * Abertos: claros que se deixão para escrever nelles, ou ficão entre partes escritas: v. g. entre fim, e começo de capítulos, parágrafos, &c. * Cessação de alguma cousa, que nos dá lugar de fazermos outra, cuja execução se impedia. * Opportunidade, boa occasião, e conjunctura. Sous. V. do Arceb.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O adjetivo “grande-abertos”, neologismo por composição, visa qualificar de forma muito expressiva os olhos de um menino que demonstra um certo deslumbramento ao apreciar as luzes emanadas pelo céu, conforme sugere a abonação acima,

57) **HOMEM-CHRISTO:** Substantivo. Denominação de qualquer homem que, por cultivar sentimentos bons e práticas em prol do bem de outras pessoas, é elevado à condição de um homem santo e de caráter divino a ponto de ser comparado a Jesus Cristo.

Abonação: *“Ia ao templo Ouvir a voz de Salvador-Donoso, / Gloria do pulpito: elle amava o exemplo / Da religião catholica n'um justo, / Estoico o amor, serena a divindade / Do <Homem-Christo>; porque, ao d'elle augusto / O peito dos mortaes s'enche, em verdade, / De novo exfôrço—Deus ! e quem não ama / Ao que dentro nos abre esta harmonia / De tão divina e doce e eterna chamma, / Que es tu ao coração?”* (...) (p. 316).

<b>HOMEM</b>	<b>CHRISTO</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. Indivíduo da espécie humana, dotado de corpo orgânico, e alma racional imortal, capaz de aperfeiçoar as suas faculdades por estudo, e observação, ou ensino. &amp; Ter homem; i. é. , protector, que auxilia com favor, ou fazenda. * Homem Del-Rei; i. é., seu Vassallo. M. Lus. * Homem de Deus; santo, virtuoso. * Chamamos nosso homem ao sujeito, que achamos digno de louvor; e do contrario dizemos, que não é o nosso homem. Sá Mir. Estrang. F. 170. &amp; Homem d’armas; o que ia á guerra armado de todas as peças d’armas, e de ordinário a cavallo; donde vem que talvez se contrapõia á gente de pé, ou peões. V. Ord. Af. L.V.T. 87; * 3. “seendo já homees d’armas:” e “dizem que querem teer arnezes, e põem-se (alistão-se) por homees d’armas, nom havendo pêra ello conthia (não tendo bens para as manter).” Ord. Af. I. f. 420. * Homem de sua pessoa, dizião ser o que tinha esforço, e valor pessoal. B. I. 8. 19. “Timoja ... era capitão mor, havido por homem de sua pessoa:” e</p>	<p>A. M. S. (1813) Verbete inexistente. C. F. (1925): m. Imagem de christo crucificado: tinha á cabeceira um Christo de marfim. * Brás. Do S. Indivíduo, que é victima de enganos ou ardis. * Gymn. Fazer o christo, manter-se (o gymnasta) nas argolas, com os braços abertos em posição horizontal. (Lat. Christus, n. p.).</p>



freq. \* Opposto á gente da maração nos navios de guerra. V. Armas. Couto, 9. c. 20. \* É um homem; i. é. , valente. \* Homem, sem artigo, por nenhum homem: v. g. não sabe homem como se há de livrar das ciladas dos máos. V. Ined. 3. pag. 6. onde se toma por aquelle que falla de si; e as mulheres tambem o dizem por si. B. Clarim. 2. c. 22. ult. ediç. pag. 227. (diz Arfila donzella) qualquer coisa que homem por elle fizer; e a pag. 230. onde vêi o homem, com o artigo de mais. Ha-os homem de trazer nos amores assi mornos. Cam. Anfitr. I. sc. 3. para subir fica homem mais ligeiro: i. é. , um homem. Cam. Egl. I. Estes modos de fallar são relíquias do Francez, que nos ficarão. V. o art. Hom. \* Homem de alguém: v. g. “é meu homem:” meu servidor, criado. \* È o meu homem: o meu valedor, o que eu tenho por excellente. \* Homem de rua, ant. o que vivia nas Cidades, cidadão, burguez, ruão. \* Homem bom; de bem, fidalgo, nobre. Nobiliar. f. 69. hum homem bom irmão del Rei d’Inglaterra.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Supostamente, o neologismo por composição em questão visa fazer referência a um homem não encarado como um ser comum, mas sim como um ser supremo portador de características que o elevam à condição de um santo, como Jesus Cristo.

58) **HOMEM-CRIMINAL:** Substantivo. Designação própria de qualquer homem propenso a praticar crimes e outras autuações que possam condenar a paz e a bom convívio entre as pessoas.

Abonação: *"E aquelles que o character não perdiam, / Fugindo para o exílio, s'escondiam; / Ou da pressão moral (digamos desmoral) / Das trevas perseguidos. . . um gallante / Dos guardas nacionaes, era bastante / Para insultar a um homem. . . <homem-criminal>. / "E ai d'este que exercesse de virtude / O poder contra o esbirro ! a solitude / Chegava, a hora da lei — e um sabio a legislou — (...)* (p. 140).

<b>HOMEM</b>	<b>CRIMINAL</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. Indivíduo da espécie humana, dotado de corpo orgânico, e alma racional imortal, capaz de aperfeiçoar as suas faculdades por estudo, e observação, ou ensino. &amp; Ter homem; i. é. , protector, que auxilia com favor, ou fazenda. * Homem Del-Rei; i. é., seu Vassallo. M. Lus. * Homem de Deus; santo, virtuoso. * Chamamos nosso homem ao sujeito, que achamos digno de louvor; e do contrario dizemos, que não é o nosso homem. Sá Mir. Estrang. F. 170. &amp; Homem d’armas; o que ia á guerra armado de todas as peças d’armas, e de ordinário a cavallo; donde vem que talvez se contrapõi á gente de pé, ou peões. V. Ord. Af. L.V.T. 87; * 3. “sendo já homees d’armas:” e “dizem que querem teer arnezes, e põem-se (alistão-se) por homees d’armas, nom havendo pêra ello conthia (não tendo bens para as manter).” Ord. Af. I. f. 420. * Homem de sua pessoa, dizião ser o que tinha esforço, e valor pessoal. B. I. 8. 19. “Timoja ... era capitão mor, havido por homem de sua pessoa:” e freq. * Opposto á gente da mareação nos navios de guerra. V. Armas. Couto, 9. c. 20. * É um homem; i. é. , valente. * Homem, sem artigo, por nenhum homem: v. g. não sabe homem como se há de livrar das ciladas dos máos. V. Ined. 3. pag. 6. onde se toma por aquelle que falla de si; e as mulheres tambem o dizem por si. B. Clarim. 2. c. 22. ult. ediç. pag. 227. (diz Arfila donzella) qualquer coisa que homem por elle fizer; e a pag. 230. onde vêi o homem, com o artigo de mais. Ha-os homem de trazer nos amores assi mornos. Cam. Anfitr. I. sc. 3. para subir fica homem mais ligeiro: i. é. , um homem. Cam. Egl. I. Estes modos de fallar são relíquias do Francez, que nos ficarão. V. o art. Hom. * Homem de alguém: v. g. “é meu homem:” meu servidor, criado. * È o meu homem: o meu valedor, o que eu tenho por excellent. * Homem de rua, ant. o que vivia nas Cidades, cidadão, burguez, ruão. * Homem</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. Concernente a crime: v. g. delicto, causa, negocio — . * Que crimina, e reprehende com sobejo rigor: v. g. ouvintes tão criminaes com a palavra Divina, que censurão os Pregadores. Pastoral do B. do Porto.</p>

bom; de bem, fidalgo, nobre. Nobiliar. f. 69. hum homem bom irmão del Rei d'Inglaterra.	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em consonância com a interpretação da abonação mencionada e conforme a significação do neologismo “homem-criminal”, acredita-se que tal substantivo busca referir-se a aqueles indivíduos propensos a atuarem contra a boa moral e contra a paz entre as outras pessoas.

59) **HOMEM-DIVINDADE:** Substantivo. Título concedido a homens reconhecidos por sua grandiosidade, supremacia e soberania e que, por isso, são alçados à condição ou à imagem de um ser supremo e divino.

Abonação: *“E aquelles que a amor patrio afrontam morte, / (Não nymphas) hão do lar os meigos verbos. / — E’ Camões o passado, que se preza / Grandioso; a homereal grandiosidade / E’ presente, é porvir, é a belleza / Da mulher-crença, do <homem-divindade>. / O Luso ensina á gloria d’obediencia / Do povo ao rei; nas frentes a seus rês / Põe o Grego — é acção, é a consciencia, / São as eternas, são as vivas leis.”* (...) (p. 137).

<b>HOMEM</b>	<b>DIVINDADE</b>
A. M. S. (1813): s. m. Indivíduo da espécie humana, dotado de corpo orgânico, e alma racional imortal, capaz de aperfeiçoar as suas faculdades por estudo, e observação, ou ensino. & Ter homem; i. é. , protector, que auxilia com favor, ou fazenda. * Homem Del-Rei; i. é., seu Vassallo. M. Lus. * Homem de Deus; santo, virtuoso. * Chamamos nosso homem ao sujeito, que achamos digno de louvor; e do contrario dizemos, que não é o nosso homem. Sá Mir. Estrang. F. 170. & Homem d’armas; o que ia á guerra armado de todas as peças d’armas, e de ordinário a cavallo; donde vem que talvez se contrapõia á gente de pé, ou peões. V. Ord. Af. L.V.T. 87; * 3. “sendo já homees d’armas:” e “dizem que	A. M. S. (1813): s. f. A qualidade de ser divino: v. g. deste modo se demonstra, e prova a Divindade de Jesus Christo, partes, attributos sobrehumanos. Se o coração humano temalguma divindade influída da tua. B. clar. 3. c. 16. * e he tanta divindade (attribuições divinas), que o estado Real quis em toda parte do mundo attribuir a si mesmo, que té nestas Ilhas Maluco entre gente bestial buscou fabulas de sua genitura. B. 3. 5. 5.

querem teer arnezes, e põem-se (alistão-se) por homees d'armas, nom havendo pêra ello conthia (não tendo bens para as manter).” Ord. Af. I. f. 420. \* Homem de sua pessoa, dizião ser o que tinha esforço, e valor pessoal. B. I. 8. 19. “Timoja ... era capitão mor, havido por homem de sua pessoa:” e freq. \* Opposto á gente da mareação nos navios de guerra. V. Armas. Couto, 9. c. 20. \* É um homem; i. é. , valente. \* Homem, sem artigo, por nenhum homem: v. g. não sabe homem como se há de livrar das ciladas dos máos. V. Ined. 3. pag. 6. onde se toma por aquelle que falla de si; e as mulheres tambem o dizem por si. B. Clarim. 2. c. 22. ult. ediç. pag. 227. (diz Arfila donzella) qualquer coisa que homem por elle fizer; e a pag. 230. onde vêi o homem, com o artigo de mais. Ha-os homem de trazer nos amores assi mornos. Cam. Anfitr. I. sc. 3. para subir fica homem mais ligeiro: i. é. , um homem. Cam. Egl. I. Estes modos de fallar são relíquias do Francez, que nos ficarão. V. o art. Hom. \* Homem de alguém: v. g. “é meu homem:” meu servidor, criado. \* É o meu homem: o meu valedor, o que eu tenho por excellente. \* Homem de rua, ant. o que vivia nas Cidades, cidadão, burguez, ruão. \* Homem bom; de bem, fidalgo, nobre. Nobiliar. f. 69. hum homem bom irmão del Rei d’Inglaterra.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** É observável que “homem-divindade” constitui um neologismo por composição a partir das bases “homem” e “divindade”. Supõe-se que esta nova composição busca atribuir as qualidades como superioridade e supremacia atribuídas a homens de caráter singular de uma época.

60) **HOMEM-SENHOR:** Substantivo. Homem proprietário de bens materiais. Homem digno de respeito e adoração.

Abonação: “Saudaveis orações, è flor de egreja / Alva, radiante, senhoril, formosa; / Ou sangue arauco indianita flor. / E' nobre a capital, e nobre ahi goza / De liberdade e paz o <homem-senhor>. / E entre o povo pacífico, transvago / — D' O'Higgins, San-Martin, Salas, Carrera., Freire / — Pela Alameda de Santiago / Inscricões lendo dos heroes da guerra, / Andava o Guesa. E às selvas sempre verdes / Em longas alas quádruplas, correntes / Crystallinas ao longo; e às sempre neves” (...) (p. 323).

<b>HOMEM</b>	<b>SENHOR</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. Indivíduo da espécie humana, dotado de corpo orgânico, e alma racional imortal, capaz de aperfeiçoar as suas faculdades por estudo, e observação, ou ensino. &amp; Ter homem; i. é. , protector, que auxilia com favor, ou fazenda. * Homem Del-Rei; i. é., seu Vassallo. M. Lus. * Homem de Deus; santo, virtuoso. * Chamamos nosso homem ao sujeito, que achamos digno de louvor; e do contrario dizemos, que não é o nosso homem. Sá Mir. Estrang. F. 170. &amp; Homem d'armas; o que ia á guerra armado de todas as peças d'armas, e de ordinário a cavallo; donde vem que talvez se contrapõia á gente de pé, ou peões. V. Ord. Af. L.V.T. 87; * 3. “seendo já homees d'armas:” e “dizem que querem teer arnezes, e põem-se (alistão-se) por homees d'armas, nom havendo pêra ello conthia (não tendo bens para as manter).” Ord. Af. I. f. 420. * Homem de sua pessoa, dizião ser o que tinha esforço, e valor pessoal. B. I. 8. 19. “Timoja ... era capitão mor, havido por homem de sua pessoa:” e freq. * Opposto á gente da mareação nos navios de guerra. V. Armas. Couto, 9. c. 20. * É um homem; i. é. , valente. * Homem, sem artigo, por nenhum homem: v. g. não sabe homem como se há de livrar das ciladas dos máos. V. Ined. 3. pag. 6. onde se toma por aquelle que falla de si; e as mulheres tambem o dizem por si. B. Clarim. 2. c. 22. ult. ediç. pag. 227. (diz Arfila donzella) qualquer coisa que homem por</p>	<p>A. M. S. (1813): O que tem o domínio de algum escravo, ou coisa; Senhor útil, o que tem o domínio útil, e não o direito. * Senhor, homem nobre de grande estado, que mantinha mesnadas, e dava soldo. Ord. Af. I. f. 392. “devemos mandar a hum Ricohomem Senhor de cavalleiros.” * Senhor de si, de suas acções, o homem livre, que não depende de outrem. * Senhor de si; i. é. , em perfeito juízo, sem perturbação, sem paixão. B. I. I. 16. “ Em seus trabalhos, e paixões era mui soffrido, e senhor de si.” * Senhor do campo, o que afugentou delle o inimigo. M. Lusit. * na Astrolog. O planeta dominante em huma casa. * antiq. Pai. Eufr. 3. I. e 3. 3. * Senhor, assim fiador, ledor, e outros em or se usava feminino. V. o artigo Parança.</p>

<p>elle fizer; e a pag. 230. onde vêi o homem, com o artigo de mais. Ha-os homem de trazer nos amores assi mornos. Cam. Anfitr. I. sc. 3. para subir fica homem mais ligeiro: i. é. , um homem. Cam. Egl. I. Estes modos de fallar são relíquias do Francez, que nos ficarão. V. o art. Hom. * Homem de alguém: v. g. “é meu homem:” meu servidor, criado. * È o meu homem: o meu valedor, o que eu tenho por excellente. * Homem de rua, ant. o que vivia nas Cidades, cidadão, burguez, ruão. * Homem bom; de bem, fidalgo, nobre. Nobiliar. f. 69. hum homem bom irmão del Rei d’Inglaterra.</p>	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Este neologismo por composição constituído pelas bases “homem” e “senhor” faz referência a um indivíduo elevado à condição de senhor devido ao seu status de proprietário de bens materiais, o que lhe garante respeitabilidade entre os demais.

61) **HOTEL-CIDADE:** Substantivo. Referência a hotéis cuja estrutura e porte de auto-suficiência, suntuosidade e grande extensão assemelha-se à estrutura de uma cidade.

Abonação: *“Volveu benigno olhar que os céus descobre, / E em Saratoga esplendida, elle a estrella / Sua seguindo, viu-a abrir as azas; / E dos <hoteis-cidades> lá nas piazzas / Longe a branca visão perdeu-se d’Hella. (...) (p. 213).*

<b>HOTEL</b>	<b>CIDADE</b>
<p>A. M. S. (1813): Verbete inexistente. C. F. (1925): m. Neol. O mesmo que hospedaria, especialmente hospedaria asseada ou luxuosa. (Fr. hotel).</p>	<p>A. M. S. (1813): s. f. Povoação de graduação superior ás Villas. Antigamente derão este nome a Villas, ou Concelhos, e povoações grandes. V. Elucidar. Art. Cidade. * A Cidade por excellencia se entende daquella onde estão os que fallão.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Nota-se que a composição neológica “hotéis-cidades” não corresponde à nomeação de um hotel com características comuns, mas sim a uma estrutura hoteleira que se destaca das demais devido à sua grandiosidade e auto-suficiência.

62) **HUMANIDADE-AMOR:** Substantivo. Denotação expressiva referente às virtudes benignas, compassivas e brandas do sentimento amor.

Abonação: *“E á luz despertam da alva madrugada; / Palpitam ambas, que jamais descansa / Da vida a onda ao coração vibrada; / Renovam-se ambas da corrente interna / N’esse das ondas íntimo furor / — E viva e activa a natureza eterna / Dos céus, no mar e a <humanidade-amor>. / Região da luz! reverberadas plagas / Do esplendor, onde crea a phantasia / Do oiro as cidades, da belleza as magas, / Qual por sonho o prodigio se annuncia!”* (...) (p. 170).

<b>HUMANIDADE</b>	<b>AMOR</b>
<p>A. M. S. (1813): A natureza do homem. V. do Arceb. 1. 3. * f. Benignidade compassiva; brandura de condição; lhaneza sem suberba. Lobo. Com piedosa humanidade dobrarão estas lagrimas. Barros, 1. 63. v. col. 1. * Humanidades: Letras Humanas, boas artes, a Grammatica, Rhetorica, e Poesia, a Musica, a Filosofia, &amp;c. Ler humanidades no Collegio. Agiol. Lusit.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. Sentimento, com que o coração propende para o que lhe parece amavel, fazendo disso o objecto de suas affeições, e desejos. * <i>Amor próprio</i>: a affeição, e bemquerença de nós mesmos, e de nossas coisas. * <i>Por amor</i>: por causa, respeito, em razão: v. g. por amor <i>de suas perfeições</i>. <i>Albuq.</i> 4.3. *Divindade fabulosa, ou paixão do <i>amor</i> divinizada. * fig. O amante, <i>o seu perdido</i> amor. <i>Bernardes, Écloga</i> 10. * <i>Meus amores</i>: expressão carinhosa, e namorada: diz-se a quem amamos. * <i>Amores, amores</i>: dizião, para se excitar nos combates os Cavalleiros, lembrando-se das Damas, a quem servião. <i>Cast.</i> 6. c. 131. “<i>amores, amores</i>, bradava Belchior de Brito.” Outros dizião: <i>amores de minha mulher</i>. * <i>Amor d’hortolão</i>: planta de folhas espinhosas, que se pegão aos vestidos de quem lhe chega. * <i>Amor</i>.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O neologismo por composição “humanidade-amor” sugere a idéia de sentimentos dotados de muita pureza e veracidade, uma vez que “humanidade” denota o sentido de benevolência, passividade e bondade e “amor” vem reforçar tais sentidos.

63) **IDEAL-DIVINO:** Substantivo. Alusão à idealização de um ser divino, supremo, soberano e todo poderoso. Idealização de um Deus.

Abonação: *“Mercê dos cèus, no throno de oiro os Andes / Jamais viram seus Incas lavradores / Voltados para o Sol, qual estes grandes / Para a civ'lisação! Pios actores, / A mentira, o adulterio, o latrocínio / Eram desconhecidos n'este povo; / E o Testamento do <Ideal-Divino>, / Não d'outro, è que esperava o mundo novo. / Mais um Eden, porém, viu-se perdido, / E este já tendo educação política / E pública opinião e um throno erguido;”* (...) (p. 298).

<b>IDEAL</b>	<b>DIVINO</b>
<p>A. M. S. (1813): Verbetes inexistentes.            C. F. (1925): adj. Que só existe na ideia; imaginário: venturas ideais. Em que há toda a perfeição que se pôde conceber: mulher ideal. M. Reunião abstracta de perfeições imaginárias ou que não podem ter realização completa. A mais elevada e mais viva aspiração: sacrificar-se a um ideal. (Lat. idealis).</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. Coisa de Deos, concernente a Deos: v. g. poder, amor divino. * fig. Maravilhoso, sobrenatural, extraordinario: v. g. eloquência divina: o divino Platão.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme se interpreta a abonação, é notável a esperança de um povo que, assolado por mentiras, adultérios e latrocínios, idealiza a vinda de um ser supremo e todo poderoso que possa criar um mundo novo e livre de pecados. Nesse sentido, o neologismo em análise visa encerrar a idéia de idealização de algo divino.

64) **IGNO-CANDENTE:** Adjetivo. Idéia intensamente expressiva e figurativa daquilo que apresenta muita vivacidade, energia positiva, calor e alegria.

Abonação: *“Esta é a Harpa natural — a coroa / Cinge de soberana a Divindade! / Chammejadas idéas—mal luzentes / Lavor, perolas, gottas amorosas — / Mas do corinthio bronze <igno-candentes> / Ardam seus versos — astro, ou chaga, ou rosas. / ” Oh, quão vastas pocemas de alegrias / Veem de longe turbar minha tristeza! / — Até aqui, Dom Pedro, chega aos dias / Meus a poeira tua! — és rei, sou guesa.”* (...) (p. 206).

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em consonância com a abonação, o neologismo por composição “igno-candentes” qualifica a ardência dos versos mencionados no contexto. A idéia de



vivacidade, energia positiva e alegria é amplamente reforçada na criação deste neologismo, uma vez que “igno” encerra a qualidade do que é concernente à natureza do fogo e “candente” também sugere a qualidade daquilo que arde ou queima como fogo.

65) **IMPERADOR-REI**: Substantivo. Título soberano e supremo atribuído ao indivíduo que, conhecido como um grande chefe de império, passa a ser considerado como um rei.

Abonação: “(Dom Pedro rindo-se e o General Grant sorrindo:) / — Desde Christie, a Grande Bretanha / Se mede co'o Imperio que herdei. . . / Rainha-Imperatriz. . . ! / =Os Brazis / Vos farão <Imperador-Rei> . . .” (...) (p. 241).

<b>IMPERADOR</b>	<b>REI</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. Os nossos Clássicos escrevem de ordinario Emperador, hoje claramente se diz Imperador, que é conforme ao Latino Imperator, donde o tomávamos: entre os Latinos, e fallando nos tempos da Republica, significa General de Exercito, declarado tal por decreto do Senado, havendo vencido alguma grande batalha, ou acclamando pelos Exércitos. * Depois, e agora significa Soberano, que o é, ou foi de Reis, e Príncipes Coroados, ou que de algum modo lhe são superiores; como o Imperador dos Romanos, o da Rússia, Ethiopia, &amp;c.</p>	<p>A. M. S. (1813): O Soberano de hum Estado, reino. * Em Portugal também se chama Rei o marido da Rainha Soberana, por cair a successão em fêmea, depois que o marido tem filho da Soberana. * A festa dos Reis, he em memória dos três, que forão adorar a Christo recém nascido. * Rei d’armas, official público, que tem a seu cargo escrever as genealogias dos Nobres, e suas allianças; explicar o que toca aos Brasões dellas; dar cartas de brasões &amp;c. Severim, Notic. * Rei da banda, o perdigão, que he como hum guia, ou chefe das perdizes de algum sitio. V. Garella. * No jogo do xadrez, o Rei he a principal peça. * Peixe Rei, peixe como o salmão, ou truta, tem a barriga, e lados argentado e luzente; a carne cheira a violeta, &amp;c. * Rei do dinheiro, no ogo garatuza, e o que não tem carga, tendo-a os outros, e assim se chama, Rei de duas, e duas cargas.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neste caso, o neologismo por composição “imperador-rei” refere-se a D. Pedro, cuja soberania e poder o alçou à posição de um chefe com poderes máximos. Diante de tanta soberania e poder, tal imperador passa a ser respeitado e considerado como um rei.

66) **ÍNVIO-ERRANTE:** Adjetivo. Característica amplamente expressiva daquilo que caminha ou se dirige sem rumo certo, sem norte, sem destino, como se estivesse perdido.

Abonação: “*Novas, limpidas, candidas, sedosas, / Ledas, aladas nas manhans desertas, / Reflexas nas correntes espelhasas, / Em lucidos triangulos as velas / <Ínvio-errantes> s'estendem pelo rio : / Dorme a cidade á luz das manhans bellas / Dos dias longos do abrazado estio.*” (...) (p. 209).

<b>ÍNVIO</b>	<b>ERRANTE</b>
A. M. S. (1813): adj. Sem caminho, desencaminhado: v. g. “montes, ou cabeços ínvios.” Arraes, 4. 4. “deserto ínvio.” Godinho.	A. M. S. (1813): p. at. de Errar. Que erra, e se engana, “por comprazer ao vulgo errante.” Cam. * Vagabundo: v. g. errantes peregrinos. * Estrellas errantes são os Planetas. * Não firme, intimidado: já vencião com passo errante os medos da escura entrada. Uliss. IV. 25.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** De acordo com a abonação, “ínvio-errantes” constitui um neologismo por composição que, neste caso, funciona como um adjetivo que caracteriza velas que navegam sem rumo e sem destino certo por um rio. O neologismo em questão se desponta com muita expressividade no contexto mencionado, uma vez que o adjetivo “ínvio” encerra o sentido do que se mostra sem caminho e o adjetivo “errantes” expressa a qualidade daquilo que erra, que vagueia.

67) **LEVE-ERRANTE:** Adjetivo. Qualidade intrínseca ao que proporciona, de forma peregrina e incerta, serenidade, calma, leveza e agradabilidade.

Abonação: “*Gemer s'escutam nos violões da aldeia / Chordas do coração, por mãos franzinas / D'espurio genio que invisivel crea / N'alma deserto amor; e as peregrinas, / As vibradas aragens <leve-errantes> / No saudoso bafejo; e das palmeiras / Saindo uns alvos anjos, mui distantes*” (...) (p. 89).

<b>LEVE</b>	<b>ERRANTE</b>
-------------	----------------

<p>A. M. S. (1813): adj. Não grave. * De pouco peso. * fig. Agil, ligeiro: v. g. “tem o pé, a mão leve.” Navios leves no remo; que se levão bem, e vingão muita viagem a remo. B. 3. 3. 2. opposto a pesados no remo. * Movimento leve, opp. a grave; ligeiro. Lus. X. 90. “leve curso.” * Inconsiderado. * Alegre, folgazão, tão leve; tão chocarreiro, em leve jogo, Ferr. Son. 47. L. I. Eufr. 3. 5. Leve do siso; o mesmo. Cast. L. 5. c. 55. * Mão leve do pintor; que debuxa com facilidade, e destreza. * Comeres leves; de facil digestão, que não carregão o estomago. * Suspeita leve; i. é. ; mal fundada. * Culpa leve; não grave. * Sono leve; não profundo, de que se desperta facilmente. * Viver leve; sem encargos, sem cuidados. Vieira. * Leve de fazer; fácil. * Crer de leve; sem provas, nem fundamentos bastantes. * Armaduras leves, oppostas ás armaduras de todas as armas: são colrações, ou peitos, e capacetes somente. P. Per. 2. 130. * “soldados de leves armaduras.” * Abjurar de leve; i. é. , o erro em que há leve suspeita de ser nelle comprehendido aquelle que abjura.</p>	<p>A. M. S. (1813): p. at. de Errar. Que erra, e se engana, “por comprazer ao vulgo errante.” Cam. * Vagabundo: v. g. errantes peregrinos. * Estrellas errantes são os Planetas. * Não firme, intimidado: já vencião com passo errante os medos da escura entrada. Uliss. IV. 25.</p>
--	---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O neologismo por composição “leve-errantes” busca qualificar o clima de uma aldeia que aprecia a calma, o frescor e a leveza proporcionadas por uma aragem. Analisando este neologismo e interpretando o contexto em que está inserido, entende-se que o adjetivo “leve” indica as sensações de bem-estar provocadas por esta aragem e o adjetivo “errantes” denota a efemeridade desta aragem, uma vez que sua passagem não é permanente.

68) **LIRIO-LUZ:** Substantivo. Referência poética a uma espécie de flor que irradia sua ampla beleza, pureza e vivacidade, a ponto de ser comparada a um objeto transmissor de esperança e energias positivas.

Abonação: “*Oh, a innocencia! a fôrça desarmada / Que é ella e solidão feliz, de um Deus / A candida, a melhor, melhor morada, / Coelus, o <lirio-luz>, a terra-céus ! / E o Deus que está na amante mocidade*” (...) (p. 151).

<b>LIRIO</b>	<b>LUZ</b>
A. M. S. (1813): s. m. Flor de varias especies, e a planta que a dá. * Lirio branco: açucena. * Lirio azul: flor que tem as cores do Íris. (Íris, iridis). * Lirio amarello. (Íris Lusitana). * Lirio bravo. (Xyris, is.). * Lirio Florentino é uma raiz, que se traz de Florença, usada na Medic. (Íris alba Florentina.) * Lirio do campo, ou convalle. (ephemeron). * Na Fortif. Lirio é um ferro de tres pontas, com que armão estacas no fundo das covas, para se estrepem os que nellas caírem. Meth. Lusit.	A. M. S. (1813): s. f. A matéria, que emana do Sol, da chama, e faz com que vejamos os objectos. * fig. O corpo que dá luz: v. g. vela accesa, ou candeya. * Lume. * fig. A luz da razão. B. * Tirar, ou dar á luz; publicar obra. Lobo. Trazer á luz: o mesmo. V. do Arc. I. I. * Dar á luz um menino; parir. * Luz do painel; a parte em que se representa que lhe dá luz. * Grande a todas as luzes; i. é. , a todos os respeitos, por todos os lados. * “Luz de seus claros lumes;” i. é. , dos seus claros olhos. Ferr. Son. 37. L. I.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em questão, este neologismo por composição é formado pelo processo de justaposição dos substantivos “lírio” e “luz”. O primeiro substantivo denota o sentido de uma espécie de flor do campo caracterizada pelas qualidades de pureza, beleza e vivacidade. Nesse sentido, supõe-se que o emprego do substantivo “luz” reforça a idéia de energias positivas emanadas pelas boas qualidades do lírio do campo.

69) **LUCIDO-POLIDO:** Adjetivo. Idéia extremamente expressiva daquilo que irradia muito brilho, claridade e luz.

Abonação: “*É muito tarde. A lua está pendida, / Visivelmente a côr mudada; a chamma / Bella da fronte, em < lucido-polida > / Lympha, o crystal tão puro, qual a trama / " Cerulea visse-se através.*”(…) (p. 129).

<b>LUCIDO</b>	<b>POLIDO</b>
A. M. S. (1813): adj. Claro, luzente, resplandecente: v. g. as lucidas estrellas. Arraes, I. 23. o __ planeta. Lus. II. I. o lucido Oriente. Uliss. I. 2. * Transparente: v. g. o tanque lucido, e sereno. Lus. IX. 60. * Lúcido intervallo: o tempo em que o doido, ou delirante torna a ter conhecimento, e uso de razão.	A. M. S. (1813): p. pass. de Polir: v. g. “mármore, metaes polidos.” * fig. Homens polidos não fallem palavras grosseiras; i. é. , não rudes, mais que civilizados, e urbanos. Leão, Orig. * “Gente rude, e mal polida.” Lobo, Egl. 3. * Polido nas letras; discurso polido; i. é. , limado, elegante. M. Lus. Polida historia. * Feito com policia: v. g. casas polidas. Cast. L. 8. f. II. carta polida. Lus. VI. 49. * Que usa de policias,

	louçainhas, e adornos, enfeites galantes, e custosos. “homem muito apparatuso, e polido de sua pessoa.” Couto, 8. 5.
--	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** A expressividade do neologismo por composição “lucido-polido” se obtém graças à junção do adjetivo “lúcido” que, conforme suas significações nos dicionários, denota a idéia de brilho, luz e resplandecência com o adjetivo “polido”, o qual sugere os mesmos sentidos.

70) **LANGUIDO-PEREGRINO:** Adjetivo. Caracterização daquilo cuja imagem transmitida é de fraqueza, abatimento, debilitação e estranhamento.

Abonação: “*Aridos ventos—lembram as remotas, / As existencias mysticas dos bardos; / Puras regiões das meigas sensitivas / <Languidas-peregrinas> florejantes ; / E as torrentes de sôltas pedras vivas / Nos fundos precipicios delirantes;*” (...) (p. 319).

<b>LANGUIDO</b>	<b>PEREGRINO</b>
A. M. S. (1813): adj. Desfalecido, sem forças, sem alacridade, sem viveza. * e f. da flor que vai a murchar. Mal. Conq. qual a dormideira, que agravada da chuva dobra languida a cabeça. Eneida, 9.105.	A. M. S. (1813): adj. Estrangeiro, não nacional; não patrio: v. g. Lus. I. 26. “quando alevantarão hum por seu Capitão, que peregrino (Sertorio, que era Romano) fingio na cerva espirito divino.” “palavras peregrinas.” Lobo. Não indígena: v. g. plantas peregrinas; habito peregrino. Eneida, VII. 38. erudição peregrina. Arraes, I. 10. * Estranho. Arraes, I. 2. * fig. Raro, singular, extraordinário: v. g. belleza peregrina. Camões. * Que anda por terras estranhas: usa-se também subst. v. g. hum peregrino, que vai á Terra Santa. Cam. Canção II. Agora peregrino, vago, errante, Vendo nações, linguagens, e costumes. * adj. Astro peregrino; o que se acha em Signo, donde não póde influir em nada. Notic. Astrolog.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em conformidade com a abonação supracitada, supõe-se que o neologismo por composição “languidas-peregrinas” denota aquilo que apresenta um certo estado

de morbidez e desfalecência não muito comuns, como pode ser observado em relação aos sentidos do adjetivo “lânguidas”, ao passo que denota também o que se apresenta estranho e não muito comum, como bem sugere o adjetivo “peregrinas”.

71) **LONGO-ETERNO**: Adjetivo. Idéia extremamente expressiva daquilo que apresenta longevidade, eternidade e infinidade.

Abonação: *“Adorou-te minha alma agradecida / Presentindo \_\_ qual juncta aqui te vejo / Agora a mim, tão candida e querida / Em longo, eterno, <longo-eterno> beijo — / “Oh, eu recolho as lagrymas candentes / A que interrompes, divinal, a história / Tua, de todos orphams innocentes, / Tua e minha, de tanta dor e glória!” (...)* (p. 332).

<b>LONGO</b>	<b>ETERNO</b>
<p>A. M. S. (1813): adj. Comprido, dilatado em extensão, longura, ou longor: v. g. longo caminho: e fig. “longo tempo,” largo, ou que dura muito. * Em que se gasta muito tempo; que dura muito tempo: v. g. longo amor; longo tormento. Cam. Son. 120. e 145. * Seria longo narrar todas as circunstancias: fui mais longo, porque não podia ser breve sem obscuridade. * Syllaba longa, entre os Gregos, e Romanos, aquella que se proferia em tempo dobrado do que levava pronuncia de qualquer syllaba breve. * Esperar a olhos longos; i. é. , estendendo ao largo os olhos, para ver ao longe o objecto desejado: e fig. desejar muito. “a olhos longos estão esperando naos, e novas.” Góes, Cron. Man. f. 58. col. 2. Depois que os olhos longos estendera. Lus. IV. 69. Men. e Moça, f. 63. todo este caminho vem a olhos longos, quando vos tornaria a ver. Cam. Ecl. 7. Couto, 4. 6. II. “estando com os olhos longos.” * Longo, substantivado; ao longo, de longo, v. g. do mar, da praya: i. é. , acompanhando o longór, a extensão delle, ou della. “De longo do mar, e do rio na Cidade tinha ao redor de 10 ou 12 mil homens de peleja.” Couto, 8.c.20. “coberto de taboado de longo</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. Que tendo principio, não há-de ter fim. * O que dura sem haver tido principio, e não há de ter fim: v. g. Deus he eterno; se a matéria fosse eterna, &amp;c. * Aheterno dizem alguns no sentido que Camões (Son. 240.) dice: desde eterno, i. é. , desde a eternidade.</p>

a largo:” em toda a extensão atravessando. B. 2. 7. 5. de longo a longo. Id. 2. 8. 1. “repartem em tres partes de longo a longo.”	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** De acordo com a abonação, o neologismo por composição “longo-eterno” instaura com extrema expressividade aquilo que denota o sentido de longevidade, como bem sugere a palavra “longo” e o sentido de infinidade e eternidade, instaurado pela palavra “eterno”.

72) **LUZ-VERDADE:** Substantivo. Referência metafórica daquilo que mostra a realidade tal como ela é e daquilo que ilustra de forma brilhante certos princípios tidos como corretos e verdadeiros.

Abonação: *“Porém, morre quem perde a liberdade: / E não n’á perdereis vòs, que heis a sciencia / Da educação da Mãe, da <luz-verdade> / Do eterno altar da patria, a consciencia./ Com oiro tal, que abunda em novas terras, / Erguem-se os sempre-vivos monumentos / A’ imagem d’este Sol e d’estas serras, / Resistindo à traição.... dos elementos.”* (...) (p. 307).

<b>LUZ</b>	<b>VERDADE</b>
A. M. S. (1813): s. f. A matéria, que emana do Sol, da chama, e faz com que vejamos os objectos. * fig. O corpo que dá luz: v. g. vela accesa, ou candeya. * Lume. * fig. A luz da razão. B. * Tirar, ou dar á luz; publicar obra. Lobo. Trazer á luz: o mesmo. V. do Arc. I. I. * Dar á luz um menino; parir. * Luz do painel; a parte em que se representa que lhe dá luz. * Grande a todas as luzes; i. é. , a todos os respeitos, por todos os lados. * “Luz de seus claros lumes;” i. é. , dos seus claros olhos. Ferr. Son. 37. L. I.	A. M. S. (1813): s. f. Dicto, facto verdadeiro, conforme á natureza das coisas, que por esse dito representamos, conforme ao que se passou, conforme ao que entendemos. * Principio verdadeiro, theorema demonstrado. * Conformidade do juízo com as coisas que existem no objecto sobre que elle se versa. * Conformidade do que dizemos com o que pensamos, a qual em frase escolástica se diz verdade subjectiva.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O neologismo por composição “luz-verdade”, na citada abonação, busca fazer referência à educação prestada por uma mãe, considerada como indispensável, uma

vez que traz em si princípios verdadeiros e claros que podem funcionar como uma luz no sentido de nos guiar.

73) **MÃE-PRETA**: Substantivo. Referência à mãe de cor negra, de origem escrava.

Abonação: “*Gordos crioulos retouçando ás beiras, / E onde os velhos á porta se assentavam: / Muitos eram \_\_\_ de Archangelo o carpina, / De Martha e de Satíro o bom carreiro, / De Thereza a <mãe-preta>, de Vivina, / Do avô Domingo' \_\_\_as tendas, o terreiro. / Nas grottas ao nascente, estava a fonte / Qual um astro. \_\_\_ E o paiz todo d'imagens, / Todo vago-incantado, do horizonte / Nos grandes seios válidos, selvagens!*” (...) (p.110).

<b>MÃE</b>	<b>PRETO</b>
<p>A. M. S. (1813): V. Mãi, e o que notei no Art. Páe. Ined. III. 570. “mães, e outros parentes.”</p> <p><b>MÃI</b>: s. f. A mulher, ou femea do animal a respeito do filho que pario. * Arvore mã; a que produzio outra, ou renovos. * Mãi d’agua; a fonte donde ella nasce. * Mãi do rio. V. Madre. “ficarão algumas náos tão baixas na mãi do rio.” B. Clar. 3. c. 2. * Ser uma mã; i. é. , fraco, molle: v. g. “Fulano é uma mã.”</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. Negro. * Um preto, subst. um homem preto, forro, ou cativo. * Reaes pretos de cobre; valião um ceitil, e mais 4/50 do ceitil: dez pretos, valião um real branco. Severim, Notif. f. 181. * Espécies pretas são pimenta, cravo, canella. * Espada preta, ou em preto; a que ainda não foi afiada, e tem os gumes botos, por nova, ou conservada assim, para se ensinar a esgrima sem perigo dos que aprendem. B. 3. I. 5. “folhas de espadas ... dar no alvo, segundo é a cor da marca, ou ponto, a que se atira. Uli. 2. I.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA**: Depreende-se, por meio da abonação mencionada, que discute-se sobre crioulos e velhos negros reunidos. Neste contexto, destaca-se a presença da mãe negra e de origem escrava da personagem Thereza. No intuito de realçar as características desta mãe, criou-se o neologismo por composição “mãe-preta”.

74) **MÔÇA-AVE**: Substantivo. Designação metafórica de mulheres jovens, cuja esperteza, liberdade e sagacidade lembram uma ave.

Abonação: “*Pela sombra das mattas ondulando / Passam guerreiras hostes Nheengahibas: / Dos ramos s'elevando amedrontadas / Olham as <môças-aves> refulgente / Negro o arco, as*



*arosoyas fluctuadas, / O alvar no peito sorridor crescente. / Embala-se, oscillante e sonora / Aos cantares da guerra, toda a ilha!” (...)* (p. 63).

<b>MÔÇA</b>	<b>AVE</b>
A. M. S. (1813): s. f. Criada de servir. * Variação feminina de Moço: Rapariga, mulher de poucos annos. * Amiga.	A. M. S. (1813): s. f. Animal empennado, que voa mais, ou menos. Dos homees é obrar virtude, e das aves avoar. B. Gramm. 100. * Palavra latina, de saudação: Deus te salve. Ave Maria: Deos te salve, ó Maria. * V. Have, do verbo haver, no imperativo: tóma. Gil Vic. 5. pag. 250. Clar. I. c. 28. Cancion. 63. v. col. 2.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Pela abonação, depreende-se que o neologismo por composição “moças-aves” é formado pelo substantivo “moças” que busca fazer referência a jovens nheengahibas, ao passo que o substantivo “aves” remonta ao sentido de seres espertos amantes da liberdade e da sagacidade.

75) **MONARCHO-JUIZ:** Adjetivo. Atribuição à pessoa que usufrui a soberania de comandar uma monarquia e de atribuir julgamentos judiciais sobre ela.

Abonação: “(Políticos fóra e dentro:) — Viva, povo, a república, / O’Cabralia feliz ! = Cadellinha querida, / Rendida, Sou <monarcho-jui... i... iz>. (Risadas). / — Prole, subdito, herança / De senhor Alfonsim!” (...)

<b>MONARCHA</b>	<b>JUIZ</b>
A. M. S. (1813): s. m. Soberano da Monarchia. * fig. Lisboa monarcha desta Oriental Conquista. B. I. 4. 12.	A. M. S. (1813): s. m. O que administra justiça, e faz executas as Leis. * Juiz Ordinário, é Juiz leigo da Terra, e oppõe-se aos Juizes de Fóra, que forão postos nas Terras pelo Senhor Rei D. Manuel. Maris, D. 4. c. 20. Já muito d’antes os reis costumavão por Juizes de fóra da Terra onde os punhão, posto que não erão formados, ou lettrados. V. a Orden. Afons. L. 3. T. 125. * I. onde se faz mensão delles postos pelo Snr. D. Afonso IV e nas

	<p>Inquirições do Senhor D. Afons. III, se acha memória de D. Froya de Vauga, e João Ribeiro, Juizes postos em Ferreira, e Monio Mendes, e Pedro Oydis, pelo Snr. D. Afons. Henriques. * Juiz do Crime; o que conhece das Causas Crimes. * Juiz do Cível; o que conhece das Causas Cíveis. * Juiz supremo; o da ultima instancia. * Juiz delegado. V. este Artigo. * Ao Delegado oppõe-se o Ordinário, que exerce jurisdição própria. * Juiz arbitro. V. Arbitro. * Há Juizes da Coroa, Fazenda, Chancellaria; Índia, e Mina; de Órfãos; Vintoreiros, ou da Vintena; e outros, cuja descripção se busque em seus respectivos Artigos. * f. O que julga, ou fórma juízo crítico de alguma obra. * Nos antigos duellos, reptos, justas, e torneyos havia Juizes, que decidião controvérsias, e sentenciavão o que respeitava a esses autos: v. g. declaravão o vencedor, &amp;c. * Juiz do Officio é o Mestre de cada Officio, deputado para examinar aquelles, que querem abrir Loge como Mestres, v. g. de alfayate, sapateiro, &amp;c.</p>
--	---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Nota-se que o neologismo por composição “monarcho-juiz” visa condensar em si, de forma bastante expressiva, os atributos de poder e superioridade que cabe à pessoa que exerce as funções de monarca e juiz simultaneamente.

76) **MULHER-CRENÇA:** Substantivo. Denotação de toda mulher que crê ou confia em alguma divindade e/ou autoridade, rendendo-lhe obediência ou subordinação.

Abonação: “*E aquelles que a amor patrio afrontam morte, / (Não nymphas) hão do lar os meigos verbos. / — E’ Camões o passado, que se preza / Grandioso; a homereal grandiosidade / E’ presente, é porvir, é a belleza / Da <mulher-crença>, do homem-divindade. / O Luso ensina á gloria d’obediencia / Do povo ao rei; nas frentes a seus rês / Põe o Grego — é acção, é a consciencia,*” (...) (p.137).

<b>MULHER</b>	<b>CRENÇA</b>
---------------	---------------

<p>A. M. S. (1813): s. f. Fêmea da espécie humana. * Matrona, opposto a marido. * Mulher do mundo: meretriz. Eufr. I. 3. Mulher de partido; o mesmo. Costa, Terenc.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. f. A acção de crer: v. g. “os Artigos da nossa crença:” e fig. a Fé, os Mystérios da Religião: v. g. “tinha feito bom entendimento das matérias da crença.” * Carta de crença, a que assegura, que se deve dar credito ao que disser a pessoa, que a appresenta, levão-na os Embaixadores, e Ministros para os Soberanos, com quem vão negociar o que lhe incumbe quem os manda. V. Credencial. * Crenças dizemos hoje as Credenciaes de um Enviado. Ined. I. 347. e com suas crenças ... o enviou a Albuquerque.</p>
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Supõe-se que o neologismo por composição “mulher-crença” denota o sentido de uma mulher cuja característica marcante seja seu poder de fé e crença, junto ao seu comportamento de obediência e submissão em relação ao homem e outras pessoas julgadas como superiores.

77) **NASCENTE-POENTE:** Adjetivo. Idéia antitética daquilo que mantém a dinamicidade de nascer e se pôr constantemente.

Abonação: “*Tumulo — tumulo — o pallor sagrado / Dos ermos—sucedendo e transformando / Co'a mutação phantastica dos quadros / Nocturnos — e a nau, lenta, atravessando; / Tumulos — Ora, em luz se transfigura. / Branco horizonte a um sol <nascente-poente>, / D' occasos e manhans tendo a candura, / Em cèus de lindo verde transparente; / Alvo mundo, transluz, em fulgorosas / Nuvens, pura esmeralda.*” (...) (p. 329).

<b>NASCENTE</b>	<b>POENTE</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. O Nascente; i. é. , o Oriente, Levante. * Nascente, p. at. de Nascer: que vai nascendo: v. g. o nascente dia.</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. Ponto Cardinal do Ceo, onde se põe o Sol. * O que põe qualquer posição, ou affirma alguma these, ou coisa de facto. Ord. Af. 3. f. 194. * 2. “se o artigo he incerto nom por parte do poente, mas por respeito do depoente.” V. Posição.</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** É possível que o neologismo por composição “nascente-poente” estabelece uma denotação bastante expressiva em relação à sucessão do sol que, num movimento constante, transforma os quadros da natureza.

78) **NATAL-FESTIVO:** Adjetivo. Caracterização expressiva de festividades realizadas para celebrar a ocasião do Natal.

Abonação: “*S'estende a varzea, qual silenciosa / Noiva nos verdes leitos da estação; / Canta uma voz nos céus harmoniosa, / Fundo vibra da terra o coração. / Vêde além, do palmar á sombra, a aldeia / Rindo, <natal-festiva> e nazarena, / D'arcos virentes, palmas novas cheia, / Que ao sentimento dão frescura amena. / Oh ! poesia christã! Cantam pastores, / Grinaldas a agitar de myrto e rosas;*” (...) (p. 93).

<b>NATAL</b>	<b>FESTIVO</b>
A. M. S. (1813): adj. Do nascimento: v. g. “dia natal.” Arraes, I. 16. subst. e por excell. O Natal; i. é. o Dia do Nascimento de N. S. Jesus Christo. V. Natividade.	A. M. S. (1813): adj. De festa: v. g. o festivo fogo; o festivo espetáculo. Tradiad. da Rainha Santa, e Varella: dia ___ ; festival

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme se interpreta da abonação, a alegria é uma constante numa aldeia em data natalina. No sentido de demonstrar o estado de alegria contagiante advinda do momento de natal, acredita-se que o neologismo por composição “natal-festivo” foi criado para encerrar tal idéia.

79) **NEGRO-ARIDO:** Adjetivo. Caracterização funesta e triste daquilo que apresenta aspecto de esterilidade e aspereza.

Abonação: “*Mas, á hora em que a luz se despedia, / Que a natureza pallida ficava / E ao seu adeus a terra estremecia, / <Negro-arido> o ermo, e se calava; / E que os morros ethereos caminhando / Agrupavam-se ao livido occidente, / Aos abysmos d'além p'ra longe olhando, Por cima do horizonte, ao sol cadente*” (...) (p. 97).

<b>NEGRO</b>	<b>ARIDO</b>
A. M. S. (1813): adj. De côr preta como a tinta de escrever, o carvão apagado. * fig. Infausto, triste, desgraçado: v. g. negras novas; negra consolação. Sá Mir. tudo a fim de conservar a negra Prelazia. M. Lusit. negra hora. Eneida, XI, 7.	A. M. S. (1813): adj. Seco, estéril. Cam. campos aridos. Arraes, 8. 4. mãos aridas para dar esmolos.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Diante da ausência de luz, da palidez e da presença de abismos, o ambiente representado na abonação acima se apresenta com um aspecto extremamente fúnebre. Desse modo, o neologismo por composição “negro-arido” busca denotar este sentido de lugubridade.

80) **NEGRO-AZUL-AUREO:** Adjetivo. Caracterização poética referente ao que irradia uma coloração escura realçada por tons azuis e dourados, cujo brilho assemelha-se à irradiação do ouro.

Abonação: “*Soberbamente a lua magestosa! / Patria de amor em campos de jacinthos, / Enlêvos da donzella harmoniosa: / “Do céu <negro-azul-aureo> sobe ao throno! / Desdobraram-se em chammas os luares,”* (...) (p. 124).

<b>NEGRO</b>	<b>AZUL</b>	<b>AUREO</b>
A. M. S. (1813): adj. De côr preta como a tinta de escrever, o carvão apagado. * fig. Infausto, triste, desgraçado: v. g. negras novas; negra consolação. Sá Mir. tudo a fim de conservar a negra Prelazia. M. Lusit. negra hora. Eneida, XI, 7.	A. M. S. (1813): adj. Cor da massa extrahida do anil; a cor, que tem o Ceo limpo, é azul celeste; alias pombinho, fino: o claro é mais aberto que o celeste. Azul ferrete; apertado, fechado, turqui é o escuro. * Servidores de azul, da Misericórdia, trazem sotaina azul.	A. M. S. (1813): adj. poet. De oiro, ou doirado: v. g. aureo tecto. * Que abunda de oiro, a aurea Chersoneso. Lusíada, e Arraes. * Brilhante, rutilante, o aureo Apollo. * fig. Cor de oiro: v. g. “os cabellos aureos.” * Que tem oiro sobreposto. * De fio de oiro: v. g. a aurea rede, ou coifa. Mal. Conq. 2. 100. * Licor aureo; v. g. o mel. * Estilo aureo; polido, nobre. * Regra aurea. V. Regra de Tres. * Espírito aureo: medicamento. * Numero aureo; t. de

		Chronol. é o período de desenove annos, em que os novilúnios tornão a cair nos mesmos dias; os Romanos o assinalavão em seu Calendario com lettras e numeros de oiro, e dahi tem o nome.
--	--	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em consonância com a interpretação do contexto acima, é exaltado o ar de magestade da lua e a beleza do céu. Supõe-se que, visando destacar a beleza deste céu, o neologismo por composição “negro-azul-aureo” funciona com o intuito de realçar suas cores brilhantes e vivas.

81) **NEVOSA-NEDEA:** Adjetivo. Aspecto brilhante, luzidio e translucido do que é coberto de neve ou daquilo que branco como a neve.

*Abonação: Mas, antes que a visão de julgamento, / Creu fê, e houve resignação, a sancta. / Meditando, sentia terra o cérebro / Onde a idèa, qual arvor', se lhe enfinca: / E recém-nado, do terreno verbo / Sentiu-se em Deus e ergueu a fronte d'Inca ! / <Nevosa-nedea> espuma, o lago-oriental, / Brilhava em Titikaka o albor do dia. / Elle partiu p'ra o oeste.” (...) (p. 282).*

<b>NEVOSO</b>	<b>NEDEO ou NEDIO</b>
A. M. S. (1813): adj. Em que há, ou cái neve; v. g. tempo, inverno __ ; o nevoso Apenino. * Branco como neve, niveo: v. g. as portas nevosas do Oriente. Insulana.	A. M. S. (1813): adj. Luzidio, como o pelo das bestas gordas: v. g. cavallo __ ; casco __ ; pelo __ . Rego, Cavall. a pena nedial das aves. Roteiro da India. “aves nedias.”

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Neste caso, se destaca um neologismo por composição formado pelos adjetivos “nevosa” e “nedea”. O primeiro indica o aspecto nevoso ou branco como uma neve e o segundo indica o sentido de algo que apresenta um brilho intenso, assemelhando-se, deste modo, a uma espuma de brilho irradiante.

82) **NOCTURNO-DIURNO:** Adjetivo. Característica antitética referente ao que se movimenta entre a noite e o dia.

Abonação: “*Austraes estrellas teem do taciturno / D'estas polares noites, obscurantes / Telluricas, pallor <nocturno-diurno> / Que vão atravessando os navegantes / De vigília à vigília \_\_\_ e qual aportam / (Tanta è a illusão) ora a estaleiros,*” (...) (p. 330).

<b>NOCTURNO</b>	<b>DIURNO</b>
A. M. S. (1813): adj. Da noite: v. g. sombra nocturna. Cam. * Noctívago, que anda de noite. Cam. ver o nocturno moço em ferro envolto. Ode 4. Lucena. “aves nocturnas.” * Signo, planeta nocturno, em que dominão as qualidades passivas, v. g. humidade, secura, &c. t. d' Astrologia. * Demônios nocturnos, que tentão á noite.	A. M. S. (1813): adj. De dia: v. g. “horas diurnas:” as que se rezão de dia. Hist. Dom. L. 4. c. 12. * Coisa de cada dia. “o jornal diurno.” B. I. I. 7. “trabalho diurno.” D. Franc. Manuel. * t. de Astron. Movimento diurno; o que oppõe-se ao annuo; ou annual: o espaço que corre desde que nasce até que se põe se chama arco diurno. * Planeta diurno; entre os Astrólogos, o que tem qualidades activas, como são calor, e frio; assim Júpiter, e Saturno são diurnos.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** “Nocturno-diurno” constitui um neologismo por composição que, conforme se interpreta do contexto acima, visa qualificar, com base num sentido antitético, a palidez que toma conta do ser humano tanto no período noturno quanto no período diurno em meio a noites obscuras.

83) **NUVEM-NORTE:** Substantivo. Referência ao conjunto de nuvens situadas na região Norte de algum lugar.

Abonação: “*A estes céus a tragedia recordar, / Que d'estes mares mais augmenta o incanto/ Tão peregrina perola insular! / Nem do coral a flor roseo-incarnada, / Que do abysmo reluz na transparencia, / Partida no areial; nem d' al varada / Estrella que irradia na existencia, / Apagada ao surgir na <nuvem-norte>, / Foi jamais tão divina de belleza*” (...) (p. 173).

<b>NUVEM</b>	<b>NORTE</b>
A. M. S. (1813): s. f. Agregado de vapores, que se elevão ao ar, e que de ordinário se desatão em chuvas. * fig. Muitas coisas tão bastas, que escurecem o ar como as nuvens: v.g. nuvem de setas, pelouros, gafanhotos. “nuvens de	A. M. S. (1813): s. m. Um dos quatro pontos Cardinaes do Mundo, opposto ao Sul: v. g. “vem embora do Norte.” * Vento opposto ao Sul. * Pólo do Norte, opposto ao do Sul. * O Norte da Agulha; o rumo que ella aponta, e busca regularmente, e que no

<p>mortalísimos pelouros.” Couto, 5. 3. 10. &amp;c. M. Lusit. “nuvem de calhóor.” * fig. “nuvem de tristeza, que cobria o coração.” H. Pinto, f. 124. “desabafado, desassombrado, aliviado daquela nuvem de escrupulos.” V. do Arc. 3. 7. as nuvens de erros, que toldão o entendimento, nuvem de ódio. B. Clar. 2. c. 26. ult. Ed. * Coisa que entristece, assombra o coração sempre de escuras nuvens rodeado. Cam. Ode 12. * Por sobre as nuvens: elogiar muito. M. Lus. * Nuvens da turbação do animo; que lhe escondem a razão: nuvens da ignorancia, que apagam as luzes do saber, que toldão o entendimento. Arraes, 10. 9. * Torreão de nuvens: globo, monte de nuvens. * As nuvens do tempo; a obscuridade que o seu decurso traz. Pinheiro, 2. fol. 6. “acolhendo-se ao esplendor dos Reis das nuvens do tempo.</p>	<p>papelão das agulhas de marear se indica com a pintura da flor de Liz. * Estrella do Norte: a Ursa Menor. * O Norte: as Terras sitas para o Pólo do Norte. * fig. Guia, ponto em que pomos a mira, para nos governarmos: v. g. o norte da Salvação. Vieira, os Reis, para favorecerem os vassallos, tem por Norte a virtude. Arraes, 5. 12. seguir os nortes dos filhos do mundo. Arraes, 7. 6. a razão dos tempos (Chronologia) he o norte das Historias. Leão, Vron. Do Conde D. Henrique, c. 3. * Director: v. g. “Mercúrio sou ... norte dos trampões.” Ulis. f. 3. * Fazer a alguém perder o Norte de fazer alguma coisa; i. é., fazê-lo haver-se differentemente de seu costume, ou mal; ou sair do seu modo, termo, habito, praticas ordinárias, e perder-se em coisas novas, e desusadas para elle. Eufr. 3. 2. se entende, que tenho perdido o norte neste governo ( do espirital, e temporal da pessoa, e Arcebispado). * Perder o Norte: ficar enleyado, por se ver fora de seu costume, ou fóra das suas balizas, ou ramerrão. Arraes, I. 20. * Ir Norte Sul em alguma coisa; fazer o opposto do que convém; errar em claro, ou de todo em todo. Eufr. Ulis. 5. 7. f. 260.</p>
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** A nova palavra “nuvem-norte” constitui um neologismo por composição que indica a posição de uma estrela que irradia toda sua luz a partir de uma nuvem situada na região norte de algum lugar.

84) **OLHAR-MORENO:** Substantivo. Idéia expressiva daquele tipo de olhar que nos transmite ternura, paz e suavidade.

Abonação: “ *'A' sombra incantadora, aos céus serenos / 'Os thesoiros vos dêem dos seus suspiros / 'As amantes de meigo <olhar-morenos> / 'Genios bons dos jardins deliciosos, / 'Onde oiro e argento luzem flôres, plantas / 'Talhadas com primor, e os gloriosos / 'Aureos banhos que, o 'tu Mama, abrilhantas! / 'Dai rancho e terra a cada desposado,*” (...) (p. 290).



<b>OLHAR</b>	<b>MORENO</b>
A. M. S. (1813): Verbetes inexistente na forma de substantivo. C. F. (1925): Idem. C. A. (18818): Idem.	A. M. S. (1813): adj. De cor parda escura.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em consonância com o contexto acima, o novo vocábulo “olhar-morenos” faz referência ao olhar de amantes caracterizadas como meigas. Desse modo, supõe-se que a nova palavra visa reforçar a idéia de meiguice, delicadeza e suavidade própria dessas mulheres amantes.

85) **OLHO-ALMA:** Substantivo. Referência aos olhos de certas pessoas que, quando fixados, têm o poder de revelar os mistérios e as particularidades da alma humana.

Abonação: *“Não eram tempestades dos olhares, / Mas a só fixidez radiosa e calma; / Oh, mais que os que sublevam terra e mares / É tremendo o poder de uns <olhos-alma>! / Nem pode se afirmar d’ onde tão pura / Tanta sombra magnetica emanava,”* (...) (p. 155).

<b>OLHO</b>	<b>ALMA</b>
A. M. S. (1813): s. m. O órgão da vista, por onde passam os raios da luz, para pintarem no fundo delle a imagem dos objectos: v. g. levantar os olhos ao Ceo. * Ter olho á sua utilidade; respeitar, olhar. V. do Arc. Prol. * Andar com o olho sobre o hombro: estar á lerta e vigiar-se de algum dano. * Estar com os olhos em alguma coisa; i. é. , desejá-la, cubiçá-la, ter os olhos nella. Couto, 7. 7. 7. * Andar em olho: espiar. “andaão em olho da vinda das fustas.” B. 2. 3. 9. * Estar com os olhos longos, esperando com muito desejo, e olhando ao longe quando vei. Couto, 4. 6. II. * Passar um papel pelos olhos; le-lo sem ponderação, e mal. Vieira. * Viver a olho; sem ordem, sem razão. Leão, Orig. f. 52. * Vender a olho; sem conta, peso, nem medida. Id. * Emmagrecer, ou crescer a olho; i. é. , notavelmente, de sorte que se conhece logo a differença no crescimento ou gordura. D.	A. M. S. (1813): s. f. A substancia espiritual, que anda annexa, durante a vida, aos corpos dos animaes, e é a que pensa mais, ou menos perfeitamente, e a que se delibera; a dos homens distingue-se da dos brutos, em ser capaz de aperfeiçoar muito mais as suas faculdades, e na immortalidade, de que nos consta pela revelação sem duvida alguma.* Almas do outro mundo: o espírito dos finados. * Descobrir a sua alma a alguém; abrir-se com elle. * O principio de qualquer vida. * A alma da pintura; a idea, o desenho della. * Dar alma ás estatuas; perfeição com que igualão a dos corpos vivos, quanto é possível. * Boa alma: homem bom, manso. * Ser alma de alguém; i. é., muito intimo com elle. Ulis. 123. * f. Tudo o que dá a força, e é o principal a respeito de outras coisas, a que anda annexo: v. g. a dicção é a alma do discurso: a alma da conjuração; o chefe,

Franc. Man. Obras Metricas: e M. Lus. Tom. I. f. 26. col. I. \* Ver alguma coisa a olhos vistos: vimos os milagres a olhos vista; queria ver a olhos vistas as maravilhas: nestas frases concorda o particip. visto com a coisa, ou coisas, que assim queremos ver; e não diremos: “ver as maravilhas a olhos vistos:” como diz o vulgo. \* Estar em olho de alguém; observando-o. B. I. 7. 4. “estavão em hum tezo, em olhos dos nossos.” e 2. I. 3. estava em olho deste feito: i. é. , olhando, vendo o que se obrava em armas. \* Mostrar aos olhos; ver a olho; i. é. , evidentemente. Arraes, 2. 20. “a olho (visivelmente) começou Malaca de se nobrecer, tornando-se muitos homens nobres viver a ella, &c.” B. 2. 9. 7. \* Ter olho em si: vigiar-se, haver-se com tento, e resguardo. M. Lus. t. f. 20. \* Fechar o olho; frase famil. morrer. \* Ter sangue nos olhos: ser homem de valor; frase famil. \* Valer, ou custar os olhos da cara; frase famil i. é. , muito. \* Dar olho: dar olhado. \* Trazer alguém de, ou em olho; i. é. , vigiar os seus passos, e açções. Luc. f. 205. col. 2. \* Por no olho da rua; i. é. , no meyo da rua. \* Vento pelo olho; i. é. , pelo meyo da proa, de todo em todo contrario ao rumo que se levava. \* Olho de água; golpe della, que rebenta de algum buraco, ou abertura da terra. \* Por-se ao olho do Sol; i. é. , bem defronte, donde os seus rayos vem mais direitos. \* Querer. \* Trazer em olho: notar, ter conta, fazer caso: v. g. “trazer em olho a alguém.” Eufr. f. 178. \* Ter alguém em olho; estar vigiando-o, observando o que faz. B. 3. 3. 9. “os tinhão em olho do lugar onde estavão escondidos.” \* Dar de olho; trazer aceno com elles, e dar a entender alguma coisa com esse aceno. \* Meus olhos: expressão carinhosa. \* Fechar os olhos: fingir que se não vê, ou não sabe. it. não attender: v. g. fechar os olhos ao perigo. \* Olhos da cauda do pavão: malhas que parecem olhos. \* Olhos do queijo: os vãos, ou poros, que elle tem. \* Olho da ponte. V. Olhal. M. Lus. \* Olho da planta; o botão

cabeça: a verdade é alma da historia; o segredo alma do governo; as boas obras são alma da Fé. \* Energia: v.g. dar alma ás palavras. \* Almas; por pessoas: v. g. “he freguesia de 200 almas.” Barros, 1. 3. 1. \* Almas da Carta: a chancellia. \* Alma de cantaro: o tolo, estúpido. \* Alma do pé; o cavado da planta. \* \_\_\_ da padeira: o vão, oco do pão. \* Alma do botão; a marca que se cobre. \* Páosinho direito, que se põe por baixo do cavallete da rebeca, e outros instrumentos, para soster o tampo de cima. \* Consciência: v. g. “vai sobre vossa alma;” probidade: v. g. “homem sem alma”; desanimado. \* Alma do canhão; o vão desde a culatra te a boca. \* Minha alma: expressão carinhosa. \* Ter amor a alma, metter alguém na alma; no coração, mui arreigado: “ó filho gerado na alma de minha alma.” Clarim. 1. c. 10. \* Fallar da alma; com toda a sinceridade. \* Fallar d’alma: i. é., com todo o serio, com o coração nos beiços. Eufr. 1. 1. \* Fazer inclinação com a alma, se diz dos que amão aquillo, que mostrão reprovar nas palavras. Eufr. 1. 4. f. 43. \* Alma da a visa; o mote, ou letra della. \* Officiaes d’alma: os Sacerdotes a quem toca a doutrina, e cura das almas. Ined. 1. 409. “e como officiaes d’alma lhe requerião da parte de Deus aquellas cousas.

que se vai desenvolvendo, ou as folhas tenras: v. g. um olho de alface, de cove.

\* Ter bom olho: entender, ter discernimento. Eufr. 2. 5. O Viso Rei, que tinha muito bom olho para conhecer o préstimo dos homens. Couto, 8. c. 26.

\* Olhos; por olheiros. Naufr. De Sepulv. Canto I. f. 15. \* Ver alguém com bons olhos; ter-lhe boa vontade, afeição. Conspir. f. 398. \* Correr com os olhos algum lugar; i. é. , examiná-lo olhando-o. Palm. P. 3. \* Olho de boi; t. de Naut. negrume no ar, que precede ao tufão. V. Couto, 5. 8. 12. nuvem grossa de varias cores tristes, e melancolizadas ao contrario do Iris. Luc. it. uma espécie de maçã. \* It. Uma herba deste nome, pampilho. V. \* Olho de gato: pedra preciosa de cores scintillantes, como as dos olhos dos gatos. Luc. f. 120. \* Olho de lebre: especie de uvas. Alarte, f. 34. \* Olho de gallo: outra especie. \* Olho do machado, enxada, sacho, alvião; o buraco onde se encava o cabo de pão delles. \* Olhos do Sol; os rayos que penetrão por as estreitas gretas, ou fisgas, que deixão as copas, e rama de um bosque bem espesso. \* Olho de Touro: estrella da primeira magnitude no Signo de Tauro. \* O olho do Ceo, poet. o Sol. Lus. X. 89. \* A olho: visivelmente, ou como se mostrasse o objecto. Ulis. fol. 3. “A Satyra, que sem nomear alguém notava os vicios tanto a olho (por meyo de vivas descripções), que bastava para ser conhecido o culpado.” \* Encher os olhos: contentar, satisfazer. V. do Arc. I. 2.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Entende-se que a nova palavra “olhos-alma” denota uma idéia extremamente expressiva daquele tipo de olhar que goza do poder de revelar muitos segredos e particularidades a respeito do ser humano.

86) **OLHO-QUEBRANTO**: Substantivo. Referência àquele tipo de olho que, quando fixado sobre alguém ou alguma coisa, produz em seu alvo uma espécie de desfalecimento, tristeza, doença ou morbidez de sua alma.

Abonação: "*O que ninguém comprehende e aos cèus o devo, / Da canção bacchanal faço-te um hymno / " Beijando esta alva mão; eu vibro o incanto; / Amo as negras pestanas, mais formosas / Que os de sensualidade <olhos-quebranto>; / Puro è do Guesa o amor, honesta o gozas. / " Esta è a chamma eternamente joven, / Pela vestal do lar sempre nutrida, / Que a vergonha e que os tedios não demovem," (...)* (p. 340).

<b>OLHO</b>	<b>QUEBRANTO</b>
<p>A. M. S. (1813): s. m. O órgão da vista, por onde passam os raios da luz, para pintarem no fundo delle a imagem dos objectos: v. g. levantar os olhos ao Ceo. * Ter olho á sua utilidade; respeitar, olhar. V. do Arc. Prol. * Andar com o olho sobre o hombro: estar á lerta e vigiar-se de algum dano. * Estar com os olhos em alguma coisa; i. é. , desejá-la, cubiçá-la, ter os olhos nella. Couto, 7. 7. 7. * Andar em olho: espiar. "andaão em olho da vinda das fustas." B. 2. 3. 9. * Estar com os olhos longos, esperando com muito desejo, e olhando ao longe quando vei. Couto, 4. 6. II. * Passar um papel pelos olhos; le-lo sem ponderação, e mal. Vieira. * Viver a olho; sem ordem, sem razão. Leão, Orig. f. 52. * Vender a olho; sem conta, peso, nem medida. Id. * Emmagrecer, ou crescer a olho; i. é. , notavelmente, de sorte que se conhece logo a diferença no crescimento ou gordura. D. Franc. Man. Obras Metricas: e M. Lus. Tom. I. f. 26. col. I. * Ver alguma coisa a olhos vistos: vimos os milagres a olhos vista; queria ver a olhos vistas as maravilhas: nestas frases concorda o particip. visto com a coisa, ou coisas, que assim queremos ver; e não diremos: "ver as maravilhas a olhos vistos:" como diz o vulgo. * Estar em olho de alguém;</p>	<p>A. M. S. (1813): s. m. Doença, quebrantamento do corpo, que dizem proceder de olho mão. * Desfallecimento do animo por doença, tristeza, desastre. Mausinho, f. 155.</p>

observando-o. B. I. 7. 4. “estavão em hum tezo, em olhos dos nossos.” e 2. I. 3. estava em olho deste feito: i. é. , olhando, vendo o que se obrava em armas. \* Mostrar aos olhos; ver a olho; i. é. , evidentemente. Arraes, 2. 20. “a olho (visivelmente) começou Malaca de se nobrecer, tornando-se muitos homens nobres viver a ella, &c.” B. 2. 9. 7. \* Ter olho em si: vigiar-se, haver-se com tento, e resguardo. M. Lus. t.. f. 20. \* Fechar o olho; frase famil. morrer. \* Ter sangue nos olhos: ser homem de valor; frase famil. \* Valer, ou custar os olhos da cara; frase famil i. é. , muito. \* Dar olho: dar olhado. \* Trazer alguém de, ou em olho; i. é. , vigiar os seus passos, e acções. Luc. f. 205. col. 2. \* Por no olho da rua; i. é. , no meyo da rua. \* Vento pelo olho; i. é. , pelo meyo da proa, de todo em todo contrario ao rumo que se levava. \* Olho de água; golpe della, que rebenta de algum buraco, ou abertura da terra. \* Por-se ao olho do Sol; i. é. , bem defronte, donde os seus rayos vem mais direitos. \* Querar. \* Trazer em olho: notar, ter conta, fazer caso: v. g. “trazer em olho a alguém.” Eufr. f. 178. \* Ter alguém em olho; estar vigiando-o, observando o que faz. B. 3. 3. 9. “os tinhão em olho do lugar onde estavão escondidos.” \* Dar de olho; trazer aceno com elles, e dar a entender alguma coisa com esse aceno. \* Meus olhos: expressão carinhosa. \* Fechar os olhos: fingir que se não vê, ou não sabe. it. não attender: v. g. fechar os olhos ao perigo. \* Olhos da cauda do pavão: malhas que parecem olhos. \* Olhos do queijo: os vãos, ou poros, que elle tem. \* Olho da ponte. V. Olhal. M. Lus. \* Olho da planta; o botão que se vai desenvolvendo, ou as folhas tenras: v. g. um olho de alface, de cove.

\* Ter bom olho: entender, ter discernimento. Eufr. 2. 5. O Viso Rei, que tinha muito bom olho para conhecer o préstimo dos homens. Couto, 8. c. 26.

\* Olhos; por olheiros. Naufr. De Sepulv. Canto I. f. 15. \* Ver alguém com bons olhos; ter-lhe boa vontade, affeição.

<p>Conspir. f. 398. * Correr com os olhos algum lugar; i. é. , examiná-lo olhando-o. Palm. P. 3. * Olho de boi; t. de Naut. negrume no ar, que precede ao tufão. V. Couto, 5. 8. 12. nuvem grossa de varias cores tristes, e melancolizadas ao contrario do Iris. Luc. it. uma espécie de maçã. * It. Uma herva deste nome, pampilho. V. * Olho de gato: pedra preciosa de cores scintillantes, como as dos olhos dos gatos. Luc. f. 120. * Olho de lebre: especie de uvas. Alarte, f. 34. * Olho de gallo: outra especie. * Olho do machado, enxada, sacho, alvião; o buraco onde se encava o cabo de pão delles. * Olhos do Sol; os rayos que penetrão por as estreitas gretas, ou fisgas, que deixão as copas, e rama de um bosque bem espesso. * Olho de Touro: estrella da primeira magnitude no Signo de Tauro. * O olho do Ceo, poet. o Sol. Lus. X. 89. * A olho: visivelmente, ou como se mostrasse o objecto. Ulis. fol. 3. “A Satyra, que sem nomear alguém notava os vicios tanto a olho (por meyo de vivas descripções), que bastava para ser conhecido o culpado.” * Encher os olhos: contentar, satisfazer. V. do Arc. I. 2.</p>	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O neologismo por composição “olhos-quebranto”, presente na abonação acima, pode ser interpretado como o que é popularmente conhecido como mau olhado. De acordo com a abonação, o mal causado por este tipo de olhar contrasta com os bons sentimentos portados pelo Guesa, cujo amor é tido como puro e honesto.

87) **OPPOSTO-MAGOADO:** Adjetivo. Qualidade própria de algo que, além de confuso e conturbado, se encontra repleto de mágoas e tristezas.

Abonação: “*Em grandioso trovoar desmaia a treva. / Eis os vastos penhascos levantados / Qual à loucura que um delirio eleva, / Sentimentos <opostos-magoados>: / E o coração que viu-se endurecendo / Ante o horror da tormenta, agora estaca / Ante o da calma \_\_ ante ambos quasi tendo / O mesmo abalo, ao que conturba, ou aplaca.*” (...) (p. 327).

<b>OPPOSTO</b>	<b>MAGOADO</b>
A. M. S. (1813): p. pass. de Oppor. V. * Contrario, ou contradictorio: v. g. dizer coisas oppostas, com sim, e não. As delicias da carne são oppostas á honestidade. “é-me opposto;” i. é. , adverso; meu adversário.	A. M. S. (1813): p. pass. de Magoar. * Maculado, manchado: v. g. “a hora magoadada.” B. Clar. L. 2. c. 42. Ined. I. 406. raízes ... magoadas, e sujas. * “magoados, e injuriados de deixarem aquelle inimigo sem mayor castigo: “sentidos, pezarosos. B. 2. 9. 3. * Pisado, v. g. o corpo, a fruta. Alarte, 122. * Expressivo de magoa: v. g. “suspiros, palavras magoadas.” Lagrimas, que fazia mais magoadas o medo da morte. V. do Arc. 2. 19. * Offendido, “o animo magoadado.”

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme a interpretação realizada da abonação acima, entende-se que o eu-lírico tem seus sentimentos muito conturbados e confusos em meio ao horror ocasionado pela presença de trevas, penhascos, loucuras e delírios. No intuito de realçar todos estes sentimentos que aplacam o eu-lírico, o neologismo por composição “opostos-magoados” foi criado.

88) **ORCHESTRA-HORROR:** Substantivo. Cenário repleto de fatos e/ou fenômenos causadores de tragédias e acidentes, provocando uma sensação de espanto, terror e horror.

Abonação: "*Embalançando as naus nos duros braços, / Entrechoca-as, remuge, hesita um pouco / E roja-as naufragando — amplos fracassos / A' praia — <orchestra-horror>, que exalta e aterra, / Das sombras e das aguas! montes, mundos / Undoso-ennovelados contra a serra, / 'Scurecidos nevoeiros chaos e surdos*" (...) (p. 316).

<b>ORCHESTRA</b>	<b>HORROR</b>
A. M. S. (1813): s. f. (ch como q.) Nos Teatros Romanos, o lugar onde se sentavam os Senadores; entre nós e o que occupão os Musicos.	A. M. S. (1813): s. m. Tremor do corpo por febre. * f. Grande medo de algum objecto terrível, ou terrível. * Grande aversão a alguém, ou alguma coisa.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em meio ao cenário caótico instaurado por um naufrágio, a praia torna-se palco de verdadeiras tragédias que causam no eu-lírico uma espantosa sensação de horror e terror.

89) **ORIENTE-SUL:** Substantivo. Referente ao que vem despontando no horizonte situado ao sul de uma região.

Abonação: *“E’ das marès no berço’ austral arfando / Em tangagem cadente a nau tão bella / Nas argentinas águas, navegando / A’ luz da <orientesul> melhor estrella, / A ‘ tarde no convès os passageiros / Formam parelhas (pela gloria morrem!) / Zunindo os ventos frigidis poncteiros, / Jogando a nau, s’equilibrando correm!”* (...) (p. 331).

<b>ORIENTE</b>	<b>SUL</b>
A. M. S. (1813): s. m. Levante, Nascente, a parte donde nasce o Sol. * O oriente das perolas; é um claro com vivos de vermelho, e as que o tem são as melhores. * O Oriente da Gloria: o Ceo. Alma Instruída.	A. M. S. (1813): s. m. Vento opposto diametralmente ao Norte.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** O neologismo por composição “orientesul” tem em sua composição o substantivo “oriente”, o qual denota a idéia de nascimento, despontamento e origem e o substantivo “sul”, que instaura o sentido de algo relacionado ao sul. Assim, o neologismo em questão denota o sentido daquilo que nasce ou desponta na região sul.

90) **PATRIA-DEUS:** Substantivo. Denominação referente ao reino celestial e eterno para onde, segundo a crença religiosa, todos os seres de coração bom vão residir após a morte.

Abonação: *“ ‘ Vem, o’ PIatão, fundar tua República, / Eis a patria edenal, nativo o crente, / Do socialista a lei, tua e tão pudica / Às de Jesus guiando, ao Deus vivente! / Jesus na <Patria-Deus>, que d'elle essa era, / A eterna patria que nos guarda ao seio \_\_\_ / Paulo! Paulo! o mysterio se descerra, / Que em seculos de horror pesar-nos veiu !”* (...) (p. 305).

<b>PATRIA</b>	<b>DEUS</b>
---------------	-------------



<p>A. M. S. (1813): s. f. A terra donde alguém é natural. * fig. A pátria celeste: o Ceo.</p>	<p>A. M. S. (1813): V. Déos.  DÉOS: s. m. O Ente Supremo, Infinito em todas as suas perfeições, Sempiterno, Criador do Universo. * Entre os Idolatras, Criaturas divinizadas, e endeosadas; taes são Vênus, Jove, Marte, e outros Deoses da Fabula. (Deus melhor ortografia, segundo o som, e a Etymologia). * Deus que bem; frase elliptica; i. é. , foi servido, que bem o fez, ou seja louvado, que bem o fez, ou quis Deus que bem o fizesse. Ainda se diz a frase por inteiro: Deus que fez bem. “se acertão (ouvi a vários). Deus que fez bem:” sem admirativa. * Que os Anjos da celeste companhia  Deoses o sacro verso está chamando:  Nem nega que esse nome prehemimente  Também aos mãos se dá, mas falsamente.  Cam. Lus. * “Deus me he testemunha, e Por Deos (modos de jurar), são huma mesma cousa.” Cathec. Rom. 525.</p>
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Por meio da abonação mencionada, entende-se que a chamada “pátria-deus”, neologismo por composição, faz referência ao paraíso celestial em que Deus vive e Jesus aparece como o guia das pessoas. Seria a pátria onde todos teriam direito a desfrutarem da vida eterna.

91) **PHRASE-AROMA:** Substantivo. Referência poética àquele tipo de frase que soa bem aos ouvidos. Trata-se de dizeres que servem para tranquilizar alguém, aliviar alguma dor, esclarecer alguma dúvida, trazer paz a quem necessita.

Abonação: *“Teve a innocencia, amor; luz, o astro eterno; / Do alheio mal, teve ella a negra palma, / Da inveja e os cancros em carnal incesto, / Eil-a tomando fórmãs, a calunnia, / De um sorrir gracioso, um fino gesto, / Um vago dizem \_\_\_’ Vêde a infausta mumia!’ / Vêde\_\_na rosea lingua, que innocente / <Phrase-aroma>, a que a dor toda se aplaca! / Vêde ! vêde! Oh! a bocca pestilente! / Que negra podridão verte a cloaca !...”* (...) (p. 112).

<b>PHRASE</b>	<b>AROMA</b>
A. M. S. (1813): V. Frase. <b>FRASE:</b> s. f. Qualquer combinação de palavras, que não fórma uma sentença, onde não entra verbo nos modos principaes: v. g. cheyo de pavor; nação cruel, e fera: talvez uma sentença breve; v. g. vive Deus; vai-te lá; venha cá; &c.	A. M. S. (1813): s. m. Droga cheirosa, como encenso, bejoim, hervas, e lenhos cheirosos, balsamos, oleos, unguentos de muita fragrância. * fig. Cheiro suave.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Interpretando a abonação, nota-se que sentimentos ruins como a inveja e a calúnia vão, aos poucos, tomando forma, criando, desse modo, um ambiente repleto de mazelas. Em meio a tudo isso, são ditas coisas boas e livres de maldades que aliviam qualquer tipo de dor. No sentido de encerrar a idéia de palavras doces mencionadas com função de superar qualquer mal, o neologismo por composição “phrase-aroma” parece se adequar a tal sentido.

92) **PLUMBEO-LUZIDO:** Adjetivo. Caracterização, em sentido figurado, daquilo que é cor de chumbo brilhante.

Abonação: *“Os luminosos mares! os coroando / Instantaneas espumas — quaes cingiram / A frente que os heroes curvaram bella / Vencidos ... não dos raios que os feriram; / Mas, vencidos ... — Quem pois venceu? — a estrella! / Da tarde á luz suavizam-se em tristeza / <Plumbeo-luzidos> páramos sagrados: / Oestes Indias! frescos, enlevados / Céus da Creação — gloriosa natureza!”* (...) (p. 176).

<b>PLUMBEO</b>	<b>LUZIDO</b>
A. M. S. (1813): adj. De chumbo: v. g. a plúmbea pela. Lus. I. 89. plúmbeo annel. Mausinho, V. * cor de chumbo. Mausinho, f. 26. V. * Luz plúmbea; lívida, azulada. Barreto, Poema. * Bulla plúmbea, sello pendente de chumbo.	A. M. S. (1813): adj. Lustroso, pomposo, brilhante, bem arrayado: fig. luzidas tropas; luzidas armas; bem aceyado. Eufr. 3. 5. * “Estilo luzido de bons ditos.” Pinheiro, 2. f. 8.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Através do contexto, nota-se que o adjetivo “plumbeo-luzidos”, neologismo por composição, caracteriza figurativamente o firmamento ou o horizonte de uma

região que, sob a luz da tarde, cai em tristeza. Neste contexto, este novo adjetivo expressa o sentido de algo que se manifesta irradiando um aspecto triste e fúnebre.

93) **PONCTEAGUDO-ERGUIDO**: Adjetivo. Imagem figurativa do que se encontra extremamente elevado verticalmente, assemelhando-se a um objeto de ponta muito aguda.

Abonação: “*Viridantes os mares se quebravam. / Qual as cem mammas naturaes de vida / As arenosas dunas, alvejantes, / Selvagens, virgens, <poncteagudo-erguidas>, / Altos riçavam muros de diamantes: / Era a ilha sempre-Eden, sempre-verde, / Onde abria o rosal á natureza,*” (...) (p. 150).

<b>PONCTEAGUDO</b>	<b>ERGUIDO</b>
A. M. S. (1813): Verbetes inexistentes. C. F. (1925): adj. Que termina em ponta aguda. (De ponta + agudo).	A. M. S. (1813): p. pass. de Erguer. * fig. Elevado: v. g. erguer labaredas. Fig. erguer os espíritos; animar. Pinheiro, 2. 132. erguer o animo, as esperanças; animar. Uliss. IV. 118. * Erguer-se: levantar-se em pé, ou sobre o assento o que está deitado; sair da cama o doente. * Elevar-se: v. g. montes, que se ergem ás nuvens. * “Erguia-se a manhã formosa.” Men. e Moça. L. t. c. 2.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA**: Contemplando a beleza dos mares viridantes, das alvejantes dunas, dos altos muros e da ilha, destaca-se a forma erguida e ponteaguda das dunas de areia. A fim de realçar o quanto estas dunas são elevadas e altas, foi criado o neologismo por composição “poncteagudo-erguido”.

94) **PODRE-NAUSEABUNDO**: Adjetivo. Idéia expressivamente pejorativa em relação ao que manifesta algum cheiro desagradável capaz de causar enjôos e náuseas.

Abonação: “*Vão e veem os caboclos vagabundos, / Bebados riem-se deante das fogueiras / Ou balançam-se em lubricas maqueras, / N'estes odores <podres-nauseabundos>. / Penetremos aqui n'esta barraca \_\_ / Da candeia d'argilla uma luz morta*” (...) (p. 24).

<b>PODRE</b>	<b>NAUSEABUNDO</b>
--------------	--------------------

<p>A. M. S. (1813): adj. tocado de podridão: v. g. carne, peixe podre; fructa podre; amarras podres; dentes podres; pao, pano, corda podre. * Febre podre; que procede da podridão do sangue. * Ser peixe podre; no fig. famil. i. é. , inútil, para nada: e Não ser peixe podre; ter merecimento, partes louváveis do corpo, ou do animo. Eufros. * Membro podre, no fig. o Cidadão inútil, e criminoso. * Os podres de alguém; as suas baldas, faltas, pobreza.</p>	<p>A. M. S. (1813): V. Nauseado.  NAUSEADO: p. pass. de Nausear. Que tem nausea: v. g. o estomago nauseado.</p>
---	---

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Pelo que é narrado conforme a abonação acima, a situação em que se encontravam os caboclos, considerados como vagabundos, que se divertiam diante das fogueiras e de suas humildes barracas, é de extrema decadência. Supõe-se que o neologismo por composição “podres-nauseabundos” busca qualificar, num tom extremamente deteriorativo, o ambiente em que vivem tais caboclos, tratando-se de lugares em que a pobreza e a podridão atingem um nível alarmante.

95) **PURO-UNDOSO:** Adjetivo. Referência imaculada ou casta referente àquilo que apresenta um aspecto em forma de ondas muito límpidas e transparentes.

Abonação: “*Ou ao fundo das ondas luminosas; / D'alvas espumas no marinho leito, / E Coelus mesma uma onda viridante, / Ao transparente <puro-undoso> peito / Prendendo o joven seductor errante; / Ou das covas plutonicas da terra*” (...) (p. 157).

<b>PURO</b>	<b>UNDOSO</b>
<p>A. M. S. (1813): adj. Estreme, sem mistura: v. g. leite, vinho puro, água pura; fonte pura, mui limpa. Camões, Eclog. 4. * Ar puro, licre de partículas estranhas, e heterogêneas, e infectas. * Purificado, ou sem fezes: v. g. prata pura. * Casto. * Singelo: v. g. a pura verdade; he pura mentira. * De puro sentimento; i. é. , só de sentimento; morreu de puro desamparo; i. é., só disso. * Alma pura, innocene, sem malicia. * Sangue puro, e limpo, quanto á</p>	<p>A. M. S. (1813): adj. Que tem, ou faz ondas; v. g. o mar undoso. Uliss. V. Undante.</p>

saúde; e sem mistura de sangue Mouro, ou Judaico.	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Em consonância com o contexto, há uma exaltação das belezas naturais próprias de um cenário marítimo onde as ondas são luminosas e transparentes. No sentido de denotar a idéia de pureza, limpidez e transparência destas ondas, acredita-se que o neologismo por composição “puro-undoso” visa condensar tais sentidos.

96) **PURPURO-AMARELLO:** Adjetivo. Característica do que é de coloração púrpura ou vermelha mesclada com a coloração amarela.

Abonação: “*Dos caçadores companheiros meus \_\_\_ / E qual na infancia, hoje eu volto moço / Nos collos bracejar velozes seus. / " Tomado o Guesa d'estes sentimentos, / Rolava na onda <purpuro-amarella> / Á contra correnteza além. / Momentos Em que, vário o cabelo á fronte bella,*” (...) (p. 99).

<b>PURPURO ou PURPÚREO</b>	<b>AMARELLO</b>
A. M. S. (1813): adj. De púrpura; ou cor de púrpura. Camões. As cerejas purpúreas. e Lus. 2. 77. escarlata purpúrea cor ardente. “purpúrea rosa sobre a neve ardia.” Id. Son. 186. * Mar purpúreo; i. é. , de sangue. “mui purpúreo de plumas, e luzido com a gala de grã.” Eneida, X. 178.	A. M. S. (1813): adj. Da cor da gemma de ovo, do oiro, do rom, enxofre, &c. * Amarello tostado é o muito acceso: amarello gualdo é o muito claro. T. de Pint. * Homem amarello; pallido, desmayado. * Peixe amarello, da China, que anda no mar, e pelo estio se muda em ave. &c.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Conforme se interpreta a abonação mencionada, em meio a uma correnteza, o Guesa é tomado pelas lembranças de sua infância e de sua mocidade. Neste caso, o adjetivo em análise busca caracterizar as ondas desta correnteza quanto à sua coloração vermelha mesclada com tons amarelados.

97) **ROSEO-INCARNADO:** Adjetivo. Qualidade do que é de cor rosada e de vermelho vivo. Qualidade do que é muito perfumado como a rosa e de cor vermelho vivo.

Abonação: “*A estes céus a tragedia recordar, / Que d’estes mares mais augmenta o incanto/ Tão peregrina perola insular! / Nem do coral a flor <roseo-incarnada>, / Que do abysmo reluz na transparencia,*” (...) (p. 172).

<b>ROSEO</b>	<b>INCARNADO ou ENCARNADO</b>
A. M. S. (1813): adj. De rosa, ou cor de rosa; v. g. “c’os róseos dedos abre a Aurora as portas do Ceo.” poet.	A. M. S. (1813): p. pass. de Encarnar. V. * Cor de carne, vermelho como carne viva. * fig. Encarnado no sono; mui ferrado. Coutinho, f. 69. andava o medo tão encarnado nelles; entranhado. Cast. 3. f. 51. tão encarnados na peleja; encarniçados. Ined. II. 421. e f. 550. * Encarnada a ferida; curada de todo. Flos Sanct. V. de S. Pedro. Ficou o pé tão __ , como se nunca fora cortado. * “Encarnado de vós (S. Virgem) o Verbo Divino.” Excell. Da Ave Maria, f. 44.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Exaltando o encanto dos mares, o eu-lírico exalta a beleza da flor que, mesmo diante de um abismo, reluz com todo o seu perfume e vivacidade de suas cores. O adjetivo “roseo-incarnado” encerra em si tais idéias de encanto, vivacidade, luz e beleza.

98) **RAIO-DARDO:** Substantivo. Traço de luz irradiado como uma lança ponteaguda.

Abonação “ *Oh, quanto o mundo então formoso fôra / Com a mulher feliz, criança e amada, / A um lado o esposo, ao outro a incantadora / Voz de amigo leal, de ambos sagrada! / “\_\_ Não honras Potiphar? . . de Josezito / Lacerarás a capa; e se as 'abelhas / Trabalham em commum.' nem mais evito / Mellifluos <raios-dardos>, das estrelas. . .*” (...) (p. 340).

<b>RAIO</b>	<b>DARDO</b>
A. M. S. (1813): s. m. (antes rayo). Linha de luz que lanção de si os astros; as candeias, &c. Destes diz-se raio visual o que sai do centro do objecto, e entra pelo da pupilla dos olhos; por meio do qual vemos os objectos; v. g. raio d’Incidencia, refracto, reflexo, e outros termos da Óptica, Dioptrica, e Catoptrica. * Raio do circulo, a recta que vai do centro á circunferencia, e he	A. M. S. (1813): s. m. Especie de lança delgada, e curta, que se arremessa.

<p>hum semidiametro. * Nas rodas das seges, os páos que sabem da pinnas par o cubo.  * Raios, na lança para correr argolas, são os que cercão o total della. * O fogo electrico que se solta das nuvens com o trovão; e fig. dizemos que he hum raio a pessoa muito activa; a de grande penetração; o homem que faz grande, e rápido destroço; v. g. Alexandre raio da guerra (rayo melh. ortog).</p>	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Os substantivos “raio” e “dardo” que se justapõem na constituição do neologismo “raios-dardos” buscam fazer referência, de acordo com a leitura do contexto, àqueles traços de luz irradiados pelas estrelas que atingem seu alvo de forma tão certa, a ponto de serem comparados a uma lança de ponta aguda.

99) **SERVA-AMANTE:** Substantivo. Mulher que se rende como criada e/ou escrava, além de oferecer amor a alguém.

Abonação: *“E o mundo abysmo, abysmos Negros a tumultuar!” / Eis do Guesa a affeição mais duradora, / O amor da bôa serva, a <serva-amante>; / Prática virgem, que só trae se adora: / É negra flor dos valles do Levante, / Crepuscular saudade; é o mysterio / De luctas contra o mundo; é luminosa” (...)* (p. 148).

<b>SERVA</b>	<b>AMANTE</b>
<p>A. M. S. (1813): s. f. Escrava. * Criada.  * Sou sua serva, dizem as mulheres por obsequio. * Serva de Deus, mulher dada a exercícios de piedade, e religião.</p>	<p>A. M. S. (1813): s.c. A pessoa que ama; namorado, ou namorada. Cam. Lus. V. 54. e Ode 3. a amante</p>

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Na abonação acima, supõe-se que o neologismo por composição “serva-amante” denota a idéia da mulher que, além de prestar seus serviços de criada ou empregada, assume a condição de amante de seu dono.

100) **SORRISO-DARDO:** Substantivo. Idéia, em sentido figurado, da manifestação daquele tipo de riso irônico e mordaz que revela censura e/ou coerção sobre alguém ou alguma coisa.

Abonação: “*Do muro antigo que se adora e beija, / Alvorça \_\_ alegrias que são dores, / Entre o que se arreceia e se deseja / <Sorriso-dardos>, corrupção-amores! / E levada onda íntima a taes ventos, / Os joelhos se dobram silenciosos, / N'um extasis obscuro aos pensamentos / Conselho e luz pedindo, aos sons saudosos.*” (...) (p. 80).

<b>SORRISO</b>	<b>DARDO</b>
A. M. S. (1813): s. m. Hum principio do riso, do que se sorri.	A. M. S. (1813): s. m. Especie de lança delgada, e curta, que se arremessa.

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** Por meio da abonação, entende-se “sorriso” como uma forma de manifestar algum sentimento. Por outro lado, o vocábulo “dardo”, no interior deste contexto, assume seu sentido figurado de ferir ou magoar alguém por meio da censura ou da maldade. Portanto, o neologismo “sorrisos-dardos” é interpretado como a manifestação irônica de certos sentimentos.

101) **TERRA-CÉU:** Substantivo. Idéia poeticamente expressiva daquilo que vive entre a vida terrena e a vida celeste.

Abonação: “*O processo moral da natureza, / Incolôres principios, a existencia / Absoluta da aquem e além belleza, / Viva em ti s'incarnando a aurea innocencia — / “Oh, a innocencia! a fôrça desarmada / Que é ella e solidão feliz, de um Deus / A candida, a melhor, melhor morada, / Coelus, o lirio-luz, a <terra-céus> !” / E o Deus que está na amante mocidade*” (...) (p. 151).

<b>TERRA</b>	<b>CÉU</b>
A. M. S. (1813): s. f. O mais pezado dos quatro elementos, que de ordinário cria os vegetaes. * A terra; i. é. , este planeta que habitamos, e consta de terra, mares, rios, &c. * A costa oppondo-se ao mar; v. g. quem vai embarcado avista terra, toma a terra, ou chega a ella; ferra a terra, ancora no porto. * Sahir em terra, desembarcar. * Por por terra, derribar. * Navegar terra a terra, ou cosido com a terra; i. é. , muito chegado á costa. * Região; v. g. terras	A. M. S. (1813): s. m. A região ethérea. * O lugar, onde está Deos, e os Bemaventurados. * fig. Região, clima. Por Ceos não naturaes andaríamos. Cam. Lus. * Ceo da boca: a parte superior interna. Lobo, Corte.



<p>insognitas. * A minha terra; i. é. , a minha pátria. * O mundo, os homens. * Cahir em terra; i. é. , nascer. Sá Mir. * Panno da terra; i. é. , fabricado no paiz, não estrangeiro. Vieira. * Ser terra; i. é. , ser mortal. * A terra fria; i. é. , a sepultura. * Metter terra em meio, fugir, auzentar-se para longe. * Ganhar o inimigo terra, ir entrando pelo campo, ou território do contrario. Palm. P. 2. c. 166. * Ir morar a terra secca, fora das marinhas, ou costa do mar. Ord. Af. I. f. 468. terra chã, não cercada, sem muro. Id. 5. T. 96. * I. * Ganhar terra com alguem, grangeyar a sua graça, favor com lizonjas, serviços, mexericos, &amp;c. Couto, 8. c. 25. “como não faltão mexedores, parece que alguns que querião ganhar terra com el-Rei o avisarão algumas vezes, que o havião de prender.”</p>	
---	--

**ANÁLISE LINGÜÍSTICA:** É suposto que a idéia de algo que viva entre a vida terrena e a vida celeste resulte dos sentidos dos substantivos “terra” e “céus” instaurados no neologismo por composição “terra-céus”.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A dissertação intitulada “Para um Glossário Neológico da Obra ‘O Guesa’, de Sousândrade: uma proposta”, foi organizada em cinco capítulos.

No primeiro capítulo, apresentamos as idéias introdutórias de nossa pesquisa, demonstramos os objetivos que almejávamos alcançar, justificamos que o presente estudo é relevante no tocante à elaboração de um projeto maior denominado “Observatório dos Neologismos Literários do Português do Brasil”, a que esta dissertação encontra-se vinculada. Salientamos, também, a pertinência desta no sentido de ampliar as pesquisas acerca da obra de Sousândrade, dada a escassez de trabalhos acadêmicos em relação ao “Guesa”, principalmente, no que se refere aos estudos que concebem o neologismo como seu principal enfoque. Logo, reforçamos que este tipo de trabalho é amplamente rentável e produtivo, uma vez que ilustra a significativa ocorrência de neologismos formados, em sua maior parte, pelo processo da composição.

Ainda, no primeiro capítulo, abordamos a metodologia utilizada para a elaboração desta pesquisa, definimos o corpus, optando pela obra “O Guesa”, delimitamos o tema e apresentamos a forma como nosso trabalho e o *corpus* seriam organizados.

Visando uma maior contextualização entre autor e obra, o segundo capítulo ficou destinado a uma breve discussão acerca da vida de Sousândrade e de seu trabalho literário. Já o terceiro capítulo, destinou-se à explanação de algumas considerações teóricas em torno do neologismo, partindo das pesquisas empreendidas por Guilbert (op. cit.), Boulanger (op. cit.), Barbosa (op. cit.), Martins (op. cit.), dentre outros.

No quarto capítulo, retomamos as idéias empreendidas por Dubois (op. cit.), Haensch (op. cit.), Biderman (op. cit.), Borba (op. cit.), Moraes (op. cit.), Aulete (op. cit.) e Barbosa (op. cit.) com o objetivo de um breve esboço teórico a respeito da organização da macroestrutura do dicionário, como também da constituição do glossário.

No quinto capítulo, consta o objetivo central desta dissertação, que consiste na elaboração de um glossário a partir dos neologismos coletados e analisados em “O Guesa”. Voltando ao primeiro capítulo, observamos que a principal hipótese em que nosso estudo se pauta é investigar se Sousândrade busca criar novos substantivos e novos adjetivos, em sua maior parte, por meio do processo da composição. A não dicionarização da forma vocabular nos três dicionários utilizados como textos de exclusão, na presente pesquisa, constituiu o critério adotado por nós para julgarmos uma forma vocabular como neológica ou não.

Elaborado o glossário, analisamos cento e um neologismos. Deste total, noventa neologismos são decorrentes do processo de formação de palavras denominado composição, ao passo que seis formas decorrem da derivação e cinco se enquadram no tipo semântico. Portanto, podemos concluir que a hipótese em que este trabalho é sustentado pode ser confirmada, dada a alta predominância de vocábulos neológicos constituídos a partir da composição.

Em relação ao recurso da composição como processo formador de neologismos, um caso bastante interessante que encontramos foi o adjetivo “negro-azul-aureo”, em que temos três bases justapostas, ao passo que a maioria dos outros casos reside na criação de palavras em que se

justapõem duas bases, como pode ser verificado nos exemplos “céu-luz”, “luz-verdade”, “sorriso-dardo” e outros.

Diante da confirmação da hipótese por nós levantada, acreditamos que muito há a se realizar em torno da produção literária de Sousândrade, enfocando tanto a questão do neologismo quanto outros estudos de natureza lexicológica. Fica aqui o convite para que outros estudiosos de Lingüística continuem a desvendar a obra sousandradina, a qual constitui um terreno amplamente fértil para os estudos lexicológicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AULETE, F. J. *Diccionario Contemporâneo da Língua Portuguesa*. Lisboa: Livraria Editora, 1881. 2 v.

BARBOSA, Maria Aparecida. *Léxico, produção e criatividade: processos do neologismo*. São Paulo: Global, 1981. 323 p.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Análise de dois dicionários gerais do português brasileiro contemporâneo: o Aurélio e o Houaiss. In: OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2004, p. 185-200. 2 v.

BORBA, Francisco da Silva. *Organização de dicionários: uma introdução à Lexicografia*. São Paulo: UNESP, 2003. 356 p.

BOULANGER, Jean-Claude. *A criação lexical na modernidade*. Le Language et l'homme, Quebec, v. 4., p. 45-67, 1990.

\_\_\_\_\_. Néologie en Marche. *Langues de Spécialités*, Montreal, Série B, n° 4, p. 11-127, 1979.

CAMPOS, A; CAMPOS, H. *Re Visão de Sousândrade*. 3. ed. rev. aum. São Paulo: Perspectiva, 2002. 647 p.

DUBOIS, Jean. *Introduction à la lexicographie: le dictionnaire*. Paris: Larousse, 1971. 217 p.

FIGUEIREDO, Candido de. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 4. ed. rev. aum. Lisboa: Sociedade Editora Arthur Brandão, 1925. 2 v.

GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris: Larousse, 1975. 101 p.

HAENSCH, G. *et al. La lexicografía: de la lingüística teórica a la lexicografía práctica*. Madrid: Gredos, 1982. 583 p.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. Grande Sertão Veredas: alguns neologismos semânticos. In: *ALFA – Revista de Lingüística*, São Paulo, v. 41, p. 79–89, 1997.

MARTINS, Evandro Silva. *O processo de pluralização do composto nominal hifenizado*. Araraquara: UNESP, 1995. 207 p. (tese de doutoramento).

OLIVEIRA, A. M. P. P.; ISQUERDO, A. N. (Org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. Campo Grande: UFMS, 2001. 265 p.

SILVA, Antonio de Moraes. *Diccionario da Língua Portuguesa*. ed. rec. Lisboa: Typographia Lacérdina, 1813. 2 v.

SOUSÂNDRADE, Joaquim de. *O Guesa*. ed. fac-símilar da ed. 1. promovida por Jomar Moraes. São Luís, Edições SIOGE, 1979. 365 p.

## **ANEXOS**

"Dos escravos as vozes, tristes, mestas,  
Quão desgraçadas, Deus! quanto saudosas  
Às calmas tropicaes, do dia ás sextas,  
Da sebe ao aroma, ao s'incarnar das rosas,  
"Aos brandos céus, aos tão ceruleos mares,  
Quaes nunca eu tinha visto! Oh, natureza,  
Quanto occultavas tu sem amostrares,  
De luz, de sons e d'intima belleza!  
"Em seu dia final quanto é-se humano  
D'alma sentindo as meigas relações  
Que ha entre os céus e o homem soberano,  
Entre esta amante terra e os corações!  
" Bemdiz-se ao mundo, com piedoso incanto  
Conciliador d'esp'rança já perdida,  
E a esta miserrima, a esta espuma-vida,  
Em qual abraço que estreitou-se em pranto."  
Do Guesa o coração fôra humilhado  
Ao cruel desincanto de um delirio. . .  
Dos ecchos vão, dos valles o martyrio,  
Longas ondulações\_\_vaga o passado:

"O tronco secular já não me estende  
A sombra docemente abaunilhada  
Nas calmas do verão;  
A mim nos campos meus não se desprende  
Mais o roseo sorrir da madrugada;  
Eu ólho ao céu \_\_\_ o céu é solidão.

"N' este rochedo, á morte alevantado  
Umbroso o abysmo em tórno á espádoa  
negra  
Ante os destinos meus,  
Descanso ao clima calido ao vibrado  
Norte, n'alma a illusão que eterna alegra  
Dos meus perdidos lares e o meu Deus.

" Oh, Equador! que esta alma, grande e bella,  
Exaltada dos céus volva ao teu seio,  
Pelas calmas do Sol.  
Doirados mares, á gentil procella  
Rugindo a palma, e da existencia ao meio  
Vêr as manhans de lucido arrebol!

"Oh, Equador! dos céus que volva a errante

'E ventoinha das grimpas esmaltadas,  
Leve e livre, delira aos horizontes –  
E espumas vãs, ao incêndio auro-abrazadas,  
Ondas crêm-se rolar de Phlegetontes.  
E o homem que não foi o irmão das bellas,  
Prepara-se á conquista das Sabinas  
A oiro; não ás sciencias das estrellas\_\_  
E heis o divórcio amor por esterlinas.  
\_\_Que as orelhas não furem-se ás escravas!  
Se educa-as do homem na fraternidade  
Moral do emulo espirito, as mãos alvas  
Mostrarão seu destino á humanidade:  
Não o d'azas e caudas fulgorosas,  
Mas o d'internos hymnos, que s' escutam  
Da modestia tão só, de harmoniosas  
Phenix de amor, que em gloria, se *sepultam*:  
Não rainhas das modas, rês dos bancos,  
Mães da vaidade e paes da ladroeira;  
Ambos, porém, christãos, austeros, francos;  
Ambos de si valendo e não da feira.  
Mas, porque este oiropel d'arte formosa,  
D'indústria humana, nos viria agora,  
Ás brumas similhante, mentirosa,  
Na bella Patria retardar a aurora?  
Eia, pois! á revolução da escrava!  
Á communhão de angelica harmonia!  
Não é o homem que á mulher deprava:  
Oh! levante-se a bella academia!  
Contrário adejam lucidos diluculos  
No vácuo mysterioso que os separa,  
Azas da corrupção, \_\_ A dois crepúsculos  
Porque noite e não dia interceptara ?  
Da Liberdade espero; da Republica.  
Onde os erros debatem-se; da calma  
Que succede ao furor; da bella e pudica  
Mãe moral; do céu íntimo em cada alma.  
E do Eden as serpentes que, mudando,  
Co'os seculos renovam-se, esmagadas  
Serão da Vencedora. Heis-me *esperando*  
Sim, do amor pelo Amor; das ignoradas  
Causas do justo pelo Justo; e a crença,  
Mas do dever pelo Dever, que em vida  
Prende-me ao grande Todo e faz querida  
A gloria de existir sem recompensa.



<p>Descer os rios mudos, solitarios; (Pág. 132)</p>	<p>(Pág. 197)</p>
<p>—Mariposa aereal, leva-me aos portos! " 'Eia, insensato! ' A'voz do seu destino   Viu ao collo da terra viridante   A bella herdade, dos avós o ninho,   Da sociedade a gloria—quão distante! A formosa visão d'além de um mundo   De várias luctas co'as miragens loucas,   Que affronta o moço orgulho e bello e rudo,   Que só vencido das procellas roucas Vê do arrependimento o incanto adeante   E ouve do amor-primeiro esse murmúro   D'alvoradas de Anninhas; e a que o Dante   Sentia o grande amor, o amor venturo. —Chega odysseu viajor: para elle correm   A mulher nobre, a muito amada filha,   Os contentes escravos, que não morrem   Já tendo protector.—E ao da familia Doce quadro, risonho qual um sonho,   Parado estava o joven peregrino.   E eu aos olhos de vós, sem arte o ponho,   Que vejais ser da terra o que é divino.</p> <p>Oh, quão formosa e cuidadosamente   Da rosea roupa abrindo, os céus abrindo,   Um seio alvo e tão puro e tão recente,   E inclinada a um menino que está rindo! Era a mãe edenal, que alimentava   O humano fructo; e meiga ao vagabundo   A' paz, á luz, ás graças alembrava,   Dons do primeiro-amor, o só profundo. Dos laranjaes seraphica fragrancia,   Do luar dos crepusculos da tarde   A fronte d'ella, os seios, a criança,   Todos ahi tendo o alvor da claridade. Pedi minha alma aos céus, que a vida fosse   A esses continuação d'aquelle quadro:   Era a esposa celeste, a sempre doce,   Chamma activa do lar, o lar sagrado. E pelo ar, aos enlêvos maviosos,   Azas de protecção vêm-se adejando   Co'a lentidão espirital dos gózos   Em que amor é virtude, a arder estando. —Descredes vós da bemaventurança? (Pág. 145)</p>	<p>Fumegando a onda nevoeiros, Que são do oceano os vivos gloriosos, Pavilhões auriverdes brasileiros, Entre um cerrado d'iris luminosos Rompe o <i>steamer</i> gentil. As nuvens alvas Perdem as leves fôrmas transparentes, Tendo as do arboreo gêlo das escalvas, Na patagonea costa e estão pendentes Sobre as vagas que elevam-se do Atlantico. — Porém, as aves que seguindo vieram, N'esse acompanhamento aereo-romantico Do esteiro undoso, desapareceram. Assim desaparecem da existencia Os sonhos, que conduzem ao futuro: Desperta-se; e ante esta arida apparencia Nossa alma ... — foi-lhe a vida, ao grande obscuro Dos agitados ares sem socêgo: Oh, são a esp'rança os dias turbulentos Do desespero, o homem bravo e cego, Não a posse d'egyptios monumentos! E' das marès no berço' austral arfando Em tangagem cadente a nau tão bella Nas argentinas águas, navegando A' luz da oriente-sul melhor estrella, A ' tarde no convès os passageiros Formam parelhas (pela gloria morrem!) Zunindo os ventos frigididos poncteiros, Jogando a nau, s'equilibrando correm! N'este vasto e magnífico estuario As sul e norte vagas oceanicas Mareiras brisas e o tufão pampario Harmonias do mar guardam mechanicas (Pag. 331)</p>
<p>A alma feliz e rindo a formosura, Não vós; elle é quem 'stá comnosco e é Deus. Não vós que aproveitais de idolatrias; Nem vós iconoclastas, pelo templo Em cobranças schismaticos o exemplo</p>	<p>Nas orbitas cinereas; ou teria Ao coração raizes e tão bellas Que o negrume á paixão de amor fazia; Era a divina limpidez escura Da sombra ao sol candente nos desertos,</p>

<p>Seguis do mercador, ou do Messias?  E este habitara lá n'essa floresta  Onde fôra a alegria; e inda a tristeza  Vi sem ferocidade e sem braveza,  Mas tranquilla, saudavel, pura, mesta.  " Já não sae dos seus reinos incantados,  E nem mais canta ao pino de meio-dia  Penteiando os cabellos namorados,  Com que toda d'esmaltes se cobria,  "A mãe-d'agua, e sorrindo e acenando  Co'a mãozinha luzente. . . oiçam! lá canta!  Ouvindo-a estou. . . ___Triste, se desincanta,  Mais que o passado é o que está passando.  " Eram de verde-mar os seus cabellos,  Das luzes d' esmeraldea pedraria  Ao sol radioso, que ella em mil desvellos  Penteiava dos hombros de ardentia;  " Labios, flor de rubi; dois astros de oiro  Olhos tão fascinantes, que os fitando,  Todo o mortal enlanguencia amando  E a ver no fundo d'agua os seus thesoiros.  " A taes horas as mães não consentiam  Na fonte os filhos__ n'esses pensamentos  Da bella môça dos incantamentos  E os agro-travos fructos que comiam  " Nos dolosos palacios os meninos  Que ella levava, e que acham-se nos rios  Quando o sol darda a prumo sobre os frios  Espelhos d'agua, raios tão ferinos,  "Os vapores s'erguendo__que produzem  A loucura risonha; e então das margens  Atiram-se nas ondas trás d'imagens  Que vêm, que ai! só nos cerebros lhes luzem!  " ___Sob as frondosas tendas verdejantes  Já não descansam, pelo chão deitados  Dos ciganos os bandos sempre errantes  E os cavallos argenteos-arreitados.  "Aos banquetes o povo concorria  (Pág. 116)</p>	<p>Era alba-candidissima e na alvura  D'este silencio os deuses seus despertos..  —Coelus, enlevos toda, tal pendia  No amor dos que dão tudo e nada pedem:  Vago estalir de petalos se ouvia  Da primeira açucena abrindo no Eden.  Cegos da vida interior, memória  Pois não esqueça o edenico tractado,  De quando os céus irisam toda a gloria  Sendo o crystal de luzes penetrado.</p> <p>Solemnes calmas; doces brisas, doces,  De beijos o susurro, dos mormaços;  Além, do oceano as elevadas vozes;  Grato o gemer, as rôlas nos terraços;  Silencioso o castello; nas varandas  O silencio e nas mysticas alcovas ;  Todo o ethereo rumor de falas brandas,  Ou campos, ou rosaes, ou terras novas;  Caprino odor subindo das encostas;  Na ameia o estivo rir das andorinhas—  Eternas de Creação leis adivinhas,  Raio de Sagittario e rosea flor.  Augusta branca solidão—expostas  As çucenas viçando illuminaram  Do seio; a bocca, rosas lhe auroraram,  Acridão que ha das murtas o travor.  E no palmar os ventos reboando,  E da nuvem, tão pura, tão saudosa  As sombras nas collinas divagando,  E verdejante a terra fulgorosa :  E os templos naturaes grande-ecchoavam  Da calma á profundeza—Sancto! Sancto!  De meio-dia as deshoras apregoavam  No espaço—Deus, a Solidão, o Incanto!</p> <p>Nenhum artista pintaria Coelus,  Essa brancura-fôrça-sentimento,  Esse negrume-luz-esquecimento  (Pág. 156).</p>
---	--

<p>O mystico velamen, que não arde,  Doce qual as soidões do sentimento  Ouvindo voz celeste que nos brade—  O' Lamartine! os candidos paizes  Vejo, os longes além-mundos sonhados,  Onde os fortes revivem, que felizes  São da tribu e dos seus sempre lembrados.  As regiões formosas, onde as almas Habitam,  dos guerreiros, que luctaram  A existencia, onde estão no Deus das calmas  E 'hi tranquillos na gloria descansaram!</p> <p>Caem trevas dos cèus; amphitheatros  Vão densas nuvens removendo á proa;</p>	<p>7 E a tríplice aliança resistindo  A invasão barb'ra ao brasileiro sólio:  A justiça diréis inquirindo...  A escrava esfinge? ou o livre capitólio?</p> <p>8 Sublime aliançal Osório, Flores, Mitre,  Que altos fora do alcance das loucuras,  Trovejasse Humaitá tênebro alvitre,  Defendiam Américas futuras.</p> <p>9 Sem vinganças dos seus morrer primeiro—  E só quando saíam do entrevero  Choravam pelos mortos, os soldados  Sempre do coração acompanhados.</p>
--	--

<p>Do relampago as armas, nave e mastros E tudo, ameaçam co'o trovão que atroa. Tarde estes cêus despertam, que nos tomam Pelo immigo invasor, e as cataractas Rompem hiemaes em Guayaquil e assomam Ao Guesa, em vez de amor, sombras ingratas. Diria-se que os genios da revôlta Apagam toda aurora, toda estrell Mesmo em cêus do Equador— "Satanea escolta, Sustai o curso em minha, patria bella ! "Quando em Colombia lampejara a fronte, Que a dos volcões dos Andes mais formosa, Aclarou-se do Sul todo o horizonte Qual disco immenso de uma ardente rosa Os de Castela viso-rêis pararam, Continuadores de Pizarro; e a história Os heroes de Bolívar começaram Do glorioso porvir. Honro a memoria De Lamar, Santander, Sucre, Abreu-Lima, Dos kóndores da charnma e da fragura, Irmãos d'armas, e d'esse o mais d'estima Ao Libertador, de Páez. Na amargura A este eu vi, já tão só rico dos loiros D'octogenarias cans e dos cuidados De alvas mãos, sós do cêu meigos thesoiros. Que ao fim da vida amparam desterrados. A oração escutei do moribundo, Que entoavam-lhe à hora d'agonia, (Pág. 279)</p>	<p>10 Belas platinas águas! torvas dantes Pela ondada de sangue que rolava. Como a escola dos dias mais distantes Da brasileira pátria em vós estava!</p> <p>11 Sai do grêmio central um celerado Que fanatiza a um povo e delirando Por ambição fatal: é condenado, Revolução de luz justificando.</p> <p>12 O Imperador a Monroe ofendia Pela segunda vez: para as princesas Contratava d'Europa, dinastias Sangue puro, consortes das realezas. (Pág.354)</p>
--	--

<p>Em tudo e ainda querendo a bôa conta. Manko era d'Inti o filho; e o povo, do Inca: E qual em Titikaka a onda resplende A' presença de Manko e ri-se e brinca, Vê-se—do amor filial tudo depende, Qual nas leis do Sinai, se practicadas. Ao modo d'Inti o Inca se portava; Mas, diz: 'do vasto craneo as incantadas Virtudes d' outro amor, quem lh'inspirava ? ' Vem, o' Platão, fundar tua República, Eis a patria edenal, nativo o crente, Do socialista a lei, tua e tão pudica Às de Jesus guiando, ao Deus vivente! Jesus na Patria-Deus, que d'elle essa era, A eterna patria que nos guarda ao seio— Paulo! Paulo! o mysterio se descerra, Que em seculos de horror pesar-nos veiu ! E qual os fabulosos deuses írritos Deram logar a Deus, que è Unidade, Tal as almas de luz, pantins-espíritos, Darão logar a essa Alma-Divindade Do Unitario Jesus. E responsavel Ser do genero humano . . . aterra o homem,</p>	<p>“ Adeus! adeus! __ Antigamente quando Os puros braços de nevosa alvura Eu d'estas barras via, lampejando Lá d'aquella collina de verdura: “ E que eu, perdido náufrago do mundo, Então na eburnea praia ajoelhava Abençoando o céu, que a mim rojava Do mar, d'encontro nos parcéis profundos ... De pressa, minha filha, vê de pressa, Porque tudo passou, tudo nos foge, (O delirio prendeu minha cabeça, Eu jamais crera n'este dia d'hoje!) Como tristes entreabrem-se as janellas Lá da meridional varanda nossa, Ninho alcystoneo teu, das manhans bellas Onde brincaste (e que mais nada me ouça)! Vai brincar no convés __ sonora proa, Corre __ vai ver as ondas como saltam! Como canções o marinheiro entoa! Como as auroras todo o mar esmaltam! __ Bem alto o alevantei, castello-tumulo Ao melhor dos meus dias, que alli jazem: Dos esplendores lavantei-o ao cúmulo,</p>
---	---

<p>O educado sensual, louco e vendavel, A quem os cêus, que a vida dão, consomem !</p> <p>Da crença dos assombros (adiantavam) Passaram a do amor; à eterna vida Era um deus-coração o Sol, que amava-os Là da cerulea Hanan. Dizem: perdida Tel-a, ou tel-a (depois da morte) salva, Esquece ou não a uma alma peregrina; E existir n'Alma-Deus, . . quem, aos cêus d'alva, Deixou d'estar sentindo a luz divina? . . E d'ahi virtude resultou ao imperio Sem vir das lettras, mas, da, humana sciencia, Qual os Andes por cêus de um clima ethereo E contendo o oiro puro da innocencia. Portanto, a meditar s'inclina a fronte: Ordem dos cêus ou causa d'impiedade Porque desaparece o aureo horizonte Qual miragem solar? (Pág. 305)</p>	<p>Onde a beleza e os genios se comprazem. Nunca o vi tão risonho qual a esta hora. Branco, altivo-empinado, se mirando Na vaga anil e nuvens ... Deus! á aurora Fita escarlata os muros lhe enlaçando, Lembra o de sangue vínculo luzente Que á noiva alva dos mares degollasse A garganta formosa, e eternamente Do amor divino a vida se acabasse! (Pág. 163)</p>
<p>Solitario, talvez. . . porém, cantando. Cae a neve; pendei, grinalda pura Da terra infante, brancas açucenas Sonhos dos ares, das regiões serenas Imagens voai, cobrí a sepultura! E os plainos e a collina e o valle e a serra Co'o mesmo manto vestem-se, e nitente Matinal, alva-umbrosa, alva-silente, Tranquilla ondula-se a extensão da terra. Silencio mago e candido das neves! Solidões brancas dos sagrados seios! Oh minha mãe! Quão breves são, quão breves Estes céus puros, de outros céus alheios! Creações loiras, lirios caprichosos, Aereos gênios, prismaticas agulhas, Frouxas espumas, do luar fagulhas, Alvos crystaes, translucidos nivosos : Tudo que dos céus cae traz esta fórmula Do sonho, a esperança, os candidos albôres; E á gradação de todos os candores O hibernal horizonte se transforma. —Quando o horizonte cobre-se de neve, Que toda a terra em candidez fulgura Ao saudoso clarão do luar, e leves Abrem-se, alvos, os leitos da planura; Nos plainos solitarios, d'entre o gêlo, Longe, escondido, o fogo da choupana A paz alembra do viver singelo Do honesto lavrador e a flor silvana. —E o fogo, qual um coração amigo, Ao doméstico círculo parece Mais apertar no amor de tempo antigo, Ou de não sei que tempo, que s'esquece: Mas, consagrada aos filhos a familia,</p>	<p>Chammas sonoras, que em mudez perduram, Que a sós, ou que por sempre mal nutridas, Em raiva interior nunca susurram ... "Aquella azas alembra alyi-candentes, Luminosa a manhan, que sobre os mares Á branca luz voando, a ver contentes Ficam os nautas, se abrilhantam os ares. " E as rosas mais brilhando, mais brilhando, Ao maior esplendor illuminante Vê-se terem tocado, e que é o instante Que da luz foge o espirito, apagando. "Ondeiam sobre a calma (oh! as aragens !) Os ethereos rosaes! __ Co'o movimento De um véu de rosas desdobrado ao vento Vão, oh! Vão elevando-se as miragens!... . "__Nunca as d'aurora cinnabarias palmas Nem o rubor em faces innocentes Extinguiram-se tão esvanecentes! __Da encandeada solidão das calmas "Os accesos rosaes, levando a imagem, Morada aerea d'ella, se apartaram! __Sois, calmosos desertos sem miragem, Qual nossa alma se as crenças a deixaram." Bem foi que visse, que inda veja, quando Sua alma apaixonada esmorecia Ao cansaço do andar divinizando O que terreno é só, que mais queria Por um eterno amor, e perguntava: E esta a lei natural? ser-se esmagado Do mesmo a quem s'eleva? Em cima estava No ar purissimo, e qual o abandonado Co'a vertigem da altura, se arrojara! Infelizes! Oh! do utero e da chamma São as leis implacaveis! __ porque avara Ser da sua c'roa a luz e não o que ama?</p>

<p>Reunida, assentada em tórno ao lar,  Oh, a poesia candida e tranquilla  Do verdadeiro sacrosancto altar!  Seios da criação alvos de Tellus  Ondulam naturaes__oh, minha mãe!  Oh, na alvura ideal, que sonhos bellos  Da crença eterna, maternal; christã!  Que magia nos astros, das florestas  Augustas odorosas dos pinheiros  Reluzindo através das mudas mestas  (Pág. 267).</p>	<p>Porém viu, que ha o lirio de virtude,  D'alva a perola, a estrella hyacinthina  Que não se apaga, e que antes d'entre o rude  Clarão solar mais luze e é mais divina.  __ E as campinas ao sol scentelham  pallidas;  O areial transparente os céus retracta;  E esvai-se a de frescura imagem grata  Quando á sêde estalando o viajor.  (Pág. 105).</p>
--	---

<p>Quando a terra no estado de paraiso:  Dos tempos das paixões da mocidade,  Quando no peito canta o coração  E os olhos vertem luz, quem de saudade  Sentir não ama a doce vibração!  Alli morrer viera Josephina  A repudiada imperatriz, que herdeiro  Os céus negaram dar, ella condigna,  Ao deus da guerra no seu louco imperio.  S'encrespam da ilha avelludados cumes,  As encostas ondulam-lhe, qual mares  Que a cercam, que a balançam d'agua aos  lumes,  Dentro á diaphaneidade d'estes ares:  E da cumiada escura aos verdes seios,  Por mil collinazinhas cultivadas,  Serpenteiam-lhe em languidos enleios  As alvo-argenteas fitas das estradas.  Lá, Guadalupe a antiga cidadella  Do Cariba feroz, á matinada  Espumando o archipelago, da estrella  Á luz, cerulea a noite scintillada—  Nos dias seus felizes navegando  N'estes gloriosos climas de saphira,  Ondas puras e céus, todos resoando  A voz universal d'eterna lyra,  Colombo quando a dar nome a estas ilhas,  Deante este céu brilhante os marinheiros  Antiphonas cantavam, das Antilhas  Diversos eram os incolas primeiros:  Ás praias já não descem admirados,  Cincto o fraldão de perolas, e o dando  Por um guiso felizes e dançando  Na innocente rudez— céus perfumados!</p> <p>Último adora o Guesa as puras vagas  E o penedos musgosos, negrejantes,  Na transparencia das ethereas plagas  Incantados, suspensos, oscillantes.  No grupo formosissimo das Virgens,  Ao novellesco espirito do bello  Tempo das descobertas, as origens  Das lendas elle ouviu no ermo castello.  Elle á tórre subiu mais elevada,</p>	<p>Mesmo a esta hora! Fatal foi o decreto;  Do sangue, pelo sangue fôra a posse;  E esse marcial conquistador exército,  Conquistado. . . porém, perdido achou-se.  Crepusc'los de Junin, de Kaxamarca,  Quando è traido Atahualhpa e a liberdade  Vinga Bolívar,—dos mysterios, o arca  Aereal de saudosa claridade,—  Quadro de luz, que pinta em cada dia  Do Inca a desgraça, a anoitecer auroras,—  Sou tambem ao momento d'harmonia  Que volta, à natureza, dadas horas!  Magnetica frescura alvorecente,  Luz dos cèus de açafão d'homereo incanto,  Bella antenoite austral —tão docemente  Ser com tanta tristeza, causa espanto!  E eu a este clarão mystico e opalo  Amo escrever do Guesa a longa história,  Do Pacífico à voz, da terra ao abalo,  A aura dos Andes, dos volcões à glória.</p> <p>Dos Andes sobre o throno de oiro, calmas  Vejo as sombras do Incas, êneo o aspecto:  Manko-Kapak o genio-deus, co'as palmas  Bemfeitoras do Sol, que são-lhe o sceptro.  Sinchi-Roka, depois, o que zeloso  Firma as leis e em provincias esquartela  Tahuantinsúyu. O canho glorioso  Lhoke-Yupánki, è a terceira estrella.  Depois, è Mayta-Kápak o benigno  Vencedor, que perdoa, que soccorre,  A Aparímak vence e è já divino  Que, praticando a charidade, morre.  O filho, honra do pae, o continúa  Kapak-Yupánki. E Inca-Roka a este  Honra e abrilhanta a longa vida sua  Co'as reformas. Do reino tão celeste,  Não digno è Yahuar-Huákak indolente.  Porém, quão digno o filho, esse fragueiro  Huirakocha, pastor, heroe, vidente,  Que a conquista prediz pelo estrangeiro.  Titu-Manko-Pachakutck a essa hora  Ha a mais vasta coroa e è qual um deus  (Pág. 303).</p>
---	--

<p>D' onde as aguias voavam do Pirata (Pág. 171).</p>	
<p>Cessara a tempestade além; fazia Brisa suave o círculo dos montes. Qual d'umbrosa espessura na clareira Raio estendido de luar, a imagem De Virjanûra pavida s'erguera Toda n'um braço, esplendida e selvagem. Das vozes do arvoredado, que bradavam A Romeu e Julieta ' aurora! aurora! As ainda dubias notas s'escutavam__ 'Talvez__talvez__mas ouvi bem agora... Separação! é quando amor se alegra Que és a hora triste e malaventurada ! __E os olhos pardos d'entre sombra negra Co'os reflexos brilharam da esmeralda. E qual aos olhos o fulgor, a lua Cheia de solidão aos céus voltara Limpidos, qual um seio que s'ennua, Quando a noite d'hinverno trovejara. E dos leitões medrosa (oh quanto bella Nas puras dobras do roupão !) a dona Alevantou-se__languida á janella, Ao hombro amado pende e se abandona. E ficaram olhando. Ao oriente Qual lagoa seraphica, luzia A estrella d'alva, a mais resplandecente Filha dos céus, que tem da noite e o dia. " O luar matutino, o alvor-mysterio Da antemãman, transcoa-se em nossa alma Co'o sentimento divinal ethereo Que a fôrça activa do viver acalma. " Expande-se a memoria sobre a tela Da vaga natural, de norte a sul, E os doces tempos desenhados n' ella, Como mares de rosas e de azul. " Sente-se, vê-se na immortalidade Dons, que da terra e já de nós s'ergueram: De lá descendo a eterna claridade Aos mundos animar, que esses lhe deram. " De lá descendo o Creador ao mundo D'aqui subindo a criação aos céus; No amor gemendo o coração profundo, Harpa suspensa d'entre o nada e Deus." Qual navio phantastico dos ares, (Pág. 85)</p>	<p>Estava o 'Guesa' Qual ao rebaixamento de desgosto De um que, em terreno a crer-se de pureza, Subito afunda no infernal esgôto. Se não'... se não'...—Quem è, por tanto o amado? —Como de amor o eterno sentimento Por phrase meretriz è desterrado! —Partiu elle e a deixou d'esse momento.</p> <p>Tudo muda o verão; a braza virgem, A toda vida, que ao homem nobilita, Volta, admirando o que ha nos ceus origem, Última flor que, a um astro o olhar, se agita; Luzeluz dos amores, delirada Tendo a missão de ser incantadora, E que em verdade, do homem sendo amada, Eleva-se em virtudes. Vem da aurora E è zephyro genial que traz a vida; Vem do lar e è scentelha carinhosa, Que sem modestia aclama-se querida, Proclama-se a si propria mui ditosa; Não tem segredos; tem-n'os, de repente Se apaga. ou volta-lhe a scintillação ; Luzeluz, luzeluz, doce e juvente, Práctica e nada eterno ao coração ; <i>Morning-glory</i> d'estio, qual taes flôres Quer ser vibrada para ser olente, Surpreendida ante os mares e onde fôres, Là surprender-te—oh, quão divina então !</p> <p>Arde a Coroa-do-norte incendiando, Qual passada illusão, ou a consciencia Humana que murmura, quando, quando Sem a bençãam dos cèus amor-demencia, Riso de desespero e não d' esp'rança, A esp'rança, que abre à flor da mocidade, Que leva aos climas perennal bonança E recolhe-se ao lar, onde è saudade Deus! os tempos formosos da Victoria! E nas manhãs vermelhas do equador Luzindo a estrella d'alva nossa história Cheia d'infancia e de saudoso amor! (Pág. 346).</p>
<p>Mais dos acasos que das causas bellas. D'esta distancia os animaes co'a terra Lá confundidos todos vão ficando! Nem vêem-se mais os homens; e desferra Côro infernal, no abysmo trovejando. Mais nada vejo; á terra confundiu-se, D'ella o orgulho, o creador humano;</p>	<p>Cruzados braços da procella ao canto: Da acção ferida dos cruzados braços Vê-se, ao guerreiro eterno a face rasgam, Do pensamento que arou fundo, os traços, Esses que o tempo e os sec'los não apagam, —Verdade, amor, pureza—salve, trinas Graças! vós sois dos céus toda a harmonia,</p>

<p>E longe, n'estes céus a alma expandiu-se, D'elles a filha e o tão divino arcano. Habita ella nas nuvens, no silencio Da amplo-cerulea ethereal cidade, Nas tendas do nevoeiro alto e suspenso Onde apraz-se occultar a divindade. É grande a altura, que de nós o homem Diminuindo perde-se na terra: Ha, pois, caminhos que de nós o somem? Subamos mais, aos pinaros da serra ! —Era o bello subir do desespero De quando se liberta a juventude Da social tutela e diz: eu quero Ser livre acção e social virtude! " Auzente o Guesa, os estrangeiros chegam, Porque as áras sem hostia, os tempos morrem, E ás ruínas a patria sedo entregam Bastardos, ou que indifferentes forem... "Antes da gratidão pela familia, Existe a ardente patria probidade Em que meiga uma vítima tranquilla Rende seu coração—é de oiro a edade— Porque a nação as tradições conserve, Que ha n'ellas fôrça e ennobrecer de povos, Em tal modo a pureza que se deve Aos céus por sacrificios sempre novos. " N'estes s'educam cidadãos; e os grandes Sacerdotes do Sol; virtudes cento Vinham do altar do puro sangue aos Andes, Que eram qual populoso firmamento." Não morrer pelos meus—que a elles jocundo O espirito remonte!—longo errado Já tenho e sinto o entristecer profundo, Sem as eternas leis eu ter violado. " Sem mim bem pode equilibrar-se a esphera;</p> <p><b>Recuso os prantos que se dão aos mortos</b> E que eu em vida tanto merecera__ (Pág. 144).</p>	<p>Raio e luz e clarão, sempre divinas Ou à noite com sol ou ao sol sem dia! E em Tarrytown ás noites incantadas, Da mocidade a flor e da belleza Reunindo-se ás hops enamoradas, Leonisava nos saraus o Guesa. Em doce combustão desperto estava O amor velando e agora, á formosura Dos salões elegantes: desdenhava-a Elle e a ella o curvou rindo natura. O esculptor da nudez e o puro mento, Que a annéis mil preferia um <i>solitario</i>, Ora o intenso viver do pensamento Via ao esplendor da fôrma e do vestuario. E ao viver, 'do dos mais tão diferente,' Suspeitoso ao vulgar (mais puro e nobre Talvez do que nenhum), a omnipotente Volveu benigno olhar que os céus descobre, E em Saratoga esplendida, elle a estrella Sua seguindo, viu-a abrir as azas; E dos hoteis-cidades lá nas piazzas Longe a branca visão perdeu-se d'Hella.</p> <p>Chegou ao pôr do sol o Guesa-Errante Á capital da válida Republica: A collina subiu que ao centro, ovante, Senhoreia o horizonte do arredór. E subindo a marmorea escadaria Do olympico edificio, eterna cúpula, Elle o círculo fez, ao fim do dia, E á base se assentou cheio de amor. "No Capitolio estou da Liberdade! Qual do vencido mundo a extranha terra Ao sopé do de Roma n'outra edade, O coração ao solo não aterra "Escravo aqui; porém, respira e pulsa. (Pág. 213).</p>
<p>Elle ensinou—quem viu ao Deus tremendo? —E qual o baixel de oiro s'embalança, Longe entre céus e mares puras velas, Tal ao último suspiro d' esperança As canções escutaram-lhe mais bellas. E o rochedo ficara mais deserto Ao silencio depois do incanto incerto D'esse extincto cantar, sentido e triste, Cheio da voz d'outrora que 'inda existe. Profundas as pégadas de seus passos Na terra ficarão. E parecia (Tanto amara!) um cansado já dos laços De tanto amor e tanta melodia, Que quer desgraça: e viram-n'o s'erguendo Aos abysmos—ha trevas luminosas, Onde se julga um coração batendo E onde se crê floresçam d'outras rosas.</p>	<p>(Cunhãmucús, respondendo ás virtuosas:) —Vibram bifidas linguas, Canainãna e goaimêm; Fazem côro pistillos Sybillos, As commadres de bem. (Doutos pensativos:) —Marám nhan' desproposito A correr: tátá-ocú, Tacon' morepotára, lby-grara ... Berá berab, Maccú! = Paraná defluindo Fez a voz maranhã ... Raia o sol qual commenda, Resplenda Sobr'o imperio da ran!</p>

<p>—Teve elle a esp'rança do que não existe:  "Quão longe estou! dos valles meus o chôro  Aqui não oiço mais—nem estou triste  Por ter só na lembrança os que eu adoro."  Buscava ao que faltava, e no presente  Haveria: "lá está!" mas, onde? a onde?  Nos prazeres não foi; na morte, sente  Que não será; nem a distancia o esconde.  —Quando ao mortal a natureza crea,  A elle tudo contém que o satisfaça;  Das paixões compellido na cegueira,  Ai d'aquelle que á orbita transpassa!  O Inca o podia ler no vivo abysmo  Da humanidade, que é qual noite escura  Cheia de sonhos, ou melhor egoismo  Em que outro amor o coração procura  E respirar carece, astro-alegria,  Terreno somno-luz: d'além sibila  O demonio! onde então claro elle via  A Deus—nem mesmo a noite mais scintilla.  —E longa noite os ventos forcejando,  S'escutaram ranger ás sombras musculos  Das montanhas sonoras, conjurando  Afortunados quadros dos crepusculos.  E incarnou-se a desgraça, n' estes ares  Mais para os meteoros que ás estrellas;  Menos ao cidadão que aos titulares ; (Pág. 143).</p>	<p>—Musa paradisiaca  Já no Eden floriu,  Bananeira-sciencia,  Sapiencia  Que o Senhor prohibiu.  (Spix e Martius:)  —Dos seis dias genesicos  Vem toda esta funcção.  =Fez-se luz, mar e mundo  Rotundo;  Creador, criação.  (Maccú sonhando :)  —Se o amor, vice-versa  Logro do ar, me cansou,  Tupan que mais não crea,  Recreia  Ver que em gózos ficou. (Susurro.)  (Dóctor PURÚPURÚ, dóctor BORÓRÓ :)  —Mais valera castrato,  Nem haver candirú:  =Oh! tremei d' essa ondina.  Que ensina  Ao turyua-tatú ! (Pág. 39).</p>
<p>E, mas nem são piedosos sentimentos  Na víctima innocente da impiedade,  Levava a compaixão quasi aos tormentos  Pela infancia que brinca á luz da tarde  Co'os cirios funeraes velando accesos  Em tórno do cadáver, n'esse incanto  Dos mortos, aos seus filhos vivos, presos__  Oh! não deixem brincar orphams do pranto!  Não sei__mudo encarava elle em seu pae  Qual no auctor dos seus dias de amargura;  E era doido de amores por sua mãe,  Sempre, sempre, a beijar-lhe a sepultura:  Talvez timido velho, que destruisse  Do herdeiro seu, thesoiro accumulado  Por mãe biblica e bôa; e então se vjsse  Queixoso o sem ter lar sempre ahi voltado :  E desfolhando flores sobre a pedra,  Dizia: "não t'esqueças da minha alma,  Crença unica viva, que inda medra  N'este deserto de abrazada calma!"  E fugia. Perdeu-os de pequeno,  Mãe e pae; e d'então começa o drama:  Solitario na noite, o céu sereno,  " Oh! basta, Senhor Deus! " porque ora  exclama?  Emtanto os ecchos que na esphera passam,  E as estrellas, que velam acordadas  Pelos mortaes e seus destinos traçam,</p>	<p>Phantasticas as mattas s'illuminam,  Qual se abatesse a abobada estrellosa  Dos céus á terra__s genios peregrinam,  Vê-se__ao fundo dos quadros de negrume  Entreamostram-se as loiras hamadryadas,  Seus véus abrindo de madeixa e lume;  Luzeluzem de Pan ao peito as hyadas ;  Da onda negra hibernal enormes vultos,  Qual mercurio nativo reluzidos,  Vão nos valles rolando__á treva occultos,  Aos clarões momentaneos estendidos.  E as pallidas visões dos cemiterios  Se apresentam, circulam, e se apagam;  Sobre os braços da cruz gemem psalterios;  Huivam 'spiritos que nas sombras vagam.  E os fogos-fatuos, qual esp'ranças, tocam  O sagrado pavor das sepulturas ;  Na montanha as espheras s'entrechocam  E povoam de pranto as espessuras.  Aos que, do abysmo, viram luz de Sestos  Gritando á vida, a amores delirante,  A esses direi se ao coração, distante  De ha muito, a vista dos queridos tectos,  Do muro antigo que se adora e beija,  Alvoroça__alegrias que são dores,  Entre o que se arreceia e se deseja__  Sorriso-dardos, corrupção-amores !  E levada onda íntima a taes ventos,</p>



<p>Das fraguas não se dão que hi vão penadas!  "Soltaí áncoras ! "  No ar desenrolou-se  Do fumo espesso a nuvem tremulante.  " O Sol raiando beija a onda brilhante  Onde Gonçalves-Dias sepultou-se!  "Da lyra de oiro as musas lhe afinaram  Chordas, que foram raios das estrellas__  Choram-n'ó as ondas crystallinas, bellas,  Que n'estas longas coroas o embalamam.  "Por toda parte formam-se grinaldas,  Sobre as espumas dos floridos mares,  Nas alvas azas dos atins nos ares__  Oh! os sonhos luzentes d'alvoradas!  "E elle vinha na esp'rança__d'este abysmo,  Que é tão formosa a senda para o Norte! (Pág.  70).</p>	<p>Os joelhos se dobram silenciosos,  N'um extasis obscuro aos pensamentos  Conselho e luz pedindo, aos sons saudosos.  "Lirio branco das trevas! onde o incanto  D'estes climas do amor abençoados?  Reflectiam-te os bellos olhos pardos  O fogo da esmeralda, a luz do pranto..."  Das sombras um clarão fez-se no centro:  No luminoso foco sobre a ameia  Divina apparição lá se recreia__  E cerrou-se janella__os céus por dentro.  E phrenesis de beijos escutou-se;  De labios que deveram devorar-se!  Na grande voz da noite suffocou-se,  Pelo em tórno o silencio a derramar-se.  (Pág. 79).</p>
<p>Debaixo da mangueira, que sacode  Nos ares a alta copa enamorada,  Offegante corcel os freios morde,  Sem cavalleiro, ao tronco a redea atada.  Escallam-se as muralhas do paraíso  (O dom terreno a Lucifer deixado,  Pela piedade e o paternal sorriso  De Deus clemente ao filho rebellado ;  Esgarçador nocturno de colmeias  Onde abelhas mimosas esvoaçam,  Da aza luzente nas doiradas teias  Prendendo amor, em que se despedaçam).  Do paraíso o arcano se revela  Ao leve aceno de mãozinha branca,  Qual a scintillação de meiga estrellas,  Qual aureo sonho que do inferno arranca.  __Toma as formosas lyras dos amores,  Canta, ó musa! celeste divindade!  Dos ninhos odorantes entre flores  Ternos anceios__causas de saudade,  " Canta, embala-os a maga donzella  Na harpa de oiro, á luz timida e bella  Quasi extincta da lampada azul:  Vivos olhos que aos fins dos amores  Minguam luz, bruxoleiam fulgores  Qual os astros das noites do sul.  " Manso, manso, ferindo as pupillas,  Coam sombras auroras tranquillias,  'Que na alcova roseiam. . . talvez  Castos véus de crepusculo brando,  Mãos cuidosas do pejo, occultando  Quanto esplende e descobre a nudez.  " Eis a branca visão incantada,  Que nas nuvens corria, levada  Pelas noites de edeneo luar!  Oh ! quão bella! e mas fôra tão pura  Não se ouvira esta vaga amargura  Sempre__na alma, no espaço, no lar. . .</p>	<p>Scintillação extranha se levanta,  Quando amor a vibrar na alma serena  Perturba-a, cega-a, e na cegueira a incanta :  E qual em céus levantes se annunciam  Os fulgores divinos da manhan,  Desejos-coroas lhe resplandeciam  Que de si verte a fronte-talisman.  Via o Guesa á tez branca s'erriçando,  Velludosa e quão branca! e luz-negros  Mellifluas tranças se desannellando__  ' Oh! consomem, devoram teus amores! '  E elle a ouvindo, elle mudo, co'o mysterio  Dos que a si se desarmam no combate,  Co' o pallor de clarão do cemiterio  Quando erram sombras, quando o vento late :  Pallor de noite matinal do pólo,  Noite e sendo manhan de meiga luz;  Mudez, d'estatua candida de Apollo,  Que desadora á dor e que seduz.  Era vencido o vencedor de abismos,  Do amor agora adeante e da piedade,  Rosas do coração da mocidade  Sempre florindo. Que fatal mutismo !  Que adoração! que sacrificio eterno  No desgraçado amor! Pobres amantes,  Não acordem! se vai d'estes instantes  O incantamento__e vem remorso, o inferno!  Harmonias de Deus__lá fóra, estalam  Selvas á fôrça funebre dos ventos ;  Cá dentro, seios que em amor s'exhalam  S'erguendo nus, anciosos, somnolentos.  E dos genios que estão na tempestade  Se ouvem grandes risadas pelos ares ;  Mais vigorosa a vida á noite tarde,  Ha mais viver aos ecchos dos palmares.  E a morte além, com luctuosos mantos  A miseria a cobrir do que suspira  Por um raio de sol; e o que tem prantos,</p>

<p>" Mas, contigo as ruínas florescem; De harmonias vibradas, s'esquecem As soidões do sepulchro a dormir. . . Nem por ondas de amor e d'incantos Ao passado verteram-se prantos Do olhar meigo tremendo a luzir. (Pág. 80).</p>	<p>Chorando-os pelo que tão sedo expira! Harmonias de Deus__lá, ribombadas Nuvens, tremulos céus; cá dentro, gritos Dos que <i>frechados</i> vêm__descancaradas As gargantas de fogo e os olhos fitos (Pág. 82).</p>
--	--

<p>Foi um anno bem triste - os vivos creram Toda uma inteira geração passando! Os acontecimentos que se deram. . . A natureza, ainda os está chorando. Passaram recolhidas em seus lares As famílias durante todo o inverno; A alegria de amor e dos folgares Das festas aldeãs tornou-se o inferno__ Oh! essas festas! quando os lavradores Reunidos nos valles florescentes Eram do quadro gloria e dos verdores Campestre natureza! Oh! innocentes Dias d'Eden! que á luz estas collinas Nas manhans do equador tinham incantos! Cem cavallos pasciam nas campinas, Que dos escravos resoavam os cantos! Um prazer puro no festim reinava Dos copos de crystal; sobre a donzella Descia linda afortunada estrella; Em sangue amigo o coração nadava. Eram as virgens qual os brancos lirios Do campo, á doce viração crescendo, Tão brandas qual as palmas, e martyrios Os roxos olhos, luz e amor vertendo. Pois bem, tudo acabou-se; a vida pesa Ora alli, a onda de oiro que entre rosas E entre murtas correu- Não era o Guesa Que fugia através da noite umbrosa?- Por isso apenas, ao rumor do inverno Sonorosa a espessura dos palmares, Um canto se ouve solitario interno, Que traz á alma doer, silencio aos ares Não n'o repetem ecchos namorados Ás meigas solidões; são antes como No ermo a calar, de céus abandonados O echo talvez por melindroso assomo. Gemer s'escutam nos violões da aldeia Chordas do coração, por mãos franzinas D'espurio genio que invisivel crea N'alma deserto amor; e as peregrinas, As vibradas aragens leve-errantes No saudoso bafejo; e das palmeiras Saindo uns alvos anjos, mui distantes (Pág. 89).</p>	<p>Uns, viciosos; outros, forasteiros; Todos ao mesmo abysmo__que os não chama, Nem d'onde os não evocam. Extrangeiros, Tupan ou Theos, quem a luz derrama? Um rio á estrada turvo, alevantado Lento avulta entre sombras e ramagens; Cavalleiro e corcel bebem, e a nado Salvam-n'o. Pelos jussaraes das margens__ Oh ! como é doce ao peregrino errante Encontrar na soidão americana O emblema do soffrer n'uma fragrante Flor dos caminhos! roxa flor silvana, Salve ! __os maracujás, ao fructo loiro O ar cheirando, nas auras adelgaçam Verdes brandas sanefas. Azas de oiro, As zonas estellantes já s' espaçam Da borboleta ephemera nos campos__ O coração palpita ante o scenario Das lagoas azues e os ares amplos Onde o vento dos céus ondeia vário, Ao sair-se dos bosques de repente, As garças, longes, puras, avistando, Aureas manhans vermelhas no oriente, E entre lirios a rêz cheirosa andando; E á mugibunda voz, do touro altivo Que talha os campos nas primeiras aguas, Gemendo a solidão__qual peito vivo Que em tal quadra, do amor não ruge ás fraguas? S'estende a varzea, qual silenciosa Noiva nos verdes leitos da estação; Canta uma voz nos céus harmoniosa, Fundo vibra da terra o coração. Vêde além, do palmar á sombra, a aldeia Rindo, natal-festiva e nazarena, D'arcos virentes, palmas novas cheia, Que ao sentimento dão frescura amena. Oh ! poesia christã! Cantam pastores, Grinaldas a agitar de myrto e rosas; Sobre os tetos de palha, multicores Mil bandeiras ao ar voam vistosas. Oh ! quão formoso o sol ! de luz quão bellas As horas, quando a terra na harmonia! (Pág. 93).</p>
--	---

'Amam-te o sabio e a donzellinha instável__	Tão doce a parecer que se morria!
---	-----------------------------------

<p>Oh! é terrível, qual a morte, o amor!  E os zelos seus o inferno inexoravel__  E eu desfalleço á só falta da dor ... '  Tal o canto, que voa enamorado  D'entre os hymnos de chammas d'outras  éras,  Flor do cactus, candentes primaveras,  Das selvas da soedade ao denso umbrado.  E estão ás sombras do arvoredado á tarde  Com flores nos cabellos as lascivas,  As mulatas saudosas semprevivas,  Socias gentis do amor e a liberdade.  Enfeitiçadas, dos primeiros annos,  Do <i>senhor</i>, que as possui e que as  despreza,  Já n'áscuas dos estímulos insanos  Sobem a amor, ou caem sem defesa.  Qual da origem offensas e mordidas,  Dão-se aos sentidos mais que aos  sentimentos  E mortas da urna conjugal, dos ventos  Dos destinos a flor, viçam perdidas.  Amando ao branco, ao maternal exemplo,  Mais co'o nacar dos risos, erramundas  Vão, dos amores desdenhando o templo  Que é solidão de rôlas gemebundas.  Mas é no instinto da maternidade,  Quando mais na miseria, que heis de vel-as!  Corajosas, humildes e tão bellas,  E sem remorso terem nem saudade.  Seus filhos teem só mãe na terra, e em cima  Nos céus um Deus tão só; dos aureos seios  Corre-lhes sempre o leite; e inda se arrima  A ellas o avô, amparos d'elle e esteios.  E as serpentes de fogo, illuminadas,  Sibilantes, na acção do amor ferozes,  Despem agora a pell' d'envenenadas  E azas estendem gasalhosas, doces.  Não tem nenhum romance a vida sua,  Do capricho ou do orgulho das senhoras  Uma face na treva, outra ás auroras;  Foram, quaes são__ a alma lhes fluctua.  Estancia amena, que a verdura umbrava,  Onde a ave multicolor se confundia  Co'o rubro fructo, e a vida s'escoava  (Pág. 96).</p>	<p>'Stava alli Dulaleda sob os arcos  Das felizes aldeias, que passaram;  Mais doces termos, mais floridos marcos  Os destinos a amor nunca traçaram.  N'estes sitios vagando, oh! quão mavioso,  Quão brando o talhe ethereal-primevo  De lança e palma ! era o adeus saudoso,  Da tarde a luz, o triste vago enlêvo.  Das solidões e a natureza do ermo  O seu semblante qual se resentia,  D'onde lhe vinha o lento modo inferno  Mais da extranheza do que em si sentia:  Suave entristecer da terra e enleios  De genitora pubere, que sente.  E ouve medrosa a lhe girar nos seios  Da humanidade a onda, e em ser temente,  Quanta suavidade no recato  Seu então, essa coroa da belleza,  Que se gera do coração sensato  A esconder o que é vil na natureza!  Era a indolencia mesma, os seus retinctos  Olhos fechando, abrindo, em solitaria  Scintillação de—vividis, extinctos—  Apagando, accendendo a luz mortuária:  Tremulos, negros, ao palmar saudoso  Attrahiam, levavam para o umbror,  Lá, lá na treva—ao collo mavioso  E ao vago enlêvo da morena flor.  Mas, á hora em que a luz se despedia,  Que a natureza pallida ficava  E ao seu adeus a terra estremecia,  Negro-arido o ermo, e se calava;  E que os morros ethereos caminhando  Agrupavam-se ao livido occidente,  Aos abysmos d'além p'ra longe olhando,  Por cima do horizonte, ao sol cadente ;  E as collinas erguendo-se no espaço  Imprimiam crepuscular do pejo,  Dos céus na face, da saudade o beijo,  Amplio ao em tórno do horizonte o abraço;  Então a quanto bella Dulaleda  Aos rochedos das fontes das correntes,  Sitios incultos, sós da sombra e a pedra, (Pág.  97).</p>
<p>Scintelha leda!  Matiz de luz! aqui d'onde s'esquecem  Todos, que vens fazer? - oh! Dulaleda!..  " E o geniozinho lindo retirou-se  Instantaneo d'alli da luz dos ares,  Queixume zumbidor, que apresentou-se,  E voltou para o fundo dos palmares! ...  " __ Meu cavallo alazão de frechas brancas,  Andar! correr! A estrada da Victoria,</p>	<p>Vingando luzes, fulgorando rosas__  Oh! é mesmo um rosal: vê-se-lhe a imagem  Refracta nas areias espelhosas.  " Do sol co'a vibração vibram apenas!  Recentemente abertas, incarnadas,  Crystallinas, undosas __ quão amenas  São as luzentes pet'las de granadas !  " Cores tão puras, que o sentir d'esp'rança  Reavivam dos dias innocentes,</p>

<p>Cheia d' onças, visagens e barrancas,      Quem vence-a, chega a descansar na gloria!"      Quão longa vai! ladeiras pedregosas,      Que é forçoso subir mais lentamente;      O embrenhado feroz ... vêde a tremente      Ondulação das malhas luminosas      N'um relampago, o tigre atrás da corça!      Pobre da corça! para aquella esvoaça      Sempre a morte__se o indio arco s'esforça,      Ao flanco a frecha; ou qual agora passa!      Té contra a morte quer-se resistencia:      Acata ao bravo o raio das batalhas,      E sobre o fraco, a timida innocencia,      Lança-se a fome, partem-se as metralhas.      Surdo soa o tropel da cavalgada,      Nos terrenos fecundos; mollemente      Brilha ao sol o folhedo transluciente;      Das aves se ouve a cânora estralada.      "Eis as flores; a planta na alegria      Tem um riso tambem__quão frescas      margens!      Estas correntes, que da noite ao dia,      Do branco leito seu s'erguem selvagens      "E ás cheias pluviaes mugindo voam      Através dos sertões, desconhecidas      Dos mappas das sciencias, oh! queridas      Á nossa vinda são! Ainda resoam      "Ecchos por hi algures, bem os ouço      Dos caçadores companheiros meus__      E qual na infancia, hoje eu volto moço      Nos collos bracejar velozes seus."      Tomado o Guesa d'estes sentimentos,      Rolava na onda purpuro-amarella      Á contra correnteza além. Momentos      Em que, vário o cabelo á fronte bella,      (Pág. 99).</p>	<p>Longe as trevas, na aurora da bonança      Vi no Mediterraneo tão somentes;      " Ou na bocca dos roseos recém-nados      Vivo-sanguinea, fébrea, latejante      Ai! á ausencia de seios, que negados      Por mãe lhes foram; nas romans rorantes;      " Ou nas tinctas tão frescas, tão jocundas      Dos roseos univalves das Antilhas;      Ou em certas dos corações profundas      Membranas, d'onde as mágoas não são filhas.      "Vejo não ser ficção que exista o Eden,      Embora sempre além __ d 'aquelle ao meio...      Um lirio de Jesus: branco, a que cedem      As rosas, me affirmando, ver eu creio! ...      "Só me lembra uma vez ter encontrado      A edenal criação, o de pureza      Lirio na aurea innocencia, unico amado      E que immutavel é na natureza.      " A ideal Beatriz dos céus do Dante,      A sempre-noiva e sempre-formosura,      Azul o firmamento e além distante,      Que entre luzes está e é luz mais pura:      "Dos céus virtude, de Virginia a historia,      Das manhans o astro, da antenoite o cirio,      Lirio 'qual Salomão em toda a gloria      Nunca vestiu-se', de candor o lirio.      " Foi o que de mais puro eu vi na terra!      Bem foi que eu visse__a mansidão celeste,      Que das cecéns mais brancas se reveste      E dentro o que ha de mais divino encerra.      "Olhos que habituaram-se com vel-a      Acabam por gravar a imagem n'alma,      Que lá lhe fica interior estrella__      Fonte, de sempre que desole a calma.      " Feliz do amor que viu a peregrina!      (Pág. 103).</p>
--	---

<p>De Martha e de Satíro o bom carreiro,      De Thereza a mãe-preta, de Vivina,      Do avô Domingo' __as tendas, o terreiro.      Nas grottas ao nascente, estava a fonte      Qual um astro. __ E o paiz todo d'imagens,      Todo vago-incantado, do horizonte      Nos grandes seios válidos, selvagens!      E deixara elle os sitios tão formosos      Quando ainda pequeno em verdes annos;      E d'esses tempos são os mysteriosos,      Os symbolos que ficam sobre-humanos      Illuminados interior: quizera      Elle tudo contar __ quem n'essa idade      Escutasse o que a infancia não dissera,      E a que somente a mãe (Deus charidade!)      Suppõe-se que entendia! porque estavam      Sempre unidos: uns olhos de bonança,      Os olhos d'ella; os d'elle se fixavam</p>	<p>Vêde__na rosea lingua, que innocente      Phrase-aroma, a que a dor toda se aplaca!      Vêde ! vêde! Oh! a bocca pestilente!      Que negra podridão verte a cloaca !...      'Justificai-vos !' De ante a natureza      Humana solitario emmudeceis,      Vendo impuro o sorriso da belleza,      Qual da amizade ao riso estremeceis.      E começam os dias de amargura,      Que vos caem por unico thesoiro __      Oh! nunca abandoneis na idade pura      Montes de corações por montes de oiro!      Duras são as algemas de diamante__      E ai do que a bem dos homens tem sonhado!      Não é dos deuses, mas dos semelhantes      Proprios, que elle ha de ser encadeiado.      E começam as noites de tristeza,      Noites do exilio d'alma e da agonía!</p>
---	---

<p>Qual para a luz os olhos da criança, Na calma, do equador na immensa estrella, 'Oh! eu quero morrer!' balbuciando. Seu pae sorria; a grande mulher bella, Co'a tristeza do filho seu, chorando. Natura (aos seus dilectos. . .) lhe imprimira <i>Signo</i> de um odio eterno; d'onde crê-se A causa porque sempre reagira Até que a dominara, como vê-se: (Extremos d' onda, a amar ao que naufraga) Dera-lhe então uns olhos poderosos (Qual dentro lhes morasse interna maga) Na chamma abertos, risos dolorosos, E uma fronte celestial, e um nobre Altivo coração, que é da belleza O solitario incanto__a dor lhe encobre E tem por patria, a <i>d'ella</i> e a natureza. __Entre outro povo, ás bordas do oceano, Como a lembrança vem dos que morreram! E os paes, e os descendentes que se geram, Ai Esojairam! pelo amor insano! E o que deixei crescendo entre os escravos, Candida loira flor de liberdade . . . Reage a natureza da saudade Da do amor, da miseria e dos agravos: (Pág. 110).</p>	<p>Curva-se Atlas á abobada que pesa Invisível e tragica e sombria! Então, na treva a sós e solitario, Vê que ninguem subsiste sem a sorte De um outro, em quem se firme__algum amparo, Um coração, um dardo, ou mesmo a morte. Ficar sob as ruinas ninguem queira De edificio por outrem levantado: Cede o hombro, que atinha-se, esmagado; E voa aos ares a subtil poeira. Da sensibilidade e o sentimento, Dentro o monstro nutris-real, sois réu! Tende-o__gimei aos raios do tormento, Vistes Gorgona, não tornais ao céu! Por isso, antes do meio da existencia Sentiu-se o Orpheu da lyra envelhecido, O cabelo grisalho, que em demencia Propulsa a dor de um cerebro perdido: Qual faces-luz angelicas se tornam Quando são pelos homens 'sbofeteadas E as impressões das mágoas, que as adornam, Brilham, dos dedos de que estão sulcadas, As faces frescas, lhe seccaram pallidas Qual se, de dentro o pêso, as arrancasse, De um coração de chumbo; mais vorace (Pág. 112).</p>
--	---

<p>O rubro labio, o olhar das chammas válidas (Eram-lhe pardos olhos, oh! preclaros, Bellos qual os de um deus! tão doce- umbrosos Sobre a calma do olhar, tão silenciosos, Que inexoraveis, meigos, mudo-avaros, N'esse poder da gloria e do mysterio, De tarde interior, da natureza Da zona torrida e o fulgor vespereo Dos abysmos formosos, da belleza, Em seu amor mortal alimentar-se Viam-se bem do quanto desejavam, Que d'elles não podiam separar-se E mas d'elles á morte s'incantavam !) Elle soffria a eterna dor de quando Foi o passado cheio das venturas, Que as do presente estão de si travando__ De que valeu mudança de loucuras? Subindo d'astro em astro: 'está n'aquella Fronte o condão, que n'esta não havia!' Prostrado, viu, sempre ante nova estrella, Que a última á primeira não valia. E este formoso espirito divino Dos sonhos creador de rosa e de oiro, Que este corpo destroe brutal, indigno Da harmonia feliz,__ eterno agoiro, Desolador eterno ... s'estreitando</p>	<p>Sustam a marcha, que inconstante gyra, Reconhecem o sitio os cavalleiros. Sae das ruinas do casal e mansa Nos alpendres desertos a serpente, Bella e lúbrica e óndula, indolente Solitaria vagueia__e lá descansa: E aos plumbeos raios de uma tarde triste Os lucidos umbrosos elos brilham E pelo tronco em voltas s'envensilham D'arvore secular, que ainda existe. Co'as sombras vaporosas as ramagens Confundiram-se; vastos tremularam Cheios d'astros os céus, quando as imagens Todas do dia ás trevas se passaram. Noite. Está reclinado o Guesa Errante, Olhando,__as grandes selvas se aclararam Á fogueira que accessa foi distante. . . __Gritam das ruinas ! as soidões gritaram! E luzente na noite, para as chammas Voa longo sibilo, serpentinos No ar desatando laços repentinos, Phosphor nas bruno-lucidas escamas, E á fogueira lançou-se, do ar alado, Surucucú-de-fogo!__arido ouvidos Eram crebros funestos estalidos Dos seus ducteis annéis, o incendio ateadol!</p>
--	---

<p>E mais e mais os circulos, afflicto  Pavoroso o viver__quem tal estando,  Não <i>quizera</i> voltar ao infinito ? . .  Tudo está no perdão de Magdalena;  A onda é sempre a onda__e quem  s'eleva  Sem primeiro cair? Foi dura a pena,  E que fatal se cumpre qual a treva!  Porém culpa é das faces incarnadas  Tirando ao coração fôrça e valor,  Terra exausta, que á luz das alvoradas  Verdejando da planta estala em flor.  'Este o trilho. . . que andava o bem amado;  Por onde eu vou. . . é tudo solidão;  Feriu, o ferem.' Eis do condemnado  A historia__escreve-a cada coração.  __Ergue-te, Peccadora!  E mas, doctores  Da igreja ensinam (illusor socêgo  (Pág. 113).</p>	<p>Oh ! quanto a chamma e a cobra, tormentosas,  Uma á outra involviam-se raivando  Por mútua antipathia! e mais luctando,  Mais, deslocando-se achas resinosas,  Em labareda as chammas se laceram,  Que ao meio d'ellas, rubida, convulsa,  S'esmalta a cobra e relampeia e pulsa,  Desdobrada espiral !__Emmudeceram  Do Guesa os servos, que dispersos foram  E bradando e bradando amedrontados;  Grupam-se ao longe; emquanto os apagados  Incendios vêm brazeiros que descoram.  Mas, desondeiando pela terra o açoite,  A cobra, em todo o orgulho de serpente,  Alça o collo; e ciciando, e lentamente,  O Guesa a vê passar través da noite;  E luminosa e qual se então se houvesse, (Pág.  121).</p>
--	--

<p>Das vagas mal percebe-se jogando,  "Sente-se-lhe o equilibrio do balanço  Pela revolução.  Oíço as estrellas,  Da celeste concordia no descanso,  Em seus assentos, practicando entre ellas.  " E as estrellas desmaiam. D'além montes  Frescas emanações d'alvas da lua,  O riso, o incanto das doiradas fontes,  Tingem dos céus de seda a face nua.  "Quão branda viração move a folhagem!  Qual por manhans os trinos na espessura,  De quando em quando__do silencio a imagem  Toda occupa a soidão. Remonta a altura,  " Já dos bosques despindo os negros cinctos,  Soberbamente a lua magestosa!  Patria de amor em campos de jacinthos,  Enlêvos da donzella harmoniosa:  "Do céu negro-azul-aureo sobe ao throno!  Desdoblaram-se em chammas os luares,  Formosa palpebra em mavioso somno  Que os olhos cerram da soidão dos ares:  " Ó noites de alabastro! ó brancas noites  Do equador! Que de imagens não fluctuam  Quando as nuvens, em pallidos magotes  E a vida em negras vagas, não estuam! . .  " __ Oíço. . . através dos luares se deslisa  Alguma aerea fôrma, que á tal hora,  Triste viajante da nocturna brisa,  Á terra talvez desce, antes da aurora!  "Dos que passam eu oíço as vozes querulas  Através dó luar. . . voltou a sêde  Oh! oh! terrivel! quando em claras perolas  O orvalho brilha e se derrama e perde!  "E os arvoredos que de dia aos ventos</p>	<p>"Dos escravos as vozes, tristes, mestas,  Quão desgraçadas, Deus! quanto saudosas  Ás calmas tropicaes, do dia ás sextas,  Da sebe ao aroma, ao s'incarnar das rosas,  "Aos brandos céus, aos tão ceruleos mares,  Quaes nunca eu tinha visto! Oh, natureza,  Quanto occultavas tu sem amostrares,  De luz, de sons e d'intima belleza!  "Em seu dia final quanto é-se humano  D'alma sentindo as meigas relações  Que ha entre os céus e o homem soberano,  Entre esta amante terra e os corações!  " Bem diz-se ao mundo, com piedoso incanto  Conciliador d'esp'rança já perdida,  E a esta miserrima, a esta espuma-vida,  Em qual abraço que estreitou-se em pranto."  Do Guesa o coração fôra humilhado  Ao cruel desincanto de um delirio. . .  Dos ecchos vão, dos valles o martyrio,  Longas ondulações__vaga o passado:   "O tronco secular já não me estende  A sombra docemente abaunilhada  Nas calmas do verão;  A mim nos campos meus não se desprende  Mais o roseo sorrir da madrugada;  Eu ólho ao céu __ o céu é solidão.   "N' este rochedo, á morte alevantado  Umbroso o abysmo em tórno á espádoa  negra  Ante os destinos meus,  Descanso ao clima calido ao vibrado  Norte, n'alma a illusão que eterna alegre  Dos meus perdidos lares e o meu Deus.</p>
---	---

<p>Torcem braços no ar, que aos céus imploram,  Ora, qual implacaveis pensamentos  Da terra, s'erguem, umbram-se e deploram.  "Rolam dos grandes ramos pela terra  As sombras, que s'estendem silenciosas:  Sempre que pelos cumes se decerra  Maior luz, caem ellas mais umbrosas. . .  " __ Da lua ás argentíferas espheras,  Aos conductores crótalos cantando, (Pág. 124).</p>	<p>" Oh, Equador! que esta alma, grande e bella,  Exaltada dos céus volva ao teu seio,  Pelas calmas do Sol.  Doirados mares, á gentil procella  Rugindo a palma, e da existencia ao meio  Vêr as manhans de lucido arrebol!  Oh, Equador! dos céus que volva a errante  Descer os rios mudos, solitarios; (Pág. 132).</p>
--	--

<p>Ineffavel das bençams, e o sagrado  Maternal agasalho, e a vida pura.  " As harpas immortaes em vão teem dado,  Ao que apparece aos que na terra ficam,  Uma voz, e que ainda magnificam  Do tremendo soffrer do além penado  "Em terriveis ficções. Seguem dos ventos  A lei, das vibrações dos corpos vivos,  Do peito o odio, ou os retumbando activos  Insomnios mares. Não, dos firmamentos  " A linguagem é outra; qual da estrella  A luz, ha de talvez falar o espirito:  A terra é que resoa do infinito  Som, da dor, do amor fundo que a flagella.  "La, a sagrada calma, a eterna calma,  Onde a voz fôra perturbar o incanto__  Feliz quem á mudez s'eleva da alma,  E a terra aos hymnos deixa, aos sons, ao pranto!  " Que, para me ensinarem, elles sabem  Homens qual sou? dos céus, certo, que os olhos  Se, para a terra o olhar voltando, se abrem,  D'ella fóra os não vêm; vermes-abrolhos  "Porém, na negra massa a embalos dentro  Das redes do sol no ar longe lançadas,  Em si gyrando a propulsar do centro  Vida, que á luz anima-se__animadas  "Odes da terra a um só destino__a morte__  Que elevam-se na acção do movimento,  Tomam fórmulas gentís, última sorte  No eterno edicto do aniquilamento.  .....  " É muito tarde. A lua está pendida,  Visivelmente a côr mudada; a chamma  Bella da fronte, em lucido-polida  Lympha, o crystal tão puro, qual a trama  " Cerulea visse-se através. O de oiro  Luar, em luz de perolas e lírios__  Oh! como o tecto incende-se, e tão loiro  Ao em tórno s'inflamma o céu ...  Delírios ...  " Febre não tenho, não; zephyro brando,  Brilha a amplidão dos ares; e mas sinto  O horizonte em redór cambaleiando__  Oh! ao longo ondeiar vê-se distincto  (Pág. 129).</p>	<p>Em mestres de <i>amor</i>  E em <i>valor</i>  Venceis vós ao Rei dos Judeus.  —Só o leal, nunca o Loyola,  Conquista um nobre coração:  Vulcanico monte, .  Acheronte . . . .  'Water-head' ? 's mother-Goose Ton'-Tão !  (Maus-peccadores bons-apostolos, illuminados  ás crenças de remissão e resurreição dos  mortos, vendo  JERRY MCCAULAY e revendo FROTHINGHAM no  'Christ  <i>would not suit our times' :</i>)  —<i>Peccavi</i> diz um, e transforma  Pagodes em templo christão ;  N'um templo o outro: cruz  Com Jesus!  ' Christianismo é superstição! '  <i>Reservado</i> é o mundo, em que o homem  É o sêllo co'as armas do Auctor  E espelhos. . . Frothingham  Ou Brigham,  Quebrados; e o Beecher, melhor.  (Epicurus ensinando entre Chymica e  Psychologia :)  —Pobre Deus ideal. . . flor de carne,  Jardim do Diabo: <i>ergo</i>, traição ;  Ora, a fome é negra  E se alegre  O verme, porque ha podridão.  Ou concluirás que és Hall-bruto,  Ou a alma s'envergonhará  De em ti existir,  A mentir  Vil viva, e hi querendo-se estar.  (Fogueiros da fornalha reduzindo o peccado  original a fórmulas algebricas e á 'NOVA FE' ('  moral rápido transito') o 'IN GOD WE TNRUST' dos  cinco <i>cents</i>:)  —Indústria, oiro, práctica <i>vida</i>,  <i>Go ahead!</i> oh, qual coração! . .  A este ar, vai vital  A espiral,  Brisa ou flato ou Bull-furacão (Pág. 246).</p>
---	---

<p>' Aos que vão viajar' foi dicta a prece —  Com que saudades todos a escutamós!  Se o caminho è Jesus, filha, por esse  Nós à ' Estrella-dos-Mares' navegamos.  — Que cêus! que lindo dia de partida!  Em quaes crer, Deus, nefastos ou do riso?  Vim eu na esp'rança e não n'a sinto na ida:  Recomeçou a morte do juiso !  Oh, a violencia d'indivisvel mágoa  Com que deixas a terra que mais amas!  Ha noite n'alma e aos cumes do Aconcagua  S'emplumam branco-azues do gélo as  chammas!  " Dos serros sigo a linha do horizonte ;  Aos exercitos meus passo revista —  Eterno adeus! e a coroa d'esta fronte  Deponho ás plantas suas, porque exista ! "</p> <p>Adeus! Adeus ! — Que, ouvindo, não s'escutem  Segredos do archipelage, escutando  As vagas que o trovão longe percutem  De Chiloè nas rochas rebentando!  Resoa, alto o clamor, extranhamente,  Vibratorio o luzir, toda a chordagem :  E a lacerante orchestra, a que se sente  Sombrio o peito, horrífico e selvagem,  Voa através das sombras! se diria  Navegação phantastica, sonora,  D'espíritos dos sons, n'essa harmonia  Em que desce o barometro hora à hora.  Profundo o braço da helice vibrado  A' corrente d' Humboldt, tumultuoso  Empina-se o vapor, que vai forçado  Da sciencia ao poder maravilhoso:  E as vagas, negra a luz phosphorescente,  Rasga-as contrárias, seu caminho abrindo;  Tal o homem ruge (o grande <i>delinquente!</i>)  Rompendo <i>humanas</i> vagas e seguindo.</p> <p>Nas regiões dos naufrágios__se apresentam  As aves e acompanham dando gritos,  Famintas poisam na onda, abrem, aqueitam  Longas azas, ao raio os olhos fitos  De um sol traidor: das nuvens à bancada  O arco através traçando luminoso  (Pág. 325).</p>	<p>Para a meditação do Guesa, esquivos  O s dias restam-me; ao silencio os quero.</p> <p>Cidade de Valdivia, alta e condigna—  A's Cinzas na quaresma a Santiaguina  Involta em bello manto que negreja,  Saudaveis orações, è flor de egreja  Alva, radiante, senhoril, formosa;  Ou sangue arauco indianita flor.  E' nobre a capital, e nobre ahi goza  De liberdade e paz o homem-senhor.  E entre o povo pacífico, transvago—  D' O'Higgins, San-Martin, Salas, Carrera.,  Freire—pela Alameda de Santiago  Inscrições lendo dos heroes da guerra,  Andava o Guesa. E às selvas sempre verdes  Em longas alas quádruplas, correntes  Crystallinas ao longo; e às sempre neves  Puras cumiadas sobre ante presentes  Dos andeanos bastiões que fazem muro;  E ao sol brilhante; e à leda juventude,  Que surge da Republica à virtude—  Elle exultava: "Terra do futuro!  " Gentil potenciazita e tão sincera  De patriotismo e nacionalidade,  Amiga leal na paz, leal na guerra,  Na acção de morte e, mais, de humanidade,  " Quão bella sois ! Aquelle aureo estandarte  Que bronzeo-forte braço desenrola,  Foi o da Independencia: eram de Marte  Então os filhos; hoje o são da Eschola.  " Na imprensa as luctas do direito, as fronte  Excelsas de Lastarria e de Mackenna ;  Na natureza os andeos horizontes  De um cèu violeta à tarde—vem amena,  " Portanto, a fôrça, que è a soberana,  E qual convem ao que s'immortalisa—  A mais limpa nação americana,  Que não ha negro e ao Indio civilisa.  " E vê-se, então, co'a fê, moral sciencia,  Como até monachal a sociedade  Tem activo progresso—que a descrença,  Tão sò, corrompe e inverte a liberdade." (Pág.  323).</p>
<p><i>Hoogh moghende Heeren . . .</i>  Pois tirem  Por <i>guildens</i> sessenta. . . <i>Yea! Yea!</i>  (<i>Photophonos-estylographos</i> direitos sagrados  de defeza :)  —Na luz a voz humanitaria :  Odio, não; consciencia e rasão ;  Não pornographia ;</p>	<p>O viajor a que aos pès abre-se abysmo  E aos olhos ha cèu-luz todo amplo e terso :  Pavoroso ideal !—deliro? scismo?  O resfol'gar profundo do rochedo;  Longo gemido as rochas dão magneticas;  Suam, qual de cansaço do estar quêdo  Ao pêso universal; rugem propheticas ;  Laceram-se; e nos atomos brilhantes</p>



<p>Isaias Em biblica viviseção ! (MITHRIDATES á prova de amigos toxicums :) —Qual Jesus o açoita-peccados, Carrega com elles: por Deus! Da cruz ama o Guesa Esta empresa, Dos vossos em bem e dos seus! ( ' Imaginária imprensa' em maré-vazante çoçando a cabeça:) —Desde Hayes, tudo prospera, Menos viver de sensação: Mãos á obra! . . . ' E não <i>éxcellent</i> <i>O président</i> ' Pois é um <i>kranky</i>, um papão ! (KATIES fazendo camas-ratoeiras; <i>sister</i> NEWCOAT-SHAFFEY:) —' <i>Masher H'rald some stain in 't wants</i> : ' N'alta cerviz . . . vampiro! ao meio. . . O! O! O! cocktail! =Paga <i>bail</i>, Ou . . . não ha diabo mais feio!</p> <p>(Surge frighter vermina GUTEAU; risadas a um tiro de polvora sêcca em FORTH-JULY:) —Bennbennesses <i>business little</i> —'Remove him,' o magno rascál ! = ' <i>Church-Loyer-Stalwart</i> ,' Um Mavorte, Faz bala do heraldeo jornal! (SEPARATISTAS, CHINS, CÆSARINOS, contra GARFIELD em '<i>corner</i> ' :) —Cuidado, ó vós, co'os <i>sinking-faces</i> Cassius-Romano, Lincoln, 'Lot' ! (Pág. 249).</p>	<p>Veem refulgir os astros. Solitario Ahi asselita-se mudo o sabio, adeante Da natureza, e candido e lendario E comprehendendo-lhe a alma esse thesoiro Geologico, de amor que tem a terra, Não porque seja de rubís e de oiro, Mas pelo que do eterno e occulto encerra. E Lhulhailhaco empina-se, rutilam Maiores as estrellas, se derrama Vasto salar a Hurákan e se anilam, Electrico o fulgor, cêus de Atakama.</p> <p>Por Deus, que eis uma terra bem formosa! Do oceano ao collo, alevantada em montes, Resplendente, o mar da côr da rosa, Lavandeos cêus, suspensos horizontes. —E quem d'Eden não sonha em Valparaiso Ouvindo o doce chileno riso, Mesmo não tendo-o ao coração profundo, Unico altar, porque o não ha no mundo? Pois, vinde ao porto do oceano amado, O' vòs, que amardes o social sorriso N'um lindo povo a sciencias exaltado, Porque o Eden tereis em Valparaiso ! Mas, riam-se os que o podem; já das aguas; Mirara-se elle em todos os luzeiros : E o Guesa a tanto rir pre-sente mágoas, Dizendo: "Sejam estes verdadeiros, E eu venha os dias reviver dos astros! " —A terra treme ao temporal, que estronda Desincantando os portos, que aos desastros Vai mugibundo tormentosa ronda— <i>Dies iroe!</i> o oceano louco, louco Embalançando as naus nos duros braços, Entrechoca-as, remuge, hesita um pouco (Pág. 315).</p>
<p>Precisa-se abençoar alguém no mundo, O coração sem bençã não resiste__ Um ninho onde haja um cantico jocundo, Um amigo, uma mãe. Mas, ai do triste Que abençoar não poder! Não é bastante E sciencia, e pão, e toda a natureza, Nem do infinito este anhelar constante: De terra-amor e internos céus-pureza, O homem carece, ao crer, quando lhe estua Fogo sagrado, que, se se acabaram Mundos, em Deus s' eleva a frente sua E os elementos ahi não se arruinaram! Fascinação de Chatterton ! —as rosas Como, ao volcão, desfolham-se da esp'rança ! Como de um genio ás chammas luminosas O cerebro dos fracos s'embalança ! Hecatombe infeliz de anjos brilhantes, Corações matutinos, que á luz pura Sacrificam-se ao que houve tenebrantes</p>	<p>" Adeus! adeus! __ Antigamente quando Os puros braços de nevosa alvura Eu d'estas barras via, lampejando Lá d'aquella collina de verdura: " E que eu, perdido náufrago do mundo, Então na eburnea praia ajoelhava Abençoando o céu, que a mim rojava Do mar, d'encontro nos parcéis profundos ... De pressa, minha filha, vê de pressa, Porque tudo passou, tudo nos foge, (O delirio prendeu minha cabeça, Eu jamais crera n'este dia d'hoje!) Como tristes entreabrem-se as janellas Lá da meridional varanda nossa, Ninho alcyoneo teu, das manhans bellas Onde brincaste (e que mais nada me ouça)! Vai brincar no convés __ sonora proa, Corre __ vai ver as ondas como saltam! Como canções o marinheiro entoal!</p>

<p>Céus e sorte—e luctara até loucura, Quando a rasão cedeu !—Emtanto, á falta De patria gratidão e o lar materno, Tambem espurios morrem. E s' exalta Da Industria mais quem perde mais do Eterno. —'Stou ouvindo prégar.—Que a sede estanque! Por esta multidão que se apressura, A voz de Moody, o canto d'Ira-Sankey Ferir parece á vibração mais pura. . . Elle era a humanidade e Elle era Deus, Na terra os pés, no empyreo a bella fronte— Que aguas tão vivas! que tão pura fonte! E os mysterios turbando. . . internos céus! Fundo! mais fundo! Curam do colosso, Bem válido o perfil, nobre a apparencia, E dentro deixam avido molosso Co' a Bíblia! Um parricida na demencia Ouvi dizer' que não n'a entendia ' — Levaram-n'o ás prisões; e era aparente Um candido, um formoso adolescente; Ora, aos infanticidios Deus gemia. Pois se ao Deus-Homem proclamando, a terra Á verdade inverteu- (' que Elle ensinara Quando humanou-se ') e em tumulo, que encerra Podridão e alvo externo, se tornara, — (Pág. 201).</p>	<p>Como as auroras todo o mar esmaltam! — Bem alto o alevantei, castello-tumulo Ao melhor dos meus dias, que alli jazem: Dos esplendores lavantei-o ao cúmulo, Onde a belleza e os genios se comprazem. Nunca o vi tão risonho qual a esta hora. Branco, altivo-empinado, se mirando Na vaga anil e nuvens ... Deus! á aurora Fita escarlata os muros lhe enlaçando, Lembra o de sangue vínculo luzente Que á noiva alva dos mares degollasse A garganta formosa, e eternamente Do amor divino a vida se acabasse! (página 163)</p>
--	---

<p>Como, pois, ao signal que deu Tucháua, A amor fugirem tão amedrontadas! Dá fóra um promotor republicano Vil <i>caçuma</i> aos mutuns e jacamins, Que s'elevam gritando n'um insano Desnorteadado saltar; mas, nobres fins. E a multidão apinha-se ao em torno Amostrando as cabeças nos ubís, Range abalado o fumarento forno, A algazarra infernal toca os zeniths! (<i>Côro das Indias:</i>) — Stsioei, rei de flores, Lindo Temandaré, Ruge-ruge estas azas De brazas. . . Cuidarú, cerêré. (W AYANORICKENS, <i>fumando e assoprando nas caras:</i>) — No cachimbo-conselho, Qual um porco a roncar, Enroscava ôlho e rabo O diabo Em cornudo sonhar. (<i>Sabios olhando do vertice do solar parallaxe pelo telescopio do equador :</i>) — Venus fica, passando Pelo disco do sol,</p>	<p>Deu-lhe beber as ondas dos regatos E disse-lhe: 'da terra és o Senhor.' Musa da zona-torrída! saudoso Puro alvor, mago o olhar, sorrisos doces Aos eleitos dos céus—genio zeloso, Que os desterras á virginal soidão De martyrio ideal, d'eterno gôzo Gloria de amor, vencer na harpa as atrozes Batalhas do interior abysmo—as vozes Inspira, inspira, ó musa, ao coração!  Ora, confusos ecchos do passado Ao longe esvaeceram. Do presente Incantando o viver, ao genio amado Pergunta o Guesa, e meigo e tristemente : "Quem são teus paes?—nasceste dos amores Que hão origem no riso da belleza E na paixão de um anjo?—vens das dôres, Ou és um sonho d'esta natureza? "—Da scentelha divina mysteriosa Do amor primeiro, que é na mocidade, Gloria n'um, n'outro fôrça poderosa, Quem és?—és tu a dor-humanidade?.. Então, olhando o genio, e bom e brando, E sem nenhum recato á formosura, Da terra aos céus o braço alevantando :</p>
--	---

<p>Mosca; o ângulo obtuso,  Confuso  Qual n'um ôlho um terçol.  <i>(Alviçareiras no areial :)</i>  —Aos céus sobem estrellas,  Tupan-Caramurú !  É Lindóia, Moema,  Coema,  É a Paraguassú ;  — Sobem céus as estrellas,  Do festim rosicler !  Idalinas, Verbenas  De Athenas,  Corações de mulher;  — Moreninhas, Consuelos, (Pág. 32).</p>	<p>' Tellus. . . Coelus'. . . na sua voz murmura.  "—Vejo as preclaras fórmãs, do diamante  De luz branca, oh ! eu vejo a divindade  Dentro de ti, qual raio do levante  N'um terreno crystal ! vejo em verdade  " O processo moral da natureza,  Incolôres principios, a existencia  Absoluta da aquem e além belleza,  Viva em ti s'incarnando a aurea innocencia—  " Oh, a innocencia! a fôrça desarmada  Que é ella e solidão feliz, de um Deus  A candida, a melhor, melhor morada,  Coelus, o lirio-luz, a terra-céus !."</p> <p>E o Deus que está na amante mocidade  (Pág. 151)</p>
---	---

<p>Dos Andes a descer fugia as plagas  Da morte o filho. O encontrareis no mundo:  Ora sorrindo o riso dos amores,  Que ao peregrino incantam corações;  Ora chorando as tão saudosas dores,  No tum'lo debruçado das nações.</p> <p>Elle entrega-se á grande natureza;  Ama as tribus; rodeiam-n'os os selvagens;  Trémulo o Amazonas corre; as margens  Ruem; os echos a distancia os pesa.  Ama, accesa a planície, em lentejoilas  Luzindo as florezinhas veticaes;  Dorme á sombra de mysticas papoilas,  Huivo o vento volvendo os florestaes.  Escuta hymnos d'além; voa á corrente  Dos pongos, que retumbam no deserto;  Do calix pende ao rir d'enlêvo aberto  Da flor, que se desata enrubecente __</p> <p>"Flor solar! Susurrantes ao meio dia  As abelhas na selva, na espessura  Reina o viver __ Oh! Bella creatura!  A luz dos olhos teus é tão sombria! ...  "Se comprimem-se os membros palpitantes  A passal-os em si, ou são delírios  Dos incantos, ou candidos martyrios  Dos desejos instando co'os instantes,  "Não sei. Mas, tincto de coral o rosto,  Em doce incarnação, qual se se abrissem  No coração jardins e que florissem  Do matiz vivo, puro e não composto,  "Desce o vago dos céus, desce no enlevo  Crepuscular e á doce transparência  Das rosas namoradas da innocencia ...  __Ser e não ser." __Adeuses eu descrevo:  Adeuses, co'a gentil philosophia,  Com toda a metaphysica inspirada</p>	<p>Tendes alto logar no Estado; a sorte  Invejo, que amanhan vos dá seguro:  Mas, não faleis do turbido futuro  Aos que o não teem, que filhos são da morte.  O futuro é só vosso; nós. . . vivemos,  Qual as aves do céu, de sol formoso,  Perfume, ar puro, amor, canções e gozo,  E a gloria—eis aspirações que temos.  E nem é do ocio, nem de uma fraqueza,  Que vem-nos esta calma indifferença,  Aos podêres e á fôrça: uns da descrença,  Outros de illusões falsas foram presa;  Outros, emfim, d'este fatal orgulho  De uma pobreza nobre, ou da inconstancia  Com que jacina á flor pede fragrancia,  Beijos a brisa ao mar vivo e marulho.  D' ahi as dôres-mães, que aos céus encaram  Pelo incanto do azul e não por Deus,  Que perguntam se um crime perpetraram—  Mas, pezam-se do riso dos atheus.  "Passei a noite a vel-a! alma adorada  De minha mãe, ha tantos annos morta. . . "  —Se não dormieis, juncto á vossa porta  Tereis ringir ouvindo á revoada  Da inspiração a penna vária e negra  Estalada alta noite, e visto a chamma . . .  Hebreu sem terra promettida, que ama,  E ao dom dos céus s'enturva e desalegra!  São horas do trabalho... e a taes horas  Contemplo os limos verdes, bella trança  D'Uyara, a incantadora, que embalança  Da selva a sombra, ondeando aguas sonoras.  Corre a estação do ardor—formoso clima! (Pág.  45).</p>
---	--

<p>De Platão o divino; que em poesia          Possa caber n'esta soidão sagrada.          Descrevo a embriaguez d'elyseos sonhos          E as tão formosas coisas, de tal sorte          Das mãos dos céus seraphicos risonhos,          Caindo meigas entre a origem e a morte. (Pág.          05).</p>	
---	--

<p>Nas orbitas cinereas; ou teria          Ao coração raizes e tão bellas          Que o negrume á paixão de amor fazia;          Era a divina limpidez escura          Da sombra ao sol candente nos desertos,          Era alba-candidissima e na alvura          D'este silencio os deuses seus desportos..          —Coelus, enlevos toda, tal pendia          No amor dos que dão tudo e nada pedem:          Vago estalir de petalos se ouvia          Da primeira açucena abrindo no Eden.          Cegos da vida interior, memória          Pois não esqueça o edenico tractado,          De quando os céus irisam toda a gloria          Sendo o crystal de luzes penetrado.</p> <p style="text-align: center;">Solemnes calmas; doces brisas,          doces,</p> <p>De beijos o susurro, dos mormaços;          Além, do oceano as elevadas vozes;          Grato o gemer, as rôlas nos terraços;          Silencioso o castello; nas varandas          O silencio e nas mysticas alcovas ;          Todo o ethereo rumor de falas brandas,          Ou campos, ou rosaes, ou terras novas;          Caprino odor subindo das encostas;          Na ameia o estivo rir das andorinhas—          Eternas de Creação leis adevinhas,          Raio de Sagittario e rosea flor.          Augusta branca solidão—expostas          As çucenas viçando illuminaram          Do seio; a bocca, rosas lhe auroraram,          Acridão que ha das murtas o travor.          E no palmar os ventos reboando,          E da nuvem, tão pura, tão saudosa          As sombras nas collinas divagando,          E verdejante a terra fulgorosa :          E os templos naturaes grande-ecchoavam          Da calma á profundeza—Sancto! Sancto!          De meio-dia as deshoras apregoavam          No espaço—Deus, a Solidão, o Incanto!</p> <p>Nenhum artista pintaria Coelus,          Essa brancura-fôrça-sentimento,          Esse negrume-luz-esquecimento          (Pág. 156).</p>	<p>Quem era? uma perdida, na innocencia          D'alva dos annos. A' moral consciencia          Já consternando, o coração do Guesa          Vibrou; e erguendo-se á moral belleza,          Resgatou-a; de asylo religioso          Sagrou-lhe a educação co'a divindade          De quem traidor disciplo ama zeloso,          E diz: "Sê meiga flor e a liberdade."</p> <p style="text-align: center;">"E ergueram-se os desertos          Aos gritos do scirocco,          Do sol rasgadas velas,          Convulso alto o areial :          Ao meio a joven palma          Em grande desespêro,          Toda á gentil <i>saudade</i>          As sombras a estender.          "A que era a desflorada          É flor, d'uma vingança—          Eia, katá divino          O guia do rosal !          E rama á rama estala          Por esses ares—eram          Da palma as chammas, sombras          Fazendo á que a ha de ter !          " E esvaem-se as miragens;          E comoros que erriçam          Deserta areia, tumulos          De pallido alvejar:          E sempre a palma, a palma          Dando á <i>saudade</i> sombras;          E o mundo abysmo, abysmos          Negros a tumultuar!"</p> <p>Eis do Guesa a affeição mais duradora,          O amor da bôa serva, a serva-amante;          Práctica virgem, que só trae se adora:          É negra flor dos valles do Levante,          Crepuscular <i>saudade</i>; é o mysterio          De luctas contra o mundo; é <i>luminosa</i>          Vinda das trevas, d'<i>ellas</i> messageiro          Innócuo, infeliz, contra a ditosa          Luz de Abel—Deus eterno !—é a vaidade,          É d'extranhos punhal: faces-amenas,          Risos evanos meigos da <i>saudade</i>          (Pág. 148).</p>
---	--

<p>E alto ruem qual loucos na voragem—</p>	<p>Que o mundo horrorisaram !—Deus terrível!</p>
--	--

<p>Cair, cair é a lei—' bellos horrores' !  Porque fóra não estais da natureza,  E mas d'este volcão aos firmamentos  Elevam-se os eternos pensamentos. . .  —Não se hallucinem tanto da grandeza!</p> <p>—Ás rosas e os jacinthos do nevoeiro,  Aos raios floreteando do occidente,  Ao braço do formoso companheiro  Rindo prende-se a amante meigamente.  Na Caverna-dos-Ventos, abalada  Das aguas ao fragor, nayade-aurora  Ai! nunca foi do abysmo enamorada  Tão feliz, tão risonha e incantadora !  E quem não brinca ao meio da voragem  Quando lhe está contente o coração? . . .  —Tende, Lottie! . . .  ' Aqui. . . prende-te á lagem !  Forte! . . sae da corrente! . . o braço. . . a mão  ! .</p> <p>Oh! lá vão-se co'as aguas arrastados! . .  Afundam-se no abysmo! Deus! socorro!  —Contra os vortices luctam . . . esforçados  Tomam—n'a os hombros d'Ethelberto. . .  Salvos! . .  Alcançaram o rochedo. . .—Ao sorvedouro!  Desgraça! horror! lá foram-se e sumiram!  Lottie! . . Lottie! .—Uns braços finos, alvos,  Crispos os dedos, hirtos. . . gyram, gyram,  Gyram. . . Oh! Christo !—Desappareceram . . .  —E na apparencia calmas, verdejantes  Volvem-se as ondas. Mas os dois amantes  Nunca mais volverão; nunca volveram.  Elles vinham ver iris, n'esse esmalte  Que das névoas transluz mais lindo á tarde:  Oh! quão funesta do infortunio bate  A hora, quando se alegra a mocidade!  E d 'esmeralda luze velludosa  Do insondavel abysmo a superficie :  Prostituição do abysmo! insidiosa  Luz! sepulchro infernal face-ledice !  A serpe que o rompeu por estas fraguas  Lá s'estende em seu leito somnolento  O olhar evita-se ás d'Esquecimento  Fundas, resvaladias, verdes aguas !  (Pág. 269).</p>	<p>Deus de Hurákan! em ceara florescente  Se è do elemento insano esta campanha,  Já da espada o pudor retira, e assanha  Da loucura a rasão! Ai do innocente !  O Sol, de todo desaparecera.  Atahualhpa, dos cèus desamparado,  Tremeu vendo-se ao meio da cratera  Qual um que assombra e está petrificado!  Tal despedaçam Andes, s'ennovela  O fumo e è negro verbo d'entre a chamma ;  Tal pensamentos o volcão procella,  De horror enchendo os plainos de Atakama !</p> <p>Foi a esta hora. O crepusculo doirava  De Kaxamarka as lucidas encostas;  Inti as flôres mais bellas esmaltava  No firmamento-adeus.—E hi vêm-se  opostas</p> <p>Faces da humanidade: oh! não ao forte  Solar clarão e nem à noite escura;  Lede dos Incas nascimento e morte  N'esta hora vesperal saudosa e pura!  —Onde a epopeia dos eternos cantos?  E nem vejo os cantores inspirados  D'estas ruinas arrancar os prantos,  Nem da incasia virtude dos passados  Elevar-se o presente. Gloriosos  Compartilhamos, pela lei constante  D'elevação, do que elevara os nossos__  Olhai os cumes que alli tendes deante !  E o Guesa os braços ha, quaes os do Christo ;  E os olhos não aos cèus, mas ao horizonte  Que desce a terra e è mais formoso visto  D'esse que alto subiu calvario monte.</p> <p>Mas. . . no oceano não è tão doloroso  Colombo'sem coroas e algemado,  Em Sancta-Hellena Napoleão gotoso,  Ou Huáskar nas prisões assassinado;  Ao Último dos Incas, de appetite  A' ceia de Pizarro e à cortezia,  Ver, e aos dados jogando,—eis o que e triste.  Quando o horizonte seu todo ruia  (Pág. 295).</p>
<p>Pavor da sombra e os surdos negros ventos —  Que vale a gloria que o futuro crea ?  Tantos perigos, tantos pensamentos  Onde a terra naufraga e a Cordilheira  Rolando ao mar em confusão destroços—  Naufragio universal!  Pois, se beijando  Foi a um grupo encontrar, noivos esposos,  Oh, Carolina e Henrique, mesmo quando</p>	<p>Chora aos brados da festa  Molesta  Seu noivado de dor.  (NEPTUNUS e EXCELSIOR discutindo:),  —Hieroglyphos-mosaicos  São, do papa-maná;  =Alta lucubração,  Barracão;  Guaraní, guaraná.</p>

<p>O mundo se acabava, tão contentes!  Vantagem que ha dos cèus . . . <i>Vale</i>, os perigos  Passam. . . pois, quando odeiam cèus às gentes,  Na terra como ser tão bons amigos?  Ama-os o Guesa n'esse d'existencia  Riso feliz, de amor e juventude,  Que, contra o inferno, oppõe a resistencia  Divina do prazer em que ha virtude.  Ao silencio, entre a noite e os gelos, surco  Da onda as marmoreas solidões velando;  Vai à sem-somno noite de sepulchro,  Lento o espectro da nau atravessando.  E qual do homem eterno dôres grandes  Rugam a frente quando ao peito dardam,  Tal n'este extremo sul, fôrmas os Andes  D 'interiores tempestades guardam.</p> <p>Là, da Desolação a ilha, parece  Um arcabouço náufrago — espelhada  Em ondas fiavo-azul, como perder-se?  — Se è de luz o contraste, a esta jornada  Favorecem os cèus. Bem hajam elles !  Não è de balde que deixei de ha muito,  Amando-os, toda, toda a terra a aquelles  Por quem gemi: se o pranto eu tenho enxuto,  Devo às ondas, devo-o a estes puros lumes  Que unem, qual na amizade, oceano a oceano;  Devo aos rochedos, devo-o aos altos cumes  Do firmamento. —</p> <p style="text-align: center;">O vulto soberano  De Magalhães! contempla a sua estrada  Undosa aberta por visões celestes!  Qual pela indústria, além outra cortada.  De um prestigio ao condão, gloria de Lesseps.  (Pág. 328).</p>	<p>(POTIPHAR-CATÚ:)  —Tem José rôta capa,  Tonto cerebro o sol,  No mar brincam estrellas  Tão bellas</p> <p>Qual o peixe no anzol.  (Pagé mundrucú, instruindo e bailando:)  —As escravas da lua,  Irmãzinhas do mar,  Callipygias Cytheras . . .  Devéras,  Anda o Olympo a bailar!  (Sombra de rei THEODORO errando pelo tecto:)  —Vede, cinco de oitubro,  Negro mar em furor,  Sobrenada, n' esta arca  Da Parca,  Do Abyssinio o amor!  (Espirito de PATROCLO per BRISEIS sibilando  por baixo da terra:)  —Dos amigos preserva  Teus mimosos tajás ;  Ou o amor, fogo-ardido,  Perdido  Co'os amigos terás.  (Admirado grupo de virtuosas á porta—côro:)  —O' maridos, o' virgens,  Que honra tendes n'um triz,  Sois da carne e do osso  Do nosso  Rei o franco São Luiz !! (Pág. 38).</p>
<p>Qual o ideal n'um bello firmamento,  N' elles esteve e á plena liberdade  Do divino amoroso sentimento.  " Ha uma fôrma-symbolo, que interna  Existe, sente-a eternizando a vida:  Segue-a o homem na esp 'rança que ha-de a eterna  N'um deserto encontrar, nunca perdida,  "Sempre immutavel, qual irradiasse  E accompanhasse ao raio__estrella insana  Que na luz, que de si pura dimana,  Descesse ao mar e n'elle se apagasse.  " Te hei visto sempre, noiva, que a doçura  D'ella tens; a voz tua ouvi nas frautas  Da livre brisa e da onda que murmura  A' proa dos formosos argonautas—  " Quando o filho d'Esão a amor querido,</p>	<p style="text-align: right;">Com que saudade</p> <p>Contemplo a do crepusculo em seu berço  D'estes Cèus a, que os Incas s'elevaram!  Notai-lhe o divorciado fresco-terso  Dos aureos dias, que p'ra os cèus voaram !  Occasos de Junin, de Kaxamarka,  Luz a que abrem-se as páginas da história  E a de licção aos tempos, que demarca  A florir, d'esta terra o oprobrio e a glória,  Quão, quão formosos sois ! auro-opalisam,  Um reino d'Hanan-Pacha aberto e novo,  As flôres d' Yukáy! os cèus matizam,  Co'a a transição que ha na indole do povo—  Ha no engraçado rosto da Limeña  D'estes lacteos romanticos albôres,  Angelica a doçura, a alvura amena,  Ao luar margaridas e os olôres.</p>

<p>Ao concurso de meiga feiticeira  O tosão de oiro conquistado houvera,  O bello vencedor foi o vencido—  “ E elle aportara em praias tão distantes  Qual estas mesmas incantadas tuas;  Eram alli as rosas vicejantes,  Alli de prata as namoradas luas—  “ Lá era aqui. . . e es tu, es tu a maga...  Filhos do amor cresciam-lhes risonhos  Na alegria que os lares embriaga;  Quando um demonio os despertou dos  sonhos!  " Quebrados foram votos sacrosanctos ;  E os corações, os reinos dos incantos,  Murcharam, ou partiram do deserto,  Ou. . . ha no mundo tanto abysmo aberto! "</p> <p>E Coelus não comprehendera nada.  Cantavam sabiás nas grandes palmas  Doiradas pelo sol; profundas calmas;  Denso o tamarindeiro, denso o umbror;  Sonoros mares, a onda d'esmeralda  Pelo areial rolando luminosa;  A terra ardente, do heliantho a rosa  Pendia, lento tropical languor.  Lyra d'Orpheu resoava: s'elevavam  D'ella aos sons, ante os mares viridantes,  Alvas columnas; no ar se acastellavam  Tórres; e á roda, os muros de diamantes; (Pág.  152).</p>	<p>—Oh, doce clima da doirada tarde,  Quando Tahuantinsúyu dividido  Foi pela rosa, na senil idade,  Do coração de um pae! ou . . . destruido.  Não è no amor que está sabedoria—  Ahi lembra o occaso as ruinas d 'esse templo  Rotos umbraes, do Deus que se sentia  E è sò glória que vê-se e eu sò contemplo.</p> <p>Tinha o Inca em Ráymi com o arado de oiro  O anno rural, rasgando a terra, aberto:  Ceremonia que em si maior thesoiro  Continha, do que os montes e os desertos.  E das nuvens o Sol glorificava  Ao homem natural, a flor tão doce  Desabrochando, qual o Deus a amava,  Sem que mistèr nascer de novo fosse.  Da propria consciencia perseguido  Viu-se ahi, mudo divagando a praça,  Confessar-se o que havia delinquido,  Não viesse d'elle ao seu paiz desgraça.  Era a moral candura, o homem na crença  E sem saber mentir__Como as leis do Inca  Eram simples então, n'aurea innocencia  Do homem que já trabalha e que inda brinca!  Oh, se das sciencias a conquista fôra!  (Pág. 306).</p>
---	---

<p>Mesmo a esta hora! Fatal foi o decreto;  Do sangue, pelo sangue fôra a posse;  E esse marcial conquistador exército,  Conquistado. . . porém, perdido achou-se.  Crepusc'los de Junin, de Kaxamarca,  Quando è traido Atahualhpa e a liberdade  Vinga Bolívar,—dos mysterios, o arca  Aereal de saudosa claridade,—  Quadro de luz, que pinta em cada dia  Do Inca a desgraça, a anoitecer auroras,—  Sou tambem ao momento d'harmonia  Que volta, à natureza, dadas horas!  Magnetica frescura alvorecente,  Luz dos cêus de açafão d'homereo incanto,  Bella antenoite austral —tão docemente  Ser com tanta tristeza, causa espanto!  E eu a este clarão mystico e opalo  Amo escrever do Guesa a longa história,  Do Pacífico à voz, da terra ao abalo,  A aura dos Andes, dos volcões à glória.</p> <p>Dos Andes sobre o throno de oiro, calmas  Vejo as sombras do Incas, êneo o aspecto:  Manko-Kapak o genio-deus, co'as palmas  Bemfeitoras do Sol, que são-lhe o sceptro.</p>	<p>De Deus na azul soidão do céu profundo !  Eis o próspero throno e sempre eterno,  Que ha tributos do vento e do oceano,  Ao gêlo, além destruidor do inverno,  Formando solidões fôra do plaino.  Nuvens sobem os porphydos castellos  Com o andar vaporoso, dos nevoeiros  Na ascensão dos silencios e tão bellos  Que viventes dirieis verdadeiros.  E sobem, amontoando a andina vaga,  Dos nevados parando à primazia—  Muro ao assombro d'outra ignota plaga  D'onde são formosissimos os dias.</p> <p>Subamos mais—mais alto, se alevanta  O espirito immortal aos horizontes  Quando o occidente as rosas abrilhanta  Dos vastos gelos-infinitos montes!  E a procellosa encosta se reveste  Dos saudosos rosaes que à tarde incendem :  Cêus! os Andes qual nossa alma celeste,  Mais cáia o sol, mais erguem -se e  resplendem !  Solitaria è a gloria em fronte adusta,  Cans d'Humboldt; è bella a luz etherea,</p>
--	---

<p>Sinchi-Roka, depois, o que zeloso Firma as leis e em provincias esquartela Tahuantinsúyu. O canho glorioso Lhoke-Yupánki, è a terceira estrella. Depois, è Mayta-Kápak o benigno Vencedor, que perdoa, que soccorre, A Aparímak vence e è já divino Que, practicando a charidade, morre. O filho, honra do pae, o continúa Kapak-Yupánki. E Inca-Roka a este Honra e abrilhanta a longa vida sua Co'as reformas. Do reino tão celeste, Não digno è Yahuar-Huákak indolente. Porém, quão digno o filho, esse fragueiro Huirakocha, pastor, heroe, vidente, Que a conquista prediz pelo estrangeiro. Titu-Manko-Pachakutck a essa hora Ha a mais vasta coroa e è qual um deus (Pág. 303).</p>	<p>A alma brandida das soidões augustas, Qual retinnindo no crystal da esfera fientimentos. . E aquella neve existe Tanto nas solidões da altura andina Como da altura humana: tu subiste? Ou morres, ou respiras luz divina!</p> <p>Ao contacto, porém, fatal humano, Oh, até os Andes diminuem, Deus! Longe. . . assombram phantasmas de um arcano; Perto. . . d'aqui dominam-se outros cèus. Que o homem que subiu, comparticipa Da natureza calma das montanhas, Encorpora-se n'ellas, magnífica; Desapparecem do exterior extranhas Diferenças, dos que ora se confundem, N'um sò respiram; d'antes, se mediam. —Cèus dos Andes! que em nuvens não se mudem Tantas glorias de vòs, que me allumiam! (Pág. 320).</p>
--	--

<p>Quando ás estrellas, scintillada a, esfera, Da luz radial rabiscam todo o oceano, Que uma brisa gentil de primavera, Qual alva duna os alvejantes pannos, Candida assopra,—da hora adamantina Velando, nauta do convés, o Guesa Amava a solidão, doce bonina Que abre e às doiradas alvoradas reza. Ora, no mar Pacífico renascem Os sentimentos, qual depois de um sonho Os olhos de um menino se comprazem Grande-abertos aos céus de luz risonhos.</p> <p>Vasta amplidão—immensidade—illudem, Concavos cèus, profunda redondeza Do mar em luz—quão amplos se confundem. Na paz das aguas e da natureza! Nem uma vaga, nem florão d'espuma, Ou vela ou iris à grandiosa calma, Onde eu navego (reino-amor de Numa) Qual navegava dentro da minha alma! Eis-me nos horizontes luminosos! Eu vejo, qual eu vîa, os mundos Andes, Terríveis infinitos tempestuosos, Nuvens fluctuando—os espectaclos grandes— — Eia, imaginação divina! abraço Do pensamento eterno—eil-o magnífico Aos Andes, que ondam alto ao Chimborazo, Aos raios d'Inti, à voz do mar Pacífico!</p> <p>Ondam montanhas, rebentadas curvas Lançando umas sobre outras, éneas, turvas,</p>	<p>E roja-as naufragando —amplos fracassos A' praia—orchestra-horror, que exalta e aterra, Das sombras e das aguas! montes, mundos Undoso-ennovelados contra a serra, 'Scurecidos nevoeiros chaos e surdos Terreos ares—</p> <p style="text-align: center;">Ao lar, silenciosa Vê-se Cornelia d'entre os filhos loiros, Na doce gloria de sagrada esposa Na viuvez, educando seus thesoiros, Austera, celestial: alli, bemvindo Do velho pae que a ama, aprende o Guesa Tanto segredo limpido-luzindo Que em vivas rochas guarda a natureza. Vêm-se os dias serenos, crystallinos Que tão formosos d'amplidão s'exhalam; No firmamento os pincaros divinos; E aureas frotas no mar, que além resvalam; No horizonte o colosso do Aconcagua ; Nos andeos cumes o crystal dos gelos; E de Valparaiso em luz sobre a agua A qual miragem, cèus bonança e bellos.</p> <p>E amou o Guesa ao povo o mais ditoso Das leis republicanas. Ia ao templo Ouvir a voz de Salvador-Donoso, Gloria do pulpito: elle amava o exemplo Da religião catholica n'um justo, Estoico o amor, serena a divindade Do Homem-Christo; porque, ao d'elle agosto O peito dos mortaes s'enche, em verdade, De novo exfôrço—Deus ! e quem não ama Ao que dentro nos abre esta harmonia</p>
--	---



<p>Ante o manto extensissimo de prata De uma nuvem, quão limpida e quão grata! Ondam ermos, rochedo alto e selvagem; S'estende o cortinado, a aurea teiagem; Sempre vèu-luz à cada negra vaga. D'esses abysmos, onde até se apaga Do dia o resplendor mais fulguroso, De reverbero á ausencia; e mais rareia Ceruleo, tão sagrado, tão saudoso— Névoa, espiritual, etherea areia! Pureza creadora! ao pensamento (Pág. 278).</p>	<p>De tão divina e doce e eterna chamma, Que es tu ao coração? E elle dizia: Abençoados povos, que à sciencia A team sacra luz dos seus altares, Qual scintilha a se ver, da Intelligencia—  Eis de setembro as festas populares :  —Folgai! porque sois bons e heis liberdade; E porque venerais da patria aquellas Chagas nos muros, pela deslealdade (Pág. 316).</p>
--	---

<p>As nadegas lhes despem, lhes regaçam Os labios vendo os dentes, e se arrazam Olhos de pranto. O rei tem vasta escravidão. "Eu vi da primavera os trovadores Vendendo as aureas lyras aos <i>senhores</i> Por menos ou por mais, e o genio decair; Vulgares ambições, lettras descrentes, Artes famintas; e na luz somentes A <i>posição</i> reinar, o corteção sorrir; "Pelas fórmias a lingua abastardada, Palavrosa; a sciencia, entitulada; Artificial a igreja, o Christo era barão ; Via-se o baixo imperio, uma existencia Qual principiada pela decadencia, Qual de um povo o crescer pela dissolução. "E aquelles que o character não perdiam, Fugindo para o exílio, s'escondiam; Ou da pressão moral (digamos desmoral) Das trevas perseguidos. . . um gallante Dos <i>guardas nacionaes</i>, era bastante Para insultar a um homem. . . homem-criminal. "E ai d'este que exercesse de virtude O poder contra o esbirro ! a solitude Chegava, a hora da lei—e um sabio a legislou— De dia vosso lar desrespeitavam, De noite vossos muros incendiavam. Porém, bradando o mar, á sorte aventureou. " Tal do templo do Sol viram fugindo Medroso, do ritual, do apresto infindo De mascarada vã da grande procissão, E ledo o Suna triumphal, risonho, Flores, ramos, e só, tão só tristonho Vibrando no porvir, o eterno coração. " A' indicção dos Muyscas, n'esse dia D'equinoxio, de luz e de alegria; Pois o Sol não raiou, pois Inti-deus faltou: Estava alli a vítima esperando, O Inca em sua gloria; o mundo hymnos cantando; E occulto o Sol ! de Hanan a abobada enluctou ! " Era o último Guesa, incanto d'Inti, Que d'esse amor celeste no requinte Despreza-o; e através das terras o conduz ;</p>	<p>De todas toma os gestos__e alienada Perde o proprio equilíbrio das rasões. Oh, podeis, corteções, aperfeiçoando, O prémio ter das '<i>ilhas dos amores!</i>' E os lares de Penelope bordando, São só os que honram aos navegadores. — E onde existe Camões? e aonde Homero? Aquelle, em Portugal; e á humanidade Este eterno guiando, que primeiro As virtudes ensina da amizade, D'estados a união sincera e forte, Sábua equidade aos principes soberbos, E aquelles que a amor patrio afrontam morte, (Não nymphas) hão do lar os meigos verbos. — E' Camões o passado, que se preza Grandioso; a homereal grandiosidade E' presente, é porvir, é a belleza Da mulher-crença, do homem-divindade. O Luso ensina á gloria d'obediencia Do povo ao rei; nas frentes a seus rês Põe o Grego—é acção, é a consciencia, São as eternas, são as vivas leis. Venham dizer os nobres do destêrro E o José-Bonifacio, a dor ignota Do americano deploravel êrro : Do rei, antes viu-se elle o patriota, Que da patria o não foi. Ou foi—mas, lenta De transição, ahi degenera a idéa Que morre em paz, ou surge por violenta Crise e parece a emancipar-se estrea. E da 'carta' outorgada a fórmula existe: Curvam-se ao throno todos com a esp'rança E s'erguem co'a descrença — triste ! tristes Instituições, que educam-nos crianças, Nos id'los crendo, em vez de crer em nós! Ouve-se então a escala dos gemidos; E um orpham, que no amor é conduzido, Homem treme e alevanta-se feroz! — E os assobios dos bastardos soam Contra o <i>mal succedido</i> sentimento, Sem verem que só quando se descroam As noites, apparece o dia e lento. Porém, amam-se as terras da derrota,</p>
---	--

<p>Que as virgens o suspirem, que elle tenha Saudade perennal, e que então venha (Pág. 140).</p>	<p>Quando lá corre da alta penedia (Pág. 137).</p>
<p>Dos golfos, das planicies; rebramando Tremem a ambas os céus, ruem muralhas, A espuma aqui, lá o sangue fumegando; Ambas se despriguçam na bonança E á luz despertam da alva madrugada; Palpitam ambas, que jamais descansa Da vida a onda ao coração vibrada; Renovam-se ambas da corrente interna N'esse das ondas íntimo furor— E viva e activa a natureza eterna Dos céus, no mar e a humanidade-amor. Região da luz! reverberadas plagas Do esplendor, onde crea a phantasia Do oiro as cidades, da belleza as magas, Qual por sonho o prodigio se annuncia! Patria das calmas do equador, dos grandes Rubis dos astros, das ardentes zonas Do maremoto, dos volcões dos Andes Thronos do sol e os raios — Amazonas! Amazonas! ó mar mediterraneo, Presentido El-Dorado de thesoiros, Hóspede mysterioso do oceano, Patria do mundo em seculos vindoiros, O último adeus a ti!</p> <p style="text-align: center;">Nos altos mares, Da aurea vaga á onda azul, o pensamento Voo eleva diverso, qual nos ares Outro ao sol se desdobra o firmamento.</p> <p>Em novos céus, em novos horizontes Leve embalam-se os mares das Antilhas— Quantas coroas! que d'esparsos montes No mappa ondeante das formosa ilhas! Quão bella á barlavento a Martinica! — Doiradas veigas, longas arenosas Sendas brancas, por onde a alma nos fica Errando em dias de innocencia e rosas! Talvez do amor a gloria já passada Reflorescesse... os cantos s' escutaram Ainda, na fertil ilha afortunada, Onde viver quizera ... Oh! Esojairam! Tu ainda á luz dos trópicos saudosa Leras ' Paulo-e-Virginia,' o amor e o riso De doce criação, sempre mimosa (Pág. 170).</p>	<p>Porém, vêde o Marquez; medi-o a palmo: Alto contempla e austero ao justicado Por vicios e por crimes; . . alto e calmo, Dos processos e as leis que hão condemnado . . . Mercê dos céus, no throno de oiro os Andes Jamais viram seus Incas lavradores Voltados para o Sol, qual estes grandes Para a civ'lisação! Pios actores, A mentira, o adulterio, o latrocínio Eram desconhecidos n'este povo; E o Testamento do Ideal-Divino, Não d'outro, è que esperava o mundo novo. Mais um Eden, porém, viu-se perdido, E este já tendo educação política E pública opinião e um throno erguido; Mas, era ainda Eden, e a legenda è biblica, E vê-se a história à incarnação da tincta Bramindo ao reviver de taes semblantes, Não já da morte, mas, que os céus ahi pinta Destribuindo e justiça . . . os tractantes ! Quanto allívio n'aquellas consciencias, Que premiam, castigam, que, mau grado, Cumprem o seu dever !. . duras sentenças . . . Mas, quem reina. . . à justiça tem-se atado. . . Ai, então, juizes bons, agora aos vossos? Delirou Felippilho. 'Ao claro os vemos, Andam recto caminho os sendo nossos!; Responsaram dogmaticos. <i>Oremus</i>— Piedosamente os olhos requebrando, Tal Pilatus as mãos lavava: o oiro Dos Andes a amontoar estes estando, E o outro a zelar de Caesar o thesoiro. —E odeia-se e admira ao mesmo tempo; E em presença de tanta magnitude E soffrida Miseria, o pensamento Indaga: era loucura? era virtude ?</p> <p>E eu á luz dos crepusculos de Lima Vim meditar, a quèda dos imperios A este incanto dulcissimo do clima Que abre em albôres limpidos, fagueiros, Não antes, mas depois do sol, qual dia (Pág. 298).</p>
<p>O sol septentrião, cujas auroras, Cujos occasos, d'estações ludibrios, Não indicam dos dias pelas horas " Príncipe ou fim, sería a causa toda; Mas, do equador o que meio dia mede Pela sombra e na planetaria roda,</p>	<p>Sobre-num-nadam <i>fiends, rascáls;</i> <i>Post war Jews</i>, Jesuitas, Bouffes Que decidem de uma nação A cancan ! . . e os ηρωες Homeros De rir servem, não de licção !</p>

<p>Exacto se aparece ou se despede,  "Aos Selvagens ensina da palavra  A religião. . . não poude e talvez possa  Mais nada. Eia! da morte que deprava,  Resurja a vida que arde luminosa!  " Esta é a Harpa, que estes sons resoa  Da formosura d' erma eternidade !  Esta é a Harpa natural—a coroa  Cinge de soberana a Divindade!  "Chammejadas idéas—mal luzentes  Lavor, perolas, gottas amorosas—  Mas do corinthio bronze igno-candentes  Ardam seus versos—astro, ou chaga, ou  rosas.  " Oh, quão vastas pocemas de alegrias  Veem de longe turbar minha tristeza!  —Até aqui, Dom Pedro, chega aos dias  Meus a poeira tua! —és rei, sou <i>guesa</i>.  " <i>Não façças sombra!</i>—adeante! tens deveres  A cumprir, qual os tenho, 'vagabundo!  Tu, annuncia (eu louve-o, se o fizeres)  Que terra existe, a mais feliz do mundo,  " Onde são d'esmeralda os bosques, de oiro  Vivo as fontes e os rios; onde puros  Os céus e os corações todo um thesoiro  Ao Extrangeiro off'recem, nos seguros  " Dons sacrosanctos d' esta liberdade  Civil e da consciencia—eia! atenção!  Nem s'illudam por vício de vaidade  A face livre e o peito escravidão.  "Mas. . . vê fortuna que ha nos nascimentos:  A mim, feriram o craneo, derramaram  Meu innocente sangue; a ti, coroaram—  E ambos vindos dos mesmos elementos.  " E ambos á sagração de um berço exergo,  D' onde a lenda da vida se nos traça,  Differente missão nos coube: exalça  Tua; á minha eu me sacrificio e entrego. (Pág.  206).</p>	<p>(DISRAELI 'ordenando a TENNYSON a ode da  volta do PRÍNCIPE de GALES, das INDIAS, e  fazendo fogos de Vista,' que a RAINHA não  queira vir vel-os ao CENTENNIO :)  (' <i>Honi Soit qui mal y pense'</i>)  —' <i>To his return our bosom burn !</i>  Cada Inglez é dois, mais feliz!  Vezeas duas subdito,  Subdito  D'angla Rainha e india Imperatriz!</p> <p>(DOM PEDRO rindo-se e o GENERAL GRANT  sorrindo:)  —Desde Christie, a Grande Bretanha  Se mede co'o Imperio que herdei. . .  Rainha-Imperatriz. . . !  =Os Brazis  Vos farão Imperador-Rei. . .</p> <p>(Côro dos contentes, TIMBIRAS,  TAMOYOS, COLOMBOS, etc., et  música de C. GOMES a compasso da sandália  d'EMMPEDOCLES:)  —' A mui poderosa e mui alta  Magestad do Grande Senhor'  Real ! = ' Semideus ' !  —São Matheus !  =Prostrou-se o Himavata, o Thabor !</p> <p>(DOM PEDRO substituindo o beijamão e  nauseando d'incensos; GENERAL GRANT  aspirando-os :)  —Me desenthrono . . . por MacMáhon !  D'Estado, envie, golpe vou dar!  =O termo terceiro  Ao poncteiro. . .  Directo golpe, vou m' coroar!  Mas. . . pondo por <i>bars</i> e cocheiras,  A urna, a sacra! a eleitoral!  Muito esterco, o fructo  Vem bruto. . . (Pág. 241).</p>
<p>De toda a solidão, e defendido  Por toda a natureza e d'ella honrado,  Unica sociedade em que ha vivido.  Perdeu elle os seus jovens companheiros:  "Um, que mais as licções não lh' escutara;  Um outro, que morreu. E aos extrangeiros  Elle, bem qual a seus irmãos, amara.  Sobre o Hárlem vogava então com este  Ás brisas alvoraes d'esta mesma hora:  E o moço Frank o voo ergueu celeste,  Qual a pouco as estrellas vi da aurora.  E elle o viu em seu feretro inactivo !  Chorou: disse-lhe adeus. Adeus mais triste  É porém, do que ao morto, o adeus ao vivo</p>	<p>" Sublimes' rotos,' meu olhar se fixa  N'aquelles cumes—bebo à Natureza !"</p> <p>Ditasas terras, campos cultivados,  Cobertos de rebanho e loiro trigo;  E do vinhedo os odorantes quadros  Dos álamos flexiveis ao abrigo;  A chilena georgica; o incanto  Da gradação dos climas—da verdura  Dos valles, d'onde o chôro ouve-se e o canto,  Atè os cumes de aridez e agrura;  Accesos rubro-ardendo nas encostas  Ou carvão negro, ou alva cinza os cardos,  Aridos ventos—lembram as remotas,</p>

<p>Que em nosso peito, qual finado, existe.</p> <p>E os céus abrem o dia, n'alta noite Em que a terra ainda está. Do somno vê-se A lethargia; e sem da vida o açoite, Visões do sonho cada sêr parece Surpreendido do sol. Alvas abertas, Novas, límpidas, candidas, sedosas, Ledas, aladas nas manhans desertas, Reflexas nas correntes espelhosas, Em lucidos triangulos as velas Ínvio-errantes s'estendem pelo rio : Dorme a cidade á luz das manhans bellas Dos dias longos do abrazado estio. — Lá, de Anti-O-ra os cumes gloriosos Nos véus de azul vapor do firmamento S'involve! Lá nos leitos silenciosos, Reboando ao em tórno a voz do vento, Ainda Rip-Van-Winkle adormecido 'Stá ao incanto dos genios dos rochedos Nas transparentes serras; e onde ouvido As lendas tenho dos meus tempos ledos. Storm-Ship a grande ave ainda aos luares Desdobra as largas azas; ainda á louca Tormenta, a voz do capitão dos mares Se ouve á noite mandar, soturna e rouca. Ainda os montes escutam sempre-mudos A musica das aguas que nasceram De 'Fire- Water' ao norte; além profundos Pois os do 'Grande-Esp'rito.' Entristeceram (Pág. 209).</p>	<p>As existencias mysticas dos bardos; Puras regiões das meigas sensitivas Languidas-peregrinas florejantes ; E as torrentes de sôltas pedras vivas Nos fundos precipicios delirantes; Nos valles a colheita, o estio, as flôres, As lindas ondas, que fugindo saltam, Tendo dos gelos, d' onde veem, as côres ; E nos distantes montes, que s' exaltam, As nuvens, a estação do hinverno; um mundo De abysmos em que vagam pensamentos Que no horizonte ondulam vagabundos Qual nos desertos de Atakama os ventos!</p> <p>Oh, a aridez terrível dos rochedos Elevados dos ares à pureza E à transparencia ideal dos climas ledos Alma d'Hercules ! A esta natureza Abrem-se tempestuosas penedias, Vanzeiam, magem, qual revoltos mares, Onde escutam-se grandes agonias E d'onde azas desdobram-se estellares. Kúntur, emquanto eu vou subindo a serra, A's nuvens sobe; subirei com elle A' s regiões de gloria: a mim desterra Mesma causa, talvez, que a elle propelle. Subamos mais—oh, que tranquillidade Na Cordilheira! habito aquelle mundo, Lá ando, sinto-me à proximidade (Pág. 319).</p>
---	--

<p>Ora, de tanto amar e adeus saudoso Achou-se inferno o coração do Guesa: Então, que não morresse, Inti, que o preza, Lhe envia Chaska-albor. Do cèu formoso Já descendo a scentelha genio d' Hahnemann, Olhos vibrados de Minerva-Athenas Fixa sobre o orgam das doridas penas E sara-o__mysterioso talisman ! Põe esp'rança onde viu estar vertigem; Que o olhar d' esmeraldas e serpentes A' menina-doctor, siderea e virgem, Fôrças à sciencia augmenta surprehendentes. E sorrindo Inti . . . oh, Inti amava ao Guesa ! Além do anjo da guarda seu, que vela Sempre co' a luz ao lado d' elle accesa, Mandou mais, enfermeira, quanto bella Filha das regiões do oiro e mesmos aureos Negros fulgores que eram de olhos taureos D' homerea deusa! Evita elle a divina, Pela causa da acção da medecina.</p> <p>“Nas solidões do Caucaso os de Theos Ministros as cadeias repregando A humano deus, os despertados genios</p>	<p>Missionarios de luz e de belleza Ao 'orelhão' precioso! A humana aurora Não volta qual os céus da natureza. Portanto, a alma deixai, que ha do alimento D'aquella Solidão do azul fecundo, Tirar vida d'alli do firmamento, N'estes seios viver do cèu profundo! Porque dos Incas se termina a história Co' o sentimento d'odio à humanidade: Judas representou a christandade, E Sátan contra Deus cantou Victória. Faltava a Bíblia; veiu o 'breviario'; Choravam por Lascasas e não Valverde Coramandando a ladrões—E já se perde A tremenda lição d' este Calvario! O oiro nativo, o homem probo e nobre, Logrado por expertos e bandidos; Destruindo America, e europèa e pobre Reprovando-a, e os Naturaes...perdidos. A patria quer em direcções mais nortes As fôrças de seus filhos. Ver na America 'Fôrmas, não vida'; não acção, mas côrtes? —Ha na incasia esculptura a linha homerica De oiro encravado em folhas de granito!</p>
--	---

Dos rochedos profundos, no ar voando,  
 " Peregrinos vieram ver o triste  
 Abandonado à dor. Assim vieste  
 Ao meu appêlo, que de longe ouviste,  
 Doce crença ideal, genio celeste !  
 " Adorou-te minha alma agradecida  
 Presentindo\_\_qual juncta aqui te vejo  
 Agora a mim, tão candida e querida  
 Em longo, eterno, longo-eterno beijo —  
 "Oh, eu recolho as lagrymas candentes  
 A que interrompes, divinal, a história  
 Tua, de todos orphams innocentes,  
 Tua e minha, de tanta dor e glória! '  
 (Pág. 332).

E erem nos 'morimientos=ventarronas'  
 Pugnas d irmãos—do Inca bastardo o  
 espirito:  
 E è vez que o explorador deslumbra as  
 zonas.  
 Felizes ainda se Pizarro ou Meiggs  
 Na gratidão à terra generosa,  
 A adoptam, antes tendo-a à ruína entregue:  
 Do amante o amor suavisa a dor à esposa.  
 Embora; è o progresso das alturas,  
 Sem a moral da base: há qual desánimo,  
 Do desequilibrar das fôrças puras  
 E quando urge à nação crescer magnanimo.  
 Porém, morre quem perde a liberdade:  
 E não n'á perdereis vòs, que heis a sciencia  
 Da educação da Mãe, da luz-verdade  
 Do eterno altar da patria, a consciencia.  
 Com oiro tal, que abunda em novas terras,  
 Erguem-se os sempre-vivos monumentos  
 A' imagem d'este Sol e d'estas serras,  
 Resistindo à traição.... dos elementos.  
 (Pág. 307).

Tumulo—tumulo—o pallor sagrado  
 Dos ermos—succedendo e transformando  
 Co'a mutação phantastica dos quadros  
 Nocturnos—e a nau, lenta, atravessando;  
 Tumulos —  
 Ora, em luz se transfigura.  
 Branco horizonte à um sol nascente-poente,  
 D' occasos e rnanhans tendo a candura,  
 Em cèus de lindo verde transparente;  
 Alvo mundo, transluz, em fulgorosas  
 Nuvens, pura esmeralda. E o breve passo  
 Faz o sol rente aos gelos, que alvas lousas  
 Acastellam à vastidão do espaço.  
 Vê-se a Terra-do-Fogo, reluzente  
 Qual outro opposto incendio, branca  
 chamma,  
 Fumegando e movendo-se apparente,  
 D'onde, talvez, lhe o nome se proclama.  
 E eis o aborigene, eis o sempre caro  
 Da natureza, o oriundo Americano:  
 Sadio, altivo o Patagão bizarro,  
 D'este lado; d'este outro o Foguiano,  
 E qual mesmo do fogo surto e terreo,  
 Que gesticula e grita e s'está rindo:  
 Darwin! no seio-omnipotente ethereo  
 O ser vivo animando-se, existindo!  
 Oh, dos gelos eternos a brancura!  
 Quão divino o sentir-se a eternidade  
 N'aquillo que morrer pode e mas dura  
 Reflectindo luz, dando claridade!  
 São os suspensos areiaes dulcissimos,  
 Os aterros-alvôres à luz branca,

Do relampago. Eterno de grandeza  
 Foi o quadro hibernal do dia de horas:  
 E ao crepusc'lo, à cinerea natureza,  
 Turbado ainda da visão d'auroras,  
 O homem desperta: e sempre caminhando  
 Qual pelo umbror de uma alma condemnada  
 Dos cèus, do mundo.  
 Claro reflexando  
 O gêlo d' alvas-trémulas cumiadas,  
 Austraes estrellas teem do taciturno  
 D'estas polares noites, obscurantes  
 Telluricas, pallor nocturno-diurno  
 Que vão atravessando os navegantes  
 De vigília à vigília\_\_e qual aportam  
 (Tanta è a illusão) ora a estaleiros,  
 Hartos fjords, ora às rochas rodeiando,  
 Ou fugindo de baixo dos geleiros —  
 N'este silencio, nas soidões remotas  
 Das quasi-eternas noites dos Estreitos,  
 As vibrações s'escutam quasi-ignotas  
 De um piano incantado em mil affectos  
 Da patria melodia: a este ar calado  
 Das regiões magalhanicas umbrosas,  
 O' Carlos-Gomes, como interpretado  
 Es tu da esposa-noiva, a tão ditosa!  
 E aos sons de amor, e aos sons de sentimentos  
 Jardins s'infloram, abren firmamentos  
 De mais benignos cèus e à profundeza  
 D' estes, que estão echoando ao coração :  
 E os affectos, que estão na natureza,  
 Sentem-se ahi—dos lacios doces numes ;  
 Dos sentidos, violetas e ciumes;  
 Da hyacinthina luz e da Paixão.

<p>Brancura feita montes candidissimos, E o sentimento e as gelidas barrancas ! São as violaceas nuvens; são a prata Rutilante, os d'esta onda longos cintos E cujo espelho líquido retracta Dos rochedos os angulos, distinctos, Negros, velludos.</p> <p style="text-align: center;">E a magnificencia</p> <p>Do sol, n'um tempo oriente e sol se pondo, Finda, co'o traço de resplendecencia Do alvo globo de luz e sem o estrondo (Pág. 329).</p>	<p>E qual parece ao norte, os cèus amando Aos reflexos das neves luminosas Nas profundas soidões, tal tão saudosas As notas na alma ficam resoando.</p> <p>Tudo que vive, repoisando, sonha— Está sonhando a natureza! a imagem Dos montes no ar balança-se risonha, Ideal da platonica miragem D'Atlantis! (Pág. 330).</p>
---	---

<p>Partida no areial; nem d' al varada Estrella que irradia na existencia, Apagada ao surgir na nuvem-norte, Foi jamais tão divina de belleza Qual a filha que alli pendeu na morte Do morto peito que lhe foi defesa! Oh! n'um céu edenal errando eterna, Vejam a nuvem branca pejos ares! __São as Antilhas os jardins dos mares, Onde houve berço a geração moderna!</p> <p>Gostava de s' estar sozinho o Guesa Nos rochedos do mar á luz da tarde, Azul o céu, brilhante a natureza, A onda elevada__íntima a saudade.</p> <p>Velava, o que não vive do presente, Pelos tempos longinquos, do futuro; Pelos mais longes, do passado; e a mente A embalar-se-lhe ao mar triste e murmúro — Elevado da terra elle sentia O qual horror, dos seios que o esperam; A sombra dos maiores elle vîa Passar. . . e as dos que o peito lhe romperam.</p> <p>Sentia essa dor funda e silenciosa Dos amigos que não s'encontram mais; Mais profunda, talvez, mais dolorosa, Dos inimigos que, ah! d'entre os mortaes Deixaram de existir, antes de terem Em afeições o odio seu tornado, E por virtude, ou por justiça, verem Seu malevolo espirito humilhado.</p> <p>Doce é dos vivos triumphar-se em vida! E ao que horror ha da terra, longe d' ella, Ouvia-se-lhe a voz plangente e bella D'harpa vibrada, sobre o mar erguida:</p> <p>" Sei, que elles hão de me negar da terra Ainda mesmo o repouso a que direito Tenho como mortal. De além da Serra Eu vejo, ao longe, a nuvem do meu leito! "Longe vivi, porque elles me negaram O logar, que era meu e que eu não tive;</p>	<p>'Promptos a combaterem, sempre anmados !</p> <p>"Que do Inca a estrada clara e redolente, 'Pela presença vossa, onde poisardes, 'Sagrada fique, e as tradições candentes, 'Dos bardos ao cantar movam saudades!</p> <p>"Que d'Yucáy nos placidos retiros 'A' sombra incantadora, aos céus serenos 'Os thesoiros vos dêem dos seus suspiros 'As amantes de meigo olhar-morenos</p> <p>"Genios bons dos jardins deliciosos, 'Onde oiro e argento luzem flôres, plantas 'Talhadas com primor, e os gloriosos 'Aureos banhos que, o 'tu Mama, abrilhantas!</p> <p>"Dai rancho e terra a cada desposado, 'E a cada fructo d'esse amor querido 'Mais a legal porção; que premiado 'Seja o laborioso; o ocio, punido!</p> <p>'Voltando ao lar paterno, ao Sol, honrados 'Entre bençams, fechando-vos, sacrarios 'Em Kosko sancta, em dias mortuarios 'Por 'prantos' andareis do Astro chorados !'</p> <p>D'entre os dois filhos, em seu throno erguido, Mais ainda enternecendo o Inca dizia: '(Que não sejais um do outro submettidos) 'A ti, nato de Kóya, pertencia</p> <p>"Por leis de Manko, o imperio uno, indiviso; 'Mas, sendo irmãos (escuto o Deus vindouro . . . .)</p> <p>'E eu pae, vol-o reparto. Emtanto, aviso, 'Que morrereis, se lhe sois morto e . . . morro—</p> <p>"Na aurea Quito, Atahualhpa que floresça; 'Que em Kosko sancta, ao centro, Huáskar impere, 'D 'Inti o govêrno. . . . O hóspede s'espere, 'Que os cèus hão de enviar, e se obedeça. '— Um o Sol; uma a terra; uma a animada 'Natura, universal vida-existencia, 'Sem antes nem depois__o eterno, a increada 'Creadora Fôrça-omnipotencia,</p>
---	--

<p>Solitario vivi, porque arruinaram Meu lar, meu Deus, e o amor que n'elles vive. (Pág. 173).</p>	<p>'Desconhecido-Deus, que é Pachakámak, 'Onde o legítimo e o bastardo estando. . .' Huáskar e Atahualhpa abençoando, Assim partiu-se d'elles Huayna-Kápak. E o côro dos espiritos amantes, Das que chegam co'o esposo seu ao termo (Pág. 290).</p>
--	---

<p>D'aquelles que os destinos teem dos céus : Qual ao estrondar das fozes nas auroras, Erguem-se e vão—para onde ?—será Deus ? De viçosos, ficaram reluzentes Os seios estelliferos e brancos— Ha no primeiro beijo, ó delinquentes, A virtude da marca do punhal ! Sempre ha n'um Eden aureos, roseos bancos Ao, dos que amam, descanso harmonioso; E ha no mar sempre um comoro glorioso, Que as solidões alembra do casal. Coelus! ó Coelus! das grandiosas calmas O genio és tu ao imaginar tão puro ! Nas esferas da luz ondeiam palmas ; S'eleva o oceano ao de redór murmúro. —A hora da Creação, que se apresenta— A calma do equador solemne impera; O humano braço do labor se ausenta E a repouso convida a madre terra; E o valle escuta que os ribeiros falam; E as montanhas esperam silienciosas Ao horizonte longes; e se calam Os que hão ninhos nas arvores frondosas; E a viração co'a tarde se alevanta, Quando o Senhor pelo Eden passeiava, Que o homem na quêda já de si s'espanta E a mulher da nudez s'envergonhava— Era divino ! o collo branco, hardido, Terso, virgem, crystal; e toda attenta, Toda ouvia-se, toda aberto ouvido Psyche na gloria e á liberdade e lenta : Tão lentos ambos! nunca tanto o fôram Nas lagoas os cysnes mantuanos Quanto os genios da calma e que se adoram Nas sombras, puros, sós, americanos ! Não eram tempestades dos olhares, Mas a só fixidez radiosa e calma; Oh, mais que os que sublevam terra e mares É tremendo o poder de uns olhos-alma! Nem pode se affirmar d' onde tão pura Tanta sombra magnetica emanava, Do cilio velludoso que na alvura De uma face de luz a projectava, Ou das escuro-limpidas scentelhas (Pág. 155).</p>	<p>Favorito das róseas alegrias Em que o terreo s'esquece na fragancia, Elle perseverava: "Ha paraíso, Pode-o crear cada homem sem que mude, Se ao coração resoa-lhe o alaude Do lar, a harpa odysseà; ora, o diviso . . . "Trevas rescintillando . . . Surgem feras Do passo da existencia, errado o Dante Na tremenda floresta —  Aura brilhante Transviada d'Arcturus, tu quem eras? . . " Beijo tua alva mão, p'ra que se atenha E para abençoar-me, sempre pura: Mas, do Unitario o amor não te despenha, Sò te quer Nellia a irmã, nunca a loucura. " Oh, quanto o mundo então formoso fôra Com a mulher feliz, criança e amada, A um lado o esposo, ao outro a incantadora Voz de amigo leal, de ambos sagrada ! " __Não honras Potiphar? . . de Josezito Lacerarás a capa; e se as 'abelhas Trabalham em commum.' nem mais evito Mellifluos raios-dardos, das estrelas. . . "Maldicto quem não honra aos que ama! Eleva Teu coração a amor — oh, eu ensino O que ninguem comprehende e aos cèus o devo, Da canção bacchanal faço-te um hymno " Beijando esta alva mão; eu vibro o incanto; Amo as negras pestanas, mais formosas Que os de sensualidade olhos-quebranto; Puro è do Guesa o amor, honesta o gozas. " Esta è a chamma eternamente joven, Pela vestal do lar sempre nutrida, Que a vergonha e que os tedios não demovem, E ao peito, qual o tens, è permitida, "Sublime apaixonada ! "  E quão sensível O moral corado ! Existe, a flor Na doce terra e o Sol, meigo e terrível De luz, do firmamento o vibrador. (Pág. 340).</p>
--	--

<p>Aos mais remotos circ'los do horizonte</p>	<p>Fumegando a onda nevoeiros,</p>
---	------------------------------------

<p>Atè deixou de illuminar a fronte;  Só, ao meio do oceano e à liberdade—  Contam dos ermos gloria e divindade.  Luminoso negrume, eram degredos  Na alma, onde as trevas a erosão das ondas  Tinham; tinham os cèus vivos rochedos;  E tu, o' tempestade, que ora estrondas,  Nem tinhas mais escurecer essa ilha —  Quem sabe. . . do descanso.</p> <p style="text-align: center;">" Tal jogados  A' noite dos Estreitos vamos, filha;  Amo o socêgo teu, dos destinados  " Que crem, que hão de chegar, e que em  presença  D'espectac'lo que pinta o fim do mundo,  Da natureza ao horror fôrmas tua crença,  Que eleva aos cèus um coração jocundo.  " Ahi, conchega-te ahi, filha sagrada,  Calor já sò no peito meu existe:  Sê corajosa, embora descorada  Pela tormenta__o mundo as ha mais tristes! "</p> <p>Em grandioso trovoar desmaia a treva.  Eis os vastos penhascos levantados  Qual à loucura que um delirio eleva,  Sentimentos oppostos-magoados:  E o coração que viu-se endurecendo  Ante o horror da tormenta, agora estaca  Ante o da calma__ ante ambos quasi tendo  O mesmo abalo, ao que conturba, ou aplaca.  Vêde-o parado, mudo, indiferente,  Emquanto novo curso as fôrças tomam  A's idèas eternas preexistentes,  Que à vibração dos cerebros assomam:  São as viventes, são a propria essencia.  Da Divindade; vida animadora,  Reflectem-se através da intelligencia  Negras, se trevas o homem; luz, se aurora.</p> <p>Aqui finda o planeta; o eixo da terra.  Ringir s'escuta no gelado pôlo —  Deus! que pavor que a fria zona encerra  E o podre gêlo ao macerado solo!  (Pág. 327).</p>	<p>Que são do oceano os vivos gloriosos,  Pavilhões auriverdes brasileiros,  Entre um cerrado d'iris luminosos  Rompe o <i>steamer</i> gentil. As nuvens alvas  Perdem as leves fôrmas transparentes,  Tendo as do arboreo gêlo das escalvas,  Na patagonea costa e estão pendentas  Sobre as vagas que elevam-se do Atlantico.  — Porém, as aves que seguindo  vieram,  N'esse acompanhamento aereo-  romantico  Do esteiro undoso, desapareceram.  Assim desaparecem da existencia  Os sonhos, que conduzem ao futuro:  Desperta-se; e ante esta arida  apparencia  Nossa alma ... — foi-lhe a vida, ao  grande obscuro  Dos agitados ares sem socêgo:  Oh, são a esp'rança os dias turbulentos  Do desespero, o homem bravo e cego,  Não a posse d'egyptios monumentos!</p> <p>E' das marès no berço' austral arfando  Em tangagem cadente a nau tão bella  Nas argentinas águas, navegando  A' luz da oriente-sul melhor estrella,  A ' tarde no convès os passageiros  Formam parelhas (pela gloria morrem!)  Zunindo os ventos frigididos poncteiros,  Jogando a nau, s'equilibrando correm!</p> <p>N'este vasto e magnífico estuario  As sul e norte vagas oceanicas  Mareiras brisas e o tufão pampario  Harmonias do mar guardam mechanicas (Pág.  331).</p>
<p>Em tudo e ainda querendo a bôa conta.  Manko era d'Inti o filho; e o povo, do Inca:  E qual em Titikaka a onda resplende  A' presença de Manko e ri-se e brinca,  Vê-se—do amor filial tudo depende,  Qual nas leis do Sinai, se practicadas.  Ao modo d'Inti o Inca se portava;  Mas, diz: 'do vasto craneo as incantadas  Virtudes d' outro amor, quem lh'inspirava ? '  Vem, o' Platão, fundar tua República,  Eis a patria edenal, nativo o crente,</p>	<p>As queridas esferas reflectiram  Dos céus, que em nós trouxeram á infinda  Doce existencia, que outras ilhas viram!  E assim qual môças brancas, brancos membros  E cabellos azues, se vão rolando  Ao longe as ondas sobre os mares tremulos,  Os luminosos mares! os coroando  Instantaneas espumas — quaes cingiram  A frente que os heroes curvaram bella  Vencidos ... não dos raios que os feriram;  Mas, vencidos ... — Quem pois venceu? __ a</p>



<p>Do socialista a lei, tua e tão pudica      Às de Jesus guiando, ao Deus vivente!      Jesus na Patria-Deus, que d'elle essa era,      A eterna patria que nos guarda ao seio—      Paulo! Paulo! o mysterio se descerra,      Que em seculos de horror pesar-nos veiu !      E qual os fabulosos deuses írritos      Deram logar a Deus, que è Unidade,      Tal as almas de luz, pantins-espíritos,      Darão logar a essa Alma-Divindade      Do Unitario Jesus. E responsavel      Ser do genero humano . . . aterra o homem,      O educado sensual, louco e vendavel,      A quem os cèus, que a vida dão,      consomem !</p> <p>Da crença dos assombros (adiantavam)      Passaram a do amor; à eterna vida      Era um deus-coração o Sol, que amava-os      Là da cerulea Hanan. Dizem: perdida      Tel-a, ou tel-a (depois da morte) salva,      Esquece ou não a uma alma peregrina;      E existir n'Alma-Deus, . . quem, aos cèus      d'alva,      Deixou d'estar sentindo a luz divina? . .      E d'ahi virtude resultou ao imperio      Sem vir das lettras, mas, da, humana      sciencia,      Qual os Andes por cèus de um clima ethereo      E contendo o oiro puro da innocencia.      Portanto, a meditar s'inclina a frente:      Ordem dos cèus ou causa d'impiedade      Porque desaparece o aureo horizonte      Qual miragem solar? (Pág. 305).</p>	<p>estrella!      Da tarde á luz suavizam-se em tristeza      Plumbeo-luzidos páramos sagrados:      Oestes Indias! frescos, enlevados      Céus da Creação — gloriosa natureza!</p> <p>Quando mais doce e mais feliz e edenea      Brisa crepuscular corre fagueira,      Que na azul solidão ri-se Neomenia.      Do reino celestial unica herdeira,      Então, tomando aos hombros minha filha,      Sobre a caixa das rodas vou com ella      A tarde me assentar. Da proa estilha      Dos peixes voadores nuvem bella,      A criança alegria. Então lhe noto      Do occaso em chamma os grandes      resplendores.      As columnatas do solar ignoto      De topasio e rubis; noto-lhe as côres      Do coral e da purpura, que tingem      Do oceano inteiro a tella reluzente,      E os circ'los de oiro que o horizonte cingem.      E a 'strellinha nos céus que a faz contente      Falo-lhe de sua mãe, das floreas veigas      Dos seus patrios jardins á beija-mar.      Digo-lhe que estas mesmas brisas meigas      Hão de a saudade d'ella a elles levar. —      O passageiro, ao pôr do sol, o horario      Consulta e os olhos prende no horizonte,      Vagueia um a outro bordo solitário      Mudo, ao crepusc'lo merencoria frente.      E entre a luz da manhan e luz da tarde,      Vou eu qual noite taciturna e triste;      Em mim se acolhe vespéral saudade,      De mim aurora s'ergue, esplende, existe.      (Pág. 176).</p>
<p>Nos portos do oceano, setinosas      Luzente-azues velinhas se ferrando,      Os salvados das costas procellosas      Desembarcavam. No ar circumvoando,      Vivo-escarlatas indolentemente      Os guarazes á luz dos céus traçavam      Coroas de sangue. Á praia transparente      Viridantes os mares se quebravam.      Qual as cem mamas naturaes de vida      As arenosas dunas, alvejantes,      Selvagens, virgens, poncteagudo-erguidas,      Altos riçavam muros de diamantes:      Era a ilha sempre-Eden, sempre-verde,      Onde abria o rosal á natureza,      Crescia a palma que nos céus se perde—      Ao Sol dos Incas s'incantava o Guesa!</p> <p>Elle saltou em terra; foi seguindo      N'um caminho d'estrellas; sons ouvia,</p>	<p>E o deserto ideal dos gózos bellos      Do mais intenso amor, que é o amor puro      N'essas fórmias dos lirios indianos,      Do nunca incendio e o sempre astros arcanos      Illuminado, o angelico, o futuro !      Eram-lhe os hombros candida alva plaga      Silenciosa. Sêres dos destinos,      Andavam incantados, peregrinos,      O moço deus e a toda graças maga.      Embalava-se a ilha dos verdores      E os edeneos rosaes, no firmamento,      Na grande luz da calma e os resplendores,      Nos seios d'alma-Deus o pensamento :      E sobre a onda de anil transluzidora,      Na doirada falua coruscante,      Horizontes de púrpura e de auroras      D'elles os dias grandeabriam deante.      Alviçareiro vulgar diz, que os via      Das nuvens sobre a chamma, lirio e rosa,</p>

<p>           Vozes n'alma cantando; e lento e ouvindo,            Elle parou á doce melodia.            Veiu o genio insular ás horas magas;            Disse: 'da calma as sombras s'estenderam,            Perfumes dos cajuas se desprenderam—            Vem para as sombras, náufrago das vagas!'            Era um genio formoso—vendo-o, o Guesa            Responde: "irei comtigo ao fim da vida!"            Era a Ilha do Sol, sempre florida,            Ferrete-azul o céu, brando o ar pureza            E vias-lacteas sendas odorantes,            Alvas, tão alvas! E ia ao lindo genio            Acompanhando o náufrago ás distantes,            As sombras puras do paiz edeneo.            E o genio trouxe-o a afortunado umbror;            O alimentou dos dons dos fructos gratos; (Pág.            150).         </p>	<p>           Sempre do amor unidos na alegria;            Ou ao fundo das ondas luminosas ;            D'alvas espumas no marinho leiteo,            E Coelus mesma uma onda viridante,            Ao transparente puro-undoso peito            Prendendo o joven seductor errante;            Ou das covas plutonicas da terra            Nas camas de oiro e da sapphira honesta—            Sendo que a errar os via quando á sesta            Do amor os genios cada um ninho encerra.             A noite vinha, que nem era noite            Senão pureza ethereal de um clima            Onde os céus resplendem, onde doe-te            Á luz dos astros das regiões de cima            Divino o coração. Nas alvoradas            Musicas matinaes, harpas do genio,            Ante as harpas dos mares incantadas            Ouviam-se, d'um qual tanger armenio,            As musicas humanas, tão sonoras            Despertando e a desadorar d'esp'rança            Á fresca luz de homereaes auroras,            Tanto ha n'ellas da bemaventurança!            E porque no ocio mal se perpetúa            Ao fundo sentimento amor divino :            (Pág. 157).         </p>
---	---

<p>           E traziam, cerviz curva ou quebrada,            O homem; mas, a belleza timorata,            Ao doce amor. Olhava sobre os mares,            Qual s'estende saudoso o pensamento,            Do horizonte o senhor— quando luas            Eram de prata: quando a porto o vento            Convidava galerno; olhava quando,            Tenebra noite, o vendaval rugia,            Desmastreadas naves demandando            Luz fallaz, que nas praias accendia;            Ou quando, qual agora, o sol candente            No crystal do rochedo, á aurea turqueza            Da redoma dos céus ampla e luzente,            Das calmas no lethargo e natureza,            O oceano radioso espriguiçado            No berço areal. Como s' exalta            O coração! E ouviu conto magoado            Que a historia sagra e, flor de luz, a esmalta:            E que do poeta a lyra sonora            Compraz-se em repetir, já porque a terra            Esquece-a quando é tão celeste a rosa,            Já porque anima-lhe a licção que encerra.            — Bramia o negro; o escravo massacrava            Os senhores, e a pallida cabeça            De Soctman em tropheu alevantava            Bailando á roda. Então a filha, presa            Ante a scena infernal jogada á sorte,            Aridos olhos, coração fulgente,            Terrível como torna-se o innocente,         </p>	<p>           A bella onda e o fresco firmamento,            Que serpenteia em cima a accopnhando,            Vão as fitas azues do pensamento            Em deliciar de amor desenrolando.            Ambas vão-se nas curvas peregrinas,            Quão graciosas! vozes que modulam            A mesma lettra de canções divinas,            Que nos céus voam, que na terra ondulam.            Vastos salões se abrem solitarios            De architectura esplendida e phantastica:            São-lhes bromelias rubros lampadarios,            Pórtico os troncos da sifônia-elástica;            São-lhes aromas balsamos virtuosos,            Festiva musica os clarins do vento;            Enchem-n'os flores, cantos harmoniosos            Da cigarra pungindo o isolamento -            Condão de solitude, traz o canto            Da cigarra este hinverno ao coração;            Umbrío o ar transparente, leva o incanto            Aos mysterios da selva, á escuridão.            Brada o trocano. Estão deliberando            Da tribu os chefes contra os Carahibas –            Pela sombra das mattas ondulado            Passam guerreiras hostes Nheengahibas:            Dos ramos s'elevando amedrontadas            Olham as môças-aves refulgente            Negro o arco, as arosayas fluctuadas,            O alvar no peito sorridor <i>crescente</i>.            Embala-se, oscillante e sonora         </p>
---	---

<p>Ella pediu, que era ordenar, a morte!  Candida mais que os lírios matutinos  Que sorriam nos céus, contra as ferozes  Dagas os seios arrojou divinos  E das mãos negrejantes dos algozes  Caíu sobre o cadaver de seu pae!  Nem sabem anjos que dizer a infante  — Ou sim, ou não — os tumulos adiante  E a vida, e longe os gritos de uma mãe!  Mas, do amor filial é doce, emtanto,  A estes céus a tragedia recordar,  Que d'estes mares mais augmenta o incanto  Tão peregrina perola insular!  Nem do coral a flor roseo-incarnada,  Que do abysmo reluz na transparencia, (Pág.  172).</p>	<p>Aos cantares da guerra, toda a ilha!  N'aquella direcção, muda, piedosa  Sombra de fé, sangrando os passos, trilha -  A voz de Deus s'escuta no Evangelho!  Que unção de amor nos labios do Jesuita!  Qual limpido crystal de claro espelho  Onde aurora reflecte-se infinita.  E como é doce o barbaro quebrando  Os arcos seus, lançando-os na corrente!  __ O sol, que viu a paz, ficou guardando  Do deserto a palavra, que não mente.  E ainda um qual rumor longinquo e vago,  Qual o dos ventos ao través das selvas, (Pág.  63).</p>
<p>Olho-azul Marabás,  Pallidez, Juvenilias,  Marilias  Sem Gonzaga Thomaz !  (<i>Arraia-miuda, nas malhas</i>; AGASSIZ—  UYARA:)  — Que violentam—se ellipses,  Ora, na ode infernal!  = Venias . . . dias d' entrudo. . .  Mais crudo  Foi do Templo o mangoal.  — Nús, desformes, quebrados,  Neos, rijos, sem dó !  = Venias . . . gyra, Baníua  A Caríua  Doce mócoróro.  (<i>Nautas pescando rhymas no rio</i> :)  — Contradições do Eterno:  Luzes, do pantanal;  Do lodo, o homem; das ostras,  As perolas ;  De Stercucio, o rosal.  (<i>Velho HUMÁUA, profundo</i>):  — Foge de Jurupá, .  <i>Caraíbabé—tim,</i>  Que malino faz festas  Qual estas  E <i>urarí</i> fez assim!  (<i>Vate</i> d'EGAS e MURUCUTUTÚ—GUASSÚ  <i>arredondando</i>  os olhos:)  — Pae Humboldt o bebia.  Com piedoso sorrir ;  = Mas, se hervada taquara  Dispara,  Cae tremendo o tapi...i...ir ! (Risadas;).  (Políticos fóra e dentro :)  — Viva, povo, a república,  O'Cabralia feliz !</p>	<p>Da familia feliz despedaçando,  Rotos os laços do mais puro enleio,  A virtude, a belleza soluçando !  "O silencio caiu, fez-se a tapera  Na Concordia dos cantos e os amores. . . .  Magalhães, Magalhães, na primavera  Partiste—e em teus jardins já murcham flores  !  Na matta de mil annos o crescente,  Qual errante caipora que divaga  Pelos sombras dos troncos, docemente  Seus infantes clarões recolhe e apaga.  Ardem os fogos no areial de milhas  Ondulando nos ares, espalhados  Por entre acervos d'ovos e as vasilhas  Em que aos raios do sol são depurados.  Vão e veem os caboclos vagabundos,  Bebados riem-se deante das fogueiras  Ou balançam-se em lubricas maqueras,  N'estes odores podres-nauseabundos.  Penetremos aqui n'esta barraca__  Da candeia d'argilla uma luz morta  Través da nuvem de poeira opaca  As claridades lobregas aborta.  Ora, o Guesa que sempre se sentia.  Revestido do signo, e sem do insano  Zeno ser filho, então lhe acontecia  Deixar o manto ethereo e ser humano.  Elle attendeu. Mas, breve, lobrigando  Das armas e do altar a melhor gente,  Foi levado da electrica corrente,  Flor de lotus ante ella reluctando :  Pois, tão grande é a fôrça dos exemplos  Que dão homens aos candidos d'infancia:  Seguir aos sabios crendo na ignorancia  Aos prostibulos vão, vindo dos templos.  Tal o filho do Sol, peregrinando  A sós, dos mundos á attracção risonha,  No barracão pernoita; e acorda estando</p>

<p>= Cadellinha querida, Rendida, Sou monarcho-jui... i... iz. (Risadas). — Prole, subdito, herança De senhor Alfonsim ! (Pág. 33).</p>	<p>Qual quem da sociedade s'envergonha. —E lá perdeu-se no pegão-pampeiro, Quando os Indios mais vários doidejavam E este canto veridico e grosseiro Em toada monotona alternavam: (Pág. 24).</p>
---	---